

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

LAURIÊ FERREIRA MARTINS

**A GRAMATICALIZAÇÃO DE MARCADORES DISCURSIVOS COM
VERBOS DE PERCEPÇÃO VISUAL EM CONFIGURAÇÃO
IMPERATIVA: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL**

JUIZ DE FORA

2013

LAURIÊ FERREIRA MARTINS

**A GRAMATICALIZAÇÃO DE MARCADORES DISCURSIVOS COM
VERBOS DE PERCEPÇÃO VISUAL EM CONFIGURAÇÃO
IMPERATIVA: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2013

Martins, Lauriê Ferreira.

A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa: uma análise construcional / Lauriê Ferreira Martins – 2013.

245f. : il

Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2013.

1. Linguística. 2. Gramaticalização. 3. Gramaticalização de construções. I. Título.

LAURIÊ FERREIRA MARTINS

**A GRAMATICALIZAÇÃO DE MARCADORES DISCURSIVOS COM VERBOS DE
PERCEPÇÃO VISUAL EM CONFIGURAÇÃO IMPERATIVA: UMA ANÁLISE
CONSTRUCIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Submetida, em 11 de outubro de 2013, à seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Maria Célia Pereira Lima-Hernandes – Membro externo
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Maria Maura da Conceição Cezario – Suplente externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Amitza Torres Vieira – Suplente interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para esta conquista.

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me concedido a oportunidade de realizar este trabalho, a força e a fé que me guiaram desde o início dessa caminhada e por ter colocado pessoas maravilhosas em minha vida que me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço, em especial, à minha orientadora, a Professora Doutora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, por ter me recebido com todo o carinho em seu grupo de pesquisa, pela dedicação, pelo empenho, pelo comprometimento e pela disponibilidade de sempre com o trabalho, por ter compartilhado comigo todo o seu conhecimento, pelo exemplo de profissional competente e apaixonada pelo que faz. Agradeço, ainda, à Professora Patrícia, pelo exemplo de pessoa amiga, compreensiva, otimista e paciente. Certamente, levarei sempre comigo seus ensinamentos. É, realmente, um prazer e uma honra poder trabalhar com você! Obrigada! Também, não poderia deixar de agradecer à Isabel (sua bebê que está para chegar), que, mesmo sem saber, fez parte dessa história.

Agradeço, também, às professoras Maria Célia Pereira Lima-Hernandes, Maria Maura da Conceição Cezario e Amitza Torres Vieira e ao professor Fábio da Silva Fortes, que aceitaram, com prontidão, compor a banca examinadora desta dissertação, de maneira a contribuir com este trabalho. À Amitza, agradeço, ainda, pelas numerosas discussões enriquecedoras no decorrer das disciplinas do mestrado, em que tive a oportunidade e o prazer de tê-la como professora.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, agradeço pelo excelente trabalho desempenhado na UFJF. Agradeço, em especial, aos professores Paulo Cortes Gago, Luiz Fernando Matos Rocha, Tiago Timponi Torrent e Sônia Bittencourt Silveira – com os quais também tive a oportunidade de cursar disciplinas no mestrado – pelos ensinamentos valiosos.

Também agradeço à Professora Doutora Luciana Teixeira e à secretária Rosângela Monteiro pelo empenho e pela seriedade com o trabalho na coordenação

do Programa de Pós-Graduação, buscando fazer sempre o melhor para o PPG em Linguística da UFJF, bem como para os discentes e os docentes que o compõem.

À FAPEMIG, agradeço pela concessão da bolsa de apoio à pesquisa a mim concedida durante o curso de mestrado.

Aos colegas de turma, agradeço pelo companheirismo, pela troca de conhecimentos e pelos momentos de alegrias e incertezas que todos nós passamos juntos.

Agradeço, com muita alegria, aos colegas do grupo de pesquisa em gramaticalização, Vânia, Malvina, Michele e Luís, pelas discussões empreendidas, que foram (e são) sempre de grande valia. Em especial, agradeço à Nathália Félix de Oliveira pela amizade, pela paciência, pela motivação e por compartilhar comigo suas experiências. Obrigada a todos!

Não poderia deixar de agradecer, ainda no âmbito acadêmico, à Professora Doutora Thais Fernandes Sampaio pela orientação realizada na Especialização em Ensino de Língua Portuguesa, à Professora Doutora Maria Cristina Lobo Name por ter me recebido como bolsista em seu projeto de pesquisa enquanto cursava a graduação em Letras e às Professoras Doutoras Tânia Guedes Magalhães e Carmem Rita Guimarães Marques de Lima pela orientação no programa de Treinamento Profissional no Colégio de Aplicação João XXIII.

Agradeço, imensamente, à minha mãe, Aracy, e ao meu pai, Maurício (*in memoriam*), pelo amor, pela confiança, pelo apoio desmedido e por ter me ensinado valores importantes para a vida toda.

Ainda, aos meus familiares e amigos, agradeço pelo carinho e pelas palavras encorajadoras mesmo nos momentos em que estive ausente.

Por fim, agradeço a meu noivo, Felipe, pelo amor, pela compreensão, pela paciência. Agradeço a você que sempre acredita muito mais em mim do que eu mesma!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a inclusão dos marcadores discursivos (MDs) derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa e na segunda pessoa do discurso (P2) no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010a, 2011a, 2011c; NOËL, 2007; BYBEE, 2010, 2011; FISCHER, 2011; GISBORNE & PATTEN, 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). É nesse contexto que (i) demonstraremos que o desenvolvimento de tais MDs inclui, entre outras características, aumento em esquematicidade e em produtividade e diminuição em composicionalidade, aspectos fundamentais à gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2011c; TEIXEIRA & OLIVEIRA, 2012) e que (ii) proporemos a sistematização desses MDs a partir dos quatro níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b) – macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto. Realizamos, para tanto, uma análise pancrônica, a partir de amostras do português falado e de amostras da modalidade escrita da língua, constituídas por textos que compõem os seguintes *corpora*: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”, o *corpus* do NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”, o *corpus* do projeto “CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval” e o *corpus* do projeto “Tycho Brahe”. Nossa análise se realiza a partir do equacionamento entre o cálculo da frequência de uso (BYBEE, 2003, 2011; VITRAL, 2006; MARTELOTTA, 2009) e a análise qualitativa, uma vez que nossos objetivos são definir o processo de gramaticalização dos marcadores discursivos analisados e descrever e interpretar os contextos específicos de uso de cada um deles. Os resultados apontam que o esquema construcional *verbo de percepção visual em configuração imperativa e em P2*, que atua na chamada de atenção do ouvinte, configura a macroconstrução, que, juntamente com as mesoconstruções, seria responsável pelo surgimento de novas construções bem como pelo estabelecimento de um esquema construcional. Ainda, identificamos os seguintes contextos de atuação discursiva destes MDs, que, cada qual com seu padrão construcional, comporiam as mesoconstruções: *prefaciação*, *opinião/sustentação*, *discurso reportado*, *interjeição* e *contraexpectativa*. É nesse sentido que defendemos que a macroconstrução e as mesoconstruções, que estariam na base do desenvolvimento dos marcadores discursivos, através do mecanismo da analogia, seriam responsáveis pela emergência de novas construções bem como pelo estabelecimento de um esquema construcional disponível para o falante.

Palavras-chave: Gramaticalização; Gramaticalização de construções; Verbos de percepção visual; Marcadores discursivos.

ABSTRACT

The present work intends to include the discourse markers (henceforth DMs) derived from the verbs of visual perception "olhar" and "ver" in imperative configuration and in second person (P2) within the approach of grammaticalization of constructions (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010a, 2011a, 2011c; NOËL, 2007; BYBEE, 2010, 2011; FISCHER, 2011; GISBORNE & PATTEN, 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). It is in this context that we (i) demonstrate that the development of such MDs includes, among other features, increase of schematicity and productivity and decrease in compositionality, that are important aspects of the approach of grammaticalization of constructions (TRAUGOTT, 2011c; TEIXEIRA & OLIVEIRA, 2012) and (ii) propose a systematization of these DMs based on the four levels of schematicity that are proposed by Traugott (2008a, 2008b) – macro-construction, meso-construction, micro-construction and construct. In order to prove these hypotheses, we accomplished a panchronic analysis that is represented by samples of spoken Portuguese and samples of the written language through the following *corpora*: the *corpus* of the "Projeto Mineirês: a construção de um dialeto", the *corpus* of "PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua" and the *corpus* of "NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro", the *corpus* of "CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval" and the *corpus* of "Tycho Brahe" project. Our analysis is done from the equation between the consideration of the frequency of use (BYBEE, 2003, 2011; VITRAL, 2006; MARTELOTTA, 2009) and the achievement of a qualitative treatment of *data*, since our intention is to define the process of grammaticalization of the analysed DMs and to describe and interpret the specific contexts of use of each DM. The results indicate that the constructional schema *visual perception verb in imperative configuration and in P2*, which operates in calling the listener's attention, represents a macro-construction, that, with the meso-constructions, would be responsible for the emergence of new constructions as well as for the establishment of a constructional network. We have also identified the following discursive contexts that, each one with its particular constructional pattern, integrate the meso-constructions: *foreword*, *opinion/sustaining*, *reported speech*, *interjection* and *counter-expectation*. In this context, we argue that the macro-construction and the meso-constructions would be the basis for the development of DMs through the mechanism of analogy, that would be responsible for the emergence of new constructions as well as the for the establishment of constructional schema that is available to the speaker.

Keywords: Grammaticalization; Grammaticalization of constructions; Verbs of visual perception; Discourse markers.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Matrizes-padrão dos MDs (esquema adaptado de GUERRA, 2007, p. 33)..... 66
- Figura 2 – Rearranjo da combinação de traços entre as *variáveis articulação de segmentos do discurso e orientação da interação* (esquema adaptado de GUERRA, 2007, p. 66)..... 68
- Figura 3 – Matrizes-padrão dos MDs – inclusão da combinação *sequenciador tópico e sequenciador da interação* (esquema adaptado de GUERRA, 2007, p. 76)..... 71
- Figura 4 – Sistematização dos contextos de atuação discursiva dos MDs analisados no domínio da *chamada de atenção do ouvinte* (esquema produzido a partir de ROST, 2002a)..... 83
- Figura 5 – Sistematização dos contextos de atuação discursiva dos MDs analisados no domínio da *chamada de atenção do ouvinte* (esquema produzido a partir de ROST-SNICHELOTTO, 2009)..... 88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição das categorias gramaticais em categorias lexicais e categorias funcionais (RADFORD, 1997, p. 38).....	26
Quadro 2 – Motivação vs. mecanismo (TRAUGOTT, 2011c, p. 9).....	47
Quadro 3 – Variáveis analisadas (produzido a partir de RISSO <i>et al.</i> , 2006).....	63
Quadro 4 – Número de palavras por <i>corpus</i> sincrônico selecionado.....	110
Quadro 5 – Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” no <i>corpus</i> do “Projeto Mineirês”.....	111
Quadro 6 – Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” no <i>corpus</i> do Projeto “PEUL”.....	111
Quadro 7 – Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” no <i>corpus</i> do Projeto “NURC/RJ”.....	112
Quadro 8 – Divisão de número de palavras por século analisado.....	113
Quadro 9 – Distribuição dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 a partir dos níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b)	220

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” no <i>corpus</i> sincrônico	112
Tabela 2 – Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” por século no <i>corpus</i> diacrônico.....	114
Tabela 3 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “olhar” na forma simples por <i>corpus</i> sincrônico.....	125
Tabela 4 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “olhar” na forma composta por <i>corpus</i> sincrônico.....	126
Tabela 5 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “ver” na forma simples por <i>corpus</i> sincrônico.....	127
Tabela 6 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “ver” na forma composta por <i>corpus</i> sincrônico	128
Tabela 7 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “olhar” na forma simples no <i>corpus</i> diacrônico.....	131
Tabela 8 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “olhar” na forma composta no <i>corpus</i> diacrônico.....	132
Tabela 9 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “ver” na forma simples no <i>corpus</i> diacrônico.....	133
Tabela 10 – Única ocorrência do MD derivado de “ver” na forma composta no <i>corpus</i> diacrônico.....	133
Tabela 11 – Distribuição das mesoconstruções por <i>corpus</i> sincrônico	140
Tabela 12 – Distribuição das mesoconstruções por <i>corpus</i> diacrônico.....	141
Tabela 13 – Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver” na mesoconstrução <i>prefaciação</i>	145
Tabela 14 – Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver” na mesoconstrução <i>opinião/sustentação</i>	164
Tabela 15 – Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” na mesoconstrução <i>discurso reportado</i>	182
Tabela 16 – Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver” na mesoconstrução <i>interjeição</i>	188

Tabela 17 – Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver” na mesoconstrução <i>contraexpectativa</i>	209
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I – GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES: algumas questões fundamentais	20
1.1. A gramaticalização no contexto do funcionalismo.....	22
1.2. A gramaticalização de construções	30
1.2.1. O alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais	34
1.2.2. A incorporação de microconstruções em uma rede	43
1.2.3. O papel da frequência de uso na gramaticalização.....	48
1.3. Conclusões.....	50
CAPÍTULO II - MARCADORES DISCURSIVOS DERIVADOS DOS VERBOS DE PERCEPÇÃO “OLHAR” E “VER” EM CONFIGURAÇÃO IMPERATIVA.....	52
2.1. Marcadores discursivos: questões fundamentais.....	53
2.2. Tendência de verbos de percepção visual derivarem MDs	74
2.3. Marcadores discursivos no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções	93
2.4. Conclusões.....	102
CAPÍTULO III – PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	105
3.1. A constituição da amostra para análise de dados: uma discussão sobre questões fundamentais.....	105
3.1.1. O <i>corpus</i> sincrônico.....	109
3.1.2. O <i>corpus</i> diacrônico	113
3.2. O método qualitativo e o fundamental papel da frequência de uso	115

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS: os níveis de esquematicidade dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2119

4.1. A macroconstrução *verbo de percepção visual em configuração imperativa e em P2 na chamada de atenção do ouvinte*..... 120

4.2. As mesoconstruções e as microconstruções com MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2135

4.2.1. A mesoconstrução *prefaciação*.....142

4.2.1.1. A microconstrução com o MD *olha*.....146

4.2.1.2. A microconstrução com o MD *olhe*.....148

4.2.1.3. A microconstrução com o MD *olha só*.....150

4.2.1.4. A microconstrução com o MD *vê*.....151

4.2.1.5. A microconstrução com o MD *veja*.....155

4.2.1.6. A microconstrução com o MD *veja bem*.....156

4.2.1.7. A microconstrução com o MD *deixa eu ver*.....158

4.2.2. A mesoconstrução *opinião/sustentação*.....160

4.2.2.1. A microconstrução com o MD *olha*.....165

4.2.2.2. A microconstrução com o MD *olhe*.....167

4.2.2.3. A microconstrução com o MD *olha só*.....169

4.2.2.4. A microconstrução com o MD *olha aqui*.....171

4.2.2.5. A microconstrução com o MD *vê*.....174

4.2.2.6. A microconstrução com o MD *veja*.....176

4.2.2.7. A microconstrução com o MD *veja bem*.....177

4.2.3. A mesoconstrução *discurso reportado*.....179

4.2.3.1. A microconstrução com o MD *olha*.....182

4.2.3.2. A microconstrução com o MD *olha aqui*.....185

4.2.4. A mesoconstrução *interjeição*.....186

4.2.4.1. A microconstrução com o MD <i>olha</i>	188
4.2.4.2. A microconstrução com o MD <i>olha só</i>	191
4.2.4.3. A microconstrução com o MD <i>e olhe lá</i>	193
4.2.4.4. A microconstrução com o MD <i>mas olha</i>	195
4.2.4.5. A microconstrução com o MD <i>olha aí</i>	197
4.2.4.6. A microconstrução com o MD <i>pois olha</i>	199
4.2.4.7. A microconstrução com o MD <i>olha bem</i>	200
4.2.4.8. A microconstrução com o MD <i>vê</i>	201
4.2.4.9. A microconstrução com o MD <i>veja</i>	203
4.2.4.10. A microconstrução com o MD <i>vê lá</i>	205
4.2.4.11. A microconstrução com o MD <i>vê só</i>	206
4.2.5. A mesoconstrução <i>contraexpectativa</i>	207
4.2.5.1. A microconstrução com o MD <i>olha</i>	209
4.2.5.2. A microconstrução com o MD <i>olha só</i>	213
4.2.5.3. A microconstrução com o MD <i>vê</i>	215
4.2.5.4. A microconstrução com o MD <i>veja</i>	217
4.3. O esquema construcional dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2: uma proposta.....	219
CONSIDERAÇÕES FINAIS	224
REFERÊNCIAS.....	229
ANEXOS.....	240

INTRODUÇÃO

As pesquisas de cunho funcionalista, que partem do princípio de que as estruturas linguísticas estão diretamente relacionadas às suas funções discursivas, entendem a situação comunicativa como sendo a verdadeira motivação para os fatos da língua. É nesse contexto, portanto, que se insere a abordagem funcionalista da gramaticalização, uma vez que esta trata do processo de mudança linguística comum nas línguas em geral, que tem como resultado o surgimento de novas funções e/ou novas formas linguísticas a partir das necessidades comunicativas dos falantes no momento da interação.

Dessa maneira, o presente trabalho dedica-se à investigação dos marcadores discursivos (doravante, também, MDs) derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa e na segunda pessoa do discurso (doravante, também, P2) – *olha, olhe, mas olha, pois olha, olha aí, olha bem, olha só, olha aqui, e olhe lá, vê, veja, vê lá, vê só, veja bem e deixa eu ver* – a partir da abordagem da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010a, 2011a, 2011c; NÖEL, 2007; BYBEE, 2010, 2011; FISCHER, 2011; GISBORNE & PATTEN, 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Mais especificamente, este trabalho tem por objetivo a sistematização dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” a partir dos quatro níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b) para a abordagem construcional da gramaticalização – macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto.

A abordagem construcional, desse modo, tem como pressuposto que a gramaticalização consiste na emergência de construções gramaticalmente identificáveis, que compreendem o par forma-sentido, sinalizando crenças e atitudes dos falantes, bem como a atenção do falante para com o seu interlocutor. Traugott (2009, p. 91) define a gramaticalização, sob a perspectiva construcional, como “a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os interlocutores usam (partes de) uma construção com uma função gramatical ou designam uma nova função para uma construção já existente”. Nesse sentido, acreditamos que, no processo de gramaticalização dos MDs investigados, está envolvida a noção de construção, já que os significados individuais das formas linguísticas são indeterminados. Assim,

consideramos que os MDs se realizam vinculados a determinadas construções, o que nos permite identificar padrões construcionais relacionados aos usos específicos no contexto de interação.

Optamos pela escolha dos marcadores discursivos como objetos de pesquisa por serem elementos altamente frequentes no português, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita da língua, e, principalmente, por não haver um consenso, no meio acadêmico, no que diz respeito à gramaticalização desses elementos, devido ao aumento de escopo sintático e semântico e ao aumento de liberdade sintática e semântica envolvidos em seu desenvolvimento – características estas que não estariam de acordo, como veremos no Capítulo II deste trabalho, com os parâmetros formais propostos por Lehmann (1995 [1982]) para a aferição do grau de gramaticalidade de um item. Além disso, diversos trabalhos foram realizados acerca de alguns marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, no entanto, nenhum deles, como veremos também no Capítulo II, se propôs a tratar desses elementos sob a perspectiva construcional da gramaticalização.

Com este trabalho, portanto, objetivamos demonstrar que as novas construções com os marcadores discursivos analisados, as quais foram (e têm sido) incorporadas à gramática da língua, a partir da reiteração de uso, emergiriam das necessidades comunicativas dos falantes no momento da interação e teriam desenvolvido sentidos que, cada vez mais, expressam as crenças e as atitudes dos falantes, bem como seriam responsáveis por indexar a preocupação do falante com o seu interlocutor (TRAUGOTT, 1995a, 2010b; TRAUGOTT & DASHER, 2005; CUYCKENS *et al.*, 2010).

Pretendemos, ainda, para o estabelecimento de um esquema construcional, identificar os quatro níveis de esquematicidade sistematizados por Traugott (2008a, 2008b) – macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto –, para o desenvolvimento dos MDs, de modo a evidenciar o papel fundamental dos mecanismos da reanálise (HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993]; TRAUGOTT, 2011a), da analogia (TRAUGOTT, 2011a, 2011b; FISCHER, 2011; GISBORNE & PATTEN; 2011) e da frequência (BYBEE, 2003, 2010, 2011; MARTELOTTA, 2009; TRAUGOTT, 2011a, 2011b), os quais propulsionariam a gramaticalização desses elementos.

Para tanto, partimos das seguintes hipóteses para a investigação: (i) os usos dos MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 constituiriam um pareamento de forma e sentido que articularia sentidos cada vez mais (inter)subjetivos e codificariam um tipo de referência diferente daquela obtida tão somente pela soma dos constituintes; e (ii) a convencionalização das novas construções envolveria aumento em esquematicidade e em produtividade e decréscimo em composicionalidade, características basilares à gramaticalização de construções.

Mediante o aporte teórico brevemente exposto e o delineamento das hipóteses e dos objetivos de pesquisa, acreditamos que uma abordagem pancrônica (NEVES, 1997) dará conta de: (a) identificar e descrever os diferentes padrões construcionais vinculados às microconstruções dos marcadores discursivos investigados, bem como às mesoconstruções e à macroconstrução que estariam na base do processo; e (b) demonstrar, *in loco*, a (inter)subjetivização que envolveria as novas construções com os MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração construcional imperativa – as quais, a partir da reiteração de uso, foram (e têm sido) incorporadas à gramática da língua.

Utilizaremos, para a abordagem sincrônica, amostras representativas que recobrem a modalidade oral do português brasileiro, contidas em três *corpora* distintos: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o *corpus* do NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. Para a abordagem diacrônica, os dados foram selecionados a partir do *corpus* do projeto “CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval” e do *corpus* do projeto “*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe”.

A fim de cumprir os objetivos expostos acima, este trabalho organiza-se da seguinte maneira: no Capítulo I, apresentaremos a abordagem teórica que fundamenta a análise realizada neste trabalho – a gramaticalização de construções; no Capítulo II, realizaremos uma breve revisão de estudos sobre os marcadores discursivos sob diferentes concepções, verificaremos a tendência de verbos de percepção visual em configuração imperativa e em P2 derivarem MDs e discutiremos a inclusão desses elementos discursivos no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções; no Capítulo III, apresentaremos a metodologia de

pesquisa por nós utilizada para a realização deste trabalho; e, no Capítulo IV, analisaremos, pontualmente, a macroconstrução, as mesoconstruções e as microconstruções (ou, em alguns casos, construtos) que envolvem os MDs investigados e apresentaremos nossa proposta de esquema construcional.

CAPÍTULO I

GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES: algumas questões fundamentais

O presente capítulo tem por objetivo inicial apresentar a perspectiva teórica que fundamenta a análise realizada neste trabalho acerca da gramaticalização dos marcadores discursivos – a funcionalista. Desse modo, procuraremos discutir, de maneira breve, a aparente dificuldade em se definir o termo funcionalismo, em virtude das diversas abordagens que são denominadas ou autodenominadas como pertencentes a essa perspectiva, assim como consideraremos a contraposição existente entre o funcionalismo e outro paradigma vigente – o formalismo (NEVES, 1997).

Partindo do princípio de que o funcionalismo tem como postulado a relação entre as estruturas linguísticas e as suas funções discursivas, considerando a situação comunicativa como sendo a motivação para os fatos da língua, acreditamos que a investigação dos marcadores discursivos analisados, a partir da abordagem da gramaticalização de construções, constitui uma importante contribuição para a investigação funcionalista.

Para tanto, realizaremos uma sucinta revisão da abordagem tradicional¹ da gramaticalização – perspectiva que tem como precursora a proposta de Meillet (1948 [1912]) –, de modo a: (i) pontuar referências teóricas que sustentam tal abordagem até os dias atuais; (ii) destacar suas fundamentais contribuições que são recorrentes, até mesmo, em uma perspectiva construcional; e (iii) apresentar nosso posicionamento crítico frente a tal abordagem.

Em seguida, trataremos da fundamentação teórica específica de nosso trabalho – a abordagem da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010a, 2011a, 2011c; NÖEL, 2007; BYBEE, 2010, 2011; FISCHER, 2011; GISBORNE & PATTEN; 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

¹ No presente trabalho, denominaremos “abordagem tradicional” os estudos em gramaticalização que focalizam mais fortemente, em suas análises, mudanças na forma (TRAUGOTT, 2011c), ou seja, a passagem de um item lexical a um item gramatical e/ou a passagem de um item gramatical a um item mais gramatical.

A abordagem construcional da gramaticalização, apoiada nos pressupostos da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT & CRUSE, 2004), defende que uma construção inteira passaria pelo processo de mudança linguística, e não apenas um morfema ou lexema isolado.

Posteriormente, discutiremos, de maneira pontual, três grandes contribuições decorrentes da abordagem da gramaticalização de construções, conforme aponta Traugott (2009, p. 99): (a) alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais, a partir do pareamento forma-sentido; (b) incorporação de microconstruções em uma rede construcional, que se estabelece a partir de processos de gramaticalização integrados e interligados; (c) mudança entendida como um processo dinâmico, uma vez que a emergência e a gramaticalização de novos padrões construcionais se dão a partir de seu uso reiterado através do tempo e dos falantes. Devido à importância que essas três grandes questões assumem para a perspectiva construcional da gramaticalização, dedicaremos uma subseção a cada uma delas.

Ao tratarmos do alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais, destacaremos a importância da gramaticalização enquanto processo de (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 1995a, 2010b; TRAUGOTT & DASHER, 2005; CUYCKENS *et al.*, 2010). De acordo com essa perspectiva, a negociação de sentido entre falante e ouvinte no curso da interação resulta na emergência de novos padrões construcionais, os quais tendem a ser mais (inter)subjetivos à medida em que estão cada vez mais baseados na perspectiva dos participantes.

Em seguida, discutiremos a incorporação de microconstruções em uma rede construcional. Para tanto, abordaremos os quatro níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, p. 236; 2008b, p.6) para o processo de gramaticalização de construções, a saber: macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto. Nesse contexto, trataremos, também, do papel desempenhado pelos mecanismos da analogia e da reanálise, uma vez que, como demonstraremos, eles atuam tanto na emergência de novas construções quanto na composição de uma rede construcional.

Por fim, destacaremos a importância do levantamento da frequência de uso (BYBEE, 2003, 2010, 2011; VITRAL, 2006; MARTELOTTA, 2009; TRAUGOTT, 2011a, 2011c), que, conforme evidenciaremos, não consiste apenas em uma ferramenta metodológica, mas, sim, fundamentalmente, em um mecanismo de

mudança linguística, uma vez que um padrão construcional torna-se gramaticalizado, ao longo do tempo, mediante a alta frequência do par forma-sentido.

Na seção final do capítulo, apresentaremos nossas considerações e ratificaremos nosso posicionamento teórico frente à discussão que foi empreendida.

1.1. A gramaticalização no contexto do funcionalismo

A gramaticalização consiste em um processo de mudança linguística comum nas línguas em geral, a qual tem como motivação as necessidades comunicativas dos falantes no momento da interação e como resultado a renovação do sistema linguístico, ou seja, o surgimento de novas funções e/ou novas formas linguísticas.

É nesse sentido que a gramaticalização funcionalista tem encontrado espaço privilegiado na perspectiva funcionalista, já que reflete a relação entre as estruturas da língua e as funções que são desempenhadas na interação comunicativa. Segundo Cunha (2008, p. 173), no funcionalismo,

[...] a gramática é vista como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Isso implica reconhecer que, ao lado de padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, a gramática de qualquer língua exibe mecanismos de codificação emergentes, que são consequentes da necessidade de formas mais expressivas. A gramaticalização é um fenômeno relacionado a essa *necessidade de se refazer* que toda gramática apresenta. (CUNHA, 2008, p. 173)

A perspectiva funcionalista tem suas bases nos postulados dos estudiosos da Escola de Praga², os quais começaram a atuar antes de 1930, considerando que as estruturas linguísticas são realizadas, efetivamente, em função do contexto, tanto verbal quanto não-verbal (NEVES, 1997).

Embora o conceito de funcionalismo esteja, especialmente, relacionado ao Círculo Linguístico de Praga, vários outros modelos muito diferentes, denominados ou autodenominados funcionalistas, surgiram no Ocidente e no Oriente, resultando em uma aparente dificuldade em se definir o termo. Nichols (1984 *apud* NEVES,

² A Escola de Praga originou-se no Círculo Linguístico de Praga, que foi fundado pelo linguista tcheco Vilém Mathesius em 1926 (CUNHA, 2008).

1997), por exemplo, diferencia três tipos de funcionalismo: o conservador, o extremado e o moderado. O funcionalismo conservador é aquele que tem por objetivo apenas apontar inadequações no formalismo; já o funcionalismo extremado nega a realidade da estrutura e considera que as regras se baseiam na função; por sua vez, o funcionalismo moderado, além de apontar inadequações na perspectiva formalista, propõe uma análise da estrutura da língua a partir de funções exercidas no contexto.

O termo funcionalismo, que designa, principalmente, as funções das unidades da língua, pode, como destaca Nichols (1984 *apud* NEVES, 1997), ser usado como uma expressão que se opõe ao formalismo, referindo-se a qualquer abordagem que considere como função principal a comunicação entre os indivíduos. A perspectiva formalista³, representada por estruturalistas e gerativistas, toma como principal objeto de análise a forma linguística descontextualizada, isto é, os constituintes do sistema e as relações entre eles. Ao avaliar os pressupostos do formalismo, Dik (1978, 1989, p. 5 *apud* CASTILHO, 2012, p. 19) considera o seguinte:

A língua é um conjunto de orações, cujo correlato psicológico é a competência, isto é, a capacidade de produzir, interpretar e julgar a gramaticalidade das orações. Segue-se que as orações devem ser descritas independentemente de sua localização contextual, e a Sintaxe é autônoma com respeito à Semântica e à Pragmática. (DIK, 1978, 1989, p. 5 *apud* CASTILHO, 2012, p. 19)

Já a respeito do funcionalismo, o autor faz a seguinte afirmação:

A língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações. O discurso é um marco globalizador, dentro do qual se deve estudar a Semântica e a Sintaxe. (DIK, 1978, 1989, p. 5 *apud* CASTILHO, 2012, p. 19)

Segundo Neves (1997), embora as perspectivas formalista e funcionalista sejam colocadas, muitas vezes, em polos distintos, ambas são vistas, por estudiosos como Dillinger (1991), Leech (1983) e Halliday (1985), como complementares, uma vez que não é possível negar que a língua seja um fenômeno psicológico, ao

³ Para maiores considerações acerca da perspectiva formalista, bem como sobre especificidades do estruturalismo e do gerativismo, ver Neves (1997).

mesmo tempo em que não se pode negar que ela seja um fenômeno social. Portanto, o formalismo e o funcionalismo são igualmente relevantes, pois estudam o mesmo objeto – a natureza da língua – de maneiras diferentes.

Partindo do pressuposto de que diferentes teóricos propõem análises funcionalistas bastante diversas, Castilho (2012) destaca que eles coincidem nos seguintes postulados: (i) a língua é competência comunicativa; (ii) as estruturas linguísticas não são objetos autônomos; (iii) a explicação linguística deve ser procurada nos usos linguísticos e numa percepção pancrônica⁴ da língua.

A competência comunicativa⁵ nada mais é do que a capacidade dos indivíduos para usar e interpretar a língua, de maneira adequada, em situações reais de interação. Tal competência é, portanto, observada nos usos linguísticos. Nesse sentido, os funcionalistas têm por objetivo verificar como os usuários da língua se comunicam eficientemente.

Quanto às estruturas linguísticas, Castilho (2012) aponta que estas não são autônomas, uma vez que são flexíveis ao uso, não arbitrárias, dinâmicas e sujeitas a reelaborações constantes. De acordo com Neves (1997, p. 3), “a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução”. Sendo assim, no funcionalismo, analisar a estrutura gramatical significa analisar, também, toda a situação comunicativa – o evento de fala, os participantes do evento e o contexto discursivo – de modo a integrar os seguintes níveis de investigação linguística: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

Por fim, Castilho (2012) destaca que a investigação linguística deve se basear no uso, haja vista que a estrutura advém da necessidade de se cumprirem certas funções discursivas. E, ainda, tal investigação deve se realizar em uma perspectiva pancrônica, uma vez que a gramática da língua é dinâmica e maleável e que “as explicações externas à estrutura da língua têm maior poder do que as explicações

⁴ Uma perspectiva pancrônica engloba tanto a perspectiva da sincronia quanto a perspectiva da diacronia. De acordo com Gonçalves *et al.* (2007, p. 16), a gramaticalização sob a ótica da sincronia trata da identificação dos “graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivos-pragmático”; já a gramaticalização sob a perspectiva da diacronia trata da “explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua”.

⁵ A expressão “competência comunicativa” é, geralmente, associada a Hymes (1974), para o qual a língua é um sistema de uso cujas regras e normas são parte integral da cultura como qualquer outro sistema de conhecimento e comportamento. O antropólogo propõe que a competência comunicativa consiste no conhecimento que governa o uso apropriado da gramática de uma língua, ou seja, na capacidade de um indivíduo para usar a língua em situações concretas do dia a dia.

internas” (HEINE, 1997, p. 3 *apud* CASTILHO, 2012, p. 24). Ou seja, a pancronia constitui uma perspectiva ideal, pois, do ponto de vista diacrônico, é possível perceber como certas formas e/ou funções emergem e se desenvolvem, de maneira gradual, na língua, enquanto que, do ponto de vista sincrônico, é possível verificar os graus de gramaticalidade de uma forma e/ou função, desenvolvidos em decorrência de uma mudança linguística em contextos específicos de interação comunicativa.

Portanto, em uma perspectiva funcionalista, a língua é vista como um sistema funcional, ou seja, a funcionalidade é entendida tanto em relação à estrutura interna do sistema linguístico quanto às funções que esse sistema desempenha na sociedade – considerando-se, assim, a interação entre as motivações internas e externas.

O termo “função”⁶, no funcionalismo, nos remete à associação entre o estrutural e o funcional, de modo que expressões linguísticas configuram-se a partir de funções, e funções constituem os diversos significados no enunciado, os quais conduzem à eficiência da comunicação entre os usuários da língua. De acordo com Neves (2011 [2006], p. 18), em uma perspectiva funcionalista da língua,

[...] a reflexão se dirige para a multifuncionalidade dos itens, ou seja, para uma consideração das estruturas linguísticas exatamente pelo que elas representam de organização dos meios linguísticos de expressão das funções a que serve a linguagem, que por natureza é funcional. (NEVES, 2011 [2006], p. 18)

Haja vista que o funcionalismo tem por objetivo o estudo das relações entre estruturas e funções linguísticas em diferentes contextos comunicativos, acreditamos que as pesquisas em gramaticalização de construções – processo de mudança linguística que, como veremos adiante, consiste na emergência de novos padrões construcionais a partir do uso e na atração de novas formas e/ou funções mediante padrões já existentes – constituem uma vertente promissora de investigação funcionalista.

Para tanto, seguiremos com considerações importantes acerca da gramaticalização, destacando, em um primeiro momento, algumas contribuições da abordagem que, como Traugott (2011c), intitulamos de tradicional e, em um

⁶ Não realizaremos aqui uma discussão complexa acerca da noção de função.

segundo momento, apresentando os pressupostos basilares da gramaticalização de construções, abordagem que fundamenta teoricamente este trabalho.

Os primeiros estudos acerca da gramaticalização são datados do século X, na China. No entanto, o termo gramaticalização só foi usado no século XX, a partir do trabalho de Meillet⁷ (1948 [1912]) para designar o processo de mudança linguística em que uma palavra autônoma passa à função de elemento gramatical, ou seja, uma unidade lexical adquire características de formas gramaticais (GONÇALVES *et al.*, 2007).

De acordo com Gonçalves *et al.* (2007), os termos *lexical* e *gramatical* são utilizados, respectivamente, de maneira a (i) identificar categorias cujas propriedades designam entidades, ações, processos, estados e qualidades e a (ii) identificar categorias cujas propriedades têm por objetivos organizar elementos de conteúdo no discurso, conectar palavras, orações, partes do texto e marcar estratégias interativas através da codificação de tempo, aspecto, modo, modalidade, entre outros.

Já Radford (1997, p. 38) propõe que as classes gramaticais da língua sejam dispostas em duas categorias distintas, as lexicais e as funcionais, como observamos no quadro a seguir:

Quadro 1 – Distribuição das categorias gramaticais em categorias lexicais e categorias funcionais (RADFORD, 1997, p. 38)

CATEGORIAS GRAMATICAIS	
CATEGORIAS LEXICAIS	CATEGORIAS FUNCIONAIS
nomes	flexão
verbos	auxiliares
adjetivos	determinantes
advérbios	negação
preposições	complementizadores

Ainda, Meillet (1948 [1912]) distingue três classes de palavras: a classe das palavras principais, que é composta por nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais; a classe das palavras acessórias; e a classe das palavras

⁷ De acordo com Meillet (1948 [1912]), a emergência de novas formas gramaticais se daria mediante dois processos distintos, a saber, a analogia e a gramaticalização. Para o autor, a analogia consiste em um processo que envolve o surgimento de novas formas a partir de mudanças superficiais nas formas que lhes deram origem. Já a gramaticalização constitui um processo de passagem de uma palavra autônoma ao *status* de palavra gramatical. Trataremos dessa distinção realizada por Meillet (1948 [1912]) na subseção 1.2.2.

gramaticais, que compreende as preposições, as conjunções e os auxiliares (GONÇALVES *et al.*, 2007).

Estudos posteriores ao de Meillet (1948 [1912]), com uma nova concepção sobre a gramaticalização – objetivando resgatar tanto as transformações diacrônicas na língua, ou seja, verificar como os elementos surgem e se desenvolvem ao longo do tempo, quanto as sincrônicas, isto é, verificar os fenômenos de variação dos elementos –, compartilham a ideia de que não é necessária a existência de um item lexical para que ocorra o processo (GONÇALVES *et al.*, 2007). Autores como Lehmann (1995 [1982]), Heine *et al.* (1991), Hopper (1991) e Hopper e Traugott (2003 [1993]) concebem a gramaticalização como um processo que poderia levar à mudança de um item lexical a um item gramatical e, também, à mudança de um item gramatical a um item ainda mais gramatical. Eles acreditam que, mesmo dentro de uma categoria gramatical, haja elementos que sejam mais autônomos e outros que sejam menos autônomos e, conseqüentemente, menos gramaticais e mais gramaticais. A esse respeito, Neves (1997, p. 120-121) afirma o seguinte:

Heine *et al.* (1991) abrigam sob o termo gramaticalização tanto o percurso de um morfema do estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical. Do mesmo modo, Lichtenberk (1991, p. 38) afirma que o fenômeno abriga não apenas a evolução de um morfema lexical para um morfema gramatical, como também a aquisição de novas propriedades por um elemento já gramatical. Ainda Hopper (1991, p. 17-35), rejeitando a noção de uma gramática estável, diz que todas as partes de uma gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização. (NEVES, 1997, p. 120-121)

Hopper e Traugott (2003 [1993]) defendem que a gramaticalização não ocorre abruptamente, mas de maneira gradual e em camadas – *clines*⁸ –, que se organizam em um *continuum*. Sob uma perspectiva diacrônica, os *clines* representam o caminho da mudança; sob uma perspectiva sincrônica, os *clines* representam um *continuum* que indica que, em determinado momento, a mesma construção é empregada tanto em seu estatuto original quanto em sua forma gramaticalizada, o que revelaria seus diferentes graus de gramaticalidade. Atrelado à noção de *continuum* está o princípio da unidirecionalidade da mudança. A unidirecionalidade

⁸ Os *clines*, de acordo com Hopper e Traugott (2003 [1993]), são camadas que marcam o processo de gramaticalização tanto diacrônica quanto sincronicamente.

da gramaticalização, segundo Neves (1997, p. 121), é “uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida”⁹. Autores da abordagem tradicional apresentam algumas propostas para a noção de *cline*, como podemos verificar a seguir.

A partir do *cline* proposto por Meillet (1948 [1912]) – [*item lexical*] > [*item gramatical*] –, Hopper e Traugott (2003 [1993]), para os quais a unidirecionalidade constitui uma hipótese passível de ser verificada empiricamente, afirmam que o processo de mudança se dá através do *cline* que se segue: [*item de conteúdo*] > [*palavra gramatical*] > [*clítico*] > [*afixo flexional*]. Para os autores, os itens lexicais, cujas funções são primeiramente discursivas, tornam-se sintaticamente fixos e, em seguida, passam a constituir um morfema.

Heine *et al.* (1991) destacam que a unidirecionalidade da mudança constitui uma propriedade que define o processo de gramaticalização; logo, dispõem seu *cline* a partir da ordenação de categorias cognitivas básicas, por meio das quais seria possível verificar um processo crescente de abstratização: *pessoa* > *objeto* > *processo* > *espaço* > *tempo* > *qualidade*. Nesse sentido, as categorias mais próximas do sujeito seriam as [+ concretas], e as mais distantes do sujeito as [- concretas]¹⁰.

Por fim, Givón (1979 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007) propõe um *cline* de mudança partindo do discurso, como podemos observar em: *discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfofonêmica* > *zero*. A ideia de *continuum*, tal como proposta por Givón (1979 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007), está diretamente relacionada à noção de gramática emergente, expressão comumente associada a Hopper (1987). De acordo com Gonçalves *et al.* (2007, p. 15), a gramática de uma língua emerge das necessidades comunicativas dos falantes, sendo, portanto, instável, aberta e passível de mudança, tendo como resultado a constante renovação do sistema

⁹ No entanto, há trabalhos que, como o de Norde (2011), defendem a perspectiva da degramaticalização, a qual consiste em uma reversão da unidirecionalidade da mudança, de modo que um componente gramatical, em contextos específicos de uso, adquira *status* lexical, ou um componente mais gramatical torna-se menos gramatical.

¹⁰ Lima-Hernandes (2009 *apud* MARTELOTTA, 2010) questiona o *cline* proposto por Heine *et al.* (1991), pois considera a possibilidade de ocorrência da categoria *processo* sem a existência da categoria *tempo*.

linguístico a partir do “surgimento de novas funções para formas já existentes e novas formas para novas funções já existentes”¹¹.

Abraçado (2006) ressalta, todavia, que alguns estudos mais recentes, como, por exemplo, os de Oliveira (1997), Votre (1999, 2000), Ferreira *et al.* (2000) e Ferreira (2003), têm contestado a hipótese de que o princípio da unidirecionalidade atuaria com caráter gradual na gramaticalização. Segundo Ferreira *et al.* (2000, p. 137 *apud* ABRAÇADO, 2006, p. 130):

Há pelo menos duas maneiras de se conceber o modo como se dá a polissemia de um elemento linguístico. Uma delas identifica-se com a teoria da gramaticalização, que propõe a existência de trajetórias unidirecionais de mudança. Essa visão de mudança envolve uma sequência em que a existência de um valor implica a ocorrência anterior de outro. Uma outra análise pode ser encontrada em Votre (1999), que, a partir de evidências de vários estudos desenvolvidos no interior do grupo Discurso & Gramática, propõe uma revisão da hipótese da unidirecionalidade da mudança semântica e sintática nos processos de gramaticalização. (FERREIRA *et al.*, 2000, p. 137 *apud* ABRAÇADO, 2006, p. 130)

Apesar de numerosas tentativas por parte de alguns estudiosos de falsear a proposta da unidirecionalidade, “pesquisas em gramaticalização têm demonstrado que, ao lado de fenômenos que mudam com o tempo, existem determinados aspectos que parecem manter-se ao longo da trajetória das línguas” (MARTELOTA & AREAS, 2003, p. 27 *apud* ABRAÇADO, 2006, p. 135).

A partir da breve discussão empreendida acima, é possível verificar que a perspectiva tradicional – baseada na mudança categorial – traz importantes contribuições para o campo de investigação da gramaticalização, uma vez que instaura importantes discussões, recorrentes, até mesmo, em uma abordagem construcional, como, por exemplo, as noções de *cline* e *continuum*, de unidirecionalidade da mudança linguística e de gramática emergente¹². No entanto,

¹¹ O problema é que, na prática, alguns autores negligenciam a motivação para a gramaticalização, ou seja, a noção de negociação entre falantes e ouvintes na interação. Vale ressaltar que a abordagem da gramaticalização de construções, a qual será abordada na seção 1.2., busca, justamente, o pareamento entre padrões de uso e padrões gramaticais, tendo como objetivo compreender como, de fato, as novas construções instanciadas na língua emergem como resultado da interação entre os participantes em um evento de fala.

¹² Gostaríamos de destacar, ainda, a fundamental contribuição da abordagem tradicional no que diz respeito aos mecanismos conceptuais de metáforização e de metonimização, que operariam na gramaticalização. Para maiores detalhes, ver Heine *et al.* (1991) e Hopper e Traugott (2003 [1993]). Na subseção 1.2.1., trataremos desses mecanismos conceptuais na abordagem da gramaticalização de construções.

acreditamos que, na busca intensa pela diferenciação entre itens lexicais e itens gramaticais, a perspectiva tradicional da gramaticalização tenha deixado de considerar, de maneira efetiva, a língua em suas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas, que, juntamente com propriedades lexicais e gramaticais, integram um sistema linguístico complexo e dinâmico.

Desse modo, discutiremos, a seguir, a abordagem da gramaticalização de construções. Haja vista que nosso objetivo é descrever o processo de mudança dos marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” – que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa –, de modo a verificar seus diferentes usos nos *corpora* analisados, consideraremos, a seguir, aspectos relevantes à pesquisa em gramaticalização de construções, principalmente, no que tange às necessidades discursivas negociadas na interação, à emergência de novas construções, à formação de um esquema construcional e ao fundamental papel da frequência de uso.

1.2. A gramaticalização de construções

A abordagem da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010a, 2011a, 2011c; NÖEL, 2007; BYBEE, 2010, 2011; FISCHER, 2011; GISBORNE & PATTEN, 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) – ou abordagem construcional da gramaticalização – tem sido desenvolvida no âmbito do funcionalismo por estar intimamente associada à noção de gramática emergente da língua e devido ao fato de a língua ser realizada através de construções. De acordo com Martelotta e Alonso (2012, p. 102), estudos funcionalistas em gramaticalização servem-se muito bem do conceito de construção¹³, “uma vez que ambos partem de uma base comum, de um olhar sobre a linguagem que não procura ser meramente composicional”. Oliveira (2012) acrescenta, ainda, que, uma vez que assumimos que a gramaticalização consiste na emergência de determinado padrão construcional (e, como defenderemos neste trabalho, a gramaticalização consiste, também, na atração de novas formas e/ou funções mediante padrões já existentes), estudos

¹³ Goldberg (1995, p.1) define “construções” como sendo “correspondências de forma-sentido”, que atuam como unidades básicas e centrais da língua.

funcionalistas precisam dar conta do tratamento dos usos linguísticos enquanto instâncias construcionais.

A noção de gramaticalização de construções foi proposta, pela primeira vez, por Traugott (2003). Contudo, autores como Lehmann (1992, 1995 [1982]), Hopper e Traugott (2003 [1993]) e Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) já apontam que a gramaticalização não é um processo de mudança que compreende apenas morfemas ou lexemas, mas, também, construções inteiras, as quais passariam a desempenhar funções gramaticais em certos contextos de uso. Para Lehmann (1995 [1982]), um conjunto de processos semânticos, sintáticos e fonológicos acarretaria a gramaticalização de morfemas e de construções inteiras. Já Lehmann (1992) aponta que toda a construção, que é formada por relações sintagmáticas, está sujeita à mudança linguística. Ainda, Hopper e Traugott (2003 [1993]) assumem a integridade das expressões gramaticalizadas, e Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) destacam que a construção inteira constitui a fonte do sentido gramatical.

Segundo Traugott (2003), incluir as construções na perspectiva da gramaticalização significa ampliar o escopo de análise dessa abordagem. E, nesse contexto, ganha destaque o Princípio da Fraca Composicionalidade, proposto pela Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT & CRUSE, 2004), segundo o qual os morfemas e os lexemas possuem significados relativamente indeterminados, adquirindo sentido a partir de uma construção, e as construções são tomadas como unidades básicas da língua, com forma e significado não previstos apenas por elementos individuais presentes em sua composição. A esse respeito, Teixeira e Oliveira (2012, p. 20) afirmam que “os itens formam uma unidade de sentido e forma que articula um tipo de referência semântico-sintática distinta daquela obtida tão somente a partir da soma de seus constituintes, sendo gramaticalizada em contextos específicos”.

Traugott (2008a, p. 225), baseando-se em Croft (2001), destaca o seguinte:

- (i) em um processo de gramaticalização, toda a construção muda de sentido;
- (ii) uma nova construção passa por mudanças na estrutura gramatical e no comportamento a depender de sua nova função;
- (iii) a expansão de construções para novos usos corresponde a uma mudança na distribuição daquela construção.

Logo, nesse contexto, Brinton e Traugott (2005, p. 99) propõem uma nova definição para o termo gramaticalização, a qual engloba a noção de construção: “mudança pela qual os falantes, em certos contextos linguísticos, usam parte de uma construção com uma função gramatical. Ao longo do tempo, à construção gramatical resultante pode continuar a serem atribuídas novas funções gramaticais”. O escopo de análise da gramaticalização passa, por conseguinte, a contemplar os contextos linguísticos que possibilitam diferentes usos, acarretando a identificação de padrões construcionais que compreendem o par forma-sentido. Portanto, o contexto linguístico é reconhecido como fundamental no trabalho em gramaticalização, pois, uma vez que o processo envolve toda a construção, faz-se necessária a análise de todo o ambiente contextual e/ou construcional (GISBORNE & PATTEN, 2011).

No âmbito dos estudos recentes em gramaticalização de construções, Traugott (2011c) e Traugott e Trousdale (2013) sugerem que mudanças específicas em construções particulares podem ser de dois tipos diferentes, as quais os autores denominam “mudança construcional” e “construcionalização”. A mudança construcional é aquela que afeta os subcomponentes de uma construção já existente, os quais podem ser, a partir do modelo de Croft (2001), de natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática e discursiva. No que concerne ao modelo de Croft (2001), Teixeira e Oliveira (2012, p. 23) afirmam que “o pólo relacionado à forma agrupa as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, enquanto o pólo do significado reúne as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Tal modelo procura dar conta das distintas dimensões envolvidas e suas interligações, no chamado elo de correspondência simbólica”. Sendo assim, em uma mudança construcional, cada subcomponente de uma construção pode mudar independentemente. Ainda, a mudança construcional pode preceder ou seguir o que Traugott (2011c) denomina construcionalização.

Na construcionalização, um novo par forma-sentido é criado – através de uma sequência de pequenas mudanças (ou *small-steps*) na forma e no significado, as quais são acompanhadas por mudanças em grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade – e convencionalizado na comunidade

linguística¹⁴. Na construcionalização, uma mudança em esquematicidade envolve acréscimo de abstratização formal e semântica, enquanto uma mudança em produtividade refere-se à expansão de padrões existentes para novas construções. Quanto à mudança na composicionalidade, esta diz respeito ao decréscimo do grau em que a forma e o significado das partes são acessíveis (TRAUGOTT, 2011c).

É nesse contexto que Traugott (2011c) defende que o foco em pequenas mudanças (*small-steps*) – que ocorrem entre as categorias expressas pelo *cline* – é coerente com a perspectiva construcional da gramaticalização, uma vez que tem se tornado a privilegiar as micromudanças sucessivas, as quais podem, ou não, fazer surgir macromudanças.

Neste trabalho, portanto, trataremos da construcionalização dos MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, e não de mudança construcional, uma vez que acreditamos que os marcadores investigados constituem um novo par forma-sentido, que articula aumento de esquematicidade e de produtividade, bem como decréscimo de composicionalidade.

A gramaticalização, que consiste em mudanças linguísticas de natureza morfossintática e semântica (TRAUGOTT, 2008a), envolve tanto um processo mais geral ou abstrato, que consiste na atração de formas e/ou funções a partir de um esquema construcional já existente, quanto um processo mais local, que diz respeito à reinterpretação de formas e/ou funções em contextos específicos no momento da interação. Nesse contexto, são fundamentais, além dos mecanismos¹⁵ da analogia e da reanálise, também o mecanismo da frequência – uma vez que a reiteração de novos padrões de uso resultam no processo de gramaticalização.

É nesse sentido que Traugott (2009, p. 99) sugere, portanto, que a abordagem da gramaticalização de construções fornece as seguintes contribuições: (a) alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais, a partir do pareamento forma-sentido; (b) incorporação de microconstruções em uma rede construcional, que se estabelece a partir de processos de gramaticalização integrados e interligados; (c) mudança entendida como um processo dinâmico, haja vista que a

¹⁴ Mudanças apenas na forma ou apenas no significado não constituem construcionalização (TRAUGOTT, 2011c).

¹⁵ Os mecanismos de mudança aqui referidos compreendem processos de (re)criação da língua durante a interação comunicativa (BYBEE, 2011).

emergência e a gramaticalização de novos padrões construcionais se estabelecem a partir de seu uso reiterado através do tempo e dos falantes.

Trataremos, a seguir, de maneira pontual, de cada uma das três grandes contribuições da abordagem construcional da gramaticalização destacadas acima.

1.2.1. O alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais

Trabalhos recentes em mudança linguística têm dado maior destaque ao mecanismo da reanálise do que ao mecanismo da analogia. O próprio Meillet (1948 [1912]), em seus estudos, deixa subentendido que a gramaticalização deveria ser entendida como um processo de reanálise, visto que introduziria novas categorias e transformaria o sistema em sua totalidade, de modo a dar origem a novas formas gramaticais. Enquanto isso, a analogia, tal como concebida por Meillet (1948 [1912]), trataria do surgimento de novas formas por meio de mudanças superficiais na forma que lhes deu origem. O conceito de analogia entendido pelo autor tem sido refinado, bem como o papel da analogia como mecanismo de mudança tem sido reconhecido. É, contudo, a partir de Hopper e Traugott (2003 [1993]) que reanálise e analogia passam a ser reconhecidas como fundamentais à gramaticalização. Mas, ainda assim, a reanálise, considerada como um pré-requisito para a implementação da mudança via analogia, é entendida como o mecanismo dominante no processo de mudança.

A mudança linguística ou a emergência de novos padrões construcionais, segundo Traugott (2009), se dá a partir do mecanismo da reanálise, que é decorrente da negociação de sentido entre os participantes no momento da interação. Nesse contexto, a reiteração de determinados padrões de uso tem como resultado sua gramaticalização na língua.

A reanálise – entendida como o mecanismo de mudança linguística que consiste na reinterpretação de uma forma já existente com uma nova função e/ou de uma função já existente com uma nova forma –, seria responsável pelo alinhamento entre padrões gramaticais e padrões de uso, ou seja, entre as estruturas linguísticas das construções e o seu uso no discurso, e envolveria diretamente a noção de (inter)subjetivização. Dessa maneira, a fim de compreendermos a gramaticalização

enquanto processo de (inter)subjetivização, realizaremos, inicialmente, algumas considerações acerca dos termos subjetividade e intersubjetividade.

O termo subjetividade tem sido utilizado de diferentes formas em diferentes áreas. Na linguagem cotidiana, subjetividade consiste em um termo não-técnico, para se referir a situações influenciadas por opinião pessoal ou a situações que só existem na imaginação de outra pessoa; na área de investigação científica, o termo sugere que algo não é baseado em fatos empíricos, não podendo, assim, ser verificado, comprovado; já na teoria linguística funcionalista, a subjetividade refere-se à centralidade do falante na linguagem humana (CUYCKENS *et al.*, 2010).

Tal como concebida pela teoria linguística – nosso foco de interesse –, o termo subjetividade é entendido como um fato inerente ao uso da língua, uma vez que toda expressão ou construção linguística, seja ela lexical ou gramatical, passa pelo falante. O caráter subjetivo da língua foi reconhecido primeiramente por Bréal, em 1964 (CUYCKENS *et al.*, 2010). Posteriormente, Benveniste (1971, p. 226 *apud* FINEGAN, 1995, p. 4) pontua que a linguagem humana seria fortemente marcada pela subjetividade, de modo que “uma língua sem a expressão pessoal não pode ser imaginada”.

Entretanto, de acordo com Cuyckens *et al.* (2010), a definição para subjetividade que embasa os estudos, principalmente, de Traugott (1995a) acerca da subjetivização vem de Lyons (1982), o qual considera a subjetividade na linguagem como a expressão das atitudes e crenças do falante. Segundo o autor, “o termo subjetividade refere-se ao modo como a linguagem natural, em sua estrutura e em sua maneira normal de operação, fornece a expressão do agente locucionário de si mesmo e de suas próprias atitudes e crenças” (LYONS, 1982, p.102 *apud* CUYCKENS *et al.*, 2010, p. 10). De acordo com Finegan (1995, p. 1), portanto, a subjetividade “envolve a expressão do *self* e a representação de uma perspectiva ou ponto de vista do falante no discurso”¹⁶. Destacaremos, a seguir, além do trabalho de Traugott (1995a), o estudo de Langacker (1990) acerca da subjetividade na linguagem.

Em Traugott (1995a), o termo subjetivização diz respeito à manifestação linguística da subjetividade. De acordo com Finegan (1995), a subjetivização em

¹⁶ Segundo Goffman (1967), o *self* consiste na identidade do participante, ou *status* social que o falante reclama para si, e é representado pela sua *face* em uma determinada interação. A *face*, portanto, é a construção, de ordem pública, da identidade do participante na interação.

Traugott (1995a) refere-se às estruturas e às estratégias linguísticas que realizam a subjetividade, e está diretamente relacionada à modalização epistêmica¹⁷, que seria a ocorrência mais explorada da manifestação subjetiva do falante. Traugott (1995a, p. 31) nos apresenta a seguinte definição para subjetivização: “refere-se aos processos semântico-pragmáticos através dos quais os significados tornam-se cada vez mais baseados nas crenças e atitudes do falante acerca da proposição”. Em outras palavras, a subjetivização consiste no processo através do qual expressões linguísticas expandem seu significado, com base na crença e na atitude do falante, e adquirem significado mais subjetivo. Esta subjetivização, diferentemente da subjetividade, é codificada e convencionalizada em um novo par forma-sentido.

Por outro lado, Langacker (1990) trabalha com a noção de perspectiva do falante a partir de um ponto de vista cognitivo. Segundo o autor, todas as situações são construídas a partir da fala dos participantes, os quais podem se colocar objetiva ou subjetivamente em relação à sua fala – relacionando-se à assimetria presente entre o observador e a entidade observada. Desse modo, objetividade e subjetividade não pertencem ao conteúdo semântico das expressões.

Langacker (1990, p. 17-20) expõe os seguintes exemplos a esse respeito:

- (i) Vanessa jumped across the table.
- (ii) Vanessa is sitting across the table from Veronica.
- (iii) Vanessa is sitting across the table from me.
- (iv) Vanessa is sitting across the table.

Para o autor, na sentença (i), temos um uso mais objetivo, uma vez que *across* (em português, “ao outro lado”) não representa um movimento que envolve o posicionamento de falante e ouvinte. No que tange às sentenças (ii) e (iii), Langacker (1990) considera que constituem usos subjetivos, visto que o falante representa, a partir de um trajeto mental, a localização do trajetor, “Vanessa”, em relação a um ponto de referência – em (ii), “Veronica” e, em (iii), “me”. Por fim, para o autor, a sentença (iv) possui um uso mais subjetivo, pois o ponto de vista

¹⁷ A modalização epistêmica, de acordo com Neves (2011 [2006]) e Santos (2007), consiste no julgamento ou avaliação do falante acerca da verdade do conteúdo proposicional, de modo que o conteúdo comunicado é marcado pelo conhecimento, pela crença ou pela opinião pessoal do locutor.

apresentado é o do próprio falante, o qual constitui, também, o próprio ponto de referência.

Embora o conceito de subjetivização seja coincidente entre os autores – ou seja, se refira à subjetividade codificada na linguagem –, Traugott (1995a) destaca as seguintes características peculiares de sua perspectiva, as quais podem ser distinguidas da perspectiva de Langacker (1990): a subjetivização se dá como processo de gramaticalização, e esse processo consiste no desenvolvimento da expressão gramaticalmente identificável que indica crenças e atitudes do falante acerca do que diz.

Quanto ao termo intersubjetividade, este se refere à atenção do falante com a imagem de seu interlocutor (TRAUGOTT & DASHER, 2005). De acordo com Cuyckens *et al.* (2010, p. 14), “a intersubjetividade é a expressão explícita com o *self* do interlocutor em sentido epistêmico e em sentido social”. Para os autores, da mesma maneira que todo uso da língua pode ser considerado subjetivo, este também pode ser dito intersubjetivo, já que toda interação comunicativa envolve a relação fundamental entre falante e ouvinte. A codificação dessa intersubjetividade é, desse modo, expressa pelo termo intersubjetivização. Segundo Cuyckens *et al.* (2010), a intersubjetivização diz respeito às marcas linguísticas que codificam a atenção do falante em relação à imagem ou *self* do interlocutor.

Traugott (1995a, 2010b) e Traugott e Dasher (2005) concebem a gramaticalização como (inter)subjetivização, ou seja, como um processo de mudança semântico-pragmática, através do qual novos significados são convencionalmente codificados em um novo par forma-sentido e passam, a partir da reiteração de seu padrão de uso, a indicar funções mais abstratas, pragmáticas e interpessoais. Os lexemas, portanto, desenvolvem, com o passar do tempo, sentidos mais subjetivos, os quais passam a identificar crenças e atitudes do falante acerca do que diz, podendo chegar a sentidos mais intersubjetivos, que identificam a preocupação do falante com a imagem do interlocutor¹⁸.

¹⁸ Traugott e Dasher (2005) ponderam que nem todo processo de (inter)subjetivização corresponde, necessariamente, a um processo de gramaticalização. Segundo os autores, enquanto a (inter)subjetivização envolve qualquer processo de mudança semântica, a gramaticalização constitui-se como um processo de semanticização em que novos significados (inter)subjetivos, que emergem no contexto de negociação de sentido entre falantes e ouvintes, são convencionalizados e codificados em novos pares de forma-sentido. Para maiores esclarecimentos e exemplificações, ver Cuyckens *et al.* (2010, p. 6).

É nesse contexto que Traugott e Dasher (2005) apontam para a regularidade da mudança semântico-pragmática, visto que certos processos se repetiriam durante muito tempo e em diferentes línguas. Além de ser regular, a mudança seria, ainda, unidirecional, pois ela percorre um caminho de crescente (inter)subjetivização¹⁹. Traugott (1982) propõe o seguinte *cline*: *proposicional* > (*textual*) *expressivo*. Posteriormente, Traugott (2010b) propõe um *cline* mais complexo, no qual a intersubjetivização aparece como um estágio precedido pela subjetivização: [-*subjetivo*] > [+*subjetivo*] > [+*intersubjetivo*]. A autora considera que a subjetivização estaria presente, até mesmo, em estágios iniciais de gramaticalização, partindo, por isso, do estágio [-*subjetivo*]²⁰.

Traugott (2010b) destaca que, enquanto a (inter)subjetivização pode ser observada em uma perspectiva diacrônica, as noções de subjetividade e de intersubjetividade na linguagem são sincrônicas, sendo a polissemia²¹, portanto, um fenômeno solucionado na interação. De acordo com Teixeira e Oliveira (2012, p. 20), “a mudança linguística em curso pode ser identificada pelos usos polissêmicos articulados, que tendem a atuar em contextos específicos, marcando padrões contingenciais”. Dessa maneira, uma vez que a gramaticalização é lenta, discreta e gradual – ou seja, formas gramaticalizadas coexistem com formas não-gramaticalizadas, demonstrando que o processo de mudança semântico-pragmática não se dá abruptamente (TRAUGOTT, 1995a) –, o acréscimo de conteúdo informacional a uma construção não sugere, necessariamente, perda de informação conceitual original, o que pode acarretar a polissemia, ou seja, a coexistência de velhos significados com significados novos, pelo menos por um curto período de tempo. Teixeira e Oliveira (2012, p. 21) assumem que, “na perspectiva construcional, o pareamento articula um único sentido convencionalizado em um contexto de uso específico, porém há vestígios do significado original”. É nesse sentido que Traugott (2003, 2008b, 2009) propõe a noção de fortalecimento pragmático, visto que considera que novas construções que emergem na língua mantêm alguns traços das

¹⁹ De acordo com Traugott (2008a), a unidirecionalidade consiste em um princípio que orienta a direção da mudança semântico-pragmática em um sentido único. Desse modo, ainda que a unidirecionalidade estrutural seja violada, a unidirecionalidade semântico-pragmática não o é.

²⁰ Para Traugott e Dasher (2005), seria difícil falar em objetividade na linguagem humana, assim como previsto pelo cognitivismo, visto que as expressões linguísticas emergem da atividade comunicativa entre falante e ouvinte, sendo sempre subjetivas.

²¹ Polissemia, segundo Silva (2006, p. 10), é a “associação de dois ou mais sentidos relacionados entre si a uma única forma linguística”.

construções que lhes deram origem, à medida que novos usos são expandidos para novos domínios.

Embora se reconheça que a mudança linguística se dá de maneira gradual, a maioria dos estudos em gramaticalização dá maior destaque às categorias representadas pelos *clines* de mudanças (TRAUGOTT, 2010a). Logo, tais estudos acabam por negligenciar os estágios intermediários do processo (também chamados *brinding contexts* ou “pontes”). Traugott (2010a, 2011c) e Brinton e Traugott (2005) defendem, por isso, que as investigações em gramaticalização devem capturar as pequenas mudanças (ou *small-steps*) que ocorrem entre as categorias propostas pelos *clines*.

A gramaticalização de construções, que emerge diretamente da interação – da negociação de sentido entre falante e ouvinte – e que, como visto, consiste em um processo gradiente de expansão semântico-pragmática, deve ser considerada uma mudança que advém, muitas vezes, da dialogicidade que ocorre no momento da interação, pois a linguagem constitui uma ação participativa entre falante e ouvinte. O diálogo consiste na interação entre falantes e ouvintes, em que os participantes negociam significados. Tais significados dialógicos podem ser mostrados, em muitos casos, quando falante e ouvinte estão negociando perspectivas não alinhadas ou contraditórias (TRAUGOTT, 2008b, 2010a). Traugott (2011b) denomina *mismatch*²² o não-alinhamento entre intenção do falante e interpretação do ouvinte, uma vez que os participantes não constituem imagens refletidas um do outro. A esse respeito, Cunha Lacerda e Oliveira (2013, p. 8) destacam o seguinte:

Essa compreensão de que a linguagem seria uma ação partilhada encontraria suas bases, segundo Tomasello (1999), no fato de que o homem teria desenvolvido um tipo singular de cognição social e cultural, que teria sido definitiva na distinção entre a espécie humana e outros primatas. Articulando argumentos de filogênese, ontogênese e sociogênese, o autor destaca que os dois milhões de anos que separam os homens dos primatas não seriam suficientes para explicar a singularidade da espécie humana. Em verdade, a espécie humana teria, em um dado momento de sua evolução, desenvolvido uma forma especial de cognição social a partir do reconhecimento do outro como contraparte. Vemos, portanto, que o partilhamento em relação ao outro está na própria gênese da linguagem, o que viria a corroborar o quão importante é a consideração do jogo interacional

²² Não há uma tradução consagrada na literatura para a expressão “*mismatch*”.

quando tratamos dos fenômenos linguísticos e, mais especificamente, de mudança linguística. (CUNHA LACERDA & OLIVEIRA, 2013, p. 8)

Ainda, Matusov (1996) aponta que, em se tratando de intersubjetividade na linguagem, tanto o acordo quanto o desacordo são aspectos de um processo único. De acordo com a autora, afirmar que os participantes partilham subjetividades significa dizer que todos eles mantêm a mesma visão da atividade. Assim, Matusov (1996) propõe uma abordagem mais participativa para a intersubjetividade, que permite o estudo de atividades não-orientadas para o consenso e a observação de como os participantes coordenam suas contribuições. A autora defende que a intersubjetividade não se realiza em um mundo que é somente partilhado mutuamente nem que está sob constante mal-entendido, mas, sim, em um mundo que se apresenta em diferentes graus.

O processo de gramaticalização enquanto (inter)subjetivização envolve a reanálise pragmática, ou seja, uma forma já existente é reanalisada ou reinterpretada com uma nova função ou uma função já existente é reanalisada ou reinterpretada com uma nova forma dentro de um novo contexto. A reanálise, segundo Traugott (2008a), pode ser entendida como uma manifestação de nossa capacidade de criar símbolos para uso imediato, haja vista que envolve a emergência de significados pragmáticos mediante a negociação de sentido entre falante e ouvinte no momento da interação comunicativa. Os participantes da interação, desse modo, realizariam mudanças morfossintáticas e semânticas na língua, as quais, em determinado momento, seriam mais eficientes e mais vantajosas à comunicação (WALTEREIT, 2011).

Traugott (2011c) opta pela terminologia “neohanálise” em lugar de reanálise. Segundo a autora, não ocorre, necessariamente, uma reinterpretação a partir de um sentido pré-estabelecido, mas, sim, uma análise distinta ou nova. Entretanto, adotaremos, neste trabalho, o termo reanálise, o qual se mostra mais recorrente na literatura sobre gramaticalização.

A reanálise pragmática que promove a mudança semântico-pragmática pode ser concebida através de dois diferentes mecanismos sincrônicos conceptuais, os quais não são excludentes entre si, a saber: a metaforização e a metonimização.

A metaforização, considerada o principal mecanismo de mudança semântica até o século XX, consiste em um princípio analógico que envolve a projeção entre

domínios conceptuais distintos e, de acordo com Gonçalves *et al.* (2007, p. 43), está relacionada ao modo “como os seres humanos compreendem e conceituam o mundo que os cerca”. Através do mecanismo da metaforização, as experiências mais concretas dos humanos são reanalisadas como experiências mais abstratas.

Já a metonimização, considerada por Traugott e Dasher (2005) como o mecanismo mais importante para a mudança semântico-pragmática – se comparada à metaforização –, é o processo através do qual inferências sugeridas passam a ser semanticizadas ao longo do tempo, mediante um processo de associação e contiguidade. Para tratar dessa questão, os autores propõem a Teoria da Inferência Sugerida.

Segundo Traugott e Dasher (2005), a expressão “inferência sugerida” indica que o falante evoca implicaturas conversacionais para a criação de uma nova construção e “convida” o seu interlocutor a inferi-las (TRAUGOTT & DASHER, 2005; MARTELOTTA, 2010). O significado semântico de uma construção, associado a uma determinada estrutura, é reanalisado para um novo uso, que é interpretado pelo interlocutor. Se o novo uso é reiterado pelos falantes, este pode ser convencionalizado em um novo par forma-sentido. Ou seja, a partir da negociação de sentido entre os interlocutores em uma interação – mediante implicaturas conversacionais –, ocorre a emergência de novas construções, cujos significados ultrapassam a informação codificada. Uma vez que as novas construções têm seus significados convencionalizados, estas podem ser ditas gramaticalizadas. Vale ressaltar que todo esse processo se daria de maneira gradual na comunidade linguística.

Para Hopper e Traugott (2003 [1993]), Traugott e Dasher (2005) e Martelotta (2010), as inferências sugeridas mediante metonimização fornecem material mais adequado para entender a motivação da mudança em seus estágios iniciais. Ainda, segundo Traugott (1995a), através do mecanismo de metonimização ocorreria um fortalecimento pragmático, que consiste na tentativa de aumento de informatividade por parte do falante, o qual atribui expressividade ao conteúdo proposicional ao indicar suas crenças e atitudes em relação àquilo que é dito.

Traugott e Dasher (2005) acreditam que a metaforização não daria conta de explorar as questões que estão na base da mudança semântico-pragmática e, portanto, defendem que a metonimização seria subjacente ao processo de

(inter)subjetivização, haja vista que a gramaticalização é motivada pela necessidade comunicativa dos falantes em expressarem seu posicionamento, acerca do que dizem e em relação a seu interlocutor, diante de uma proposição. Traugott (2010b) aponta que o processo de (inter)subjetivização, ou de expansão semântico-pragmática do uso inicial, se realizaria mediante um mecanismo metonímico, através do qual novos sentidos que codificam e regulam atitudes e crenças do falante são subjetivizados, e novos sentidos subjetivizados que codificam a preocupação do locutor com o seu endereçado são intersubjetivizados.

Embora a metonimização esteja na base da mudança linguística, Traugott (2011b) entende que as metáforas pré-existentes na língua podem servir como esquema²³ para a instanciação de novos padrões construcionais. Desse modo, o estudo sincrônico possibilita identificar a ocorrência da metáfora e o estudo diacrônico possibilita a identificação do processo de gramaticalização propriamente dito. Logo, a pancronia constitui a perspectiva ideal de investigação, pois nos permite perceber como as novas formas e/ou funções emergem e se desenvolvem ao longo do tempo (gradualidade) e verificar os graus de gramaticalidade de uma forma e/ou função que é empregada, em determinado momento, tanto em seu estatuto original quanto em sua forma gramaticalizada (gradiência) (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2010).

Defendemos, portanto, que as novas construções com os marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, em configuração construcional imperativa, as quais, a partir da reiteração de uso, foram incorporadas à gramática da língua, passaram e passam por um processo crescente de (inter)subjetivização. E, buscando descrever os possíveis padrões gramaticais vinculados aos diferentes usos dos MDs, bem como averiguar a existência de um possível esquema construcional, trataremos, a seguir, do papel fundamental do mecanismo da analogia no processo de gramaticalização.

²³ O termo “esquema”, na investigação sincrônica, constitui uma abstratização, ou imagem conceptual, compatível com os membros da comunidade linguística (LANGACKER, 1987); já na investigação diacrônica, “esquema” significa um percurso de mudança ou *cline* (TRAUGOTT, 2008b, 2009).

1.2.2. A incorporação de microconstruções em uma rede

Cunha Lacerda e Oliveira (2013), pautadas em Croft (2001), apontam que as construções possuem propriedades que as identificam. Segundo as autoras, o sistema linguístico é organizado em forma de um inventário de unidades simbólicas e complexas. Tal inventário é representado por uma rede taxonômica de construções, na qual haveria construções mais básicas que herdariam características de construções mais gerais, podendo ultrapassá-las. Nesse sentido, no que tange à gramaticalização, as construções, por se organizarem em redes, seriam pensadas cada vez mais esquematicamente por falantes e ouvintes e emergiriam a partir do uso frequente de determinado esquema construcional existente e, posteriormente, se expandiriam seguindo uma direção própria (CROFT & CRUSE, 2004). Portanto, a gramaticalização de construções individuais, as quais se desenvolveriam a partir de esquemas abstratos pré-existentes, também possibilitaria o estabelecimento de extensas redes construcionais²⁴ na língua, isto é, mudanças em microconstruções específicas afetam e são afetadas por esquemas gerais (TRAUGOTT, 2011c).

Logo, em uma abordagem construcional da gramaticalização, tem se atribuído a devida importância ao papel da analogia na mudança linguística (NÖEL, 2007; GISBORNE & PATTEN, 2011; FISCHER, 2011; TRAUGOTT, 2011a, 2011c). A partir do modelo de Croft (2001), na obra “Gramática da Construção Radical” (*Radical Construction Grammar*), Traugott (2008a, 2008b) sugere que a noção de analogia está relacionada aos quatro níveis de esquematicidade propostos para o processo de gramaticalização de construções. O entendimento de cada um dos níveis nos leva à compreensão das similaridades e das diferenças entre as construções e, até mesmo, do processo de gramaticalização de cada construção individualmente. Dentre os quatro níveis propostos pela autora, o primeiro vincula-se à frequência *token* e os demais à frequência *type*²⁵. Vejamos cada um deles a seguir, a partir de Traugott (2008a, p. 236; 2008b, p. 6):

²⁴ As redes construcionais seriam arquiteturas gramaticais disponíveis para o falante construir seu discurso, as quais estariam na base do surgimento de novos padrões construcionais. (MARTELOTTA & ALONSO, 2012).

²⁵ Frequência *token* envolve o número de ocorrências de uma palavra ou morfema, enquanto a frequência *type* refere-se à frequência de um padrão construcional (BYBEE, 2003).

- a. Macroconstruções: referem-se às construções mais genéricas da rede construcional e às estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento; neste nível, percebe-se a noção de esquema altamente abstrato.
- b. Mesoconstruções: constituem o conjunto de similaridades passíveis de observação entre as construções individuais diversas.
- c. Microconstruções: envolvem as construções individuais propriamente ditas.
- d. Construtos: referem-se às ocorrências (*tokens*) das microconstruções que são empiricamente atestadas; constituem, portanto, o *locus* da inovação.

A mudança linguística, que tem como resultado a emergência de novos padrões construcionais, através do tempo e dos falantes, se dá a partir, além do mecanismo da reanálise – reinterpretação de formas e/ou funções dentro de um novo contexto –, do mecanismo da analogia – atração a partir de formas e/ou funções já padronizadas. Essa mudança tem início na negociação de sentido que se estabelece entre os interlocutores na interação, uma vez que caberia ao falante reanalisar o material linguístico a partir de inferências sugeridas e ao ouvinte interpretar o novo uso, criando uma ligação entre o construto e a rede construcional disponível. Se tal construto, ou inovação, for reiterado entre os membros de uma comunidade linguística, ocorre sua convencionalização, tornando a construção gramaticalizada, que passa a ser denominada microconstrução²⁶. A frequência de uso de novos padrões construcionais, ou frequência *type*, portanto, exerce papel fundamental nesse contexto, uma vez que indica se ocorreu, ou não, gramaticalização na língua (BYBEE, 2003, 2010). O terceiro nível da construção é chamado de mesoconstrução e constitui um grupo de construções que apresentam similaridades. Apesar das semelhanças, no nível meso, as microconstruções apresentam a propriedade de manter suas particularidades em relação à forma e ao significado. Por fim, temos a macroconstrução, que consiste em um esquema abstrato de construções a que subjazem todas as inovações.

As mesoconstruções e as macroconstruções possibilitam, através do mecanismo da analogia, a generalização, o realinhamento e a negociação de sentido que promovem a mudança (TRAUGOTT, 2008a, 2008b, 2010a). Traugott

²⁶ De acordo com Traugott (2011c), só ocorre a construcionalização quando as reanálises morfossintáticas e semânticas são compartilhadas por falantes e ouvintes, de modo que uma nova construção é adicionada à rede construcional.

(2008a) pondera que seriam as mesoconstruções as responsáveis pela atração semântica, bem como pela emergência de novos construtos, visto que o nível macro representaria um esquema altamente abstrato. Nesse caso, caberia à mesoconstrução fornecer, do ponto de vista cognitivo, um esquema que seria seguido pelos falantes na emergência de novos construtos durante o processo de interação. Os construtos, por conseguinte, passariam a microconstruções a partir de seu uso reiterado na língua, o que configuraria a ocorrência do processo de gramaticalização. A analogia, desse modo, exerce papel fundamental na instanciação de redes construcionais, visto que, com base em um esquema abstrato – representado pela macroconstrução – ocorreria a emergência de novos construtos e, posteriormente, de microconstruções diferentes que têm como base a mesma mesoconstrução.

Nöel (2007), Trousdale (2008) e Gisborne e Patten (2011) sugerem o termo esquematização para tratar do papel fundamental da analogia na gramaticalização. Nöel (2007) estabelece uma distinção entre esquematização e gramaticalização. Enquanto a esquematização diz respeito ao processo através do qual determinados padrões estruturais adquirem sentidos próprios, de maneira a adicionarem significados aos elementos lexicais que os compõem, em gramaticalização, os padrões que adquirem sentido podem estar sujeitos à mudança semântica. Segundo o autor, o processo de gramaticalização pressupõe a esquematização, visto que a instanciação de novas construções na língua teria como base outras construções mais abstratas e esquemáticas. Já Gisborne e Patten (2011) consideram que a esquematização envolveria processos cognitivos gerais, como, por exemplo, a categorização. Segundo os autores, os falantes se baseariam em um processo de generalização para instituir esquemas que são representáveis, de modo efetivo, no sistema linguístico, a partir de construções individuais. Os esquemas, por conseguinte, se tornariam cada vez mais abstratos, a fim de abarcar, ao longo do tempo, um repertório maior de construções. Em outras palavras, a partir da emergência de novos construtos e, posteriormente, de novas microconstruções, as meso e as macroconstruções são generalizadas para a criação de um novo nível de abstratização que abarque as novas construções gramaticalizadas na língua. Ainda, Trousdale (2008) destaca que, quanto mais abstrata é uma construção esquemática, mais produtiva ela será. A esse respeito, Croft e Cruse (2004, p. 326)

afirmam o seguinte: “uma construção emerge de uma frequente instância altamente específica de um esquema construcional existente e depois se expande seguindo uma direção própria”.

A analogia, de acordo com Fischer (2011), seria o mecanismo primeiro para a ocorrência da gramaticalização de construções, ou seja, a gramaticalização constituiria uma mudança dirigida analogicamente – as construções já existentes em uma língua, às quais subjaz uma macroconstrução, serviriam de base para o desenvolvimento de novos padrões construcionais. Para a autora, a analogia consiste em um processo cognitivo, baseado em um padrão de reconhecimento e categorização, presente em toda a evolução humana, podendo ser encontrada, até mesmo, em outros mamíferos. Tal mecanismo estaria, portanto, não somente na base do processo de mudança linguística, mas, também, na base do processo de aquisição da linguagem, assim como do processamento linguístico em geral. Dessa forma, para que, de fato, se considere o papel da analogia, a partir da abordagem construcional da gramaticalização, é necessário que nos concentremos não somente no desenvolvimento de um item lexical, mas, sim, de uma rede construcional.

Traugott (2011a, 2011c) e Traugott e Trousdale (2010) sugerem, nesse sentido, que seja feita uma distinção entre “pensamento analógico” e “analogização”. Para os autores, o pensamento analógico combinaria aspectos do significado e da forma e seria a motivação para a mudança, podendo, ou não, resultar em gramaticalização – sendo, até mesmo, considerado um fator importante para o acréscimo de produtividade e de esquematicidade. Por outro lado, a analogização consistiria em um mecanismo de mudança linguística, propriamente dito, que promove o alinhamento do novo par forma-sentido ou microconstrução, a partir de representações exemplares, em uma nova construção dentro de um esquema maior. De acordo com Bybee (2006, p. 714), “nós precisamos conceber a gramática como baseada em construções e como tendo uma representação exemplar em que instâncias específicas de uso afetam representações”.

Traugott (2011c, p. 9) propõe o seguinte quadro para a distinção entre motivação e mecanismo²⁷:

Quadro 2 – Motivação vs. mecanismo (TRAUGOTT, 2011c, p. 9)

PROCESSO QUE POSSIBILITA A MUDANÇA	MECANISMO
pensamento analógico	analogização
<i>parsing</i> ²⁸	neoanálise

Para Traugott (2011c), a analogização promove a mudança linguística que resulta em um novo par forma-sentido, envolvendo, dessa maneira, o mecanismo da neoanálise. Em outras palavras, todas as analogizações são instâncias de neoanálises, pois subcomponentes de um novo uso são reorganizados. Traugott (2009) argumenta que a mudança analógica ou analogização é a reanálise de uma sequência anterior. Nesse sentido, o que frequentemente acontece no processo de gramaticalização é a interseção entre reanálise e analogia. Kiparsky (2012 *apud* TRAUGOTT, 2011c) destaca que analogização e gramaticalização são, portanto, neoanálises. Sendo assim, haja vista que a neoanálise está envolvida em toda mudança linguística, Traugott (2011c) considera que este é o mecanismo primeiro para a gramaticalização – diferente do que é considerado por Fischer (2011).

A abordagem da gramaticalização de construções, portanto, de acordo com Traugott (2011c), nos fornece ferramentas para pensarmos a extensão de padrões baseados em exemplos e a maneira como mudanças específicas em microconstruções articulam esquemas gerais, ao mesmo tempo em que são por eles afetadas.

Com o intuito de contribuir para a compreensão dos quatro níveis de esquematicidade envolvidos no processo de gramaticalização – macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto –, trataremos, a seguir, da frequência de uso, destacando, inclusive, como trabalhos recentes a têm considerado como mecanismo de mudança.

²⁷ Para Traugott (2011c, p.9), a necessidade de informatividade do falante, no momento da negociação de sentido em uma interação comunicativa, e o pensamento analógico constituem motivações para que ocorra a mudança; por sua vez, a neoanálise e a analogização consistem verdadeiros mecanismos de mudança linguística.

²⁸ Não há uma tradução consagrada na literatura para a expressão "*parsing*".

1.2.3. O papel da frequência de uso na gramaticalização

A frequência de uso, ou repetição de construções que emergem na interação comunicativa, é considerada um mecanismo de mudança fundamental à incorporação de novas construções à gramática da língua, assim como a reanálise e a analogia. Uma diferença importante a se considerar é que reanálise e analogia envolvem, principalmente, a interpretação do ouvinte, enquanto a repetição – mecanismo que leva ao aumento da frequência – é derivada da produção do falante (TRAUGOTT, 2011a, 2011c).

O levantamento da frequência de uso, de acordo com Vitral (2006, p. 155), constitui um dos critérios²⁹ para a caracterização do processo de gramaticalização, uma vez que “a comparação dos valores encontrados é, como veremos, o instrumento decisivo que nos permite afirmar estar em curso um processo de gramaticalização”.

Martelotta (2009, p. 11) acrescenta que a frequência das construções gramaticais nos permite averiguar “suas relações com coordenadas contextuais (do ambiente morfossintático ao contexto extralinguístico). Isso fornece material para a descrição do valor comunicativo desses elementos no uso real da língua e dos movimentos de mudança que o caracterizam.” De acordo com o autor, ainda, altos graus de repetição evidenciarão que os construtos emergem na interação, pautados por esquemas de natureza cognitiva.

O cálculo da frequência, dessa maneira, está diretamente relacionado à abordagem construcional da gramaticalização, uma vez que, sendo realizado sincrônica e diacronicamente, nos permite mapear os quatro níveis de mudança: macroconstruções, mesoconstruções, microconstruções e construtos (TRAUGOTT, 2008a, 2008b). Segundo Traugott (2008a), falantes e ouvintes unem partes de construtos a partes de construções diferentes devido a aspectos contextuais que tornam plausível tal combinação. Se a partir daí surge uma inovação e se esse novo par forma-sentido é repetido, ou seja, torna-se frequente na língua, ele pode ser convencionalizado por outros falantes como uma nova microconstrução.

Segundo Bybee (2003), o levantamento da frequência consiste em um mecanismo definidor do processo, visto que a recorrência ou a repetição de um novo

²⁹ Ver Vitral (2006) para os seguintes critérios de identificação de processos de gramaticalização: critérios sintáticos, morfofonéticos e semânticos.

uso atesta a ocorrência da gramaticalização e, ainda, está de acordo com a abordagem construcional. Segundo a autora, a repetição não será de um item isolado, mas de uma sequência de palavras e morfemas, que sofre aumento de frequência até ser interpretada como “unidade única de processamento”, isto é, como uma construção linguística – fazendo valer, portanto, o Princípio da Fraca Composicionalidade. Bybee (2003, 2010, 2011) destaca, ainda, que a repetição de sons, palavras e padrões construcionais tem impacto no armazenamento cognitivo e no processamento de experiências linguísticas que dão à língua sua estrutura, de modo que a frequência de uso afetaria diretamente as dimensões fonética, semântica e sintática da língua, tais como: (i) mudanças fonológicas de redução e fusão, já que sequências de unidades ou de palavras frequentemente produzidas se transformam em unidades ou *chunks* (associações construcionais); (ii) interpretação dos itens como uma unidade construcional, uma vez que uma sequência de palavras, através da frequência, torna-se autônoma em relação às palavras e aos morfemas que a compõem; (iii) enfraquecimento da força semântica e expansão funcional, já que o aumento da frequência fortalece as relações sequenciais dentro de um *chunk*, levando ao *bleaching* semântico³⁰ do significado original e à extensão semântica para novos contextos de uso; e (iv) redução da estrutura interna de uma sequência devido a seu uso como uma unidade.

Portanto, para Bybee (2011), o aumento da frequência levaria à redução fonética, à redução semântica e à redução sintática, evidenciando o Princípio da Unidirecionalidade da mudança, que ocorreria em todos os níveis. Uma vez que a frequência de uso é ascendente, pode-se afirmar que a gramaticalização ocorre em uma direção constante.

Logo, a frequência de uso exerce, de fato, um papel central na gramaticalização, visto que é responsável pela passagem de construtos a microconstruções e, também, fundamental para a própria configuração das meso e macroconstruções, já que, conforme discutimos acima, altos graus de repetição evidenciarão que os construtos emergem na interação, pautados por esquemas de natureza cognitiva.

³⁰ Entende-se por *bleaching* semântico (TRAUGOTT, 2008a, 2008b, 2010a) a perda ou o enfraquecimento da força semântica dos itens pela habituação (BYBEE, 2003). Tal desbotamento de conteúdo semântico é acompanhado do fortalecimento ou ganho pragmático-discursivo, visto que ocorre a expansão funcional de determinado uso para novos contextos, a partir de novas associações pragmáticas.

1.3. Conclusões

Procurou-se defender, no presente capítulo, que a abordagem tradicional da gramaticalização apresenta lacunas no que tange à língua em uso, principalmente por considerar o processo de mudança linguística como sendo baseado na mudança categorial – passagem de um item lexical a um item gramatical e/ou passagem de um item gramatical a um item ainda mais gramatical –, deixando de considerar a língua, de maneira efetiva, em suas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas.

Acreditamos, dessa maneira, que a abordagem da gramaticalização de construções – a qual considera como unidade básica de análise uma construção inteira – seja capaz de explicar o processo de mudança dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” a partir de uma perspectiva funcionalista.

Neste capítulo, procurou-se, também, com base em Traugott (2009), apontar e discutir três grandes contribuições da abordagem da gramaticalização de construções: (i) alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais, a partir do par forma-sentido; (ii) incorporação de microconstruções em uma rede construcional, que se estabelece mediante processos de gramaticalização integrados e interligados; (iii) mudança entendida como um processo dinâmico, uma vez que a emergência de novos padrões construcionais se dá a partir de seu uso reiterado através do tempo.

A partir das considerações de Traugott (1995a, 2009, 2010b), Traugott e Dasher (2005) e Cuyckens *et al.* (2010), propomos, nesse sentido, que as novas construções com os marcadores discursivos analisados, as quais foram incorporadas à gramática da língua a partir da reiteração de uso, emergiram das necessidades comunicativas dos falantes no momento da interação. Tais construções teriam passado por um processo crescente de (inter)subjetivização, ou seja, teriam desenvolvido sentidos que expressam, cada vez mais, as crenças e as atitudes dos falantes, bem como seriam responsáveis por indexar a preocupação do falante com o *self* do seu interlocutor.

Acreditamos, ainda, de acordo com Traugott (2008a, 2008b, 2009, 2011a, 2011c), que os possíveis padrões construcionais vinculados aos diferentes usos dos MDs, bem como a existência de um possível esquema construcional, estariam

relacionados tanto ao mecanismo da analogia, ao qual tem sido recentemente atribuída uma importância fundamental no processo de gramaticalização, quanto ao mecanismo da reanálise. Defendemos, desse modo, que a abordagem construcional da gramaticalização nos permite pensar na extensão de padrões baseados em exemplos e nas mudanças específicas em microconstruções, as quais articulam esquemas gerais, ao mesmo tempo em que são por eles afetadas.

Por fim, a partir de Bybee (2003, 2010, 2011), Vitral (2006), Martelotta (2009) e Traugott (2009, 2011a, 2011c), defendemos que, a partir da reiteração de uso, o novo par forma-sentido seria incorporado à gramática da língua, sendo, portanto, gramaticalizado. Dessa maneira, destacamos que a repetição exerce um papel central na gramaticalização, visto que é responsável pela passagem de construtos a microconstruções, bem como pela configuração das meso e macroconstruções, uma vez que a alta frequência de uso evidenciaria que os construtos emergem na interação, pautados por esquemas abstratos a que subjazem todas as inovações.

Com base neste aparato teórico, procuraremos demonstrar, neste trabalho, *in loco*, que os MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, ao passarem pelo processo de gramaticalização, sofreram mudanças semântico-pragmáticas, desenvolvendo sentidos cada vez mais (inter)subjetivos, bem como buscaremos identificar os possíveis padrões construcionais vinculados às microconstruções dos marcadores e às mesoconstruções e à macroconstrução que estariam na base do processo.

CAPÍTULO II

MARCADORES DISCURSIVOS DERIVADOS DOS VERBOS DE PERCEPÇÃO “OLHAR” E “VER” EM CONFIGURAÇÃO IMPERATIVA

Este capítulo tem por objetivos (i) realizar uma breve revisão de estudos sobre os marcadores discursivos sob diferentes concepções, (ii) verificar a tendência de verbos de percepção visual em configuração imperativa e em P2 derivarem MDs e (iii) discutir a inclusão desses elementos discursivos no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções.

Os marcadores discursivos têm sido, frequentemente, investigados, mediante diferentes abordagens linguísticas, desde 1980. Isso porque tais elementos são muito produtivos na língua, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Contudo, ainda não há um consenso acerca do que, de fato, sejam MDs, em que aspecto(s) do discurso eles operam e de qual terminologia deve ser adotada pelos estudiosos para se referirem a elementos que desempenham uma mesma função. Desse modo, a fim de demonstrarmos diferentes concepções para o tratamento dos MDs, de justificarmos a denominação e a definição de MDs por nós adotadas no presente trabalho e de verificarmos em que aspecto(s) do discurso os MDs atuam, dedicamos uma seção neste capítulo à revisão de estudos clássicos no âmbito da literatura sobre os marcadores discursivos, tratando, especialmente, dos trabalhos de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989), Risso *et al.* (2006) e Guerra (2007).

Em seguida, demonstraremos, a partir dos estudos de Rost (2002a), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) e Rost-Snichelotto e Görski (2011), a tendência de verbos de percepção visual em configuração imperativa e em P2 derivarem marcadores discursivos nas seguintes línguas românicas: francês, espanhol, italiano e português. Nesse contexto, trataremos, pontualmente, dos trabalhos de Rost (2002a) e Rost-Snichelotto (2009), que analisam os MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver”, em língua portuguesa, demonstrando sua trajetória de mudança categorial – de verbo a MD – e de mudança semântico-pragmática – do [+ concreto] ao [+ abstrato] –, bem como a multifuncionalidade dos itens em um *continuum* gradiente de contextos de atuação discursiva.

Posteriormente, discutiremos a procedência de se incluir o desenvolvimento dos marcadores discursivos no âmbito da abordagem da gramaticalização (TRAUGOTT, 1995b) e, mais especificamente, da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2011c; TEIXEIRA & OLIVEIRA, 2012). Uma vez que a mudança linguística que envolve os MDs em geral articula aumento de escopo estrutural e aumento de liberdade sintática – características que não estão de acordo com os parâmetros formais estabelecidos por Lehmann (1995 [1982]), mediante a abordagem tradicional da gramaticalização, para a aferição do grau de gramaticalidade de um item –, não é um consenso que a análise dos marcadores discursivos deva ser incluída na abordagem da gramaticalização. Como aponta Onodera (2011), três diferentes perspectivas têm sido adotadas para a análise dos MDs, a saber, a pragmaticalização, a prototipicidade e a gramaticalização. A essas três perspectivas, acrescentaremos, ainda, a perspectiva da degramaticalização, a partir dos postulados de Norde (2011). É nesse contexto, portanto, que, a partir de Traugott (1995b, 2011c) e Teixeira e Oliveira (2012), demonstraremos que aumento de escopo estrutural e aumento de liberdade sintática não constituem características basilares à gramaticalização, visto que tal processo inclui, sobretudo, aumento em esquematicidade e em produtividade e diminuição em composicionalidade, características, estas sim, fundamentais à gramaticalização de construções, conforme já discutido no Capítulo I deste trabalho.

Por fim, na seção final deste capítulo, apresentaremos nossas considerações acerca da discussão empreendida, bem como ratificaremos nosso posicionamento teórico.

2.1. Marcadores discursivos: questões fundamentais

Uma extensa bibliografia sobre os marcadores discursivos tem sido produzida, em Linguística, mediante diferentes abordagens, desde 1980 (GUERRA, 2007). Tal fato se justifica, principalmente, devido à alta produtividade desses elementos tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita da língua, bem como devido a sua relevância na organização do discurso.

Todavia, ainda não há um consenso acerca do que, de fato, sejam marcadores discursivos, nem acerca do aspecto da organização do discurso em que

eles operam (se no aspecto textual, se no aspecto interacional, se em ambos) e nem mesmo no que diz respeito à terminologia³¹ adotada por estudiosos para se referirem a elementos que desempenham a mesma função (GUERRA, 2007). Desse modo, a fim de demonstrarmos diferentes concepções de marcadores discursivos, de justificarmos a denominação e a definição de MDs por nós adotadas no presente trabalho e, ainda, de entendermos em que aspecto(s) do discurso esses elementos operam, realizaremos uma breve revisão de estudos clássicos no âmbito da literatura, tratando, pontualmente, dos trabalhos de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989), Risso *et al.* (2006) e Guerra (2007).

Schiffrin (1987) produz um dos trabalhos mais extensos na literatura sobre MDs, o qual contribui tanto para a definição desses elementos como uma categoria de palavras quanto para a fixação da denominação marcadores discursivos (GUERRA, 2007; ROST-SNICHELOTTO, 2009). A autora os define como sendo “elementos sequencialmente dependentes que delimitam unidades de fala” e que se realizam como membros de classes funcionais (SCHIFFRIN, 1987, p. 31). A expressão “unidades de fala”, tal como concebida, não pode ser definida em termos de “unidades sintáticas”, visto que nem sempre o discurso realiza-se no nível sentencial, mas, sim, a partir de suas relações estruturais com outras unidades, suas relações coesivas e suas relações interacionais. Nesse sentido, Schiffrin (1987) sugere que se observem as “unidades de fala” a partir de três aspectos fundamentais, a saber, o estrutural, o textual e o interacional, de maneira que se possa verificar como os limites dessas unidades são marcados (seja através de sentenças, de proposições, de atos de fala e, até mesmo, de unidades entonacionais)³².

A autora analisa a forma e a função de onze marcadores discursivos (*oh, well, and, but, or, so, because, now, then, I mean e y'know*) – constituídos por conjunções, advérbios, interjeições e expressões lexicalizadas –, em vários segmentos de fala³³, tanto em sequências narrativas quanto em sequências argumentativas, a fim de compreender como esses elementos integram um modelo

³¹ Guerra (2007, p. 10) enumera as seguintes denominações usuais para o que chamamos marcadores discursivos: “*articuladores textuais, marcadores conversacionais, conectivos discursivos, operadores discursivos, operadores argumentativos, marcadores de estruturação da conversação, apoios do discurso, sinais de estruturação etc.*”.

³² Para maiores esclarecimentos acerca de “unidades de fala”, ver Schiffrin (1987).

³³ Os segmentos de fala constituem os fragmentos retirados de entrevistas sociolinguísticas com americanos.

de coerência discursiva para que funções específicas sejam cumpridas. É nesse contexto que Schiffrin (1987) investiga como os MDs são usados em narrativas, para distinguir figura e fundo e, em sequências argumentativas, para diferenciar posição e sustentação, como observamos a seguir:

- (1) a. **And** I said, em, 'Would you like t'have another baby?'
 b. He says, 'now?!'
 c. I said, 'Yeh:!'
 d. **And**, he says, 'Well I don't know.'
 e. **And** we did.
 f. We had JoAnn, and it was becau-
 g. **and** now, whenever she sees us, she says you have to thank me.
 h. That you have your daughter.
 i. **So...** yeh. They're very good friends of ours. (SCHIFFRIN, 1987, p.132)

Como é possível verificarmos no exemplo (1), o MD *and* atua dentro de uma sequência narrativa, ao passo que o MD *so* opera na transição de uma sequência narrativa para uma sequência argumentativa, indexando a posição do falante, a qual já vinha sendo explicitada anteriormente.

Sob essa perspectiva, o principal interesse de Schiffrin (1987) é investigar como os marcadores discursivos contribuem para a coerência discursiva. Desse modo, sua análise é centrada em cinco planos de organização do discurso, os quais compõem um modelo de coerência – também, tomado como modelo de discurso – por ela proposto:

- i. Estrutura de Troca: reflete os mecanismos do intercâmbio conversacional e mostra os resultados do processo de troca de turnos conversacionais e como os turnos são relacionados entre si.
- ii. Estrutura de Ação: reflete a sequência de atos de fala que ocorre dentro do discurso.
- iii. Estrutura Ideacional: reflete certas relações entre as ideias (proposições) encontradas no discurso, incluindo relações coesivas, relações tópicas e relações funcionais.
- iv. Esquema de Participação: reflete o modo como falantes e ouvintes podem se relacionar entre si e com o enunciado.
- v. Estado da Informação: reflete a organização e o gerenciamento do conhecimento e do metaconhecimento envolvidos no processamento do discurso. (SCHIFFRIN, 1987, p.25-29 *apud* GUERRA, 2007, p.14)

O modelo, que apresenta os contextos para os quais os enunciados são indexados, foca na coerência local, construída através das relações entre unidades adjacentes no discurso, no entanto, ele pode ser expandido para uma dimensão mais global da coerência, de modo a situar as intenções comunicativas de falantes e ouvintes. A autora sugere, assim, que os marcadores discursivos podem operar tanto em nível local, na organização textual, quanto em nível mais global, na organização da interação. Desse modo, sua função não é apenas a de unir unidades linguísticas, mas, também, a de articular o discurso de maneira mais ampla.

É nesse contexto que Schiffrin (1987) aponta a multifuncionalidade dos MDs, uma vez que estes atuam em diferentes níveis discursivos – cada um com sua coerência –, como verificamos no exemplo a seguir. Neste fragmento, Henry argumenta acerca da perda de respeito dos filhos em relação aos pais, o que, segundo ele, resultaria em desorganização familiar e social. Henry, dessa maneira, se opõe à posição de Irene, segundo a qual os padrões mudaram:

- (2) Irene: a. The standards though are different today.
 Henry: b. Heh?
 Irene: c. The standards are different today.
 Henry: d. Standards are different.
 e. **But** I'm tellin'y' if the father is respected
 and [:d eh:
 Irene: f. [Henry, lemme] ask you a question. (SCHIFFRIN,
 1987, p. 61)

No exemplo (2), de acordo com Schiffrin (1987), o MD *but*, que precede a argumentação de Henry, opera em uma estrutura ideacional do discurso (nível local), haja vista que funciona como um conector adversativo, marcando um contraste entre a sua posição e a de Irene. No entanto, o MD *but* também desempenha função interacional (nível global), pois indexa um movimento de defesa de Henry em relação à Irene. Desse modo, pode-se dizer que o marcador discursivo funciona, simultaneamente, nos dois planos do discurso – local e global.

Para a autora, a coerência discursiva, bem como o efeito comunicativo dos marcadores discursivos, advêm das intenções comunicativas de falantes e ouvintes, as quais são constituídas pela relação interdependente entre estruturas, significados e ações que emergem na interação. Ou seja, pode-se inferir o papel dos marcadores

discursivos observando o contexto discursivo em que é utilizado e as propriedades linguísticas desse elemento.

No que diz respeito ao sentido, de acordo com Schiffrin (1987), os marcadores discursivos podem refletir o significado referencial que os configuram e/ou o significado expressivo. Por exemplo, o MD *y'know*, segundo a autora, tem significado expressivo, pois o falante apela para a cooperação do ouvinte, mas, também, inclui algum complemento de significado referencial. Observemos o segmento abaixo, em que Irene apresenta sua posição de que as coisas acontecem porque têm que acontecer:

- (3) a. I believe in that. Whatever's gonna happen is gonna happen.
 b. I believe... that... **y'know** it's fate.
 c. It really is. (SCHIFFRIN, 1987, p. 49)

Em (3), o MD *y'know*, localizado dentro da posição de Irene, ao mesmo tempo em que reflete o significado referencial expresso pelo verbo, também indexa algum tipo de apelo do falante em relação ao ouvinte, a fim de levá-lo a concordar com sua posição. Desse modo, o significado referencial do marcador discursivo contribui para a função interacional.

Quanto à forma dos MDs, Schiffrin (1987) aponta as seguintes características básicas: (i) são sintaticamente descartáveis de uma sentença, isto é, a segmentação oracional permanece intacta sem a presença dos MDs; (ii) são, frequentemente e prototipicamente, utilizados em posição inicial no enunciado; (iii) possuem vários contornos prosódicos (normalmente, são acompanhados de pausas). Observemos o exemplo a seguir:

- (4) a. I believe in that. Whatever's gonna happen is gonna happen.
 b. I believe... that... **y'know** it's fate.
 c. It really is.
 d. **Because** eh my husband has a brother, that was killed in na automobile accidente,
 e. **and** at the same time there was another fellow, in there, that walked away with not even a *scratch* on him. (SCHIFFRIN, 1987, p. 49)

Verificamos, no exemplo (4), que os MDs *y'know*, *because* e *and* poderiam ser dispensados dos enunciados, sem causar nenhum prejuízo à sintaxe ou à semântica das orações. Observamos, ainda, que ambos são acompanhados de pausa anterior (marcação prosódica através de pontuação gráfica) e, também, que o

MD *because* realiza-se em posição inicial de sustentação em sequência argumentativa.

Portanto, evidenciamos que, no trabalho de Schiffrin (1987), há um enfoque na função de organização textual dos marcadores discursivos (no nível local), contudo a autora não deixa de considerar sua função de organização interacional (no nível global). Ou seja, os marcadores discursivos podem tanto auxiliar na coerência discursiva local, conectando partes do texto, quanto orientar o enunciado para os interlocutores.

Já Marcuschi (1989) desenvolveu o primeiro estudo mais extenso sobre os marcadores conversacionais (doravante, também, MCs), no português falado no Brasil. O autor justifica a terminologia adotada da seguinte maneira:

Optei pelo termo *marcador conversacional* (doravante MC) visando a não restringir o aspecto da abordagem, já que considero os MCs tanto em suas *propriedades interacionais* (na condução dos atos ilocutórios e das relações interpessoais) bem como em suas *propriedades intratextuais* (na estruturação da cadeia linguística). A rigor, isso supõe que o uso da língua na interação verbal ocorre com a aplicação de princípios pragmáticos e de regras linguísticas. Assim, os MCs operam simultaneamente, como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocucionária, sendo, pois *multifuncionais*. (MARCUSCHI, 1989, p. 282)

É, nesse sentido, a partir da propriedade da multifuncionalidade dos itens, que o autor equipara os marcadores discursivos a marcadores conversacionais, visto que estes compreendem funções relacionadas à organização conversacional do discurso – sejam elas interacionais ou textuais.

Em seu trabalho, a partir de dados retirados do *corpus* do Projeto NURC-Recife e do *corpus* do Projeto NURC-São Paulo e, ainda, de uma conversa telefônica, Marcuschi (1989) realiza uma análise sistemática de formas, posições e funções dos MCs. No que diz respeito à forma, o autor divide os marcadores conversacionais em dois tipos, a saber, marcadores verbais e marcadores prosódicos, como observamos a seguir:

- i. Marcadores verbais: perfazem um variado e importante conjunto de partículas, palavras, sintagmas, expressões estereotipadas e orações de diversos tipos.

- ii. Marcadores prosódicos: (os suprasegmentais em geral) compreendem os contornos entonacionais (*descendente* , *ascendente* , *constante*); as pausas (silenciosas ou preenchidas); o tom de voz, o ritmo, a velocidade, os alongamentos de vogais etc. (MARCUSCHI, 1989, p. 290)

Quanto aos marcadores não-verbais, estes foram entendidos por Castilho (2009, p. 47) sob a denominação marcadores não-lexicais, como sendo “expressões como ‘*ah*’, ‘*ih*’, ‘*hm hm*’, etc., que desempenham igualmente papéis de MCs”.

Em se tratando dos marcadores verbais, Marcuschi (1989, p. 290) os subdivide em três tipos, a saber, marcadores simples, marcadores compostos e marcadores oracionais. Os marcadores simples são aqueles que se realizam “com um só lexema ou para-lexema, tais como as interjeições, os advérbios, os verbos, os adjetivos, as conjunções, os pronomes, etc” – como *éh*, *agora*, *olha*, *certo*, *então*, *porque*, entre outros. Já os marcadores compostos são “de caráter sintagmático, com grande tendência à estereotipia e com pouca variação morfológica no tipo produzido” – como, por exemplo, *então aí*, *tá bom*, *outra coisa* etc. Por fim, os marcadores oracionais se realizam “como pequenas orações, podendo vir em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais (assertivo, indagativo, exclamativo). Aqui entram MCs de caráter estritamente semântico e pragmático como as paráfrases, os resumos, as repetições de frases curtas, etc” – como *sim mas me diga*, *e não sei o que mais*, *ah eu acho que*, entre outros.

No que tange à posição dos marcadores conversacionais, Marcuschi (1989) pondera que estudiosos como Lichem (1981) e Rehbein (1979) defendem que as posições canônicas para a ocorrência desses elementos são a inicial e a final, enquanto Schffrin (1987) enfatiza a posição inicial, ignorando as demais. Contudo, o autor destaca que o falante, no momento da interação comunicativa, insere os MCs em qualquer ponto do enunciado (inicial, medial e final), a depender da função exercida.

Por fim, acerca das funções, Marcuschi (1989) reconhece dois grandes tipos de MCs: os marcadores pragmáticos, orientados para a organização da interação comunicativa, e os marcadores textuais, orientados para a organização do texto. Esses elementos, nesse sentido, seriam multifuncionais, haja vista que operariam, simultaneamente, nos dois planos do discurso – interacional e textual.

O autor destaca que a emergência dos marcadores conversacionais teria sua motivação em, pelo menos, seis fatores: (i) no princípio de defesa das faces, (ii) nos

processos de negociação, (iii) nos processos de hierarquização dos atos, (iv) nas estratégias metacomunicativas, (v) nos mecanismos organizacionais da conversação e (vi) nos processos de organização textual (do texto oral) (MARCUSCHI, 1989, p. 289).

A noção de face – desenvolvida, inicialmente, por Goffman (1967) e, posteriormente, por Brown e Levinson (1987) – diz respeito à auto-imagem pública do indivíduo, a qual deve ser preservada pelo próprio falante ou pelo seu interlocutor. A face, desse modo, é uma representação do *self* (ou identidade) diante de outros participantes, em termos de atributos sociais aprovados, e está localizada no fluxo da interação comunicativa.

Segundo Brown e Levinson (1987), toda pessoa teria uma face positiva – que diz respeito ao desejo do participante da interação de ter sua imagem aprovada e apreciada – e uma face negativa – que consiste no desejo do participante da interação de não sofrer imposição e de que suas ações não sejam constrangidas pelo outro. Assim, na conversação, atividade que envolve a negociação constante entre falante e ouvinte, há sempre uma ameaça à face dos indivíduos, os quais devem estabelecer estratégias para proteção de sua própria face e/ou da face do outro³⁴. Os marcadores conversacionais, portanto, constituem um tipo de recurso de proteção de faces, do mesmo modo em que atos que ameaçam a face positiva ou negativa de falante e/ou ouvinte são, geralmente, conduzidos por alguma marcação prosódica ou verbal. Observemos o exemplo seguinte, retirado de Marcuschi (1989, p. 285):

- (5) B: e eu também achei que não ficou muito bom sabe
Verônica aquele negócio do coquetel sabe
 V: diz que ficô as prate- as ninguém se serviu
 direito não foi
 B: não é e também (.) mais ou menos isso (.)
mas olhe (.) uma pouca vergonha ((rindo)) viu (MARCUSCHI
 (1989, p. 285)

Segundo o autor, em (5), o participante B, ao se referir negativamente ao evento promovido por uma amiga, utiliza-se da atenuação discursiva, a qual é

³⁴ Goffman (1967) e Brown e Levinson (1987) concordam que, em geral, falantes e ouvintes desejam minimizar a ameaça à face do outro, bem como a sua própria face. Para tanto, estão engajados em uma operação de cooperação mútua, isto é, trabalham para salvar a face de outros, sem levar à perda da própria face, e para salvar a própria face, sem levar à perda da face do outro. Entretanto, de acordo com Brown e Levinson (1987), há certos tipos de atos que, intrinsecamente, ameaçam a face.

reforçada, duas vezes, pelo MC *sabe*, como observamos no fragmento “e eu também achei que não ficou muito bom sabe Verônica aquele negócio do coquetel sabe”. O falante V, Verônica, inicia seu turno com uma opinião geral, que pode ser observada na expressão “diz que”, de maneira a fortalecer a face positiva de B e a sustentar a sua própria face positiva. Desse modo, B tem a oportunidade de retomar a crítica, fazendo uso de diversos outros marcadores conversacionais.

De acordo com Marcuschi (1989), embora o princípio de faces diga respeito a funções específicas, tais como a polidez e a atenuação, este atua de maneira ampla. Os processos associados às estratégias relacionadas ao princípio de faces determinam o modelo de estrutura que segue um princípio de composição hierárquica com constituintes de ordem superior e inferior – constituinte dialógico, ou estrutura de troca, e constituinte monológico, ou turno, ou intervenção, que, conjuntamente, determinam o ato de fala³⁵.

Segundo Marcuschi (1989, p. 286), em estrutura de troca, há atos de fala com funções específicas e hierarquizadas, como é o exemplo de um “ato-iniciativo” (como um pedido ou uma ordem), de um “ato reativo-iniciativo” (como um pedido de esclarecimento) e de um “ato reativo” (como uma resposta a um ato anterior). Já os turnos, ou intervenções, podem ser constituídos por algum desses atos de fala ou podem realizar-se através de vários atos, em que um ato é “diretor” e o outro ato é “subordinado”. O autor defende, ainda, que os turnos podem ser metacomunicativos, ou seja, podem exercer a função de reordenar a compreensão do interlocutor. Portanto, os atos de fala, que se estruturam hierarquicamente na estrutura conversacional, são, frequentemente, relacionados pelos marcadores conversacionais. Observemos o exemplo a seguir:

- (6) B1: agora:: (.) ah: tu qué que eu leve pra vê o tamanho
o ou tem [lá
V1: [o tamanho da calça
B2: é:

³⁵ A Teoria dos Atos de Fala introduzida por Austin (1965) e, posteriormente, desenvolvida por Searle (1969), tem como principal fundamento a noção de que língua é ação. É nesse contexto que Austin (1965) propõe uma distinção entre *ato locucionário* (que diz respeito ao enunciado proferido pelo falante, o qual possui sentido ou referência), *ato ilocucionário* (que se refere à força atribuída pelo falante a um determinado conteúdo proposicional) e *ato perlocucionário* (que concerne aos efeitos no ouvinte através do enunciado proferido pelo falante). Searle (1969), por sua vez, estabelece uma tipologia dos atos de fala, os quais são subdivididos em: representativos (dizer, asseverar), diretivos (ordenar, mandar, pedir), comissivos (prometer, ameaçar), expressivos (agradecer, parabenizar) e declarativos (declarar guerra, condenar, demitir, excomungar).

V2: não precisa não [eu tenho o molde
 B3: [precisa não né (MARCUSCHI, 1989, p. 286)

Segundo o autor, podemos verificar na estrutura conversacional, no exemplo (6), um ato diretor iniciativo sendo realizado pelo falante B1, que é seguido de um ato reativo-iniciativo ou intervenção do falante V2, e, ainda, um ato reativo do falante B3. Entretanto, há uma troca subordinada que se realiza pelo ato reativo-iniciativo de V1 e pelo ato reativo de B2.

Enfim, os marcadores conversacionais, tal como concebidos por Marcuschi (1989), articulam relações interpessoais, mas, também, atuam, simultaneamente, como sequenciador de unidades – recortes discursivos a partir de determinadas funções e compostos de padrões sintáticos de diferentes naturezas (parte da oração ou de uma ou mais orações) –, ligando porções textuais.

Outro estudo clássico na literatura sobre os marcadores discursivos é o de Risso *et al.* (2006). As autoras, mediante a abordagem da Gramática Textual-Interativa³⁶, estabelecem traços básicos que identificam o estatuto dos MDs, uma vez que uma grande variedade de elementos, principalmente de difícil análise, tem sido enquadrada nessa categoria de palavras. Desse modo, realizam um levantamento denso de itens que têm sido apontados como marcadores discursivos, entre eles vocativos, interjeições, modalizadores, operadores argumentativos, advérbios, conjunções, entre outros.

Risso *et al.* (2006, p. 405) concebem os marcadores discursivos como uma categoria gradiente, que é definida pelo contrabalanceamento de dez variáveis linguísticas, com seus respectivos traços, as quais verificamos a seguir:

³⁶ A abordagem da Gramática Textual-Interativa é resultante da fusão de três diferentes abordagens, as quais possuem fundamentos teórico-metodológicos específicos: Linguística Textual, Pragmática e Análise da Conversação. A Gramática Textual-Interativa concebe a língua como a manifestação da competência comunicativa, uma vez que se preocupa com o funcionamento da língua em uso. Dessa maneira, toma o texto como objeto de estudo, a partir do qual são apreendidas regularidades das estratégias de construção textual, de estruturação textual e de suas correspondentes funções textual-interativas (JUBRAN, 2006; GUERRA, 2007).

Quadro 3 – Variáveis analisadas (produzido a partir de RISSO *et al.*, 2006)

Variáveis linguísticas	Traços
1. Padrão de recorrência	1 de 1 a 3 vezes (baixa frequência) 2 de 4 a 9 vezes (média frequência) 3 de 10 vezes em diante (alta frequência)
2. Articulação de segmentos do discurso	1 sequenciador tópico 2 sequenciador frasal 0 não-sequenciador
3. Orientação da interação	1 secundariamente orientador 2 basicamente orientador 0 fragilmente orientador
4. Relação com o conteúdo proposicional	1 exterior ao conteúdo 0 não-exterior ao conteúdo 2 não se aplica
5. Transparência semântica	2 totalmente transparente 1 parcialmente transparente 0 opaco 3 não se aplica
6. Apresentação formal	1 forma única 2 forma variante
7. Relação sintática com a estrutura gramatical da oração	1 sintaticamente independente 0 sintaticamente dependente
8. Demarcação prosódica	1 com pauta demarcativa 0 sem pauta demarcativa
9. Autonomia comunicativa	1 comunicativamente autônomo 0 comunicativamente não-autônomo
10. Massa fônica	1 até três sílabas tônicas 2 além de três sílabas tônicas

Mediante as análises quantitativa e qualitativa, a partir de inquéritos de língua oral culta que integram o *corpus* do Projeto NURC-BR, Risso *et al.* (2006) concluem que, dentre as dez variáveis expostas no quadro 3, cinco são consideradas as mais significativas – a saber, as variáveis 2, 3, 4, 7 e 9 –, uma vez que apresentam traços mais prototípicos que formam o núcleo piloto da definição dos marcadores discursivos.

As variáveis 2 e 3, respectivamente, *articulação de segmentos do discurso* e *orientação da interação*, são concebidas conjuntamente, ou seja, em relação de dependência, resultando, dessa maneira, em três combinações prototípicas dos MDs:

- i. não-sequenciador tópico e basicamente orientador da interação;
- ii. sequenciador tópico e secundariamente orientador da interação;
- iii. sequenciador tópico e fragilmente orientador da interação.

O que depreendemos dessa combinação é que deve ser considerado um marcador discursivo prototípico aquele elemento (i) que não é responsável pela sequenciação de nenhuma parte do texto, mas que é basicamente orientador da interação, no sentido de que demonstra uma nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, ou *vice-versa*, através, por exemplo, da busca de aprovação discursiva (como *certo?* e em *entende?*), da manifestação de um acompanhamento da fala do interlocutor (como *uhn uhn*) ou da sinalização formal de um envolvimento interpessoal (como *digamos*); (ii) que promove o sequenciamento do tópico, através de aberturas, encaminhamentos e fechamentos, em posições intratópicas (dentro de tópicos) ou intertópicas (entre tópicos), e, ainda, é orientador secundário da interação, isto é, sinaliza a opinião ou a argumentação do falante, como é o caso de avaliações subjetivas a propósito de significados proposicionais (como *eu acho*) ou de envolvimento indireto com o interlocutor (como *bom*); e (iii) que promove o sequenciamento do tópico, através de aberturas, encaminhamentos e fechamentos intra ou intertópicos, ao mesmo tempo em que orienta, fragilmente, a interação comunicativa, ou seja, quando a interação consiste apenas em uma realização de uma atividade comum, com envolvimento recíproco entre os participantes. Em síntese, segundo Risso *et al.* (2006, p. 409), há uma “maior projeção da interação, quando o foco funcional não está no sequenciamento de partes do texto” e uma “maior projeção da articulação textual, quando o foco deixa de incidir no eixo da interação”.

Como visto, o tópico constitui a categoria de análise no estudo de Risso *et al.* (2006). O tópico discursivo³⁷ consiste em um recorte de segmento textual, que é portador de determinado tema e que se torna o centro da interação. A esse respeito, Jubran (2006, p. 90) afirma o seguinte:

O tópico decorre, portanto, de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada em um complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal,

³⁷ O tópico discursivo possui as propriedades particularizadoras da “centração” e da “organicidade”. A centração diz respeito à forma com que o tópico se manifesta no enunciado, em relação a um conjunto de referentes em determinado ponto da mensagem. A centração abrange os seguintes traços: “concernência”, “relevância” e “pontualização”. Já a organicidade refere-se às relações de interdependência tópica, que se estabelecem a partir dos planos “hierárquico” e “linear”. A fim de esclarecimentos acerca dos traços que compõem a centração e dos planos que constituem a organicidade, ver Jubran (2006).

o grau de conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam. (JUBRAN, 2006, p. 90)

Acerca da variável 4, *relação com o conteúdo proposicional*, o traço que se mostra mais significativa, na análise das autoras, é “exterioridade ao conteúdo proposicional”. De acordo com Risso *et al.* (2006), para que um elemento seja considerado um marcador discursivo prototípico, este não deve contribuir diretamente para o conteúdo referencial, contudo, deve contribuir para a modalização desse conteúdo, bem como para seu movimento na organização do discurso.

No que tange à variável 7, *relação sintática com a estrutura gramatical da oração*, o traço “independência sintática” é considerado prototípico para a definição dos MDs. Tal traço sugere que os marcadores discursivos são elementos alheios à estrutura gramatical da oração.

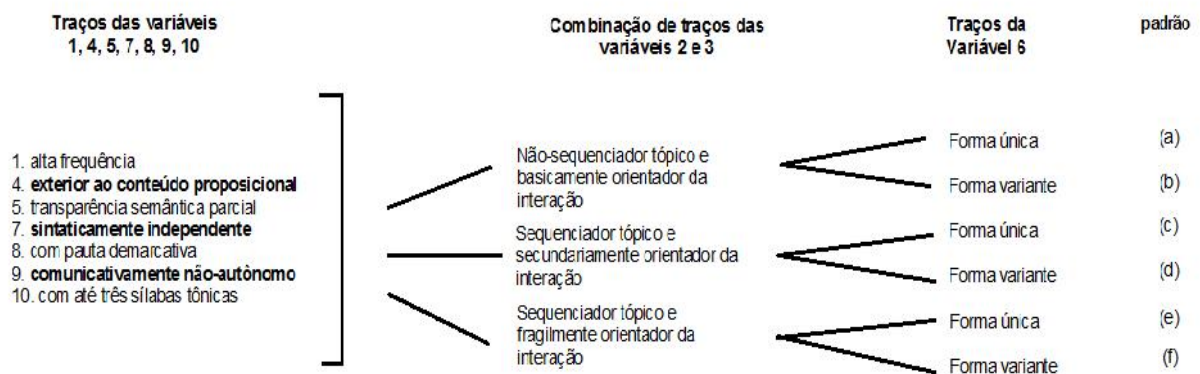
Por fim, quanto à variável 9, *autonomia comunicativa*, o traço prototípico para delimitação dos MDs é “não-autonomia comunicativa”, ou seja, esses elementos não são tomados como sendo suficientes para a constituição de enunciados proposicionais.

As outras cinco variáveis – que não formam o núcleo piloto para a definição dos marcadores discursivos – são 1, 5, 6, 8 e 10, respectivamente, *padrão de recorrência*, *transparência semântica*, *apresentação formal*, *demarcação prosódica* e *massa fônica*. Para a variável 1, *padrão de recorrência*, o traço identificado como o mais forte é “alta frequência” – os marcadores discursivos são elementos altamente produtivos na língua; para a variável 5, *transparência semântica*, a “transparência semântica parcial” é o traço mais forte para a identificação dos MDs – o elemento perde parte de sua transparência referencial, no entanto, tal perda é compensada pela incorporação de novos sentidos que estão associados ao enquadramento textual-discursivo; já na variável 6, *apresentação formal*, tanto o traço “forma única” (como *olhem*) quanto o traço “forma variante” (como *olha/olhe* ou *entende?/entendeu?*) são possíveis na definição dos marcadores discursivos; quanto à variável 8, *demarcação prosódica*, o traço mais significativa é “com pauta demarcativa” – as formas são constituídas por grupos fonéticos demarcados por pausas (através da pontuação) e/ou por algum elemento prosódico (como, por

exemplo, rebaixamento de voz); por fim, para a variável 10, *massa fônica*, o traço mais forte é “até três sílabas tônicas”.

É nesse contexto que Guerra (2007, p. 33), a partir dos resultados de Risso *et al.* (2006), sugere o seguinte esquema para as matrizes-padrão dos MDs:

Figura 1 – Matrizes-padrão dos MDs (esquema adaptado de GUERRA, 2007, p. 33)



Depreendemos do esquema de Guerra (2007), a partir de Risso *et al.* (2006), que qualquer elemento que apresentar algum dos seis padrões explicitados na figura 1 deve ser considerado um marcador discursivo prototípico. Desse modo, qualquer elemento que apresente um dos seis padrões com alguma variação, que, em geral, não afete o núcleo piloto e nem ultrapasse duas variáveis, é considerado um MD não-prototípico. Já o elemento que não apresenta nenhuma das possibilidades expressas na figura 1, mas que está em um processo de mudança linguística, rumo à classe dos marcadores discursivos, é considerado uma unidade limítrofe ou é excluído da categoria. Assim, para as autoras, um elemento pode ser tomado como MD mesmo que manifeste variação no núcleo piloto, resultando, assim, no enquadramento de elementos muito diversos na categoria de marcadores discursivos.

A partir do estudo de Risso *et al.* (2006), Guerra (2007) propõe uma reformulação nas matrizes-padrão dos marcadores discursivos, bem como uma definição das subfunções predominantemente textuais e predominantemente interacionais dos MDs, mediante a especificação das variáveis *articulação de segmentos do discurso e orientação da interação*.

A proposta de Guerra (2007) é a de que devem ser considerados marcadores discursivos prototípicos ou não-prototípicos apenas elementos que não se desviem do núcleo piloto – que é formado pelo conjunto das cinco variáveis mais significativas para a definição dos MDs.

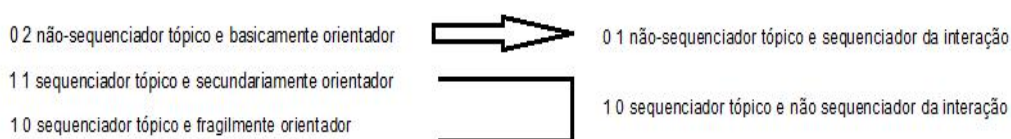
Para tanto, a primeira reformulação realizada por Guerra (2007) diz respeito às variáveis *articulação de segmentos do discurso* e *orientação da interação*, com base no princípio da conectividade dos marcadores discursivos – princípio que se refere à natureza sequencial ou conectiva dos elementos. Segundo a autora, Schiffrin (1987, p. 31) assinala tal princípio quando define os MDs como sendo “elementos sequencialmente dependentes”. Da mesma maneira, Risso *et al.* (2006) demonstram a presença do traço da conectividade quando estabelecem como variável significativa para a definição dos marcadores discursivos a *articulação de segmentos do discurso*; entretanto, as autoras entendem o traço “não-sequenciador” como sendo prototípico dos marcadores discursivos. É nesse contexto que Guerra (2007) propõe a identificação de algum tipo de conectividade nesses MDs que são, ao mesmo tempo, não-sequenciadores e, conseqüentemente, sugere uma reformulação da definição dessa categoria que se alinhe a tal princípio.

Os traços que compõem a variável *orientação da interação* – “basicamente orientador da interação”, “secundariamente orientador da interação” e “fragilmente orientador da interação” –, para Guerra (2007), não envolvem o aspecto da conectividade, tal como entendido por Schiffrin (1987) e Risso *et al.* (2006). Segundo Guerra (2007), ainda que os traços não sugiram a conexão entre partes do texto, esta deve ser estabelecida na relação entre as ações discursivas dos interlocutores, ou seja, deve haver a conexão interacional do discurso.

A autora argumenta que apenas o traço “secundariamente orientador da interação” ou apenas o traço “fragilmente orientador da interação” não é forte o suficiente para que um elemento “não-sequenciador” seja considerado um marcador discursivo. Desse modo, se um elemento é “sequenciador tópico”, não importa se é “secundariamente” ou “fragilmente orientador da interação”. Ainda, de acordo com Guerra (2007), se um elemento não é sequenciador tópico, isso significa que, para ser considerado um MD, ele terá que manifestar o traço “basicamente orientador da interação”.

Guerra (2007), portanto, propõe que os marcadores discursivos sejam analisados considerando sua atuação como “sequenciadores tópicos” ou como elementos “basicamente orientadores da interação”. Assim, substitui a expressão *orientação da interação* por *sequenciamento da interação*, em que *sequenciamento da interação* compõe-se dos traços “sequenciador” e “não-sequenciador”, como verificamos na figura a seguir, adaptada de Guerra (2007, p. 66):

Figura 2 – Rearranjo da combinação de traços entre as variáveis *articulação de segmentos do discurso* e *orientação da interação* (esquema adaptado de GUERRA, 2007, p. 66)



Assim como Risso *et al.* (2006), a autora compreende as funções textual-interativas em termos de predominância. Nesse sentido, um elemento que é predominantemente textual, apresenta, também, uma contraparte interacional; do mesmo modo que um elemento que é predominantemente interacional possui, também, uma contraparte textual.

Marcadores discursivos, cuja macrofunção predominante é a *articulação de segmentos do discurso*, manifestam o traço “sequenciador tópico”, que compreende o sequenciamento intratópico e intertópico. De acordo com Guerra (2007), há uma certa dificuldade em se diferenciar “sequenciador tópico” de “sequenciador frasal” em posição intratópica. Dessa maneira, sua proposta é que se considerem como sequenciadores intratópicos os sequenciadores que promovem, apenas, a articulação entre sentenças; ao passo que sequenciador frasal é o elemento que opera na articulação interna das sentenças³⁸. A esse respeito, a autora afirma que é necessário que se analise (i) o grau de integração sintática e semântico-pragmática entre os segmentos, (ii) o grau de integração prosódica entre os segmentos e (iii) o grau de relevância textual-interativa do segmento no interior do segmento tópico. Observemos, a seguir, a síntese realizada por Guerra (2007, p. 50-51):

³⁸ O traço “sequenciador frasal” não é considerado característico dos marcadores discursivos prototípicos. Dessa maneira, os elementos são analisados em termos de sequenciamento tópico, e não de sequenciamento frasal (GUERRA, 2007).

- (i) quando um segmento apresentar relevância textual-interativa, apenas uma única evidência prosódica ou uma relativa ausência de integração sintática e semântico-pragmática serão suficientes para confirmar o estatuto tópico do segmento;
- (ii) quando um segmento apresentar relevância textual-interativa parcial, terá estatuto tópico se houver mudança de entonação ou a coocorrência das outras três evidências prosódicas ou se não houver integração sintática e semântico-pragmática;
- (iii) quando um segmento não apresentar relevância textual-interativa, terá estatuto tópico apenas se houver mudança de entonação ou coocorrência das outras três evidências prosódicas e não houver integração sintática e semântico-pragmática.

A partir da delimitação do tópico discursivo, Guerra (2007) identifica três subfunções fundamentais dos marcadores discursivos no processo de *articulação tópica*, a saber, introdução, sequenciamento e fechamento de tópico. Como exemplos de marcadores discursivos predominantemente textuais – ou basicamente sequenciadores, na denominação de Risso (2006) –, temos os seguintes: *agora; então; depois; aí; mas; bom; bem; olha; enfim; quer dizer; voltando ao assunto* etc. Risso (2006) estuda, especificamente, os MDs *agora, então, bom, bem, olha* e *ah*, os quais, segundo a autora, indexam forte expressão do sequenciamento tópico e uma manifestação mais tênue das relações interativas. Observemos, a seguir, o exemplo do MD *olha*, retirado de Risso (2006, p. 470):

- (7) Doc. - e como é que vo/ e:: como passavam o dia? () brincadeiras que faziam?
 Inf. - *olha* eu era tão pequena sabe? que eu já não me lembro disso... o que é que a gente fazia? A gente andava para... por aqui por ali mas... o que a gente fazia mesmo eu não não posso dizer... (RISSO, 2006, p. 470)

No exemplo (7), o MD *olha*, de acordo com Risso (2006), desempenha uma função prefaciadora, que consiste no retardamento da resposta imediata à pergunta do interlocutor. Contudo, ao mesmo tempo em que funciona na abertura do tópico discursivo, o MD *olha*, também, opera na dialogicidade entre os participantes.

Quanto aos marcadores discursivos predominantemente interacionais – ou basicamente interacionais na denominação de Urbano (2006) –, Guerra (2007) identifica as seguintes subfunções que sinalizam a progressão do discurso:

feedback, *checking*, iniciador, injuntivo e interpelativo. A subfunção *feedback* é desempenhada por MDs que indexam um acompanhamento atencioso da fala do outro (como *ah*, *hum*, *huhum*, *ham*, *é* etc). A subfunção *checking* é exercida por MDs que atuam na busca de aprovação discursiva (como *né?*, *sabe?*, *viu?*, *ok?*, *entendeu?*, *ce viu?*, entre outros). Os iniciadores são os MDs que atuam na *chamada de atenção do ouvinte* para uma resposta a ser dada ou para uma nova parte da interação (como *bom*). Já os injuntivos são os MDs que sugerem um maior envolvimento entre falante e ouvinte, uma vez que guardam a forma de ilocução imperativa (como *olha*). Por fim, os interpelativos são MDs que chamam atenção do ouvinte para que possa prosseguir com a interação (como *ô*).

Urbano (2006) desenvolve um estudo acerca dos seguintes marcadores discursivos basicamente interacionais: *ah*; *ahn*; *ahn ahn*; *hem?*; *uhn*; *uhn uhn*; *uhm?*; *certo*; *certo?*; *claro*; *exato*; *é*; *é claro*; *é verdade*; *entende?*; *entendeu?*; *sabe?*; *tá?*; *viu?*; *mas*; *não é verdade?*; *não é?*; *num é?*; *né?*; *olha*; *olhe*; *vamos ver*; *veja*; *vem cá*; *pois é*; *sei*; *sim*. Observemos o exemplo a seguir, retirado de Urbano (2006, p. 522-523):

- (8) Doc. - não gosta de jogo ()?
 Inf. - *olha* eu GOSTo de jogo de carta... né? [MAS...
 Doc. - [que tipos de jogo?
 Inf. - *olha* só sei jogar buRAco... ((risos)) só o que eu sei sabe? (URBANO, 2006, p. 522-523)

O MD *olha*, no exemplo (8) acima, exerce a função de pedido de atenção do falante em direção ao ouvinte. Todavia, o MD *olha* também atua na abertura do tópico discursivo. É nesse contexto – em que um MD desempenha diferentes funções – que Urbano (2006) destaca a propriedade da multifuncionalidade dos marcadores discursivos.

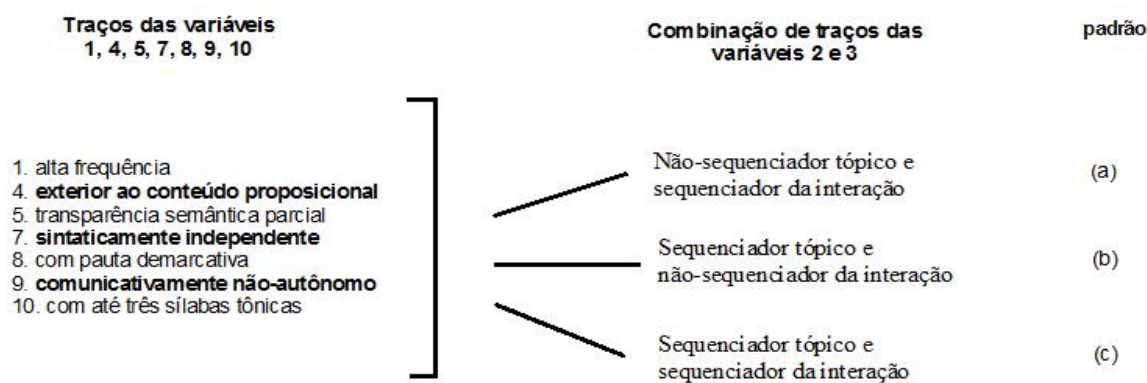
Guerra (2007) defende que marcadores discursivos como *bom*, *bem*, *ah*, *olha* e *veja bem* são tanto sequenciadores tópicos como sequenciadores interacionais. Todavia Risso *et al.* (2006) não consideram *olha* um MD prototípico, devido a sua característica de “sequenciador tópico” e de “basicamente orientador da interação”. A esse respeito, Guerra (2007) argumenta que não representa um problema à definição dos marcadores discursivos o fato de determinado elemento ser, ao mesmo tempo, “sequenciador tópico” e “basicamente orientador da interação”, uma

vez que é necessário que o elemento manifeste, pelo menos, um desses dois traços. Guerra (2007, p. 73) propõe, portanto, para a definição dos MDs, que se considere ou o traço “sequenciador tópico” ou o traço “sequenciador da interação”, ou ambos, como verificamos no rearranjo a seguir:

- (i) não-sequenciador tópico e sequenciador da interação = 0 1
- (ii) sequenciador tópico e não-sequenciador da interação = 1 0
- (iii) sequenciador tópico e sequenciador da interação = 1 1

A partir do rearranjo acima, bem como do fato de que os traços que compõem a variável 6, *apresentação formal* – “forma única” e “forma variante” –, não são significativos para a definição dos marcadores discursivos, Guerra (2007, p. 76) propõe o seguinte esquema para as matrizes-padrão dos MDs:

Figura 3 – Matrizes-padrão dos MDs – inclusão da combinação *sequenciador tópico e sequenciador da interação* (esquema adaptado de GUERRA, 2007, p. 76)



Mediante o esquema apresentado na figura 3, a autora, enfim, define os marcadores discursivos da seguinte maneira:

Marcadores Discursivos são, prototipicamente, expressões com alta frequência, exteriores ao conteúdo proposicional dos segmentos adjacentes, com transparência semântica parcial, sintaticamente independentes, com pauta demarcativa, comunicativamente não-autônomos, com até três sílabas tônicas e com função de sequenciamento tópico e/ou de sequenciamento da interação. (GUERRA, 2007, p. 76)

A partir da breve revisão empreendida acima sobre os marcadores discursivos, mediante diferentes abordagens – as quais não são excludentes entre si –, chegamos a algumas contribuições importantes provenientes dos trabalhos de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989), Risso *et al.* (2006) e Guerra (2007).

Do estudo de Schiffrin (1987), destacamos a fundamental contribuição da fixação da terminologia marcadores discursivos, bem como da definição desses elementos como uma categoria de palavras. Risso *et al.* (2006) reconhecem a limitação do termo marcadores conversacionais (MARCUSCHI, 1989) – visto que este sugere um comprometimento exclusivo com a língua falada e, dentro desta modalidade, com a conversação – e se utilizam, assim como Schiffrin (1987), da denominação marcadores discursivos.

Acerca do trabalho de Marcuschi (1989), evidenciamos, entre outras contribuições, a divisão formal dos marcadores conversacionais em marcadores verbais e marcadores prosódicos – Castilho (1989) faz referência, ainda, aos marcadores não-lexicais, ou não-verbais. No que tange aos marcadores verbais, Marcuschi (1989) propõe, também, sua subdivisão em marcadores simples, compostos e oracionais.

Já dos trabalhos de Risso *et al.* (2006) e de Guerra (2007), destacamos a fundamental importância da definição dos marcadores discursivos como elementos de alta frequência, exteriores ao conteúdo proposicional, de transparência semântica parcial, sintaticamente independentes, com pauta demarcativa, comunicativamente não-autônomos e com até três sílabas tônicas. Evidenciamos, ainda, a partir da reformulação de Guerra (2007) para as variáveis *articulação de segmentos do discurso* e *orientação da interação* propostas por Risso *et al.* (2006), os traços “não-sequenciador tópico e sequenciador da interação”, “sequenciador tópico e não-sequenciador da interação” e “sequenciador tópico e sequenciador da interação” como sendo prototípicos à definição dos MDs.

Embora Schiffrin (1987) focalize o aspecto textual do discurso no estudo dos marcadores discursivos, enquanto Marcuschi (1989), Risso *et al.* (2006) e Guerra (2007) enfatizam os diferentes aspectos do discurso (como texto e interação) de maneira mais integrada, todos os estudos revisados apontam para as macrofunções textual e interacional dos MDs. Nesse sentido, uma contribuição fundamental, evidenciada nos autores, é a identificação da propriedade da multifuncionalidade dos

marcadores discursivos, uma vez que tais elementos podem atuar tanto na organização textual (no nível local) quanto na organização da interação (no nível global) do discurso, simultaneamente. É nesse contexto que se torna evidente o princípio da conectividade, que se refere à conexão tanto com o texto quanto com a interação, tal como apontado por Guerra (2007).

Além das macrofunções típicas, consideradas nos diferentes estudos sobre os marcadores discursivos, Guerra (2007) promove, também, a identificação de subfunções. Para os marcadores discursivos sequenciadores tópicos, ou basicamente textuais, a autora identifica, por exemplo, as subfunções de abertura, sequenciamento e fechamento de tópicos. Guerra (2007) reforça, nesse sentido, que os MDs, no momento da interação comunicativa, podem ser inseridos em qualquer ponto do enunciado (início, meio e fim), a depender da função que exercem em um contexto específico de uso – tal como defendem Marcuschi (1989) e Risso (2006). Já para os marcadores discursivos sequenciadores da interação, ou basicamente interacionais, Guerra (2007) identifica, por exemplo, as subfunções de *feedback*, *checking*, iniciação, injunção e interpelação.

É, portanto, nesse contexto que demonstraremos, no presente trabalho, que os marcadores discursivos verbais – simples e compostos –, derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa atuam tanto na organização textual quanto na organização interacional do discurso e estão a serviço de subfunções específicas que surgem das necessidades comunicativas de falante e ouvinte no momento da interação. Desse modo, em nosso estudo – cujo objetivo é descrever o processo de mudança dos marcadores discursivos por nós investigados, de maneira a verificar seus diferentes usos nos *corpora* selecionados –, evidenciaremos como características formais e funcionais desses elementos são relevantes à pesquisa em gramaticalização de construções, especialmente, no que diz respeito às necessidades discursivas negociadas na interação, à emergência de novas construções, à formação de um esquema construcional e ao fundamental papel da frequência de uso.

Para tanto, na seção seguinte, discutiremos a tendência de os verbos de percepção visual em configuração imperativa associados à segunda pessoa do discurso, derivarem marcadores discursivos.

2.2. Tendência de verbos de percepção visual derivarem MDs

Os marcadores discursivos verbais – como vimos, especialmente, no estudo de Marcuschi (1989) – são provenientes de elementos de diferentes classes gramaticais, tais como verbos, advérbios, conjunções, adjetivos, interjeições, pronomes, entre outras. Neste estudo, entretanto, nos ocuparemos da investigação do desenvolvimento de MDs, simples e compostos, derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa.

Rost (2002a), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) e Rost-Snichelotto e Görski (2011) apontam a tendência de verbos de percepção visual, associados à segunda pessoa do discurso e em configuração imperativa, derivarem marcadores discursivos em línguas românicas. De acordo com Pusch (2008 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c), o fato de os verbos constituírem uma categoria heterogênea, em que a conjugação verbal permite diferentes opções morfológicas, seria o motivo para essa tendência do desenvolvimento de MDs. Ainda, Heine *et al.* (1991) destacam a tendência de formas imperativas passarem por um processo de mudança linguística, já que estas constituiriam uma das situações mais nítidas de interação entre falante e ouvinte –, visto que o falante espera do ouvinte a realização de uma ação.

Rost (2002a), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) e Rost-Snichelotto e Görski (2011) destacam os MDs, em francês, *regarde* e *vois-tu*³⁹, em espanhol, os MDs *mira*⁴⁰ e *¿ves?*⁴¹ e, em italiano, o MD *guarda*⁴². Já em português, as autoras destacam os MDs *olha* e *vê*⁴³.

As formas *regarde*, *mira*, *guarda* e *olha* são provenientes de verbos regulares de primeira conjugação. Já as formas *¿ves?*, *vê* e *vois-tu* provêm de verbos

³⁹ O MD francês *regarde* tem forma única, mas, em determinados contextos, pode ser substituído por *vois-tu* ou *tu vois* (ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c).

⁴⁰ De acordo com Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c), o MD espanhol *mira* tende a ocorrer nas formas *mira/mire/mirá*.

⁴¹ O MD espanhol *¿ves?* tem forma única (ROST-SNICHELOTTO, 2008c).

⁴² O MD italiano *guarda*, referindo-se à segunda pessoa do singular, pode ocorrer nas formas *guarda* e *guardi*; já para a segunda pessoa do plural, este pode ser codificado por *guardate* (ROST-SNICHELOTTO, 2008c).

⁴³ A forma *olha* é a escolhida para representar as seguintes realizações dos MDs: *olha* ~ *olhe* ~ [‘ ja] ~ [‘ j] ~ [‘]. Já a forma *vê* é a escolhida para representar as seguintes realizações dos MDs: *veja* ~ *veja* ~ *vê* ~ *vês*. Ainda, *olha* e *vê*, no indicativo, representam MDs compostos, como é o caso de, por exemplo, *olha só* e *veja bem* (ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c, 2009).

irregulares de segunda e terceira conjugações, respectivamente. Em francês, espanhol e português, as formas *vois-tu*, *regarde*, *¿ves?*, *mira*, *olha*, *vê* e *vês* derivam da segunda pessoa do singular do presente do indicativo, todavia, *regarde*, *mira*, *olha* e *vê* mantêm a ausência do –s final, como acontecia no latim. Já a forma *guarda*, em italiano, deriva da terceira pessoa do singular do presente do indicativo; enquanto *guardi* é a forma derivada da segunda pessoa do singular do presente do conjuntivo, e *guardate* é a forma derivada da segunda pessoa do plural do presente do indicativo. Há, também, a ocorrência de formas que advêm da segunda pessoa do singular do presente do subjuntivo, como *vejas*, no português, e da terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo, tais como *mire*, no espanhol, e *olhe* e *veja*, no português (ROST-SNICHELOTTO, 2008b, 2008c, 2009).⁴⁴

As autoras evidenciam que os marcadores discursivos analisados nas quatro línguas românicas se fixam, de maneira geral, em P2 (com a exceção de *guardate*, em italiano) e na forma imperativa. Verificam, ainda, uma fixação dos MDs, mais frequentemente, no modo indicativo dos verbos – Rost-Snichelotto (2009, p. 41) acredita que as formas derivadas do modo indicativo “sejam mais recorrentes, considerando-se que este modo esteja tomando, na fala, o lugar do subjuntivo”. Como postulado por Rost-Snichelotto (2009), ao assumir funções discursivas, o item tende a não estar sujeito à flexão número-pessoal e/ou modo-temporal. A esse respeito, Risso *et al.* (1996, p. 39) também afirmam o seguinte:

As alterações pouco relevantes observadas, seja no plano fonológico, seja no plano morfossintático, antes de contrariarem a concepção de que as formas se cristalizam, ou tendem a se cristalizar como “fórmulas” ou automatismos de pouca ou nenhuma elaboração, só vêm a confirmar o fato de que elas são normalmente cristalizações usadas automaticamente no discurso, e não propriamente unidades formuladas *ad-hoc*. (RISSO *et al.*, 1996, p. 39)

O verbo “*mira*” deriva do verbo latino “*m r r*”, que significa “olhar”, “contemplar”, “admirar-se”. Já o verbo “olhar” deriva do verbo latino “*oculare*”, que significa “dar a vista”, “mirar”, “fitar os olhos em”. Quanto aos verbos “*regarder*” e “*guardare*”, estes derivam do verbo, em alemão, “*wardôn*”, o qual significa “buscar

⁴⁴ Há outros verbos de percepção que tendem a derivar marcadores discursivos, da mesma maneira que os verbos de percepção visual, como são os casos de *sentire*, *écouter*, *entendre*, *fígate*, *oye*, entre outros (PONS BONDERÍA, 1998; WALTEREIT, 2002; DOSTIE, 2004 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c).

com a vista”, “prestar a atenção”, “estar atento”, “observar com a mente”, “pensar”, “refletir”. Por fim, os verbos “*voir*” e “*ver*” derivam do verbo latino “*vd re*”, que significa “avistar”, “empregar vista”, “perceber pela vista” (ROST, 2002a; ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c, 2009).

As formas verbais, nas quatro línguas românicas supracitadas, sofrem pequenas mudanças semântico-pragmáticas, de maneira que um uso [+ concreto], que designa o espaço locativo, passa a desempenhar, ao longo do tempo, outro uso [- concreto], que designa o espaço discursivo. Desse modo, tanto a forma lexical original quanto o marcador discursivo convivem autonomamente, embora não se coadunem (ROST, 2002a; ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c, 2009; ROST-SNICHELOTTO & GÖRSKI, 2011). Observemos os exemplos a seguir:

- (9) A: À mon avis, tu devrais essayer ça, des rouleaux, ça serait bien. Tiens, essaie ceux-là.
 B: **Regarde**, je les essaierai une prochaine fois. T'en sers-tu? Je pourrais peut-être les apporter chez moi pour voir ce que ça donne. (DOSTIE, 2004, p. 112 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, p. 111)
- (10) A: Mais comment ça se fait que tu sens lè parfum comme ça?
 B: Bien, **vois-tu**, c'est, heu..., c'est maman qui a dû em échapper sur moi. (DOSTIE, 2004, p. 114 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, p. 111)
- (11) E: uma depre // fue uma depre, yo que se, fue [**mira** porque tuvo que pasar].
 G: [papa-pasajera ¿no?].
 E: sy, ya se me há pasao... (PONS BONDERÍA, 1998, p. 221 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, p. 111)
- (12) [...] como él es un niño consentido entonces todo el mundo le da todo ¿**ves?** por eso es que yo le digo a mi mamá que no debería con él hacer eso, porque lo que a él le están haciendo es um daño, no um bien ¿**ves?** [...] (DOMÍNGUEZ & ÁLVAREZ, 2005, p. 9 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, p. 111)
- (13) E: Ana Rita, podias pegar um cafezinho pra nós, faz favor? Eu queria mais uma coisa, tu gostas de cozinha?
 F: **Olha**, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galhinho. Mas eu tenho duas receitas bem legais. (ROST, 2002b, p. 63 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, p. 112)
- (14) E: E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças [agora].
 F: [Pois é]. E precisava ter, né? porque **veja**, é dificultoso, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que já fazer fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto. E

era tão importante ter, né? (ROST, 2002b, p. 10 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, p. 112)

- (15) B: ah hai visto ali poveretto è morto cosi l'avevano ammazzato
 A: tu dici?
 B: ma secondo me si
 A: Madonna
 B: <?> l'hanno ammazzato era ricchissimo qualcuno l'avrà fatto fuori
 A: **guarda** che soffriva di cuore _ eh? (WALTEREIT, 2002, p. 990 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, p. 112)

O MD *regarde*, em francês, investigado por Dostie (2004 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c, 2009), deriva do verbo de percepção “regarder”, que significa “prestar a atenção pela visão” e que, ao longo do tempo, desenvolveu sentidos cognitivos como “considerar” e “analisar”. Assim, a partir dos significados da forma verbal, em configuração imperativa e em P2, *regarde* passa a atuar como marcador discursivo, cujo sentido é convidar o ouvinte a prestar a atenção em elementos explícitos e implícitos no texto do falante – podendo, em certos contextos, ser substituído por *vois-tu* ou *tu vois*⁴⁵. O uso de *regarde* como MD é, então, expandido para diferentes contextos de uso, tais como introdução de ilustração para o ouvinte, usos anafóricos e catafóricos, constituição de um prefácio de texto e chamada de atenção para uma informação implícita para falante e ouvinte. Observemos o exemplo a seguir:

- (16) A: C'est une bonne idée, ça.
 B: J'ai toujours pensé que j'avais bonnes idées. On ne me fait pas assez confiance, c'est tout! **Regarde**...! C'est loin d'être bête ma suggestion. (ROST-SNICHELOTTO, 2008a, p. 121)

No exemplo (16), temos o MD *regarde*, em um uso [+abstrato], indexando uma informação que está implícita no texto, mas que é compartilhada entre falante e ouvinte. Nesse caso, o MD *regarde* é intercambiável por *vois-tu*.

Já em espanhol, Pons Bondería (1998 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c) investigou o MD *mira*, enquanto Domínguez e Álvarez (2005 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c) estudaram, entre outros, o MD *¿ves?*. O MD *mira* é derivado do verbo “mirar”, que aponta para uma situação contextual

⁴⁵ Há certos contextos, como é o caso de final de enunciado, que a permuta entre *regarde* e *vois-tu* ou *tu vois* é duvidosa. Ver exemplos em Rost-Snichelotto (2009, p. 179-180).

concreta (dêitico locativo⁴⁶). O significado inicial da forma verbal *mira* – convidar o ouvinte a prestar a atenção pela visão – é, desse modo, expandido para o uso como MD, cujo sentido é a *chamada de atenção do ouvinte* para algum elemento do enunciado proferido pelo falante. A partir de então, o MD *mira* passa a desempenhar função catafórica ou anafórica, nos seguintes contextos: expressão de desacordo em relação ao que é dito, quando aparece isoladamente; rejeição a um aspecto do texto do interlocutor, em início de turno; insegurança do falante em relação ao conteúdo da mensagem; função conectiva, na tomada de turno ou na mudança de tópico; ordenador discursivo, de modo a segmentar o texto em nível micro e macro-estrutural. Quanto à forma *¿ves?*, que tem sua origem no verbo “*ver*” – cuja função perceptual também é dêitica locativa –, esta passa a atuar como marcador discursivo com sentido apelativo e interrogativo, a fim de verificar a compreensão do ouvinte acerca de um argumento expresso pelo falante e a fim de chamar a atenção do ouvinte para um aspecto central do texto. Observemos os exemplos a seguir:

- (17) V: em resumen// quee habtenía un asesor // un asesor // pagado también del ayuntamiento de A./ que es V. F. que es el secretario de *** // y ese tío ese tío estaba percibiendo otras tantas/ o-tras tantas como el señor alcalde / del presupuesto de las arcas municipales/ el presupuesto municipal// (en)tonces resulta que ese tío/ pues también veía que se le ibaa/ y no noo/ aguanta aguanta que aunque presenten la moción/ tall cuall aguan-ta // ahora resulta que ya no está / porqueee el L. le ha dicho/ chh/ fuera de ahí// y el- y el cabritoo/ por aguantar um mes más um mes más // la sen-tencia del juez puede ser dura ¿eh? PUEDE SER muy dura
S: ¡uy! **mira** [J.82.AI, 702] (PONS BORDERÍA, 1998, p.223 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 184)
- (18) inv.: ¿te hubiera gustado que te dieran... quizá más afecto?
hab.: Que me dieran más amor porque ¿tu sabes qué?... nosotras por lo general somos muy secas... **¿ves?**
inv.: *Mjm.*
hab.: ... este... cuando yo me fui con C. [su esposo], a mí me daba pena con C. que... yo decirle papi a él, a mí me daba pena... (2:26) (DOMÍNGUEZ & ÁLVAREZ, 2005, p. 10 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 187).

⁴⁶ A expressão “dêitico locativo” refere-se à codificação das localizações espaciais em relação à posição dos participantes no acontecimento discursivo (LEVINSON, 1983). Desse modo, no que tange aos verbos de percepção visual, estes, em seu sentido mais concreto (“perceber pela visão”), apontam para uma localização físico-espacial que está relacionada à posição do falante no momento da interação comunicativa.

Em (17), temos o MD *mira* indexando o desacordo do falante S frente ao texto proferido pelo falante V. Já em (18), o MD *¿ves?* opera na verificação da compreensão do ouvinte acerca da mensagem produzida pelo falante.

Em italiano, o MD *guarda*, estudado por Waltereit (2002 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2008a, 2008b, 2008c), tem origem no verbo “*guardare*”, que significa “examinar”, “observar”. A partir de seu uso como verbo, *guarda* tem seu sentido expandido para a função de marcador discursivo, cujos significados são expressar uma dúvida quanto à declaração do ouvinte e indexar um valor adversativo, em posição inicial no turno. Vejamos o exemplo a seguir:

- (19) B: ah hai visto ali poveretto è morto cosi l’avevano ammazzato
 A: tu dici?
 B: ma secondo me si
 A: Madonna
 B: <?> l’hanno ammazzato era ricchissimo qualcuno l’avrà fatto fuori
 A: ***guarda*** Che soffriva di cuore _ eh? (WALTEREIT, 2002, p. 990 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 191)

No exemplo (19), o MD *guarda* pode tanto marcar uma dúvida do falante A em relação à informação proferida pelo falante B quanto pode atuar como conectivo adversativo frente ao enunciado do falante B.

Ainda, em posição inicial de turno, o MD *guarda* pode atuar na tomada de turno, de modo a chamar a atenção para o enunciado do falante, e na introdução de um discurso reportado. Em posição medial de turno, o MD pode introduzir um novo tópico. Já em posição final, o MD *guarda* pode operar em contextos que revelam que o falante encontra-se em situação difícil, da qual deseja se retirar o mais rápido possível. Por fim, quanto ao uso do MD de maneira isolada, sua função é a de indexar uma surpresa ou uma admiração do falante.

Em português, as formas *olha* e *vê* (e suas variantes, tanto em forma simples quanto em forma composta⁴⁷) foram investigadas sob diferentes abordagens, por diversos autores, tais como: Marcuschi (1989)⁴⁸, Castilho (1989)⁴⁹, Silva e Macedo

⁴⁷ Destacamos aqui que as forma simples e compostas dos “olhar” e “ver” já foram apresentadas na nota 43, presente na seção 2.2.

⁴⁸ Marcuschi (1989) analisa formas, posições e funções de, entre outros marcadores discursivos, *olha/olhe* e *viu?*.

⁴⁹ Castilho (1989) se ocupa da caracterização formal e funcional de marcadores discursivos como *olha* e *veja bem*.

(1996)⁵⁰, Urbano (2006)⁵¹, Risso (2006)⁵², Rost (2002a)⁵³, Rost-Snichelotto (2009)⁵⁴, entre outros. Nesses estudos, as formas *olha* e *vê* (e suas variantes) são identificadas tanto em seu estatuto verbal, de caráter dêitico espacial, quanto em sua realização como marcadores discursivos. Trataremos, nesta seção, pontualmente, dos trabalhos de Rost (2002a) e Rost-Snichelotto (2009), que analisam as formas derivadas de “olhar” e “ver” em configuração imperativa, demonstrando sua trajetória de mudança semântico-pragmática – do [+ concreto] ao [+ abstrato] –, a qual estaria associada a uma mudança categorial – de verbo a marcador discursivo.

Rost (2002a), a partir de uma análise sincrônica, com base em dados do Projeto VARSUL, propõe, em seu trabalho, prováveis caminhos que as formas *olha* e *veja* (e suas variantes⁵⁵) teriam percorrido, desde seus usos como verbos plenos até seus usos como marcadores discursivos, bem como a sistematização, em um *continuum* funcional, de macrofunções e contextos de atuação discursiva dos MDs analisados⁵⁶.

De acordo com a autora, a forma *olha* tem sua origem no verbo “olhar”, que significa “fitar os olhos em”, “mirar”. Já a forma *veja* origina-se do verbo “ver”, que significa “conhecer ou perceber pela visão” (ROST, 2002a, p. 120). Tais formas, desse modo, estão relacionadas à percepção visual, sendo esta a sua acepção mais concreta. Todavia, ao longo do tempo, *olha* e *veja* (e suas variantes) teriam passado a desempenhar sentidos relacionados, também, à percepção cognitiva, os quais são, portanto, mais abstratos. Observemos os exemplos a seguir:

- (20) F: Hoje hoje me dizem dizem assim pra gente: "Ah! Mas você é um homem feliz, você mora numa num lugar nobre." Eu digo: "Sim. Eu moro num lugar nobre, mas eu nasci no no meio da capoeira, né?"

⁵⁰ Silva e Macedo (1996) tratam da classificação de marcadores discursivos como *olha*, *vê* e *viu?*.

⁵¹ Urbano (2006) analisa subfunções basicamente interacionais de marcadores discursivos como *olha/olhe*, *vamos ver*, *veja* e *viu?*.

⁵² Risso (2006) analisa subfunções basicamente textuais de marcadores discursivos como *olha/olhe/ó*.

⁵³ Rost (2002a) analisa as mudanças semântico-pragmática e categorial envolvidas no desenvolvimento dos marcadores discursivos *olha* e *veja* (e suas variantes).

⁵⁴ Rost-Snichelotto (2009) propõe o estudo dos marcadores discursivos *olha* e *vê* (e suas variantes) sob a perspectiva da gramaticalização enquanto processo de (inter)subjetivização e sob a perspectiva da Teoria da Variação.

⁵⁵ Rost (2002a, p. 133) se utiliza das formas *olha* e *veja* para representar, respectivamente, as formas *olha* ~ *olhe* ~ [oya] ~ [oy] ~ [o] e *veja* ~ *vês* ~ *vê*.

⁵⁶ Rost (2002a) trabalha com um trajeto hipotético de mudança linguística, visto que sua pesquisa não tem o objetivo de realizar uma análise diacrônica.

- E: É sim. E aqui aqui pra trás, o que que é aqui tem lotes.
 F: Aqui embaixo tem lotes, lote. Aqui tem umas casas grandes, aqui **olhe**, tem casas grandes ali pra baixo tudo. Aqui está tudo dividido, tudo loteado esse terreno. (ROST, 2002a, p. 120)
- (21) F: ... eu vi quando a água apontou, eram cinco horas da tarde quando a água começou a chegar ali, e eu saí correndo pelo edifício todo gritando: "**Olha** a enchente, **olha** a enchente, **olha** a enchente." É aquele escândalo, né? (ROST, 2002a, p. 121)
- (22) E: Dá pra ir qualquer um assim ou não pode?
 F: Dá. Dá pra ir qualquer um tomar passe. Era uma bobagem. O cara vai, é guri vai tudo que é lugar, né? É tudo bobagem. Depois **vê** que é bobagem. (ROST, 2002a, p. 121)

Em (20), a forma verbal *olhe* tem como objetivo levar o interlocutor a cumprir uma função visual – sentido [+ concreto]. Já em (21), o verbo *olha* desempenha um sentido [+ abstrato], visto que tem como significado “cuidado com”. Por fim, em (22), o verbo *vê* expressa um significado também [+ abstrato], uma vez que indexa a noção de “saber”, “perceber com a razão”, “compreender”⁵⁷. É, então, a partir dos exemplos acima, cujo estatuto verbal é bem definido, que Rost (2002a) aponta que os sentidos lexicais originais das formas *olha* e *veja* (e suas variantes), realizados via ato de fala manipulativo⁵⁸, são expandidos para novos usos.

Segundo a autora, é a partir de seu sentido mais abstrato e mais cognitivo que as formas *olha* e *veja* (e suas variantes) têm seus usos generalizados para a função de marcadores discursivos. Desse modo, o uso inicial de tais formas como MDs pode ser atestado quando estas deixam de apontar para o espaço físico – percepção visual – ou para o espaço virtual – percepção cognitiva – e passam a apontar para a informação que o falante enuncia, mantendo, porém, resquícios da acepção de origem e do imperativo canônico. Nesse sentido, Rost (2002a) defende que, ao passo que *olha* e *veja* (e suas variantes) passam a atuar como MDs, ocorre

⁵⁷ Rost (2002a) destaca, ainda, que, no caso da forma *veja* (e suas variantes), seu sentido inicial, relacionado à percepção visual, é deslocado para sua realização como percepção auditiva, conforme o exemplo a seguir: “Eduardo, **veja** os comentários de seu professor de português!” (ROST, 2002a, p. 125).

⁵⁸ Os atos de fala manipulativos, ou atos diretivos nos termos de Searle (1969), são aqueles que têm como objetivo dar um comando ao interlocutor, de modo que o falante espera do ouvinte uma posição não-verbal, ou seja, a realização de uma ação. Em Rost (2002a), o ato de fala manipulativo refere-se, especialmente, à configuração imperativa canônica do verbo – através da qual o falante dá um comando, de maneira direta (SEARLE, 1969), a seu interlocutor –, que é associada à segunda pessoa do discurso. Desse modo, a autora entende o ato de fala manipulativo como sendo um contexto inerentemente intersubjetivo, uma vez que constitui uma situação nítida de interação entre falante e ouvinte; considerando a intersubjetividade, portanto, como o envolvimento entre os participantes da atividade comunicativa.

um enfraquecimento da força imperativa canônica, isto é, há a atenuação do contexto de comando direto inerentemente intersubjetivo, devido, entre outros fatores, a convenções de polidez – como observado por Marcuschi (1989) –, e tais formas passam a expressar um maior envolvimento do falante em relação às suas crenças e atitudes e a chamar a atenção do ouvinte para o texto do falante. Observemos o exemplo seguinte:

- (23) E: Não tinha nenhuma aluna que se apaixonava pelo professor?
 F: Não. Até que não teve.
 E: **Olha**, Dona Juce!
 F: (riso f) Não não me lembro assim. Tinha um professor que nós até dormia na aula dele. (ROST, 2002a, p. 121)

Para Rost (2002a), o contexto de advertência impulsionaria os primeiros usos dos verbos de percepção visual, em configuração imperativa, como marcadores discursivos, já que o caráter dialógico estaria ainda bastante acentuado. Assim, o MD *olha*, em (23), cuja função é advertir, indexa a orientação para o ouvinte, uma vez que é possível verificarmos vestígios do imperativo canônico.

A propriedade de *chamada de atenção do ouvinte*, que constitui o domínio funcional mais geral em que os MDs atuam, de acordo com a autora, recobre tanto a macrofunção interacional (orientada para o ouvinte) quanto a macrofunção textual (orientada para o falante). A macrofunção interacional, conforme Rost (2002a, p. 129), pode ser evidenciada “quando os itens atuam em contextos de negociação de troca de ideias, de informações, de construção do texto oral, sinalizando claramente a interação face a face e um maior grau de envolvimento interpessoal dos parceiros conversacionais”. Já a macrofunção textual pode ser verificada “quando os itens auxiliam na sequencialidade do texto e ajudam a organizar a atitude do falante diante do próprio texto (componente ‘orientado para o falante’), caracterizando um maior grau de subjetividade” (ROST, 2002a, p. 130). Acerca da propriedade de *chamada de atenção do ouvinte*, a autora afirma o seguinte:

Essa sua atuação bipartida da propriedade faz ressaltar o forte valor interpessoal (macrofunção articuladora interacional) e textual (macrofunção articuladora textual) dos itens sob análise, já que esses migram de usos mais interativos entre falante/ouvinte (intersubjetividade) até um emprego com maior grau de subjetividade (componente ‘orientado para o falante’), isto é, deslocando o foco da atenção do ouvinte do espaço para o texto, contribuindo

simultaneamente na sequencialidade do ato comunicativo. (ROST, 2002a, p. 131)

É, então, no domínio funcional mais geral da *chamada de atenção do ouvinte* que Rost (2002a) propõe um *cline* de mudança para a multifuncionalidade dos itens investigados, que vai desde um contexto mais interacional até um contexto mais textual, cuja ênfase se dá no envolvimento entre falante e ouvinte. Observemos o esquema a seguir:

Figura 4 – Sistematização dos contextos de atuação discursiva dos MDs analisados no domínio da *chamada de atenção do ouvinte* (esquema produzido a partir de ROST, 2002a)



Como observamos na figura 4, a autora identifica as seguintes subfunções macrointeracionais para os MDs derivados de “olhar” e “ver”, as quais ela sistematiza em um *continuum* funcional: *advertência* > *interjeição* > *atenuação* > *prefeciação* > *planejamento verbal*. Quanto às subfunções macrotextuais, a autora destaca o seguinte *continuum* funcional: *retórica* > *exemplificativa* > *causal* > *concessiva*. Desse modo, Rost (2002a) sugere que, na trajetória de mudança desses elementos, a orientação para o ouvinte (função mais interacional) vai perdendo espaço para a orientação para o falante (função mais textual), como demonstra nos exemplos a seguir:

- (24) F: Aí formamos um laboratório, fiquei trabalhando uns três anos, fazendo perfume. As receitas vinham tudo da França.
E: **Olha!** Era perfume francês! (ROST, 2002a, p. 122)
- (25) E: Totalmente? Então quando você diz que é um estado de espírito, mas estado de espírito é uma coisa só tua, tá? e com o que funciona esse teu eu com o resto do mundo?
F: **Veja bem**, se sentir amado de fora pra dentro, sabe? uma outra pessoa gostar de você, tipo homem mulher é um lance, mas se você se sentir amado por uma coletividade, se sentir bem, sabe? se sentir

bem, você chegar num lugar e ter várias pessoas, nenhuma delas te conhece você se sente como? (ROST, 2002a, p. 127)

Nos exemplos (24) e (25), segundo a autora, pode-se observar um maior envolvimento do falante consigo mesmo do que com o seu interlocutor, já que o caráter dialógico é enfraquecido; entretanto, a função interacional ainda é mantida. Em (24), o MD *olha* tem como objetivo marcar a surpresa do falante, por isso, a ênfase se dá na “orientação para o falante”. Já em (25), o MD *veja* indexa o não comprometimento do falante com a informação proferida. Rost (2002a), dessa maneira, chama a atenção para o fato de que não é possível traçar uma fronteira nítida de mudança, já que adota como perspectiva a noção de *continuum*.

A autora destaca que, em determinados contextos, as formas vão se tornando cada vez mais abstratas, uma vez que diminui ainda mais o envolvimento entre o falante e o seu interlocutor, ao passo que aumenta o envolvimento do falante consigo mesmo e com o texto – o que Rost (2002a), a partir de Urbano (1999 *apud* ROST, 2002a), denomina “menor grau de intersubjetividade”⁵⁹. Vejamos os exemplos a seguir:

- (26) E: BTN?
F: BTN, quer dizer, tu começa pagando, vamos supor, mil cruzeiros agora, né? daqui uns dois meses tu já estás pagando dois e meio, quer dizer, é difícil pra ti pagares, principalmente que tem outras coisas pra ti fazeres, né? Então o estudo vai ficando pra trás. Ele é importante, mas a gente vai deixando pra trás. Não! o ano que vem eu começo, melhora um pouco, daí eu vou tentar fazer, né? Mas é que está difícil pra estudar, **olha** está muito caro assim, as prestações são lá em cima, e pra ti pra estudar num colégio da do Estado, né? é como tu disseste, a gente tem medo, porque de repente não te ensinam direito, não tem aquela coisa assim. Porque colégio particular, às vezes, parece que te dão mais atenção. (ROST, 2002a, p. 123-124)
- (27) E: Tânia, me diz uma coisa agora, dentro da educação, o que tu achas da língua portuguesa? O que é falar bem a língua portuguesa pra ti?
F: **Olha**, pra mim, eu acho assim, que falar bem a língua portuguesa. **Olha**, eu nem sei te explicar bem o a língua portuguesa, porque eu tenho tão pouco tempo de estudo, que eu nem conheço bem a língua portuguesa. (ROST, 2002a, p. 124)
- (28) F: Eu comecei de ajudante de cozinha da minha patroa, no fogão. Daí,

⁵⁹ Segundo Urbano (1999 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2009), os graus de envolvimento entre os participantes de uma interação vão desde um maior envolvimento do falante consigo mesmo – maior grau de “subjetividade” – até um maior envolvimento do falante com o seu interlocutor – maior grau de “intersubjetividade”.

trabalhei com ela de ajudante no no fogão mesmo. Ficava vermelha que nem um pimentão porque, beira de fogão, dia inteiro, né? E daí, foi indo, foi indo, eles tiveram cozinheira, daí trocavam, punham como ajudante, até que minha gerente daí me pôs nesse serviço dela. Daí ela passou fazer a escrita do restaurante e o que ela fazia ela passou pra mim. Aí daí, pra mim foi mais tranquilo pra sair da beira do fogão porque **olhe** que é um calor, né? (ROST, 2002a, p. 124)

- (29) F: Na pracinha que tem, agora tem aquela panificadora Pãozinho, do lado ali, era.
 E: Ah, sei, sei, sei.
 F: Então, ali era o ponto final do Vista Alegre. Depois tinha que vim a pé de lá pra trazer pra cá uns trequinhos de carroça, né? Chovia, você, pra vim de carro pra cá, era só de jipe acorrentado. Então, quer dizer, o bairro evoluiu muito, mas não aquela evolução total, porque **vê**, hoje nós temos rua aqui sem saída. Temos, quer dizer, [pouco] pouca, vamos supor assim, pra você sair prum bairro ou pro outro. A população aumentou pouco também. Isso quer dizer então você tem que ficar. Então a gente se acostuma, já se habituou naquele parado, né? (ROST, 2002a, p. 128)

Em (26), o MD *olha* desempenha características mais textuais, já que auxilia na argumentação e na exemplificação do falante – e, portanto, há um menor grau de envolvimento entre os participantes. Já em (27), o MD *olha* perde ainda mais seu valor imperativo canônico para marcar a estratégia comunicativa da polidez. Da mesma maneira, em (28) e em (29), os MDs *olhe* e *vê*, respectivamente, têm sua função interacional enfraquecida na medida em que funcionam como um mecanismo de coesão na expressão de argumento, desempenhando, assim, uma macrofunção textual (ROST, 2002a).

A autora sugere, portanto, que, na trajetória de mudança linguística das formas *olha* e *veja* (e suas variantes), estas têm seu sentido lexical original expandido para novos usos. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que ocorre a perda de valor lexical, também há o ganho de uma multiplicidade de funções pragmático-discursivas, as quais passam a indexar um maior envolvimento do falante em termos de suas crenças e atitudes. No que se refere aos contextos de atuação dos marcadores discursivos no domínio da função de *chamada de atenção do ouvinte*, Rost (2002a), a partir da trajetória *interpessoal* > *textual*⁶⁰, propõe um *continuum* multifuncional dos MDs, em que os usos mais interativos ou mais

⁶⁰ Tal *cline* foi postulado por Heine *et al.* (1991), como veremos mais adiante no trabalho de Rost-Snichelotto (2009).

intersubjetivos (orientados para o ouvinte) precederem os usos mais textuais ou menos intersubjetivos (orientados para o falante).

Reconhecemos a fundamental contribuição do trabalho de Rost (2002a), principalmente no que tange à verificação da tendência de verbos de percepção visual derivarem marcadores discursivos, os quais passam a codificar crenças e atitudes do falante, contudo, discordamos da autora quanto à sistematização funcional dos MDs em um trajeto de mudança linguística em função do grau de envolvimento entre falante e ouvinte. Em nosso trabalho – conforme discutido no Capítulo I, mais precisamente, na seção 1.2.1. –, entendemos a gramaticalização enquanto (inter)subjetivização como o processo de mudança linguística através do qual novos significados são convencionalizados em um novo par forma-sentido, que pode desenvolver, com a reiteração de uso, um sentido [+ subjetivo] e, até mesmo, um sentido [+ (inter)subjetivo], já que expressões gramaticalmente identificáveis codificam crenças e atitudes dos falantes, bem como a preocupação do falante com o *self* de seu interlocutor (TRAUGOTT, 1995b, 2010b; TRAUGOTT & DASHER, 2005; CUYCKENS *et al.*, 2010). Assim, até mesmo em uma perspectiva sincrônica, cujo objetivo é a identificação de níveis de gramaticalidade, acreditamos que os usos dos MDs podem ser distribuídos em um *continuum* em função da (inter)subjetividade tal como proposta por Traugott (1995b, 2010b), Traugott e Dasher (2005) e Cuyckens *et al.* (2010), e não em termos de envolvimento entre os participantes. Além disso, destacamos que o trabalho realizado apenas com dados sincrônicos limita a proposta de um trajeto de mudança semântico-pragmático através do tempo e dos falantes. Dessa maneira, entendemos que o estudo de Rost (2002a) ocupa-se da identificação de níveis de gramaticalidade, e não da análise de um processo de gramaticalização propriamente dito.

Rost-Snichelotto (2009), por sua vez, a partir de dados do Projeto VARSUL e de textos escritos de peças teatrais de autores catarinenses do século XIX, propõe uma análise panocrônica dos MDs *olha* e *vê* (e suas variantes), a fim de descrever os contextos de uso das formas e de investigar uma possível trajetória de mudança semântico-pragmática e categorial desses elementos, associada às funções da

linguagem que seguem a direção *ideacional* > *interpessoal* > *textual*⁶¹ (HEINE *et al.*, 1991).

A hipótese da autora é a de que enunciados inerentemente intersubjetivos, como é o caso dos enunciados formados a partir dos verbos plenos “olhar” e “ver” em forma imperativa canônica, podem ser subjetivizados ao longo do tempo⁶². A esse respeito, Rost-Snichelotto (2009, p. 244) afirma o seguinte:

Nossa suposição é que – a partir de um contexto inerentemente interacional de ato de fala imperativo mediante uso dos verbos plenos *olhar* e *ver* dirigidos deonticamente ao interlocutor, uso que consideramos mais concreto –, os itens vão incorporando traços de subjetividade advindos do maior envolvimento do F que expressa suas atitudes avaliativas seja em relação ao comportamento do interlocutor, ao seu próprio comportamento, seja em relação a situações relatadas a determinadas porções textuais. A modalidade envolvida vai se deslocando do submodo deontico, com enfraquecimento do ato de fala manipulativo, para o epistêmico, centrado nas crenças e opiniões do F (suas sugestões, advertências, atenuações, etc). (ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 244)

É relevante a ideia de subjetividade tal como proposta pela autora na citação acima, uma vez que considera a evolução de significados a serviço de um ato de fala manipulativo a usos discursivos com significados que refletem crenças e atitudes do falante. A incoerência se encontra, contudo, na sistematização da multifuncionalidade dos MDs em um *continuum* em que a noção de níveis de

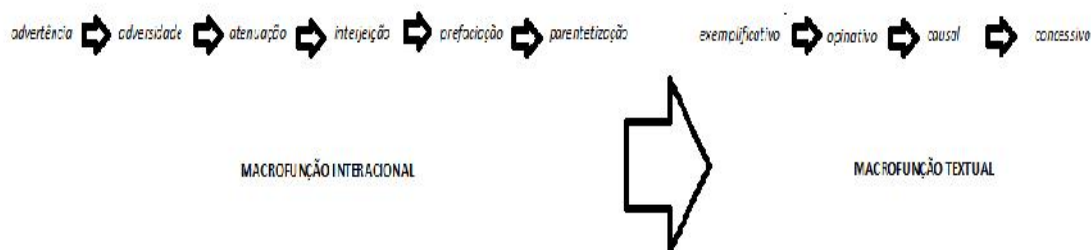
⁶¹ Heine *et al.* (1991) defendem o *cline ideacional* > *interpessoal* > *textual* por acreditarem que as situações mais nítidas de interação sejam aquelas que envolvem atos de fala manipulativos. Por sua vez, Rost-Snichelotto (2009, p. 91) argumentam acerca da relevância deste *cline* da seguinte maneira: “F vai direcionando sua atenção mais para partes do texto do que para o interlocutor e essa relação pode vir a ser reinterpretada não mais como uma relação do F com o texto, mas entre diferentes partes do texto, instaurando-se, assim, a função textual”. Todavia, tal trajeto de mudança contraria o *cline proposicional* > (*textual*) > *expressivo*, proposto por Traugott (1982), em que a função textual aparece sucedida pela função expressiva, o qual, posteriormente, como vimos, foi substituído pelo *cline* [- *subjetivo*] > [+ *subjetivo*] > [+ (*inter*)*subjetivo*], sugerido por Traugott (2010b) para o processo de gramaticalização enquanto (*inter*)subjetivização.

⁶² É um problema se considerarem enunciados imperativos, associados a P2, como sendo inerentemente intersubjetivos, a partir da noção de (*inter*)subjetivização de Traugott (1995b, 2010b), Traugott e Dasher (2005) e Cuyckens *et al.* (2010), já que há atos de fala manipulativos diretos e indiretos. A partir de Searle (1969), entendemos atos de fala manipulativos ou diretivos diretos como aqueles em que expressões linguísticas específicas, por exemplo, para dar ordens e comandos, são utilizadas. Já os atos de fala manipulativos ou diretivos indiretos são aqueles em que a força ilocucionária é obtida através de outro ato de fala, como é o caso, por exemplo, de enunciados em que uma ordem é atenuada em forma de um pedido. Nesse sentido, acreditamos que atos de fala manipulativos diretos estejam no domínio da modalidade deontica, sendo tal uso [- *subjetivo*], enquanto atos de fala manipulativos indiretos estejam no domínio da modalidade epistêmica, sendo tal uso [+ (*inter*)*subjetivo*]. Para maiores detalhes acerca de modalidade, ver Neves (2011 [2006]).

(inter)subjetividade refere-se aos graus de envolvimento entre os participantes da interação.

O que a autora propõe é, portanto, uma distribuição das macrofunções interacional e textual em um *continuum* gradiente de diferentes contextos de atuação discursiva, partindo de usos [+ concretos] a usos [+ abstratos] e de usos mais interativos entre os participantes (intersubjetividade) a usos mais textuais (subjetividade), cuja ênfase se dá no envolvimento entre falante e ouvinte. Observemos o esquema a seguir:

Figura 5 – Sistematização dos contextos de atuação discursiva dos MDs analisados no domínio da *chamada de atenção do ouvinte* (esquema produzido a partir de ROST-SNICHELOTTO, 2009)



Como observamos na figura 5, a autora propõe um *continuum* funcional que vai do interacional ao textual, em que os MDs predominantemente interacionais – que ocorrem em contextos [+ intersubjetivos], tais como *de advertência* > *de adversidade* > *de atenuação* > *de interjeição* > *de prefaciação* > *de parentetização* –, precedem os MDs predominantemente textuais – que ocorrem em contextos [- intersubjetivos], mas com um grau maior de subjetivização do que os contextos anteriores, tais como *exemplificativo* > *opinativo* > *causal* > *concessivo*.

Novamente, chamamos a atenção para o *cline* de mudança adotado pela autora, em que a função textual é precedida pela função interacional, diferente do *cline proposicional* > (*textual*) > *expressivo*, proposto por Traugott (1982), e para o fato de o trabalho tratar de graus de gramaticalidade, e não de gramaticalização. Quanto ao problema em traçar um *cline* de mudança sem considerar, de maneira efetiva, os dados diacrônicos, a própria autora destaca o seguinte:

Não encontramos evidências diacrônicas suficientes para atestar, com certa segurança, um percurso. Ou seja, a trajetória de expansão prevista não implica que todos os MDs tenham passado por todas as

etapas. Trata-se, apenas, de distribuição provável, com base no critério de subjetivização crescente. (ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 259)

Observemos os exemplos seguintes dos contextos de atuação discursiva dos MDs predominantemente interacionais:

- (30) JULIETA – E se ele nunca mudar de opinião?
 PAULO – Há de mudar... há de mudar de opinião...
 JULIETA – **Olha**, Paulo; queres saber o que eu faria em teu lugar?
 PAULO – Vejamos...
 JULIETA – Apresentar-lhe-ia simplesmente a mulher, que julguei digna de meu amor e do meu nome... (COUTINHO, 1867, p. 55 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 244-245)
- (31) JOÃO ANDRÉ – E tu gostas dela?
 RAIMUNDO – Eu?... amo-a, amo-a como louco! Tu nunca amaste, André, e por isso não podes avaliar o que se passa em mim.
 JOÃO ANDRÉ – Alto lá! menas (sic) essa! Eu cá já tive amores; **olha**; andei maluco pela Zeferina, que vendia fruta no Rocio, em Lisboa; era uma mulher do tamanho do mastro da gata... (CARVALHO, 1868, p. 38 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 246).
- (32) D. MANOEL – Sim, tens razão: o cão que nos lambe a mão também nos tem amizade, e nós o acariciamos; mas nem o cão se eleva a nós, e nem nós baixamos ao cão.
 MARIA – tristemente - Meu bom pai, não seja mau! Como pode fazer tal comparação?!
 D. MANOEL – **Olha**, Maria, perdoo-te porque és mulher, e... és criança. Lembra-te porém sempre de quem descendes: somos de raça que pode qu-brar, mas não dobrar; e fica sabendo que proíbo-te toda e qualquer familiaridade com rendeiros, marinheiros e mercadores. São vilões, que, quando têm algumas patacas, esquecem a origem e miram alto. Sinto-me sufocado no meio desta gente, e permita Deus que o vento mude a ver se me vejo livre desta... (ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 248).
- (33) MEFISTO – Por favor, vou ficar com pena de você e não teremos drama. Não percebeu ainda que não há solução para isto? Não podemos pensar em nada mais amplo, mais coletivo. Meu problema é eu com você, nada mais.
 FAUSTO – só quero entender. Mas também não quero, **veja só!** Isso tudo é muito antigo. Se eu quero entender, volto ao velho Fausto e vou vender minha alma. Se eu não quero saber nada, porque estou no tempo certo da história, não há drama. Devolva os ingressos e as pessoas voltam pa-*ra* suas casas sem muito o que pensar. Se bem que já estão acostumadas. Ah, eu tô confuso! (ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 250).

- (34) E: E o que que vocês comiam?
 F: **Olha**, eu [pra] depois que [<me <co>] comecei crescer como gente, olha, na casa do meu pai nunca faltou nada. Jardim, o pai [tinha] sempre foi bem, nós sempre tínhamos porco, galinha. Ele tinha até as [caixas] caixas de abelha sempre. [<Bo> nós não] [pra] depois que me conheci como gente, que comecei crescer fome não passamos nunca porque o pai foi que teve sorte, depois que foi morar lá muita foi bem, né? (ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 268)
- (35) E: Móveis [usados?]
 F: [Móveis] usados, ele tinha vendido tudo, tudo, sabe? De roupa pra cima, de enxoval que eu tinha feito pra cima, tudo coisinha boa que eu tinha, né? custei tanto pra ter. Pois **olha**, pra te encurtar o "causo" como diz o outro eu não tinha nada, nada, nada. Eu tinha um pouco de roupa, (vozes) assim, negócio pequeno, né? (vozes) Estava na casa de uma senhora, lá amiga dele, né? uma vizinha nossa, estava tudo no muro as minhas coisas, assim tudo (ruídos) estragado, sabe? Então [eu perdi] eu perdi tudo, tudo, tudo, o que eu tinha, (vozes) né? trabalhado e perdi tudo, né? Daí, daí aqui que eu comecei a trabalhar de novo, né? e comecei a lutar, a minha vida nunca foi muito parada, sabe? sempre foi bastante difícil. (ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 270)

No exemplo (30), de acordo com Rost-Snichelotto (2009), temos o MD *olha* em contexto de advertência, onde há vestígios do imperativo canônico, uma vez que o falante dirige, de maneira explícita, a advertência para o seu interlocutor. Em (31), o MD *olha* ocorre em contexto adversativo, em que o ato de fala manipulativo se estabelece de maneira atenuada; entretanto, ainda sim, é possível verificarmos a intersubjetividade na linguagem, já que o falante indexa seu descontentamento frente ao enunciado proferido pelo seu interlocutor. Já em (32), o MD *olha* realiza-se em contexto de atenuação, em que, também, há marca de intersubjetividade, visto que o objetivo é o abrandamento quanto à declaração proferida. No exemplo (33), o MD *veja só* encontra-se em contexto interjetivo, em que se percebe a avaliação do falante acerca do que é dito. Por fim, em (34) e em (35), os MDs *olha* e *vê*, o primeiro em contexto de prefaciação e o segundo em contexto de parentetização, indexam o retardamento da resposta à pergunta do interlocutor e a interrupção no seguimento do enunciado do falante, respectivamente.

Para os marcadores discursivos predominantemente textuais, observemos os seguintes contextos de atuação discursiva:

- (36) ELVIRA – (Sentando-se no sofá.) Ter medo de mulheres... Este homem é...
- MACÁRIO – (*Descendo.*) É rico, menina, é rico... Lembra-te disto.
- ELVIRA – Mas é estúpido!
- MACÁRIO – Menina, quem tem dinheiro nunca é estúpido, nem ignorante, nem feio e nem idiota. Olha o Ambrósio. Pensas tu que se o Ambrósio tivesse um par de contos de réis, haviam de chamá-lo maluco, como o chamam agora? Estás enganada. Todos o considerariam como o homem de mais juízo deste mundo e classificariam de filosofia a sua maluquice! (*Indo à esquerda alta.*) Ambrósio! Oh! Ambrósio!
- AMBRÓSIO – (*Dentro.*) Já vou, patrão.
- MACÁRIO – (*Descendo.*) **Olha** conheci um barão tapado como uma porta. O animal, - animal é o termo, – não abria a boca que não dissesse um chorrinho de asneiras... mas era podre de rico... (*Indo à esquerda alta.*) Oh! Ambrósio! Ambrósio!
- AMBRÓSIO – (*Dentro.*) Já vou, patrão! (ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 250-251)
- (37) E: E E o que a senhora acha da língua italiana? A senhora acha assim que ele [o] [o] a prefeitura faz alguma coisa pra que essa língua permaneça viva aqui em Chapecó? O que a senhora acha? Acha bonita a [língua?]
- F: **[Olha,]** [eu acho] é, pra quem entende bem, ela é bonita, né? quem fala bem e quem ouve ela, assim, no caso, né? por exemplo, se tu falares bem, que eu te entendo, né? então eu acho que duas pessoas que se entendem bem, acho que vale a pena, né? É bonito. [*<Co>*] porque eu acho que a mesma coisa das pessoas que falam uma outra língua também, né? e é importante, né? no caso se falar mais línguas Mas aqui bem assim, pra te dizer a verdade, eu não sei mesmo [o que que eles] o que que eles estão fazendo com a língua italiana, né? acho que não fazem muita coisa, não. (ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 274)
- (38) F: [...]Tem gente que faz colchão com a lã da ovelha. Só que ela tem, lógico, a gente tosa a ovelha, porque [no inverno ela] no verão ela é tosada, por causa do calor demais ela não pode Então, tosa a ovelha, a lã é lavada, depois ela é seca [no] [no] a gente pendura ela [no] nos arames [de] [de] [de] esses arames farpados, como eles chamam, porque eles tem as farpas, aí elas secam ali, depois de secas elas são abertas inteirinhas. Tem gente que abre com *<megadaime>*, parece que eles chamam, que são feitos com pregos, então bate um no outro assim, a lã vai *<abrir>* Mas o bom mesmo é abrir a lã, sabe? ir abrindo ela manual-mente. Eu fazendo aqui como se estivesse aparecendo ali, né, Lúcia? Mas eu estou te mostrando. Então, daí são confeccionados colchões, [são *<confecci>*] são confeccionados cobertores, né? pra enfrentar o frio dessa terra aqui. **Porque olha**, é frio mesmo no inverno. Pode ver a lareira, ainda não foi Ainda tem o vestígio do inverno porque não foi lavada ainda. (ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 276)
- (39) E: É e esse pessoal que, por exemplo, que mora nessas casas são quase todo mundo de fora, né?
- F: É, [a maioria são gente] que veio aí [do] do nortão aí, né? que acabou a mão de obra, o maquinábrio entrou lá, os bóias frias, então, eles vieram pra cidade grande tentar a sorte, não tinham onde morar foram

invadindo as áreas aí. E hoje [cinquenta] cinquenta por cento de Curitiba é invadido. E hoje pra você achar um curitibano nato aqui é, no caso daqui, você acha ("um ou outro") e **olhe lá**. (ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 278-279)

Nos exemplos (36), (37), (38) e (39), segundo Rost-Snichelotto (2009), o grau de intersubjetividade é menor, se comparado aos contextos de atuação discursiva explicitados anteriormente, enquanto o grau de subjetividade é maior. Ou seja, há maior envolvimento do falante consigo mesmo do que com o seu interlocutor. Em (36), o MD *olha* ocorre em contexto exemplificativo, em que auxilia na organização do discurso do falante. No exemplo (37), o MD *olha* realiza-se em contexto de opinião, de maneira a indexar a crença/o ponto de vista do falante. Já em (38), é possível verificar a ocorrência do MD *olha* coocorrendo com o conector *porque* – *porque olha* – em contexto causal; neste caso, também, há o enfraquecimento da orientação do falante em direção ao ouvinte, uma vez que o falante pretende organizar seu próprio texto. Por fim, em (39), o MD *e olhe lá*, em contexto concessivo, atua no fechamento de turno do falante, o qual expressa uma avaliação subjetiva acerca do que é dito.

Portanto, embora Rost-Snichelotto (2009) sugira uma trajetória de mudança semântico-pragmática para os marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção “olhar” e “ver” em configuração imperativa, na verdade, a autora está operando com a multifuncionalidade dos itens no domínio funcional da *chamada de atenção do ouvinte* em função dos graus de envolvimento entre falante e ouvinte (o que ela denomina “intersubjetividade”).

Desse modo, o que verificamos em Rost (2002a) e em Rost-Snichelotto (2009) é a sistematização dos contextos de atuação discursiva dos MDs, em um *continuum* gradiente, em função da intersubjetividade como envolvimento entre os participantes da interação. Assim, quanto mais enfraquecido é o ato de fala manipulativo, menos intersubjetivo é o uso do MD. Ainda, a autora adota o *cline ideacional > interpessoal > textual*, que contraria a direção da mudança linguística, tal como postulada por Traugott (1982), e projeta uma trajetória hipotética de mudança semântico-pragmática sem a realização efetiva de uma análise diacrônica dos dados.

Entretanto, a partir da breve revisão empreendida acima, pudemos verificar a tendência de os verbos de percepção visual em configuração imperativa e em P2

derivarem marcadores discursivos em línguas românicas – francês, espanhol, italiano e português. Tal fato aponta a regularidade da mudança semântico-pragmática destacada por Traugott e Dasher (2005), uma vez que o processo se repete em diferentes línguas – embora os MDs não compartilhem, necessariamente, os mesmos contextos de atuação discursiva nas quatro línguas investigadas.

Além da regularidade da mudança semântico-pragmática identificada no desenvolvimento dos marcadores discursivos derivados dos verbos “olhar” e “ver”, outras características tornam legítimo o estudo desses elementos sob a ótica da gramaticalização. Para tanto, discutiremos, na seção a seguir, a inclusão dos MDs no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções.

2.3. Marcadores discursivos no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções

Não há um consenso no meio acadêmico no que diz respeito à gramaticalização dos marcadores discursivos, principalmente, devido ao aumento de escopo estrutural e de liberdade sintática – como veremos adiante – envolvido no desenvolvimento desses elementos.

No âmbito da abordagem tradicional, um tema frequentemente discutido é a estipulação de critérios que auxiliariam na delimitação do campo de investigação da gramaticalização. Nesse contexto, ganha destaque o trabalho de Lehmann (1995 [1982]), que propõe que a aferição do grau de autonomia e, conseqüentemente, do grau de gramaticalidade de um item seja realizada a partir de seis parâmetros formais⁶³ – para Lehmann (1995 [1982]), quanto mais autônomo é um item, menos gramatical ele é; da mesma maneira, quanto menos autônomo é um item, mais gramatical ele é. A liberdade sintática ou, também, denominada *variabilidade sintagmática*, e o *escopo* são dois desses parâmetros, os quais se realizam no eixo sintagmático. De acordo com o autor, a *variabilidade sintagmática* diz respeito ao grau de flexibilidade de um item dentro da construção em que ele ocorre, de modo

⁶³ Os seis parâmetros formais propostos por Lehmann (1995 [1982]) se dividem nos eixos paradigmáticos e sintagmáticos. No eixo paradigmático, os parâmetros são *integridade*, *paradigmaticidade* e *variabilidade paradigmática*. No eixo sintagmático, os parâmetros são *escopo*, *conexidade* e *variabilidade sintagmática*. Uma vez que o nosso trabalho não se vincula à abordagem tradicional da gramaticalização, optamos por não nos aprofundarmos na descrição de tais parâmetros. Para maiores detalhes, ver Lehmann (1995 [1982]).

que se um item se fixa em um determinado sintagma é porque ele se encontra altamente gramaticalizado. Já o *escopo* refere-se à extensão da construção que um item ajuda a formar. Nesse sentido, mediante o processo de condensação, um elemento que tem seu escopo diminuído é devido a um aumento do seu grau de gramaticalidade (GONÇALVES *et al.*, 2007).

Haja vista que o desenvolvimento dos marcadores discursivos envolve características que violam os parâmetros formais do *escopo* e da *variabilidade sintagmática* propostos por Lehmann (1995 [1982]) – como aumento de escopo estrutural e de liberdade sintática –, estudiosos têm discordado quanto ao processo de mudança que recobriria esses elementos. Onodera (2011), nesse sentido, aponta três diferentes perspectivas que têm sido adotadas para a investigação dos MDs no âmbito dos estudos acerca da mudança linguística, a saber: a perspectiva da pragmaticalização, a perspectiva da prototipicidade e a perspectiva da gramaticalização. A essas três perspectivas, acrescentamos, ainda, a perspectiva da degramaticalização (NORDE, 2011).

A perspectiva da pragmaticalização advém da resistência em se tratar o desenvolvimento dos marcadores discursivos, e das funções discursivas em geral, como gramaticalização, visto que determinados estudos sugerem que o significado pragmático é, geralmente, não considerado como sendo parte da gramática. Onodera (2011) destaca, por exemplo, os estudos de Aijmer (1996) e de Erman e Kotsinas (1993), os quais consideram os marcadores discursivos como sendo elementos exteriores à gramática, em virtude de serem julgados como sendo opcionais à sentença. Nesse caso, para os autores, o processo através do qual os MDs indexam a atitude do falante em direção ao ouvinte é denominado pragmaticalização.

Martelotta *et al.* (1996) e Valle (2000) também defendem a existência de dois processos distintos de mudança linguística que ocorreriam em diferentes níveis, a saber, a discursivização – que equivale à pragmaticalização na denominação de Onodera (2011) – e a gramaticalização. O termo discursivização foi proposto por Vincenti *et al.* (1993 *apud* VALLE, 2000) para se referir à passagem de um item lexical ou gramatical a um item não-gramatical, que resultaria em perda de complexidade sintática e em ganho de complexidade pragmática e interacional, já que o processo de gramaticalização não daria conta de recobrir esse tipo de

mudança. É nesse contexto que, de acordo com os autores, estaria inserido o desenvolvimento dos marcadores discursivos. Vincenti *et al.* (1993, p. 80 *apud* VALLE, 2000, p. 105) caracterizam a discursivização como o processo em que um item:

- (a) perde complexidade semântica e significação sintática;
- (b) ganha significação pragmática;
- (c) se distingue das outras unidades que continuam a ser gramaticais pela sua entonação e posição na frase;
- (d) tende a desenvolver um uso opcional e diversifica suas posições na frase.

Por outro lado, Vincenti *et al.* (1993, p. 79 *apud* VALLE, 2000, p. 105) caracterizam como gramaticalização o processo em que um item:

- (a) perde complexidade semântica, significado funcional, valor expressivo, significação pragmática e substância fonética;
- (b) ganha significação sintática;
- (c) reduz o número dos membros de seu paradigma e sua variabilidade sintática;
- (d) tende a tornar seu uso obrigatório em certos contextos e agramatical em outros e a se fundir com outras unidades.

A justificativa para se inserirem os marcadores discursivos no âmbito da discursivização está, justamente, no entendimento dado ao termo gramaticalização. Como podemos verificar em Vincenti *et al.* (1993 *apud* VALLE, 2000), o acréscimo em significado pragmático é considerado discursivização, e não gramaticalização, visto que, para os autores, alguns aspectos da pragmática, como é o caso da interação entre falante e ouvinte, são entendidos como estando fora da gramática da língua (VALLE, 2000), e, portanto, no nível do discurso⁶⁴. O problema, desse modo, está na concepção de gramática adotada, uma vez que, conforme os autores, ela não englobaria aspectos pragmáticos.

⁶⁴ Neste contexto, os marcadores discursivos que desempenham funções interacionais são tomados como objetos de estudo da discursivização, enquanto os marcadores discursivos que desenvolvem funções textuais são entendidos como objetos de estudo da gramaticalização (VALLE, 2000).

Traugott (1995b), por outro lado, adota a noção de gramática que engloba diferentes níveis de análise, como fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática e discurso, e sugere que, em estágios iniciais de gramaticalização, não ocorre, necessariamente, perda semântica, mas, sim, um fortalecimento pragmático. Ainda, a gramaticalização, entre outras características apontadas por Vincenti *et al.* (1993 *apud* VALLE, 2000), é identificada como um processo em que um item ganha complexidade sintática, o que acarreta redução de variabilidade sintagmática. Tais características, como visto, ainda estão muito calcadas nos parâmetros formais de Lehmann (1995 [1982]) para a aferição da gramaticalização.

Diewald (2011), nesse sentido, argumenta que a pragmaticalização – ou discursivização nos termos de Vincenti *et al.* (1993), Martelotta *et al.* (1996) e Valle (2000) – estaria imbricada no processo de gramaticalização, isto é, que ambas as abordagens não estão dissociadas, como grande parte dos trabalhos têm sugerido. A autora defende que fatores e motivações pragmáticas, tais como economia e expressividade, transferências metafóricas e metonímicas, implicatura conversacional e inferência sugerida e contextos e construções, são as maiores forças de condução dos elementos à gramaticalização. Portanto, Diewald (2011) compreende a gramaticalização como um processo complexo, motivado por fatores pragmáticos que conduzem à gramática da língua, em especial, pela interação entre os participantes, de modo que a estrutura linguística passa a refletir toda a negociação de sentido entre falante e ouvinte.

No que tange à perspectiva da prototipicidade⁶⁵, esta surge para dar conta do desenvolvimento de elementos considerados de difícil diagnóstico, como é o caso dos marcadores discursivos. A esse respeito, Onodera (2011) destaca o trabalho de Barth-Weingarten e Couper-Kuhlen (2002), os quais, partindo da noção de que a posição preferencial para a atuação dos marcadores é a inicial (no enunciado), determinam que o desenvolvimento do MD de concessão *though* (do inglês), em final de enunciado, não é nem gramaticalização nem pragmaticalização. Os autores sugerem, assim, que se trate o processo de gramaticalização a partir da noção de

⁶⁵ De acordo com Matos (2012, p. 35), a prototipicidade “se baseia na existência de categorias que tendem para um sentido múltiplo e que se estruturam à volta de um centro prototípico. Dessa maneira, diferentes “coisas” podem se assemelhar, de diferentes modos, ao protótipo e, assim, serem integradas numa mesma categoria”.

prototipicidade – as características mais frequentes no desenvolvimento do elemento são tratadas como prototípicas e as demais como periféricas. A vantagem da proposta, tal como considerada pelos autores, é o fato de ela ser capaz de explicar por que, em alguns casos, somente alguns parâmetros de gramaticalização identificados por Lehmann (1995 [1982]) são encontrados, bem como de nos libertar da necessidade de nos posicionarmos se um caso particular consiste em um processo, ou não, de gramaticalização. Entretanto, de acordo com Traugott (2003), entendemos que a proposta de Lehmann (1995 [1982]) quanto aos parâmetros formais para aferição dos níveis de gramaticalidade não é aplicável a todos os domínios da função gramatical. Ainda, como vimos em Marcuschi (1989), Riso (2006) e Guerra (2007), a posição inicial não deve ser considerada uma característica basilar à definição do estatuto dos MDs, haja vista que a posição de tais elementos depende do contexto de análise, bem como da função específica por eles exercida. Nesse sentido, a posição inicial não configura o melhor exemplo para justificar o tratamento dos marcadores discursivos a partir da perspectiva da prototipicidade.

Uma outra perspectiva que tem sido, frequentemente, discutida no âmbito dos estudos funcionalistas, e sugerida para o estudo dos marcadores discursivos – mas que não é apontada por Onodera (2011) – é a da degramaticalização. A degramaticalização refere-se ao processo de mudança de um elemento que, em um contexto específico de uso, ganha autonomia e substância em mais de um nível linguístico (semântica, morfologia, sintaxe, fonologia), acarretando decréscimo em dependência e acréscimo de liberdade sintática (NORDE, 2011).

O fenômeno da degramaticalização, tal como proposto por Norde (2011), diz respeito à mudança linguística em direção inversa se comparada à direção postulada pela visão tradicional da gramaticalização – ou seja, refere-se ao processo em que um componente mais gramatical torna-se menos gramatical ou um componente gramatical adquire *status* lexical –, bem como aos já supracitados parâmetros formais de Lehmann (1995 [1982]). A autora não considera, para tanto, a mudança semântico-pragmática que envolve todo o desenvolvimento do elemento sob análise, o qual tende a expressar, cada vez mais, a perspectiva subjetiva do falante, bem como a preocupação do falante com o *self* de seu interlocutor.

Por fim, com relação à perspectiva da gramaticalização, há autores que consideram o desenvolvimento dos marcadores discursivos como objeto de investigação. Onodera (2011) destaca, entre outros, o trabalho de Traugott (1995b), a respeito do desenvolvimento dos MDs *indeed*, *in fact* e *besides* (do inglês) em posição inicial no enunciado. Traugott (1995b) argumenta que o desenvolvimento desses elementos deve ser considerado um caso de gramaticalização, uma vez que exemplifica um grupo de características que podem ser atestadas por esta abordagem. A autora demonstra, nesse sentido, como as mudanças sofridas por esses elementos, assim como o *cline* sugerido – *advérbio em cláusula interna* > *advérbio sentencial* > *MD* –, envolvem características estruturais bem conhecidas da gramaticalização tradicional, como decategorização⁶⁶, redução fonética⁶⁷ e generalidade⁶⁸, além de características reconhecidas por uma abordagem mais recente, como fortalecimento pragmático⁶⁹ e subjetivização⁷⁰.

Traugott (1995b) destaca, ainda, que a trajetória de desenvolvimento desses MDs envolve, também, acréscimo de escopo estrutural e de liberdade sintática, características que, segundo ela, não devem ser tomadas como salientes no processo de gramaticalização – diferente do que é postulado por Lehmann (1995 [1982]). A hipótese da autora, a partir dos itens analisados, é a de que o advérbio é deslocado de sua posição típica interna na cláusula, onde seu escopo é reduzido, para a posição inicial no enunciado, onde seu escopo é expandido. Para a autora, focar na perda de liberdade sintática e na diminuição de escopo seria o mesmo que subestimar características fundamentais à gramaticalização, às quais deveríamos

⁶⁶ A decategorização constitui um dos princípios propostos por Hooper (1991) para a aferição do grau de gramaticalidade de um item. De acordo com esse princípio, formas em gramaticalização tendem a perder ou neutralizar traços morfológicos e sintáticos de categorias plenas. No caso dos MDs *indeed*, *in fact* e *besides*, estes teriam como origem os nomes lexicais *deed*, *fact* e *side* (TRAUGOTT, 1995b).

⁶⁷ Bybee (2011) postula que a alta frequência de uso pode levar à redução fonética, ou seja, à perda de substância fonética. Os MDs *indeed*, *in fact* e *besides* poderiam ser reduzidos a [ɪndɪd], [ɪnfækt], [bsaɪd/], como acontece com *have to* > *hafta* (TRAUGOTT, 1995b).

⁶⁸ Traugott (2011c) entende a generalidade de significado como a expansão de significados para novos usos. No caso de *indeed*, *in fact* e *besides*, estas formas estão abertas para a reinterpretação a depender do contexto de uso (TRAUGOTT, 1995b).

⁶⁹ *In deed*, *in fact* e *besides* adquirem significados pragmáticos, movendo-se, ao longo do *cline* *função referencial* > *função não-referencial*, de modo a ilustrar o “movimento unidirecional específico original e concreto em direção ao acréscimo de referência geral e abstrata” (PAGLIUCA, 1994, p. ix, *apud* TRAUGOTT, 1995b, p. 14).

⁷⁰ A subjetivização – como verificamos no Capítulo I, mais precisamente na seção 1.2.1. – diz respeito ao processo através do qual os significados indexam as crenças e as atitudes do falante (TRAUGOTT, 1995b).

dispensar nossa atenção na mudança linguística, tais como o fortalecimento pragmático e a subjetivização na gramaticalização.

É nesse sentido que defendemos, então, como propõe Traugott (1995b), que se incluam a expansão de escopo estrutural e o aumento de liberdade sintática no fenômeno da gramaticalização, tornando possível a inserção de elementos considerados de “difícil diagnóstico” – como os MDs – nessa abordagem. Embora a visão tradicional da gramaticalização – que considera a passagem de um item lexical a um item gramatical e a passagem de um item gramatical a um item ainda mais gramatical – determine que a mudança linguística ocorra em direção ao acréscimo de dependência sintática e ao decréscimo em escopo, entendemos, assim como Onodera (2011), que o acréscimo de dependência não deve ser considerado como característica basilar no modelo da gramaticalização. De acordo com Traugott (1995b), da mesma maneira em que a decategorização estrutural pode levar ao acréscimo de dependência dentro da construção gramatical, acréscimo de força pragmática e de abstratização semântica pode levar à liberdade sintática e ao aumento de escopo na nova construção.

Sendo assim, as diferentes propostas de perspectivas para a investigação dos marcadores discursivos supracitadas – da pragmaticalização (ou discursivização), da prototipicidade e da degramaticalização – estão pautadas na proposta dos parâmetros formais de Lehmann (1995 [1982]) para aferição da mudança linguística, os quais se desenvolveram no âmbito da abordagem tradicional da gramaticalização. A essa abordagem tradicional, cujo foco está em mudanças na forma, Traugott (2011c) denomina “gramaticalização como redução e acréscimo de dependência”.

Por outro lado, Traugott (2011c), a partir de Himmelmann (2004), em uma abordagem mais recente, cujo foco está em mudanças na função, sugere que a gramaticalização seja denominada “gramaticalização como expansão”. Segundo Himmelmann (2004 *apud* TRAUGOTT, 2011a), a gramaticalização envolve três tipos de expansão: expansão semântico-pragmática, expansão sintática e expansão *host-class*⁷¹. A expansão semântico-pragmática refere-se à expansão de significados pragmáticos, os quais são convencionalizados em contextos específicos e podem ser semanticizados como polissemias. Já a expansão sintática diz respeito à

⁷¹ Não há uma tradução consagrada na literatura para a expressão “*host-class*”.

expansão de determinada forma, que ocorria em contextos sintagmáticos restritos, para uma variedade de usos sintáticos. Quanto à expansão *host-class*, esta consiste na expansão da classe de origem para outra classe gramatical.

A diferença entre as duas abordagens – “gramaticalização como redução e acréscimo de dependência” e “gramaticalização como expansão” – deve-se, mais uma vez, à concepção de gramática adotada. Kaltenböck, Heine e Kuteva (2011 *apud* TRAUGOTT, 2011c) distinguem entre dois tipos de gramáticas: “gramática da sentença” e “gramática *thetical*”⁷². A “gramática da sentença”, que é sintaticamente rígida e proposicional, desencadearia a “gramática como redução e acréscimo de dependência”. Já a “gramática *thetical*”, que é sintaticamente flexível, baseada em atos de fala e altamente pragmática, desencadearia a “gramática como expansão”.

É nesse contexto que Traugott (2011c) defende que uma abordagem construcional da gramaticalização – a “gramaticalização como expansão” – é compatível com um modelo de “gramaticalização como acréscimo de redução e dependência”, haja vista que a construcionalização envolve *chunking* (associação construcional) e fixação de forma, de um lado, e expansão de uso, de outro.

Teixeira e Oliveira (2012), em seu estudo acerca dos marcadores discursivos formados a partir do esquema construcional *Verbo Locativo* (doravante, também, $VLoc_{MD}$)⁷³, propõem que, nas microconstruções – tais como *(es)t(á) aí*, *(es)tamo(s) aí*, *chega(a) aí*, *chega[r] lá*, *dig(a) aí*, *diga lá*, *escuta aqui*, *(es)per(a) aí*, *espera lá*, *olh(a) aí*, *olh(a) aqui*, *olha lá* *fal(a) aí*, *quero lá*, *segur(a) aí*, *sei lá*, *sabe lá*, *vá lá*, *vamos lá*, *vem cá*, *vê lá* –, o verbo pleno e o advérbio locativo seriam, em um primeiro momento, reduzidos em sua plenitude lexical, gerando mais dependência entre os elementos, e, posteriormente, seriam expandidos para outros contextos de uso. Observemos os exemplos seguintes:

⁷² Não há tradução consagrada na literatura para a expressão “*thetical*”.

⁷³ Teixeira e Oliveira (2012), a partir das abordagens da Gramática das Construções (CROFT, 2001) e da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2008a), apresentam uma tipologia funcional dos marcadores discursivos formados mediante o esquema construcional *Verbo Locativo*. A construção $VLoc_{MD}$ constitui um nível mais esquemático, que se realiza em microconstruções, tais como “vamos lá”, “sei lá”, “escuta aqui”, “espera aí”, entre outras. Quanto às mesoconstruções, estas constituem grupos de microconstruções que se associam sob função mais abrangente e, em algumas situações, podem ser tratadas como formas em competição, como é o caso de “escuta aqui” e “olha aqui” e de “diga aí” e “fala aí”. Entretanto, como destacam as autoras, as microconstruções, apesar de apresentarem semelhanças entre si e de, às vezes cumprirem funções distintas, mantêm suas particularidades.

(40) O deputado Moreira Franco mandou para o novo líder do governo, Luís Eduardo Magalhães, Memórias imaginárias do último imperador do Brasil, um livro brilhante sobre D. Pedro II, do francês Jean Sourbin: - *Aí* vão as memórias do penúltimo. O último **está aí**.. FH não conteve o riso vaidoso quando soube da insinuação. (TEIXEIRA & OLIVEIRA, 2012, p.24-25)

(41) Conheço estes senhores de engenho da Ribeira como a palma da minha mão. **Está aí**, o Seu Álvaro do Aurora custa a pagar. É duro de roer, mas gosto daquele homem. (TEIXEIRA & OLIVEIRA, 2012, p.25)

De acordo com as autoras, em (40), o verbo *está* seleciona o argumento externo ou sujeito “o último [imperador do Brasil]”, na oração em que ocorre. Quanto ao advérbio locativo *aí*, este se refere ao espaço virtual “o governo”, lugar em que se situa FH. Já em (41), o verbo *está* não seleciona nenhum argumento, uma vez que a forma encontra-se reduzida em sua sintaxe; também o locativo *aí* não indica um lugar físico ou virtual. Na verdade, segundo Teixeira e Oliveira (2012), toda a construção *está aí*, que funciona como um marcador discursivo, em (41), o qual assinala conclusão e introdução de opinião, articula liberdade sintática e semântica, ou seja, a construção encontra-se deslocada, em termos de forma e sentido, da oração em que está inserida.

Ao mesmo tempo em que há redução, as autoras destacam que a nova construção também ganha em generalidade, já que *está aí* passa a desempenhar uma nova função em um contexto específico de uso. E, ainda, a construção perde em composicionalidade, visto que não há mais distinção número-pessoal e modo-temporal no verbo nem referência espacial no locativo.

É nesse sentido que Teixeira e Oliveira (2012) evidenciam, na formação dos novos pares forma-sentido formados a partir do esquema construcional VLoc_{MD}, redução lexical, aumento de escopo estrutural e semântico e de liberdade sintático-semântica.

Portanto, as autoras assumem o postulado de Traugott (2011c), segundo o qual “gramaticalização como redução” e “gramaticalização como expansão” não são contraditórias, já que

[...] a rotinização, caso do fenômeno estudado, resulta em redução da plenitude lexical dos itens, o que, por consequência, leva ao aumento de generalidade, ao aumento de esquematicidade, a menor composicionalidade sintática e semântica, na medida em que há redução da estrutura sintática e, desbotamento do significado pleno. (TEIXEIRA & OLIVEIRA, 2012, p. 24)

É nesse contexto que demonstraremos, em nosso trabalho, que os marcadores discursivos derivados dos verbos “olhar” e “ver”, em configuração imperativa, podem, sim, ser tratados no âmbito da abordagem construcional da gramaticalização, uma vez que consideramos que os novos pares forma-sentido articulam, além de redução lexical e aumento de escopo estrutural e de liberdade sintática, diminuição em composicionalidade e acréscimo em produtividade e em esquematicidade, características, como vimos, apontadas por Traugott (2011c) como essenciais ao processo de gramaticalização.

2.4. Conclusões

No presente capítulo, procuramos defender, a partir de uma breve revisão dos trabalhos de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989), Risso *et al.* (2006) e Guerra (2007), que a terminologia mais adequada para nos referimos aos novos pares forma-sentido derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” é marcador discursivo, já que a denominação marcador conversacional promove um comprometimento exclusivo com a língua falada e com a conversação. (RISSO *et al.*, 2006).

Também, mediante a revisão empreendida, chegamos à definição dos marcadores discursivos como elementos que apresentam alta frequência, transparência semântica parcial, independência sintática, pauta demarcativa, até três sílabas tônicas, e que são comunicativamente não-autônomos (RISSO *et al.*, 2006; GUERRA, 2007). Evidenciamos, ainda, os traços “não-sequenciador tópico e sequenciador da interação”, “sequenciador tópico e não-sequenciador da interação” e “sequenciador tópico e sequenciador da interação” como sendo prototípicos à definição do estatuto dos MDs. É nesse contexto que entendemos que se inserem, desse modo, os MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa.

Quanto à delimitação dos aspectos do discurso em que os marcadores discursivos atuam, verificamos a propriedade da multifuncionalidade desses elementos, uma vez que podem operar tanto na organização textual quanto na organização interacional, simultaneamente (MARCUSCHI, 1989; RISSO *et al.*, 2006; GUERRA, 2007). Em nossa análise, demonstraremos, assim, que os MDs derivados

de “olhar” e “ver” em configuração imperativa estabelecem conexões tanto no nível local (texto) quanto no nível global (interação).

Neste capítulo, procuramos demonstrar, também, a tendência de verbos de percepção visual derivarem marcadores discursivos em línguas românicas (ROST, 2002a; ROST-SNICHELOTT, 2008a, 2008b, 2008c, 2009; ROST-SNICHELOTTO E GÖRSKI, 2011), evidenciando a noção de regularidade da mudança linguística (TRAUGOTT & DASHER, 2005), haja vista que o processo se repete, pelo menos, no francês, no espanhol, no italiano e no português. Nesse contexto, tratamos, de maneira pontual, dos trabalhos de Rost (2002a) e Rost-Snichelotto (2009), que propõem, além da verificação de um trajeto de mudança semântico-pragmático na passagem dos verbos a marcadores discursivos, uma sistematização da multifuncionalidade dos MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa em um *continuum* gradiente – a partir da direção *interacional* > *textual* –, cuja ênfase se dá nos graus de envolvimento entre falante e ouvinte na interação. Em nosso trabalho, com uma perspectiva diferente, demonstraremos que, embora saibamos que a (inter)subjetivização – tal como proposta Traugott (1995b, 2010b), Traugott e Dasher (2005) e Cuyckens *et al.* (2010) – só pode ser entendida em uma abordagem diacrônica, até mesmo em uma perspectiva sincrônica – cujo objetivo é a identificação de níveis de gramaticalidade –, os diversos usos dos MDs podem ser distribuídos em um *continuum* gradiente em função da (inter)subjetividade como codificação de crenças e atitudes dos falantes e da preocupação do falante com o *self* de seu interlocutor, e não em termos de maior ou menor envolvimento entre os participantes.

Ainda, neste capítulo, defendemos a inclusão do desenvolvimento dos marcadores discursivos no âmbito da abordagem da gramaticalização (TRAUGOTT, 1995b) e, mais especificamente, da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2011c; TEIXEIRA & OLIVEIRA, 2012), haja vista que tais elementos articulam aumento em esquematicidade e em produtividade e diminuição em composicionalidade, características elementares a esse processo de mudança linguística.

Desse modo, portanto, nossa pesquisa objetiva, com a investigação do desenvolvimento dos marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa, demonstrar que estes elementos

atuam tanto organização textual quanto na organização interacional e estão a serviço de subfunções específicas que surgem das necessidades comunicativas dos participantes no momento da interação. Pretendemos, nesse sentido, identificar os diferentes usos dos MDs investigados nos *corpora* analisados, evidenciando como características formais e funcionais são relevantes à pesquisa em gramaticalização de construções, principalmente, no que tange às necessidades discursivas negociadas na interação, à emergência de novas construções, à formação de um esquema construcional e ao fundamental papel da frequência de uso.

CAPÍTULO III

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo tem por objetivo a apresentação da metodologia de pesquisa por nós utilizada para a realização deste trabalho. Para tanto, (i) nos ocuparemos da descrição dos *corpora* sincrônicos orais e diacrônicos escritos que compõem a amostra constituída para análise de dados, (ii) discutiremos o equacionamento entre o método qualitativo e o papel da frequência de uso das construções encontradas e de seus possíveis padrões construcionais e (iii) apresentaremos nossos procedimentos de análise.

3.1. A constituição da amostra para análise de dados: uma discussão sobre questões fundamentais

Até 1970, de acordo com Heine *et al.* (1991), a gramaticalização era entendida como um processo de mudança que integrava, especialmente, a linguística diacrônica – também denominada linguística histórica –, uma vez que possibilitava a análise do desenvolvimento de uma determinada língua ou de um conjunto de línguas, bem como permitia a relação entre estruturas linguísticas contemporâneas e padrões de uso anteriores. Todavia, estudos posteriores a 1970 passaram a dar a devida atenção à gramaticalização também sob a ótica da sincronia, como um meio de compreender a gramática da língua a partir do ponto de vista dos padrões de usos linguísticos.

Para a realização de nossa pesquisa acerca da gramaticalização dos marcadores discursivos derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa, adotamos uma perspectiva pancrônica de análise, que engloba tanto a perspectiva diacrônica quanto a perspectiva sincrônica.

A gramaticalização sob a perspectiva da diacronia trata da “explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua”; já a gramaticalização sob a perspectiva da sincronia trata da identificação dos “graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos

funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático” (GONÇALVES *et.al.*, 2007, p. 16).

De acordo com Neves (1997), a dicotomia diacronia *versus* sincronia estaria vinculada ao caráter gradual da mudança *versus* o caráter instantâneo da mudança, respectivamente. O processo de mudança linguística sob o ponto de vista diacrônico é considerado gradual, ou seja, formas e/ou funções não emergem e se desenvolvem na língua de maneira abrupta, mas, sim, de maneira lenta e discreta. Por sua vez, o processo sob o ponto de vista sincrônico é considerado instantâneo, isto é, trata-se de um ato mental através do qual uma relação de similaridade é explorada, de modo que formas e/ou funções podem ser empregadas, em determinado momento, tanto em seu estatuto original quanto em seu estatuto gramaticalizado. Contudo, como destaca a própria autora, a coexistência de formas e/ou funções novas e velhas, ainda que por um curto período de tempo, reflete o caráter gradual da mudança linguística, já que formas e/ou funções não mudam abruptamente de uma categoria a outra.

É nesse contexto que autores como Heine *et al.* (1991), Neves (1997) e Martelotta e Alonso (2012) defendem que a pancronia seria a perspectiva ideal para a investigação em gramaticalização. Heine *et al.* (1991) apontam que uma separação rígida entre diacronia e sincronia seria injustificável, já que uma não pode ser entendida de maneira independente da outra. Por sua vez, Neves (1997, p. 118) destaca que uma posição pancrônica “acentua a interdependência entre o sistema linguístico e o uso, e entre a natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica”. Por fim, Martelotta e Alonso (2012, p.103), acerca da pancronia em uma abordagem construcional da gramaticalização, afirmam o seguinte:

[...] sendo a gramática da língua uma estrutura dinâmica, maleável, a distinção entre sincronia e diacronia precisará ser repensada e, tendo isso em vista, propõe-se a gramaticalização como o processo que está na base da formação de padrões construcionais, dos mais simples aos mais complexos e a rede construcional como a arquitetura gramatical disponível para o falante construir seu discurso. (MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p.103)

Nesse sentido, no presente trabalho, objetivamos desenvolver uma análise de dados a partir da perspectiva da pancronia, de maneira a: (a) identificar e descrever

os diferentes padrões construcionais vinculados às microconstruções dos marcadores discursivos investigados, bem como às mesoconstruções e à macroconstrução que estariam na base do processo; e (b) demonstrar, *in loco*, a (inter)subjetivização que envolveria as novas construções com os MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração construcional imperativa – as quais, a partir da reiteração de uso, foram (e têm sido) incorporadas à gramática da língua.

Assim, para a constituição de uma amostra pancrônica para a análise dos dados, nos utilizaremos de um *corpus* sincrônico, constituído por entrevistas orais e gravações de fala espontânea, e de um *corpus* diacrônico, constituído por textos escritos – textos ficcionais e documentos notariais. Acerca da escolha dos *corpora*, nos pautamos nas seguintes diretrizes apresentadas por Vitral (2006, p. 151-152):

- 1) quando possível, optar pela diversidade de gêneros nos textos que compõem cada *corpus* de cada período, favorecendo, assim, o surgimento de ambientes semânticos diferentes que propiciam a ampliação dos usos dos itens, com significados diferentes;
- 2) idealmente, os textos de cada *corpus* devem ser, ainda que aproximadamente, do mesmo tamanho, isto é, com o mesmo número de palavras. Tal procedimento justifica-se devido ao fato de ser imprescindível a análise da frequência dos itens em relação a certos aspectos semânticos que podem evidenciar a existência de um processo de gramaticalização;
- 3) já que os processos de gramaticalização se efetivam em grandes lapsos de tempo, é desejável que haja a maior distância possível entre o último texto que compõe o *corpus* de um período e o primeiro *texto* que compõe o *corpus* do período subsequente. Esse cuidado pode facilitar a identificação do processo em análise.

De acordo com Vitral (2006), cada *corpus* que constitui a amostra deve ser composto por uma diversidade de gêneros textuais e ter o recorte de mesmo número de palavras (ou número aproximado), e, ainda, os *corpora* devem se distanciar o máximo possível no tempo, para que se possa evidenciar o processo de gramaticalização. É a partir dessas diretrizes do autor, portanto, que constituímos a amostra para análise de dados.

Tomamos como critério fundamental o recorte de mesmo número de palavras (ou número aproximado) em cada banco de dados selecionado – cada banco de dados sincrônico é composto por 300 mil palavras, enquanto cada século que

compõe o *corpus* diacrônico é composto por 100 mil palavras⁷⁴. Uma vez que operaremos com o cálculo da frequência de uso⁷⁵ dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa, a seleção baseada no mesmo número de palavras por banco de dados ou por século é necessária para que se evitem enviesamentos na análise final.

Também nos utilizamos de diversos gêneros textuais⁷⁶, a fim de obter uma maior representatividade da língua em uso, haja vista que tal diversidade possibilita o surgimento de diferentes ambientes semântico-pragmáticos⁷⁷. Contudo, mesmo tendo buscado uma melhor, e mais adequada, representatividade linguística, estamos conscientes de que os *corpora* selecionados para a constituição de nossa amostra para análise de dados constituem apenas um recorte parcial da língua.

Por fim, acerca do distanciamento entre os textos que compõem os *corpora* com os quais trabalhamos, selecionamos textos que datam do século XIII ao século XIX para a constituição do *corpus* diacrônico e textos que datam do século XX e do século XXI para a constituição do *corpus* sincrônico⁷⁸.

Conforme já apontado, o *corpus* sincrônico consta de textos orais – entrevistas e gravações de fala espontânea –, reunidos a partir de três *corpora* distintos. Quanto ao *corpus* diacrônico, este é composto por textos na modalidade escrita da língua – textos ficcionais e documentos notariais. Schneider (2004) considera que a escrita não está desassociada da evolução da língua. Assim, entendemos que é possível identificar marcas da oralidade de determinada comunidade linguística em textos que recobrem fases pretéritas da língua. Nesse sentido, o autor propõe os seguintes critérios metodológicos – os quais adotamos nesta pesquisa – para que se possa aferir o vernáculo:

⁷⁴ Nas subseções 3.1.1. e 3.1.2., apresentaremos um quadro para melhor visualização do número de palavras por banco de dados (na sincronia) ou por século (na diacronia).

⁷⁵ Como já destacamos no Capítulo I, o levantamento da frequência de uso constitui mais do que uma ferramenta metodológica; trata-se, fundamentalmente, de um mecanismo de mudança linguística, uma vez que um par forma-sentido torna-se gramaticalizado, ao longo do tempo, a partir da alta frequência de seu padrão construcional. Na seção 3.2. deste capítulo, retomaremos algumas considerações importantes acerca do papel do cálculo da frequência.

⁷⁶ Marcuschi (2009 [2008], p. 155) entende os gêneros textuais como sendo textos materializados, que apresentam “padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”.

⁷⁷ Embora reconheçamos que determinados aspectos linguísticos estariam relacionados a certas sequências tipológicas (ou tipos textuais) – as quais funcionam como esquemas dentro dos gêneros textuais e emergem mediante pressões discursivas –, não analisaremos, neste trabalho, os MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa em função dos diferentes tipos de texto.

⁷⁸ Descreveremos, com detalhes, cada um dos *corpora* selecionados nas subseções a seguir.

- a) o *corpus* dever ser o mais próximo possível da modalidade oral da língua;
- b) o *corpus* deve ser bastante abrangente para que se possa efetuar o cálculo da frequência de uso;
- c) o *corpus* deve ser representativo da comunidade linguística em geral, de maneira que se tenha acesso a diferentes discursos.

É, então, a partir dos critérios metodológicos supracitados que constituímos uma amostra composta por um *corpus* sincrônico e um *corpus* diacrônico. O *corpus* sincrônico é constituído por três *corpora* diferentes, que recobrem a modalidade oral da língua, a saber: o “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”⁷⁹, o projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”⁸⁰ e o projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”⁸¹. Quanto ao *corpus* diacrônico, este é composto por textos escritos, tanto do português europeu⁸² quanto do português brasileiro, selecionados dos seguintes projetos: “CIPM - *Corpus* Informatizado do Português Medieval”⁸³ e “*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe”⁸⁴. Todos os *corpora* serão descritos na subseção a seguir.

3.1.1. O *corpus* sincrônico

O *corpus* sincrônico oral é constituído, como visto, por entrevistas retiradas de três diferentes *corpora*: (a) “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”; (b) Projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”; e (c) Projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. Cada banco de dados que integra o *corpus* sincrônico é composto por 300 mil palavras – totalizando um universo sincrônico de 900 mil palavras para a análise das formas imperativas derivadas dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”. Observemos o quadro a seguir com a divisão de número de palavras por *corpus* selecionado:

⁷⁹ Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>. Acesso em 15 de abr. de 2012.

⁸⁰ Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/peul/>. Acesso em 15 de abr. de 2012.

⁸¹ Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em 15 de abr. de 2012.

⁸² É válido ressaltar aqui que a amostra para análise de dados diacrônicos consta, também, de textos do português europeu devido à falta de textos diacrônicos suficientes que recubram o português brasileiro.

⁸³ Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em 24 de mai. de 2012.

⁸⁴ Disponível em <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>. Acesso em 24 de mai. de 2012.

Quadro 4 – Número de palavras por *corpus* sincrônico selecionado

Corpus sincrônico oral	Descrição do <i>corpus</i> sincrônico oral	Número de palavras analisadas por <i>corpus</i> selecionado
Projeto Mineirês: a construção de um dialeto	Projeto coordenado pela professora Jânia Martins Ramos na UFMG	300.000 palavras
PEUL – Programa de Estudos sobre o uso da língua	Projeto coordenado por professores e pesquisadores na UFRJ	300.000 palavras
NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro	Projeto coordenado pela professora Dinah Maria Isensee Callou na UFRJ	300.000 palavras
Total		900.000 palavras

Como verificamos no quadro acima, o *corpus* sincrônico que integra a amostra para análise de dados é composto por três *corpora*, com 300 mil palavras cada um. Acreditamos que o total de 900 mil palavras do *corpus* sincrônico contribui para uma amostra bastante representativa. Adotamos, ainda, o método da seleção aleatória das entrevistas. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 22), “uma das melhores maneiras de garantir a representatividade é usar uma amostra aleatória, construída de maneira a dar a cada informante ou dado potencial existente na população total igual probabilidade de serem incluídos na amostra”.

O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, coordenado pela Professora Jânia Martins Ramos, na Universidade Federal de Minas Gerais, é composto por entrevistas que datam do início do século XXI e tem por objetivo descrever o dialeto belo-horizontino e os dialetos de Arceburgo, Mariana, Ouro Preto, Piranga e São João da Ponte. No presente trabalho, utilizamos todas as entrevistas que integram o “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” (ANEXO 1). Nesse *corpus*, encontramos um total de 276 ocorrências para os marcadores discursivos derivados do verbo “olhar” e 45 ocorrências para os marcadores discursivos derivados do verbo “ver”⁸⁵. Observemos o quadro:

⁸⁵ Este capítulo tem por objetivo demonstrar somente como a amostra de dados foi constituída. No Capítulo IV, trataremos dos diferentes usos dos marcadores discursivos derivados dos verbos “olhar” e “ver”.

Quadro 5 – Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” no *corpus* do “Projeto Mineirês”

Corpus do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto	Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar”	Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “ver”
		276 ocorrências

O projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” é desenvolvido por pesquisadores, em sua maioria, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, os quais se dedicam ao estudo da variação e da mudança linguística nas modalidades oral e escrita do Rio de Janeiro. O banco de dados do projeto, que tem por objetivo a análise da língua em uso e de sua relação com aspectos sociais, estruturais e funcionais, é composto por textos orais – entrevistas e gravações de fala espontânea – e escritos. Em nosso trabalho, utilizamos entrevistas que compõem a “Amostra de Indivíduos Recontactados” (2000) e o “Censo” (2000) (ANEXO 2). Nesse *corpus*, encontramos um total de 390 ocorrências para os marcadores discursivos derivados do verbo “olhar” e 54 ocorrências para os marcadores discursivos derivados do verbo “ver”. Observemos o quadro a seguir:

Quadro 6 – Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” no *corpus* do Projeto “PEUL”

Corpus do Projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”	Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar”	Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “ver”
		390 ocorrências

O projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”, coordenado pela professora Dinah Maria Isensee Callou, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, é composto de entrevistas realizadas na década de 1970 e entre as décadas de 1980 e 1990, com informantes cariocas cultos. Com as entrevistas em 1970, o objetivo do projeto era caracterizar a modalidade oral culta da língua no Rio de Janeiro. Já no fim de 1980 e início de 1990, foram realizadas entrevistas de recontacto e entrevistas com novos informantes, cujo objetivo era analisar processos de mudança linguística a partir da comparação dos dados. Em nossa pesquisa, utilizamos entrevistas que recobrem os dois períodos (ANEXO 3). Nesse *corpus*, encontramos um total de 174 ocorrências para os marcadores

discursivos derivados do verbo “olhar” e 123 ocorrências para os marcadores discursivos derivados do verbo “ver”.

Quadro 7 – Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” no *corpus* do Projeto “NURC/RJ”

Corpus do Projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”	Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar”	Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “ver”
	174 ocorrências	123 ocorrências

Como verificamos acima, nós encontramos um número considerável de ocorrências dos marcadores discursivos derivadas dos verbos “olhar” e “ver” em cada um dos *corpora* sincrônicos selecionados para a constituição da amostra. Abaixo, apresentamos uma tabela do número total de ocorrências em todo o *corpus* sincrônico:

Tabela 1 – Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” no *corpus* sincrônico

CORPUS SINCRÔNICO ORAL	Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar”		Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “ver”		Total
	n.º	%	n.º	%	
Projeto Mineirês: a construção de um dialeto	276/321	86%	45/321	14%	321
PEUL – Programa de Estudos sobre o uso da língua	390/444	87,8%	54/444	12,2%	444
NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro	174/297	58,6%	123/297	41,4%	297
Total	840/1062	79,1%	222/1062	20,9%	1062

Observamos, na tabela acima, que os MDs derivados de “olhar” – com 840 ocorrências (79,1%) – são significativamente mais frequentes do que os MDs derivados de “ver” – com 222 ocorrências (20,9%). Quanto à frequência de uso dos marcadores discursivos por *corpus*, verificamos o seguinte: (i) no *corpus* do “Projeto Mineirês”, os MDs derivados do verbo “olhar”, mais frequentes, têm 276 ocorrências (86%), e os MDs derivados do verbo “ver” têm 45 ocorrências (14%); (ii) no *corpus* do projeto “PEUL”, os MDs derivados de “olhar”, também mais frequentes, apresentam 390 ocorrências (87,8%), e os MDs derivados de “ver” apresentam 54

ocorrências (12,2%); (iii) por fim, no *corpus* do projeto “NURC/RJ”, obtivemos 174 ocorrências (58,6%) dos MDs derivados de “olhar”, também mais frequentes, e 123 (41,4%) ocorrências dos MDs derivados de “ver”. Embora estejamos apresentando a frequência de uso dos MDs por *corpus* sincrônico investigado, não nos deteremos em uma análise diatópica, uma vez que esta não é a intenção deste trabalho.

3.1.2. O *corpus* diacrônico

A fim de comprovar que as novas construções com os MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa teriam passado por um processo de crescente (inter)subjetivização, e de mapear os possíveis padrões construcionais que estão vinculados aos quatro níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b) para o processo de gramaticalização – macroconstruções, mesoconstruções, microconstruções e construtos –, realizaremos, também, uma análise diacrônica.

O *corpus* diacrônico analisado é constituído por textos escritos – textos ficcionais e documentos notariais – que recobrem o período compreendido entre o século XIII e o século XIX e que integram dois diferentes *corpora*: (a) “CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval”; e (b) “*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe” (ANEXO 4). Buscando uma uniformidade, também, no número de palavras contido nos bancos de dados selecionados para a constituição de nossa amostra para análise, realizamos um recorte de 100 mil palavras por século – totalizando um universo de 700 mil palavras. Observemos o quadro a seguir:

Quadro 8 – Divisão de número de palavras por século analisado

Século	Total de palavras analisadas por século selecionado
Século XIII	100.000 palavras
Século XIV	100.000 palavras
Século XV	100.000 palavras
Século XVI	100.000 palavras
Século XVII	100.000 palavras
Século XVIII	100.000 palavras
Século XIX	100.000 palavras
Total	700 mil palavras

O “CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval” disponibiliza textos do português medieval que datam do século XII ao século XVI⁸⁶. Esse projeto foi desenvolvido a partir da necessidade de se investigar a língua portuguesa em um período mais antigo⁸⁷.

Já o “*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe” compreende 53 textos em português, escritos por autores nascidos entre 1380 e 1845. Desse banco de dados, utilizamos textos datados do século XVII ao século XIX.

Observemos, na tabela a seguir, a distribuição dos marcadores discursivos derivados dos verbos “olhar” e “ver” por século no *corpus* diacrônico:

Tabela 2 – Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” por século no *corpus* diacrônico

Século	Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “olhar”		Total de ocorrências dos marcadores discursivos derivados de “ver”		Total
	n.º	%	n.º	%	
Século XIX	11/15	73,3%	4/15	26,7%	15
Século XVIII	4/11	36,4%	7/11	63,6%	11
Século XVII	3/7	42,9%	4/7	57,1%	7
Século XVI	0/0	0%	0/0	0%	0
Século XV	0/1	0%	1/1	100%	1
Século XIV	0/0	0%	0/0	0%	0
Século XIII	0/0	0%	0/0	0%	0
Total	18/34	53%	16/34	47%	34

Na tabela acima, observamos uma frequência de uso muito reduzida e equilibrada entre os MDs derivados do verbo “olhar” – 18 ocorrências (53%) e os MDs derivados do verbo “ver” – 16 ocorrências (47%). O *corpus* que contém textos do século XIX teve a maior representatividade, com 15 ocorrências (44,1%); nos textos do século XVIII, encontramos o total de 11 ocorrências (32,3%); nos textos do século XVII, obtivemos 7 ocorrências (20,6%); e, por fim, nos textos do século XV,

⁸⁶ Não utilizamos, neste trabalho, os textos que integram o século XII, visto que estes contabilizam um total de apenas 1.115 palavras, o que configura pouca representatividade para a análise de dados.

⁸⁷ Devido ao fato de o banco de dados do “CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval” ser composto por textos que recobrem apenas até o século XVI, verificou-se a necessidade de recorrer ao banco de dados do “*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe”, uma vez que este fornece textos que recobrem o período do século XVII ao século XIX.

encontramos apenas 1 ocorrência (3%). Nos textos do demais séculos, não tivemos nenhuma ocorrência⁸⁸.

Passaremos, a seguir, à discussão acerca do método qualitativo de análise e do fundamental papel da frequência de uso em nosso trabalho.

3.2. O método qualitativo e o fundamental papel da frequência de uso

O presente trabalho tem como objetivo a investigação dos marcadores discursivos derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa, a partir do equacionamento entre o método qualitativo de análise e o cálculo da frequência de uso.

Diversos autores, tais como Johnson *et al.* (2007) e Schiffrin (1987), defendem uma associação entre as análises qualitativa e quantitativa dos dados. Segundo Johnson *et al.* (2007), o método misto é tido como o terceiro maior paradigma de pesquisa e tem por característica a convergência entre os dois principais paradigmas de pesquisa, a saber: o qualitativo e o quantitativo. Schiffrin (1987), por sua vez, aponta que as análises qualitativa e quantitativa são comumente associadas, embora nem sempre se realizem de maneira simétrica. Segundo a autora, sob o ponto de vista qualitativo, acredita-se que um número elevado de ocorrências seja capaz de contribuir para a análise correta de determinados padrões; no que tange à perspectiva quantitativa, acredita-se que um número elevado de ocorrências forneça significância estatística à análise.

Reichardt e Cook (1979) traçam um paralelo entre os atributos de cada um desses paradigmas, evidenciando que a pesquisa qualitativa tende a ser mais subjetiva – à medida que se assume a existência de um sujeito-pesquisador –, holística e crente em uma realidade dinâmica; já a pesquisa quantitativa seria mais objetiva, particularista e crente em uma realidade estável, por exemplo.

Por sua vez, Mason (2006) destaca que, enquanto a pesquisa qualitativa nos permite entender a dinâmica dos processos sociais, das mudanças e dos contextos

⁸⁸ Observamos, ainda, o predomínio dos MDs derivados do verbo “ver” em amostras mais antigas (séculos XV, XVII, XVIII e XIX). Tal fato nos permite pressupor que, com o tempo, estes marcadores discursivos foram cedendo lugar aos MDs derivados do verbo “olhar”, cuja representatividade aumenta através dos séculos.

sociais, explorar contornos situacionais e estabelecer estratégias e comparações entre processos, a pesquisa quantitativa nos permite prever padrões e mudanças sociais, bem como apontar tendências, semelhanças e medidas. Entretanto, para a autora, a pesquisa qualitativa tem uma vantagem explicativa mais precisa, pois se preocupa com a explicação em sentido mais amplo.

Mesmo diante de numerosas diferenças, Tashakkori e Creswell (2007) apontam que várias pesquisas, tanto na área das ciências sociais (em que predomina o paradigma qualitativo) quanto no campo das ciências biológicas (em que o paradigma predominante é o quantitativo), utilizam métodos mistos. Os autores constataam que diferentes estudiosos trabalham com dois tipos de questões de pesquisa, dois tipos de procedimento de coleta, dois tipos de dados, dois tipos de análise – cada tipo corresponde a um paradigma distinto.

Assim sendo, as pesquisas que utilizam métodos mistos combinam, de maneira simétrica ou assimétrica, métodos em pesquisa quantitativa e métodos em pesquisa qualitativa, para que se possa ter uma maior compreensão do objeto em estudo.

É nesse contexto que procuraremos, em nossa análise, equacionar a pesquisa qualitativa e o cálculo da frequência de uso no que diz respeito à análise dos MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa.

Uma vez que os objetivos de nosso trabalho são descrever, pontualmente, os diferentes usos dos MDs investigados, compreender o contexto em que cada construção ocorre e identificar os possíveis padrões construcionais que emergem na interação, faz-se necessária a metodologia qualitativa.

Do mesmo modo, entendemos que o levantamento da frequência de novos padrões de uso – procedimento quantitativo –, mais do que uma ferramenta metodológica, constitui um mecanismo fundamental de mudança linguística, haja vista que um padrão construcional torna-se gramaticalizado, ao longo do tempo, mediante o aumento da frequência do novo par forma-sentido. Nesse sentido, o cálculo da frequência de uso é fundamental para que se possam atestar os estágios do processo de gramaticalização (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006; MARTELOTTA, 2009). Bybee (2003, 2010, 2011) aponta que o aumento da frequência de uso das construções estaria diretamente relacionado a determinadas mudanças

características do processo de gramaticalização, tais como interpretação dos itens como uma unidade construcional, redução e erosão fonética nas construções gramaticais, enfraquecimento da força semântica original e expansão funcional das novas construções para novos contextos de uso. Ainda, o cálculo da frequência é coerente com uma abordagem construcional da gramaticalização (TRAUGOTT, 2011a, 2011c), haja vista que, realizado sincrônica e diacronicamente, nos permite mapear os quatro níveis de mudança: macroconstruções, mesoconstruções, microconstruções e construtos (TRAUGOTT, 2008a, 2008b).

3.3. Os procedimentos de análise dos dados

Conforme já sinalizado, nossa pesquisa tem como objetivo geral explicar o processo de mudança linguística envolvido no desenvolvimento dos marcadores discursivos derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa a partir da abordagem da gramaticalização de construções. Nesse sentido, pretendemos descrever cada uso dos MDs investigados – evidenciando que as novas microconstruções apresentam especificidades que as diferem das demais construções –, identificar os possíveis padrões construcionais que emergem na interação e propor a existência de um possível esquema construcional. Para tanto, demonstraremos como características formais e funcionais são relevantes à pesquisa em gramaticalização de construções, especialmente, no que diz respeito às necessidades discursivas negociadas na interação, à emergência de novas construções, à formação de um esquema construcional e ao fundamental papel da frequência de uso.

Assim, visando ao cumprimento dos objetivos de nosso trabalho, o tratamento dos dados apresentado no Capítulo IV se realizará mediante os seguintes procedimentos estabelecidos a partir do equacionamento entre a análise da frequência de uso e a análise qualitativa: (i) identificação do padrão que configura a macroconstrução que envolveria o processo de gramaticalização dos MDs investigados com base em uma perspectiva panocrônica; (ii) identificação de cada um dos padrões construcionais que compõem as mesoconstruções que estariam da base do processo de gramaticalização dos MDs investigados, também a partir de

uma perspectiva pancrônica; (iii) análise de cada par forma-sentido que configura cada microconstrução em uma perspectiva sincrônica; e (iv) sistematização dos MDs derivados de “olhar” e “ver” em um esquema construcional com base nos quatro níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b).

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS: os níveis de esquematicidade dos marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2

Este capítulo dedica-se à sistematização dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 a partir dos quatro níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b) para a abordagem construcional da gramaticalização – macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto.

Inicialmente, identificaremos o padrão construcional que configura a macroconstrução, ou esquema altamente abstrato, que estaria na base do processo de gramaticalização. Para tanto, equacionaremos o cálculo da frequência de uso dos MDs derivados de “olhar” e “ver”, em forma simples e em forma composta, e a análise qualitativa de algumas ocorrências levantadas nos *corpora* analisados. Neste trabalho, conforme já sinalizado no Capítulo III, a diacronia tem como objetivo comprovar, quando possível, os resultados encontrados em uma perspectiva sincrônica – estamos cientes de que os *corpora* selecionados para a constituição da amostra para a análise de dados constituem apenas um recorte parcial da língua.

Posteriormente, passaremos ao cálculo da frequência de uso e à identificação de cada uma das mesoconstruções – *prefaciação*, *opinião/sustentação*, *discurso reportado*, *interjeição* e *contraexpectativa* – identificadas tanto no *corpus* oral quanto no *corpus* escrito, as quais agrupam microconstruções que apresentam similaridades entre si. Em seguida, analisaremos, em uma perspectiva sincrônica, cada microconstrução com MD dentro de sua respectiva mesoconstrução, de maneira a apontar as particularidades do par forma-sentido em função de seu contexto de atuação discursiva, bem como a demonstrar *in loco* a (inter)subjetivização que envolveria as novas construções com os MDs investigados, as quais, a partir da reiteração de uso, foram (e têm sido) incorporadas à gramática da língua.

Por fim, apresentaremos nossa proposta de esquema construcional para os MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, demonstrando que a abordagem construcional da gramaticalização nos permite pensar na extensão de padrões baseados em exemplos e nas mudanças específicas em microconstruções, as quais articulam esquemas gerais, ao mesmo tempo em que são por eles afetadas.

4.1. A macroconstrução *verbo de percepção visual em configuração imperativa e em P2 na chamada de atenção do ouvinte*

Segundo Cunha Lacerda e Oliveira (2013) – conforme discutido no Capítulo I deste trabalho –, as construções existentes na língua possuiriam propriedades particulares que as identificam e, por se organizarem em redes, seriam pensadas cada vez mais esquematicamente por falantes e ouvintes. Assim, a gramaticalização de construções individuais, as quais se desenvolveriam a partir de esquemas abstratos pré-existentes, também possibilitaria o estabelecimento de extensas redes construcionais na língua, isto é, mudanças em microconstruções específicas afetariam e seriam afetadas por esquemas gerais (TRAUGOTT, 2011c). É nesse contexto que Traugott (2008a, 2008b) sugere que a gramaticalização de construções seja pensada a partir de quatro níveis de esquematicidade – macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto –, como já apresentado no Capítulo I, mais especificamente na seção 1.2.2.

De acordo com a proposta de Traugott (2008a, 2008b), a macroconstrução seria a construção mais genérica da rede, ou seja, a macroconstrução configuraria um esquema construcional altamente abstrato que atuaria como uma representação exemplar para o alinhamento de um novo par forma-sentido ou microconstrução dentro de um esquema maior. Assim, a macroconstrução, juntamente com as mesoconstruções, através do mecanismo da analogia, seria responsável pela generalização e pelo realinhamento do novo par forma-sentido e pela negociação de sentido que promove a mudança (TRAUGOTT, 2008a, 2008b, 2010a).

No que tange aos marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” – objetos de investigação do presente trabalho –, identificamos, com base, principalmente, nos estudos de Rost (2002a), Rost-Snichelotto (2008a,

2008b, 2008c, 2009) e Rost-Snichelotto e Görski (2011), que o par forma-sentido que configura a macroconstrução é o *verbo de percepção visual em configuração imperativa e em P2 na chamada de atenção do ouvinte*.

Embora as autoras não tenham tratado da gramaticalização de tais MDs sob a ótica da abordagem construcional nem sob a perspectiva da esquematicidade proposta por Traugott (2008a, 2008b) – conforme já sinalizado no Capítulo II deste trabalho –, destacamos sua fundamental contribuição no que concerne à identificação da tendência de verbos de percepção visual, associados à segunda pessoa do discurso e em configuração imperativa, derivarem marcadores discursivos em línguas românicas, tais como o francês, o espanhol, o italiano e o português. As formas verbais, nas quatro línguas românicas citadas, sofrem pequenas mudanças semântico-pragmáticas, de maneira que um uso [+ concreto], que designa o espaço locativo, passaria a desempenhar, ao longo do tempo, outro uso [- concreto], que designaria o espaço discursivo. Dessa maneira, é a partir de seu sentido mais abstrato e mais cognitivo que as formas dos MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 têm seus usos generalizados para a função de marcadores discursivos. De acordo com as autoras, o uso inicial de tais formas como MDs pode ser atestado quando estas deixam de apontar para o espaço físico – percepção visual – ou para o espaço virtual – percepção cognitiva – e passam a apontar para a informação que o falante enuncia, mantendo, porém, resquícios da acepção de origem e do imperativo canônico.

Segundo Sweetser (1990), é comum o uso de verbos de percepção visual, vinculados ao domínio físico, para expressar ideias no domínio intelectual ou mental. Para a autora, a percepção visual está relacionada à percepção intelectual por ser esta a fonte primária de informações sobre o mundo. Tal fato é evidenciado em expressões de diversas línguas, como ocorre, por exemplo, na língua inglesa a partir do enunciado *I see with my own eyes* (Eu vejo com meus próprios olhos), no qual o verbo “see” indica, nesse contexto, certeza. Sweetser (1990) destaca que o fato de dados visuais se tornarem os tipos mais certos de conhecimento justifica a capacidade de verbos como “ver” poderem expressar, além da percepção visual, a percepção cognitiva.

Cezario (2001) acrescenta, ainda, que a expressão da percepção, da cognição, da atitude mental ou da articulação verbal está diretamente relacionada à

modalidade epistêmica da língua, uma vez que esta representa o nível do raciocínio, do intelecto, da percepção e é responsável pela expressão de julgamentos, de certezas, de dúvidas e de crenças do falante. Segundo a autora, portanto, é possível associarmos a modalidade epistêmica a verbos como “ver”, “achar”, “saber”, entre outros. No que diz respeito, especificamente, ao verbo “ver”, Cezario (2001, p. 131) identifica o sentido de “enxergar” como sendo o uso mais concreto e a fonte para os demais usos, visto que estes são “gerados por transferência metafórica de um verbo que se refere ao sentido humano da visão e [o uso mais concreto] passa a codificar estados da mente (de percepção, interpretação, verificação ou dúvida)”. Entre o uso mais concreto, diretamente relacionado aos sentidos humanos, e o uso mais abstrato, vinculado ao plano cognitivo, a autora identifica o uso híbrido, em que os sentidos concreto e abstrato estão coocorrendo. Cezario (2001) verifica, também, as ocorrências do verbo “ver” com sentido de verificar algo no futuro, o qual é representado pela construção “pra ver se”, e com função de advérbio de dúvida, a qual é representada pela construção “vai ver que”.

Carvalho (2004) e Matos (2012), assim como Cezario (2001), destacam a propriedade de o verbo “ver” expressar, além da percepção sensorial, a percepção cognitiva. As autoras apontam, também, a existência de um uso híbrido, que remete tanto ao domínio físico quanto ao domínio cognitivo ou mental. Carvalho (2004) identifica: a) o sentido de “verificar algo no futuro”, através das construções “para ver se” e “para ver com”; b) a função que se aproxima de um advérbio de dúvida, através da construção “vai ver que”; c) e o uso do verbo “ver” como marcador discursivo, como é o caso de “deixa eu ver” e “você vê”. Já Matos (2012), além dos sentidos de percepção visual, de percepção cognitiva e do uso híbrido, verifica a ocorrência do verbo “ver” vinculado a determinadas construções linguísticas, que, segundo a autora, permitem o reconhecimento de padrões prototípicos que se relacionam diretamente aos usos identificados, como os marcadores discursivos – *deixa eu ver, quer ver, você vê, viu, veja bem, vê lá, você veja, para você ver* – e os usos denominados por ela como “outras construções” – *ter (muito/nada) a ver, tem nem que ver, onde já se viu, vamos ver*, entre outras.

Sweetser (1990), Cezario (2001), Carvalho (2004) e Matos (2012) – embora não tratem em seus trabalhos de usos do verbo “olhar” – ratificam a mudança semântico-pragmática apontada, principalmente, por Rost (2002a) e Rost-

Snichelotto (2009), que envolveria as formas dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, que vai de um sentido [+ concreto], que designa a percepção visual – no caso do verbo “ver”, como visto no Capítulo II, este também pode designar a percepção auditiva –, a um sentido [+ abstrato], que designa a percepção cognitiva. E, de acordo com Rost (2002a) e Rost-Snichelotto (2009), é justamente a partir do sentido mais cognitivo que as formas dos verbos “olhar” e “ver” têm seus usos expandidos para a função de marcadores discursivos, os quais deixam de apontar para o espaço físico (comando do falante para o ouvinte direcionar o olhar/a visão) ou para o espaço virtual (comando do falante para o ouvinte direcionar sua percepção cognitiva) e passam a apontar para o discurso do falante. Contudo, apesar das expansões semântico-pragmáticas, tais marcadores discursivos, em seus diferentes usos, retêm vestígios do significado fonte – *chamada de atenção do ouvinte* – e da forma original – configuração imperativa e P2.

É nesse contexto que Rost (2002a) e Rost-Snichelotto (2009) defendem que os MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, apesar de terem sua força dêitica reduzida, com enfraquecimento do comando imperativo do falante sobre o ouvinte, mantêm resquícios do ato de fala manipulativo. São essas características, portanto, que nos levam, assim como as autoras, a identificar a *chamada de atenção do ouvinte* como o domínio funcional mais geral em que os marcadores discursivos estão ocorrendo. Observemos os exemplos a seguir:

(42) D: O centro da cidade, o centro mesmo, porque a senhora já falou de outras coisas, já falou das festas, das, das atividades, eh, sociais das pessoas e das modificações que houve, né, a respeito do centro da cidade, a senhora sentiu muita modificação?

L: O centro da cidade modificou-se muito. **Olha**, cito um exemplo, por exemplo a rua do Ouvidor. A rua do Ouvidor, no meu tempo de menina, de mocinha e de senhora madura era o que havia de mais elegante no Rio de Janeiro. Lembro-me quando estive em Buenos Aires, achava até muito parecido com a "calle Florida", que também é uma rua muito bonita. Hoje a rua do Ouvidor é alguma coisa incredivelmente triste. Demoliram o prédio grande de uma casa, parece-me que uma loja chamada Capital. (...) (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista contato 70, inquérito 258)

(43) F: Eu gosto muito de... eh “bife” à bolonhesa.

E: E você (hes) sabe como é que faz, não? (ruídos)

F: **Olha só...** eu acho que... é assim: é... é um peito... é um “bife” empanado de carne (latidos de cachorro) com molho de tomate e queijo e mussarela por cima derretido.

E: Hum:hum, certo. E agora falando a respeito da sua escola, (latidos de cachorro) onde é que você estuda mesmo? (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista T09)

Nos dois exemplos expostos anteriormente, observamos a propriedade da *chamada de atenção do ouvinte*, tanto para a interação comunicativa quanto para o texto a ser enunciado pelo falante. Em (42), o MD *olha* chama a atenção do ouvinte para um contexto de sustentação – através de exemplo – de uma opinião. O contexto argumentativo pode ser evidenciado pela estrutura ponto de vista ou opinião, que precede o marcador discursivo, e pela argumentação mediante exemplificação, como observamos em “O centro da cidade modificou-se muito. *Olha*, cito um exemplo, por exemplo a rua do Ouvidor (...)”. No exemplo (43), o MD *olha só* chama a atenção do ouvinte para o planejamento e a formulação do segmento subsequente, representado pela descrição dos ingredientes que compõem o bife à bolonhesa, como verificamos em “*Olha só...* eu acho que... é assim: é... é um peito... é um ‘bife’ empanado de carne (latidos de cachorro) com molho de tomate e queijo e mussarela por cima derretido”. Ao chamar a atenção do ouvinte, os MDs *olha* e *olha só*, nos exemplos apresentados, mantêm resquícios do significado original dos verbos no que tange à percepção, adicionando, entretanto, cada um deles, um contexto específico de uso que nos permite revelar diferentes intenções do falante. Percebemos, desse modo, o deslocamento do traço da percepção para o espaço discursivo, visto que tais marcadores discursivos poderiam ser parafraseados pela expressão “presta atenção”.

Uma vez tendo verificado nas ocorrências acima a função de *chamada de atenção do ouvinte* dos MDs investigados, que compreende uma parte do par formassentido que compõe a macroconstrução, passaremos à análise da frequência de uso dos dados coletados em nossa amostra a fim de atestar a outra parte do par, representada pelo verbo de percepção visual em configuração imperativa e em P2.

A coleta dos marcadores discursivos derivados dos verbos “olhar” e “ver”, na amostra analisada em nosso trabalho – composta por um *corpus* sincrônico e por um *corpus* diacrônico, conforme já apresentado no Capítulo III –, restringiu-se ao contexto imperativo, já identificado por Rost (2002a), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) e Rost-Snichelotto e Görski (2011). Todavia, o levantamento

dos dados foi realizado independentemente da pessoa do discurso⁸⁹. As tabelas a seguir apresentam como cada forma dos MDs investigados se estabelece na amostra analisada⁹⁰.

Atentemos inicialmente para a frequência de uso das formas simples dos MDs derivados de “olhar” no *corpus* sincrônico:

Tabela 3 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “olhar” na forma simples por *corpus* sincrônico

Corpus sincrônico oral	MDs derivados de “olhar” na forma simples				Total
	olha		olhe		
	n.º	%	n.º	%	
“Mineirês”	272/272	100%	0/272	0%	272
“PEUL”	358/358	100%	0/358	0%	358
“NURC/RJ”	166/168	98,8%	2/168	1,2%	168
Total	796/798	99,7%	2/798	0,3%	798

Na modalidade oral da língua, que constitui o *corpus* sincrônico investigado, encontramos duas formas simples de realização dos MDs derivados do verbo “olhar”, as quais fazem referência à segunda pessoa do discurso (P2), a saber: *olha*⁹¹ – na forma indicativa derivada do verbo (doravante, também, IND) – e *olhe* – na forma subjuntiva derivada do verbo (doravante, também, SUBJ).

O MD *olha* apresenta uma frequência de uso bastante significativa em toda a amostra sincrônica para forma simples, com 796 ocorrências (99,7%) em um total de 798 ocorrências. Já o MD *olhe* é pouco frequente, haja vista que temos somente 2 ocorrências (0,3%) em toda a amostra oral.

A frequência relativamente alta do MD *olha*, na modalidade oral da língua, cuja forma é derivada do modo indicativo, é um forte indício de que os usos dos marcadores discursivos derivados de “olhar” na forma simples, em uma perspectiva sincrônica, já se encontram fixados em P2 e na forma indicativa do verbo.

⁸⁹ Foram levantados os MDs derivados de “olhar” e “ver” independentemente da pessoa do discurso a fim de comprovarmos a frequência de uso das formas em P2.

⁹⁰ Como ressaltamos no Capítulo III deste trabalho, mais especificamente na subseção 3.1.1., embora estejamos apresentando a frequência de uso dos MDs por *corpus* sincrônico investigado, não nos deteremos a uma análise diatópica, uma vez que esta não é a intenção deste trabalho.

⁹¹ É importante destacar que foram encontradas ocorrências reduzidas foneticamente, como são os casos de [‘ya], [‘y] e [‘], que acreditamos serem decorrentes da forma *olha*, derivada do modo indicativo. Dessa forma, neste trabalho, optamos por agrupá-las. É importante ainda sinalizarmos que estamos realizando uma projeção hipotética, mas que consideramos plausível, uma vez que não foi encontrada nenhuma forma de [‘ye] ou de [‘yi], que pudesse configurar uma redução fonética de *olhe*.

Observemos, a seguir, os resultados do *corpus* sincrônico para os MDs derivados de “olhar” na forma composta:

Tabela 4 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “olhar” na forma composta por *corpus* sincrônico

Corpus sincrônico oral	MDs derivados de “olhar” na forma composta														T O T A L
	mas olha		pois olha		olha aí		olha aqui		olha bem		olha só		e olhe lá		
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
“Mineirês”	1/4	25%	0/4	0%	0/4	0%	1/4	25%	0/4	0%	2/4	50%	0/4	0%	4
“PEUL”	1/32	3,1%	1/32	3,1%	0/32	0%	0/32	0%	1/32	3,1%	27/32	84,4%	2/32	6,3%	32
“NURC/RJ”	1/6	16,7%	0/6	0%	1/6	16,7%	2/6	33,3%	0/6	0%	0/6	0%	2/6	33,3%	6
Total	3/42	7,1%	1/42	2,4%	1/42	2,4%	3/42	7,1%	1/42	2,4%	29/42	69%	4/42	9,6%	42

No que diz respeito às formas compostas de realização dos MDs derivados de “olhar” no *corpus* sincrônico, foram encontradas as seguintes formas verbais em P2, combinadas com elementos conectores e adverbiais: *mas olha*, *pois olha*, *olha aí*, *olha aqui*, *olha bem*, *olha só* – derivadas do IND – e *e olhe lá* – derivada do SUBJ.

O MD *olha só*, em P2 e no modo IND do verbo, configura a forma composta mais frequente encontrada no *corpus* sincrônico, tendo 29 ocorrências (69%) em um total de 42 ocorrências. Os demais MDs compostos derivados de “olhar” se apresentam com uma frequência de uso bastante reduzida e em equilíbrio entre si. Temos 4 ocorrências do MD *e olhe lá* (9,6%), 3 ocorrências do MD *olha aqui* (7,1%), 3 ocorrências do MD *mas olha* (7,1%), 1 ocorrência do MD *olha aí* (2,4%), 1 ocorrência do MD *pois olha* (2,4%) e 1 ocorrência do MD *olha bem* (2,4%). Tais resultados nos fornecem pistas de que o MD *olha só*, derivado do IND e em P2, estaria em um processo mais avançado de gramaticalização. No entanto, estamos cientes de que os *corpora* selecionados para a constituição de nossa amostra para análise de dados constituem apenas um recorte parcial da língua, o que significa dizer que tais números são relativos à nossa pesquisa.

Se equacionarmos as ocorrências dos MDs derivados do verbo “olhar” em forma simples e as ocorrências desses mesmos MDs em forma composta, verificamos que, em um total de 840 ocorrências: a) 840 (100%) encontram-se fixadas em P2; b) 798 (95%) apresentam-se na forma simples e 42 (5%) na forma composta; c) 834 ocorrências (99,3%) encontram-se no modo IND enquanto apenas 6 ocorrências (0,7%) figuram no modo SUBJ.

A tabela seguinte apresenta as ocorrências dos MDs derivados do verbo “ver” em forma simples no *corpus* sincrônico:

Tabela 5 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “ver” na forma simples por *corpus* sincrônico

Corpus sincrônico oral	MDs derivados de “ver” na forma simples								Total
	vê		veja		vejam		vejamos		
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
“Mineirês”	9/10	90%	1/10	10%	0/10	0%	0/10	0%	10
“PEUL”	28/28	100%	0/28	0%	0/28	0%	0/28	0%	28
“NURC/RJ”	48/63	76,2%	13/63	20,6%	1/63	1,6%	1/63	1,6%	63
Total	85/101	84,1%	14/101	13,9%	1/101	1%	1/101	1%	101

Como é possível verificar na tabela 5 acima, os MDs derivados de “ver” na forma simples foram encontrados tanto em P2, como são os casos de *vê* – derivado de IND – e *veja* – derivado de SUBJ –, quanto em P4 (quarta pessoa do discurso), representada por *vejamos* – derivado de SUBJ –, e em P5 (quinta pessoa do discurso), representada por *vejam* – derivado de SUBJ.

O MD *vê*, em P2 e no modo IND, é o marcador discursivo mais representativo em nosso *corpus* sincrônico, com 85 ocorrências (84,1%) em um total de 101 ocorrências. Quanto ao MD *veja*, em P2 e no modo SUBJ, temos apenas 14 ocorrências (13,9%). Já para as formas em P4 e em P5, respectivamente, *vejamos* e *vejam*, ambas derivadas do SUBJ, temos 1 ocorrência para cada MD (1% para cada forma simples).

Como visto, as frequências de uso dos MDs em P4 e P5 são se mostram significativas em nossa amostra. Tal fato corrobora a proposta de Rost (2002a), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) e Rost-Snichelotto e Görski (2011) de que há uma tendência à fixação dos marcadores discursivos derivados de verbos de percepção visual na configuração imperativa e em P2. Desse modo, concentraremos nossa análise qualitativa apenas nos usos das construções em P2. Todavia, não descartamos a possibilidade de os marcadores discursivos em P4 e P5, com o passar do tempo, tornarem-se frequentes na língua e reorganizarem todo o esquema construcional.

Comparando a frequência de uso das formas simples dos MDs derivados do verbo “olhar” com a frequência de uso das formas simples dos MDs derivados do verbo “ver” no *corpus* sincrônico, percebemos que as construções com “olhar” são

muito mais produtivas: em um universo de 899 ocorrências em forma simples de MDs derivados de “olhar” e de “ver”, temos o total 798 ocorrências (88,8%) para os MDs derivados de “olhar” e o total de 101 ocorrências (11,2%) para os MDs derivados de “ver”. Acreditamos que os MDs derivados de “olhar” em forma simples estejam mais avançados no processo de gramaticalização do que os MDs derivados de “ver” em forma simples.

Ainda analisando comparativamente todos os MDs em forma simples no *corpus* sincrônico, verificamos o predomínio largamente do MD *olha*, em P2 e no modo IND, com o total de 796 ocorrências (88,5%) em um universo de 899 ocorrências. Tais números demonstram a alta representatividade de *olha*, o qual, como veremos nas seções adiante, pode ser considerado multifuncional. O segundo marcador discursivo mais frequente, depois de *olha*, é *vê*, também em P2 e no modo IND, com 85 ocorrências (9,4%) em um universo de 899 ocorrências em forma simples. Os demais marcadores discursivos encontrados apresentam, como vimos, uma frequência ainda menor que o MD *vê*. Os resultados obtidos até o momento indicam que, na modalidade oral da língua, há uma tendência à fixação dos marcadores discursivos de forma simples em P2 e na forma indicativa do verbo.

Passemos à análise da frequência das ocorrências dos MDs derivados do verbo “ver” em forma composta no *corpus* sincrônico:

Tabela 6 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “ver” na forma composta por *corpus* sincrônico

Corpus sincrônico oral	MDs derivados de “ver” na forma composta								Total
	vê lá		vê só		veja bem		deixa eu ver		
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
“Mineirês”	1/35	2,85%	0/35	0%	1/35	2,85%	33/35	94,3%	35
“PEUL”	0/26	0%	1/26	3,85%	1/26	3,85%	24/26	92,3%	26
“NURC/RJ”	0/60	0%	0/60	0%	19/60	31,7%	41/60	68,3%	60
Total	1/121	0,8%	1/121	0,8%	21/121	17,4%	98/121	81%	121

Foram encontradas as seguintes formas compostas dos MDs derivados do verbo “ver” no *corpus* sincrônico: *vê lá*, *vê só* e *deixa eu ver*, derivadas do IND, e *veja bem*, derivada do SUBJ. Como visto, todas as ocorrências encontram-se em P2.

O MD *deixa eu ver*, em P2 e no modo IND, é a forma composta derivada do verbo “ver” mais frequente em nossa amostra oral, com 98 ocorrências (81%) em

um total de 121 ocorrências. O segundo MD mais frequente em forma composta é *veja bem*, com 21 ocorrências (17,4%). Os demais MDs, *vê lá* e *vê só*, apresentaram apenas 1 ocorrência cada um (0,8% para cada MD).

Equacionando todas as ocorrências de MDs derivados do verbo “ver”, tanto em forma simples quanto em forma composta, chegamos a um total de 222 ocorrências. Nesse universo de 222 ocorrências, observamos o seguinte: a) 220 (99,1%) encontram-se fixadas em P2; b) 37 (16,7%) são derivadas do modo SUBJ enquanto 185 (83,3%) são derivadas do modo IND; c) e 101 (45,5%) apresentam-se na forma simples e 121 (54,5%) na forma composta.

Ainda, estabelecendo uma comparação entre a frequência de uso das formas compostas dos MDs derivados de “olhar” e a dos MDs derivados de “ver”, observamos que, ao contrário do que acontece com as formas simples, as construções com “ver” são mais frequentes: em um total de 163 ocorrências dos marcadores discursivos em forma composta derivados de “olhar” e “ver”, encontramos 42 ocorrências (25,8%) para os MDs derivados de “olhar” e 121 ocorrências para os MDs derivados de “ver” (74,2%). Também, verificamos a maior frequência de uso do MD *deixa eu ver*, em P2 e no modo IND, com 98 ocorrências (60,1%) em um universo de 163 ocorrências de formas compostas.

Por fim, confrontando os resultados gerais obtidos a partir da perspectiva da sincronia, evidenciamos que: (i) os MDs derivados de “olhar” possuem uma maior frequência de uso, com 840 ocorrências (79,1%), se comparados às 222 ocorrências (20,9%) de MDs derivados de “ver”; (ii) as formas simples dos marcadores discursivos são significativamente mais frequentes do que as formas compostas, uma vez que, para o total de 1062 ocorrências de MDs derivados do verbo “olhar” e MDs derivados do verbo “ver”, temos 899 ocorrências (84,7%) para a forma simples e 163 ocorrências (15,3%) para a forma composta; (iii) em um total de 1062 ocorrências, contabilizando formas simples e compostas, encontramos apenas 2 ocorrências (0,1%) que não estão associadas à segunda pessoa do discurso, enquanto 1060 ocorrências (99,9%) das formas estão em P2; (iv) também em um universo de 1062 ocorrências, somente 43 ocorrências (4%) são derivadas da forma subjuntiva do verbo, ao passo que temos 1019 (96%) ocorrências derivadas do modo IND; (v) a forma simples *olha* configura o MD mais frequente, com 796 ocorrências (74,8%) em um total de 1062 ocorrências. Verificamos, também, que os

MDs derivados de “olhar” ocorrem com maior frequência de uso no *corpus* do projeto “PEUL”, cujo registro de fala tende a ser mais informal. Já os MDs derivados de “ver” são mais frequentes no *corpus* do projeto “NURC/RJ”, o qual tende a ser mais formal.

Nossos números apontam como sendo mais frequentes os marcadores discursivos derivados de “olhar” e “ver” em forma simples, em P2 e no modo indicativo do verbo. Tais resultados corroboram as evidências destacadas por Rost (2002a), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) e Rost-Snichelotto e Görski (2011) de que os marcadores discursivos derivados de verbos de percepção visual, em diferentes línguas românicas, se fixam, de maneira geral, em P2 e em configuração imperativa, o que demonstra que, embora tenham passado por um processo de expansão semântico-pragmática, estes ainda retêm vestígios da forma original dos verbos (se antes as formas verbais apontavam para o espaço físico ou para o espaço virtual, agora os MDs apontam para o espaço discursivo). As autoras verificam, também, uma fixação dos MDs, mais frequentemente, no modo indicativo dos verbos. Rost-Snichelotto (2009, p. 41) acredita que as formas derivadas do modo indicativo “sejam mais recorrentes, considerando-se que este modo esteja tomando, na fala, o lugar do subjuntivo”, e defende que, ao assumir funções discursivas, o item tende a não estar sujeito à flexão número-pessoal e/ou modo-temporal. Ainda, Teixeira e Oliveira (2012) apontam que a não distinção número-pessoal e modo-temporal é evidência do decréscimo em composicionalidade, uma das características fundamentais à abordagem da gramaticalização de construções.

Desse modo, as conclusões a que podemos chegar são as de que, no processo de mudança linguística dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa, as formas simples seriam anteriores às formas compostas, haja vista que são significativamente mais frequentes mesmo em uma perspectiva sincrônica; haveria uma tendência à fixação dos MDs em P2 e no modo indicativo dos verbos; os MDs derivados do verbo “olhar”, especialmente o MD *olha*, encontram-se em um nível mais avançado de gramaticalização, se comparados aos demais marcadores discursivos.

Passemos agora ao cálculo da frequência de usos dos marcadores discursivos no *corpus* diacrônico. A tabela a seguir representa os MDs derivados do verbo “olhar” em forma simples:

Tabela 7 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “olhar” na forma simples no *corpus* diacrônico

Corpus diacrônico escrito	MDs derivados de “olhar” na forma simples						Total
	olha		olhe		olhai		
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Séc. XIX	6/9	66,7%	3/9	33,3%	0/9	0%	9
Séc. XVIII	0/3	0%	2/3	66,7%	1/3	33,3%	3
Séc. XVII	0/3	0%	2/3	66,7%	1/3	33,3%	3
Séc. XVI	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Séc. XV	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Séc. XIV	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Séc. XIII	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Total	6/15	40%	7/15	46,7%	2/15	13,3%	15

Como é possível verificar na tabela 7 acima, a frequência de uso dos MDs derivados de “olhar” em forma simples, na amostra diacrônica escrita, não se mostra significativa, uma vez que temos um número muito reduzido e equilibrado de ocorrências. Em um total de apenas 15 ocorrências, encontramos 6 ocorrências para o MD *olha* (40%), em P2 e no modo IND – todas no século XIX –, 7 ocorrências para o MD *olhe* (46,7%), em P2 e no modo SUBJ – 3 ocorrências no século XIX, 2 ocorrências no século XVIII e 2 ocorrências no século XVII – e 2 ocorrências para o MD *olhai* (13,3%), em P5 e no modo IND – 1 ocorrência no século XVIII e 1 ocorrência no século XVII.

Novamente, ponderamos que não nos deteremos à análise qualitativa dos marcadores discursivos que não fazem referência à P2, uma vez que estes não se mostram representativos em nossa amostra. Assim, devido ao fato de o MD *olhai* se encontrar em P5 e ter tido apenas 1 ocorrência no *corpus* diacrônico e nenhuma no *corpus* sincrônico, este não será incluído no esquema construcional dos MDs analisados nem será tratado na análise qualitativa dos dados.

Na tabela seguinte, apresentamos as ocorrências dos MDs derivados do verbo “olhar” em forma composta no *corpus* diacrônico:

Tabela 8 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “olhar” na forma composta no *corpus* diacrônico

Corpus diacrônico escrito	MDs derivados de “olhar” na forma composta						Total
	mas olha		olha lá		pois olhe		
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Séc. XIX	0/2	0%	1 /2	50%	1/2	50%	2
Séc. XVIII	1/1	100%	0/1	0%	0/1	0%	1
Séc. XVII	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Séc. XVI	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Séc. XV	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Séc. XIV	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Séc. XIII	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Total	1/3	33,3%	1/3	33,3%	1/3	33,3%	3

No que concerne às formas compostas dos MDs derivados de “olhar” no *corpus* diacrônico, encontramos o total de 3 ocorrências. Como observamos na tabela 8, temos 1 ocorrência do MD *mas olha* (33,3%), em P2 e no modo IND – no século XVIII –, 1 ocorrência do MD *olha lá* (33,3%), em P2 e no modo IND – no século XIX –, e 1 ocorrência do MD *pois olhe* (33,3%), em P2 e no modo SUBJ – no século XIX. Os MDs derivados do verbo “olhar” em forma composta, assim como aqueles em forma simples, são pouco produtivos na amostra diacrônica analisada. Destacamos, mais uma vez, que os *corpora* utilizados são um recorte parcial da língua. Desse modo, a baixa frequência de uso dos marcadores discursivos investigados é relativa à amostra utilizada, o que significa dizer que é possível que tais números aumentem a depender do *corpus* selecionado.

O total de MDs derivados dos verbos “olhar” no *corpus* diacrônico, tanto em forma simples quanto em forma composta, é de 18 ocorrências, sendo 15 (83,3%) na forma simples e 3 (16,7%) na forma composta. Também em um total de 18 ocorrências, 10 (55,6%) estão no modo IND e 8 (44,4%) estão no modo SUBJ e 16 (88,9%) são em P2 e 2 (11,1%) são em P5.

Apresentamos, em seguida, a frequência de uso das ocorrências dos MDs derivados do verbo “ver” em forma simples no *corpus* diacrônico:

Tabela 9 – Distribuição das ocorrências dos MDs derivados de “ver” na forma simples no *corpus* diacrônico

Corpus diacrônico escrito	vê		vês		veja		vede		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Séc. XIX	0/3	0%	1/3	33,3%	1/3	33,3%	1/3	33,3%	3
Séc. XVIII	3/7	42,85%	0/7	0%	3/7	42,85%	1/7	14,3%	7
Séc. XVII	0/4	0%	0/4	0%	4/4	100%	0/4	0%	4
Séc. XVI	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Séc. XV	0/1	0%	0/1	0%	0/1	0%	1/1	100%	1
Séc. XIV	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Séc. XIII	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Total	3/15	20%	1/15	6,7%	8/15	53,3%	3/15	20%	15

No *corpus* diacrônico, temos um total de 15 ocorrências de MDs derivados de “ver” em forma simples. O MD *veja* é o mais frequente, com 8 ocorrências (53,3%) – 1 ocorrência no século XIX, 3 ocorrências no século XVIII e 4 ocorrências no século XVII. Quanto aos demais MDs, encontramos 3 ocorrências (20%) para o MD *vê* – todas no século XVIII –, 1 (6,7%) ocorrência para o MD *vês* – no século XIX – e 3 ocorrências (20%) para o MD *vede* – nos séculos XIX, XVIII e XV.

Comparando os MDs derivados do verbo “olhar” com os MDs derivados do verbo “ver”, todos em forma simples, observamos que, em um total de 30 ocorrências, 15 (50%) são de MDs derivados de “olhar” e 15 (50%) são de MDs derivados de “ver”, 15 (50%) estão no modo IND e 15 (50%) estão no modo SUBJ e 25 (83,3%) encontram-se em P2 e 5 (16,7%) em P5.

Por fim, apresentamos a única ocorrência de MD derivado de “ver” em forma composta encontrada no *corpus* diacrônico:

Tabela 10 – Única ocorrência do MD derivado de “ver” na forma composta no *corpus* diacrônico

Corpus diacrônico escrito	MD derivado de “ver” na forma composta		Total
	vê lá		
	n.º	%	
Séc. XIX	1/1	100%	1
Séc. XVIII	0/0	0%	0
Séc. XVII	0/0	0%	0
Séc. XVI	0/0	0%	0
Séc. XV	0/0	0%	0
Séc. XIV	0/0	0%	0
Séc. XIII	0/0	0%	0
Total	1/1	100%	1

No *corpus* diacrônico, encontramos apenas 1 ocorrência do MD *vê lá*, em P2 e no modo IND, no século XIX.

Assim, equacionando formas simples e formas composta de MDs derivados de “ver” na amostra diacrônica, em um total de 16 ocorrências, 15 (93,75%) estão em forma simples e 1 (6,25%) está em forma composta, 13 (81,25%) são em P2 e 3 (18,75%) são em P5 e 8 (50%) são derivadas do modo IND e 8 (50%) são derivadas do modo SUBJ.

Analisando comparativamente as formas compostas de MDs derivados de “olhar” e de MDs derivados de “ver”, verificamos um total de apenas 4 ocorrências, todas elas em P2, sendo 3 (75%) para MDs derivados de “olhar” e 1 (25%) para MDs derivados de “ver”, e 3 (75%) no modo IND e 1 (25%) no modo SUJB.

Confrontando os resultados gerais obtidos a partir da perspectiva da diacronia, evidenciamos que (i) os MDs derivados de “olhar” possuem uma maior frequência de uso, com 18 ocorrências (53%), do que os MDs derivados de “ver”, com 16 ocorrências (47%) – no entanto, a discrepância entre as ocorrências de MDs com “olhar” e as ocorrências de MDs com “ver” na diacronia é bastante reduzida; (ii) as formas simples dos marcadores discursivos são mais frequentes do que as formas compostas, visto que, para o total de 34 ocorrências de MDs derivados do verbo “olhar” e MDs derivados do verbo “ver”, temos 30 ocorrências (88,2%) para a forma simples e 4 ocorrências (11,8%) para a forma composta; (iii) em um total de 34 ocorrências, contabilizando formas simples e compostas, encontramos 5 ocorrências (14,7%) em P5, enquanto 29 ocorrências (85,3%) das formas estão em P2; (iv) também em um universo de 34 ocorrências, somente 16 ocorrências (47%) são derivadas da forma subjuntiva do verbo, ao passo que 18 (53%) ocorrências são derivadas do modo IND. Verificamos, ainda, uma maior frequência de uso dos MDs derivados de “ver” em amostras mais antigas.

Nossos resultados no *corpus* diacrônico apontam, assim como no *corpus* sincrônico, como sendo mais frequentes os MDs em forma simples, em P2 e no modo indicativo do verbo. Tais resultados evidenciam a regularização da macroconstrução em configuração imperativa e na segunda pessoa do discurso, podendo os MDs se realizarem tanto em forma simples quanto em forma composta e tanto no modo indicativo dos verbos quanto no modo subjuntivo dos verbos – embora tenhamos observado uma maior frequência na forma simples e no modo

IND. Todavia, estamos cientes de que nossa amostra escrita forneceu poucas ocorrências para os marcadores discursivos analisados, tanto em forma simples quanto em forma composta (inclusive, não tivemos nenhuma ocorrência nos séculos XIII, XIV e XVI). Dessa maneira, julgamos ser necessária a ampliação e diversificação do *corpus* diacrônico para que seja possível projetar, com mais clareza, evidências de um trajeto de emergência e mudança linguísticas das construções analisadas ao longo do tempo. Além disso, por estarmos trabalhando com um recorte parcial da língua, seja oral ou escrito, não desconsideramos a possibilidade de os MDs em P4 e P5, com o passar do tempo, tornarem-se frequentes na língua e reorganizarem todo o esquema construcional.

Na seção seguinte, veremos como as mesoconstruções e as microconstruções se organizam em termos formais e funcionais dentro do esquema construcional mais abstrato (ou macroconstrução) *verbo de percepção visual em configuração imperativa e em P2 na chamada de atenção do ouvinte*.

4.2. As mesoconstruções e as microconstruções com MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2

Como vimos no Capítulo I deste trabalho, na seção 1.2.2., as mesoconstruções consistem em grupos de microconstruções que apresentam similaridades entre si – seja no nível sintático, seja no nível semântico, seja no nível pragmático. Conforme apontado por Traugott (2008a), seriam as mesoconstruções as responsáveis pela atração semântico-pragmática – através do mecanismo da analogia – que promove o estabelecimento de redes construcionais, bem como o surgimento de novas construções, haja vista que o nível macro representaria um esquema construcional altamente abstrato. Em outras palavras, os pares forma-sentido que constituem as mesoconstruções forneceriam, do ponto de vista cognitivo, um esquema que seria seguido pelos falantes no momento da interação. No que concerne às microconstruções que compõem as mesoconstruções, estas consistem em construções individuais convencionalizadas e gramaticalizadas na língua, que, apesar de apresentarem semelhanças no nível meso, mantêm suas particularidades em relação ao par forma-sentido.

A partir da análise realizada sobre os marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, identificamos conjuntos de microconstruções distribuídas em cinco mesoconstruções, as quais denominamos, neste trabalho, *prefaciação*, *opinião/sustentação*, *discurso reportado*, *interjeição* e *contraexpectativa*. Tais mesoconstruções, que articulam um tipo de referência diferente daquela obtida tão somente a partir da soma dos constituintes, sugerem um alinhamento em padrões de uso que cumprem funções específicas, como veremos nos exemplos a seguir⁹².

A mesoconstrução *prefaciação* é constituída por microconstruções que atuam na organização da resposta solicitada, a fim de atender à demanda do interlocutor. Em nossos dados, em situações menos frequentes, as microconstruções podem atuar, também, na formulação da pergunta realizada. As formas que marcam o padrão construcional dessa mesoconstrução com MD, que tem como função a organização do discurso, são: (a) a retomada de partes da pergunta na resposta do entrevistado; (b) o paralelismo de tempo verbal entre os enunciados dos participantes da situação comunicativa; (c) e os segmentos prefaciados constituídos por sequências narrativas ou descritivas ou por respostas breves ou do tipo “sim/não” solicitadas pelo entrevistador. Ainda, nas situações ditas menos frequentes, em nosso trabalho, além do paralelismo verbal, temos a retomada de parte da resposta do interlocutor na próxima pergunta do falante e uma pergunta realizada pelo entrevistador como o escopo do segmento prefaciado. Vejamos o exemplo abaixo:

(44) E: Ah sei, e::, i o qui mais marcou assim a sua infância?

F: **Olha** na infância o qui mais marcou mesmo foi qui agenti pur ser vários irmãos foi aquela união qui agenti tinha na infância i cultivou ao longo do tempu tamém, mais o qui mais marcou mesmo era as bricaderas qui agenti tinha entri si pelo fato de ser criação nossa mesmo... (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista BH 11)

No exemplo (44), o entrevistador solicita que a entrevistada conte uma situação que mais marcou a sua infância. A entrevistada utiliza o MD *olha* para ganhar tempo até que seja feita a formulação do contexto prefaciado, como

⁹² Nesta seção 4.2., fazemos apenas uma apresentação das mesoconstruções identificadas em nossa amostra. Nas subseções em que analisamos cada microconstrução dentro de sua respectiva mesoconstrução, trataremos, de maneira pontual, das características que estão vinculadas ao par forma-sentido de cada mesoconstrução, apresentando os conceitos necessários.

evidenciamos através (a) da expressão “na infância o qui mais marcou”, que retoma parte da pergunta do entrevistador, (b) do paralelismo do tempo verbal no pretérito perfeito do indicativo, como observamos em “marcou” e “foi” e (c) da sequência narrativa que se inicia com uma locução adverbial de tempo “na infância”.

Já a mesoconstrução *opinião/sustentação* condensa microconstruções com MDs que apontam para um contexto que têm como arquitetura formal a exposição do ponto de vista/da opinião do falante, bem como da sustentação de seu ponto de vista/de sua opinião, o que é representado linguisticamente, como veremos adiante, por expressões específicas que indicam opinião ou sustentação do ponto de vista apresentado. A essa mesoconstrução está vinculada a noção de modalidade epistêmica, que, de acordo com Neves (2011 [2006]) e Santos (2007), consiste no julgamento ou na avaliação do falante acerca da verdade do conteúdo proposicional, de modo que o conteúdo comunicado é marcado pelo conhecimento, pela crença ou pela opinião pessoal do falante. Observemos o exemplo a seguir:

(45) E: É. E você acha que/ quanto a função do governador, qual que você acha que é a função do governador?

F: **Olha**, eu acho que a função do governador é mante[r] uma economia pro Estado, da[r] o salário, não atrasa[r] porque, por exemplo, se cê tem, você estuda no NP né? Faz inglês.

E: Uhn

F: Você fica de recebe[r] esse salário e você tem que paga[r] amanhã se não você paga multa de 10 reais, cê vai te[r] que paga[r] no mês que vem, poxa, fica chato assim, eles pensam nele, mas na gente eles num pensam. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Mar 64)

Em (45), o entrevistador pede que a entrevistada opine acerca da função do governador no Estado. A entrevistada, através do MD *olha*, introduz uma estrutura argumentativa, que é composta por um ponto de vista/uma opinião, evidenciado(a) pela expressão “eu acho que”, e pela sustentação da opinião, como verificamos em “porque, por exemplo se cê tem, você estuda no NP né? Faz inglês”.

Quanto à mesoconstrução *discurso reportado*, esta é composta por microconstruções com MDs que fazem remissão ao discurso direto do próprio falante ou de uma terceira pessoa. O padrão formal que expressa, linguisticamente, o alinhamento do marcador discursivo em um padrão de uso para que se possa cumprir a função de reportar um determinado discurso é a presença de um verbo

dicendi (“de dizer”), como é o caso de “falar”, “afirmar”, entre outros. Atentemos ao exemplo seguinte:

(46) Num sei, diz que num podia... e sabe, tinha... o Dr. NP falava pra dá banho pra febre abachá. Né? Elas levaro a banhera pro meu quarto: a NP, a NP e a NP minha prima. Punha água naquela banhera e me punha. Ele falava assim: **Olha**, num pode dexá caí porque o entestino dela tá por um fio, se arreventá, qualquer coisa é fatal. Então, elas pegavam, uma pegava nos pés, outra na cabeça e outra no meio pra me pô na banhera. Sabe? Foi um coisa... que tinha um banhão grande, mas num era nos quarto aquele tempo. Né? Era dentro de casa mas num era nos quarto. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc 12)

No exemplo (46), a entrevistada, ao contar que teve febre tifoide, introduz, através do MD *olha*, o discurso do médico na ocasião. Do ponto de vista formal, a função de introdução de um contexto de discurso reportado do MD é verificada através do verbo *dicendi* “falava”.

A mesoconstrução *interjeição* condensa microconstruções com MDs que têm como características (i) a função fática exclamativa que denota o sentimento do falante, tal como surpresa, decepção, espanto ou outro e (ii) o caráter avaliativo que pode vir, ou não, expresso por uma sequência avaliativa. Linguisticamente, nessas microconstruções, a interjeição é marcada, explícita ou implicitamente, através de uma pausa que indica uma curva entonacional⁹³ para o sentimento/a avaliação expresso(a), ou é, ainda, subentendida a partir do contexto de uso. Vejamos o exemplo seguinte:

(47) Aí um dia eles convidaram pra fazê um quadro de Nossa... era Santa Terezinha, Nossa Senhora e tinha outra santa que agora no momento eu num me lembro. Eram três personagens, assim, de santo. Né? E num falaru nada pra mim que vinha padre nem nada, eu num conhecia padre direito. Né? Aí eu peguei... elas chamou, eu fui. Né? Fiquei toda alegre. E puseru uma cortina na frente, só no altar lá. Quando eu... entramo e tudo, tava tudo arrumadinha lá em cima, tava muito bonito, a igreja cheia... quando eu olhei lá, que eu vi o padre, eu fiz assim: Buhaaaa! E dispenquei de lá, fui pará lá do outro lado. Sabe? Que tinha escada, fui pará lá em baixo, saiu tudo correno, as mulher, minha mãe, foru me pegá lá em baxo! E eu gritano de medo do padre. O padre assustô! Falô que achô que tinha dado alguma coisa ni mim lá em cima. Né?
– Não! O senhor num preocupa não!

⁹³ Não estamos trabalhando com dados em áudio, dessa maneira, não temos como controlar a prosódia dos MDs investigados. No entanto, os sinais gráficos (transcritos da fala) e o contexto nos levam a identificar esta mesoconstrução como tendo como principal característica formal a entonação exclamativa.

E depois que ele ficô sabeno que eu caí foi de medo dele. Há Há Há. **Olha!** Foi um escândalo! Atrapalhei o padre lá dos santo. Mas a gente achava graça. Né? Aí outra vez eu sumi lá em São Pedro! Desapareci!

Lá em casa tinha uma despensa muito grande e o papai comprava muito saco assim de açúcar, de feijão, tudo assim de muito. Né? (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc 02)

Em (47), o MD *olha* tem função fática exclamativa, já que expressa uma surpresa do falante em relação à situação contada por ele mesmo, como verificamos através da pausa depois do marcador discursivo (“Olha!”). Nessa mesoconstrução, percebemos, ainda, a busca do falante pelo alinhamento de seu interlocutor. A entrevistada pretende que o entrevistador compartilhe sua surpresa diante do ocorrido, bem como sua avaliação da situação (“Foi um escândalo!”). É nesse sentido que entendemos que a mesoconstrução *interjeição* é (inter)subjetiva, haja vista que o par forma-sentido que a configura expressa as crenças e as atitudes dos falantes, bem como é responsável por indexar a preocupação do falante com o *self* do seu interlocutor.

Por fim, a mesoconstrução *contraexpectativa* agrupa microconstruções com MDs que tem como par forma-sentido a noção de quebra de expectativa expressa, linguisticamente, através de uma construção contrastiva, como observamos a seguir:

(48) DOC. - você é moradora de Copacabana... o que que você acha ()...

LOC. - bom...

DOC. - você acha diferente... são:... são () diferentes?

LOC. - são **olha** Copacabana... éh::... tem esse lado... éh:: muito:: da violência né?... mas também tem aquele lado que... éh:: são éh:: pessoas que chegaram em Copacabana há setenta anos tão até hoje é v... éh... Copacabana dos velhinhos entendeu?... então éh/o... Copacabana é/é:: bem familiar né? (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista amostra complementar 90, inquérito 25)

No exemplo (48), os interlocutores conversam a respeito das características dos cariocas, quando o entrevistador pergunta à entrevistada o que ela acha de Copacabana, e se as pessoas desse bairro são diferentes das pessoas dos demais bairros do Rio de Janeiro. A entrevistada, através do MD *olha*, introduz um contexto de quebra de expectativa ao dizer que Copacabana possui um lado violento, mas também tem um lado “bem familiar”, que traz a ideia de lugar tranquilo. A quebra de expectativa pode ser observada através da noção de figura e fundo, uma vez que a entrevistada contrapõe dois cenários bem diferentes – bairro violento e bairro tranquilo. Nesse contexto de quebra de expectativa, a cláusula adversativa,

introduzida pela conjunção “mas”, é responsável pelo alinhamento do marcador discursivo em um padrão de uso para o cumprimento dessa função específica.

Em todas as mesoconstruções identificadas, como podemos verificar nos exemplos apresentados, faz-se presente a macrofunção da *chamada de atenção do ouvinte* tanto para a interação quanto para o texto enunciado pelo falante, embora a ênfase na interação ou no texto seja determinada pelo contexto específico de uso, conforme já sinalizado no Capítulo II, mais precisamente na seção 2.1.

Observemos a tabela abaixo acerca da distribuição das mesoconstruções por amostra sincrônica⁹⁴.

Tabela 11 – Distribuição das mesoconstruções por *corpus* sincrônico

Mesoconstruções	Corpus sincrônico oral						Total
	“Mineirês”		“PEUL”		“NURC/RJ”		
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Prefaciação	102/360	28,3%	128/360	35,6%	130/360	36,1%	360
Opinião/ sustentação	71/308	23,1%	132/308	42,8%	105/308	34,1%	308
Discurso reportado	69/185	37,3%	101/185	54,6%	15/185	8,1%	185
Interjeição	52/115	45,2%	46/115	40%	17/115	14,8%	115
Contraexpectativa	25/92	27,2%	37/92	40,2%	30/92	32,6%	92
Total	319/1060	30,1%	444/1060	41,9%	297/1060	28%	1060

Verificamos na tabela 11 acima que em um total de 1060 ocorrências de MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2⁹⁵ em uma perspectiva sincrônica, a mesoconstrução mais frequente é *prefaciação*, com 360 ocorrências (34%). A segunda mesoconstrução mais frequente é *opinião/sustentação*, com 308 ocorrências (29%), seguida das mesoconstruções *discurso reportado*, com 185 ocorrências (17,4%), *interjeição*, com 115 ocorrências (10,8%) e *contraexpectativa*, com 92 ocorrências (8,8%).

⁹⁴ Embora estejamos apresentando a frequência de uso dos MDs por *corpus* sincrônico investigado, assim como na seção 4.1., deste trabalho, não nos deteremos a uma análise diatópica.

⁹⁵ Como mencionamos na seção 4.1. deste capítulo, concentraremos nossa análise qualitativa apenas nos usos das construções em P2. Dessa forma, na tabela 11, contabilizamos apenas os usos em P2, descartando uma ocorrência em P4 (*vejamos*) e uma ocorrência em P5 (*vejam*). Entretanto, não desconsideramos a possibilidade de os marcadores discursivos em P4 e P5, com o passar do tempo, tornarem-se frequentes na língua e reorganizarem todo o esquema construcional.

Atentemos agora à distribuição das mesoconstruções identificadas por *corpus* diacrônico.

Tabela 12 – Distribuição das mesoconstruções por *corpus* diacrônico

Mesoconstruções	Corpus diacrônico escrito														Total
	Séc. XIX		Séc. XVIII		Séc. XVII		Séc. XVI		Séc. XV		Séc. XIV		Séc. XIII		
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Prefaciação	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0
Opinião/ sustentação	4/8	50%	1/8	12,5%	3/8	37,5%	0/8	0%	0/8	0%	0/8	0%	0/8	0%	8
Discurso reportado	3/3	100%	0/3	0%	0/3	0%	0/3	0%	0/3	0%	0/3	0%	0/3	0%	3
Interjeição	7/16	43,75%	6/16	37,5%	3/16	18,75%	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	16
Contraexpectativa	0/2	0%	2/2	100%	0/2	0%	0/2	0%	0/2	0%	0/2	0%	0/2	0%	2
Total	14/29	48,3%	9/29	31%	6/29	20,7%	0/29	0%	0/29	0%	0/29	0%	0/29	0%	29

A tabela 12 acima apresenta a distribuição das mesoconstruções identificadas por *corpus* diacrônico. Na amostra escrita, em um total de apenas 29 ocorrências de MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2⁹⁶, a mesoconstrução mais frequente é *interjeição*, com 16 ocorrências (55,2%). Em seguida, temos as mesoconstruções *opinião sustentação*, com 8 ocorrências (27,6%), *discurso reportado*, com 3 ocorrências (10,3%), e *contraexpectativa*, com 2 ocorrências (6,9%). E não encontramos nenhum marcador discursivo pertencente à mesoconstrução *prefaciação*.

Como visto, a frequência de uso dos MDs investigados, em uma perspectiva diacrônica, não foi significativa para que pudéssemos postular uma possível trajetória de mudança das mesoconstruções em direção a um processo de crescente (inter)subjetivização ao longo do tempo, já que obtivemos um número muito reduzido de ocorrências. Mais uma vez, chamamos a atenção para o fato de que estamos trabalhando com um recorte parcial da língua. Desse modo, optamos por proceder à análise qualitativa dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, no que diz respeito às meso e microconstruções, apenas sob a perspectiva sincrônica.

⁹⁶ Assim como fizemos com a amostra oral, na amostra escrita, contabilizamos apenas os usos em P2, descartando de nossa análise, portanto, cinco ocorrências em P5 (duas de *olhai* e três de *vede*).

Passaremos, por conseguinte, à análise qualitativa de cada microconstrução dentro de sua respectiva mesoconstrução em uma perspectiva sincrônica. Ressaltamos, contudo, que, embora estejamos tratando das ocorrências com marcadores discursivos sob a nomenclatura microconstruções, algumas destas apresentam uma baixa frequência de uso em nossa amostra, podendo, assim, configurar um construto, e não uma microconstrução. É plausível destacar, também, que, uma vez que a baixa frequência de uso de determinadas microconstruções com MDs é relativa à amostra utilizada, é possível que tais números aumentem a depender do *corpus* selecionado.

Veremos, nas subseções seguintes, como os MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 identificados no *corpus* sincrônico se realizam como uma microconstrução dentro de cada mesoconstrução a que está vinculada.

4.2.1. A mesoconstrução *prefaciação*

Os marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, em geral, podem ser ditos prefaciadores se considerarmos a definição de Risso (2006, p. 470) de que estes “são em comum desencadeados, no curso da fala, como parte ou totalidade de atos verbais preparatórios de declarações sequentes”, tanto em pares adjacentes⁹⁷ de pergunta-resposta (doravante, também, P-R) quanto em outros contextos dissociados da correlação P-R.

Fora do contexto dialógico de pergunta-resposta, de acordo com a autora, é possível verificar os MDs prefaciadores atuando, em diferentes contextos, em posição intratópica (dentro de um determinado tópico) ou intraturno (dentro de um determinado turno), em que a abertura ou o encaminhamento do tópico é entendido relativamente a aspectos novos de uma informação já parcialmente desencadeada.

No que diz respeito aos MDs prefaciadores que estabelecem vínculos com a interlocução ativa relacionada à dinâmica de alternância de turnos, ou seja, que

⁹⁷ Segundo Sacks *et al.* (1974), os pares adjacentes são compostos por dois turnos de fala, os quais ocorrem um após o outro (estão posicionados adjacentermente), sendo proferidos por falantes diferentes.

expressam o envolvimento mútuo dos interlocutores através do par P-R, segundo Risso (2006), (i) do ponto de vista estrutural, estes articulam dois turnos adjacentes interdependentes e sinalizam, no segundo turno, o desenvolvimento do tópico solicitado no primeiro turno, constituindo uma construção coesa e coerente, enquanto que, (ii) do ponto de vista interacional, marcam a dialogicidade entre os interlocutores, demonstrando a cooperação coordenada daquele que responde ao atendimento da expectativa daquele que pergunta. Tais constatações não nos deixam perder de vista, portanto, que tais elementos atuam tanto na organização textual (no nível local) quanto na organização interacional (no nível global) do discurso, de maneira simultânea, embora o foco possa se dar predominantemente em uma ou outra perspectiva, ou seja, no texto ou na interação. Assim, seja em aberturas de respostas – posição inicial no turno –, seja em encaminhamentos de respostas – posição medial no turno –, os marcadores discursivos demarcam uma sequencialização estrutural dependente do acordo de interlocução firmado no fluxo dialógico.

A autora subdivide os MDs que atuam na dialogicidade entre os interlocutores em “prefaciadores referenciais” e “prefaciadores formulativos”. Enquanto os “prefaciadores referenciais” enfatizam o conteúdo enunciado pelo falante, que pode ser uma opinião, uma causa, uma adversidade, um reparo, entre outros, os “prefaciadores formulativos” focam na interação comunicativa (no envolvimento interpessoal entre falante e ouvinte), mais precisamente, na manutenção do contato entre os participantes e na formulação da resposta solicitada. Para a autora, essas diferenças semântico-pragmáticas permitem a individualização dos prefaciadores, na intermediação do par P-R, com conseqüente diferenciação na qualidade dos segmentos que são prefaciados, além de confirmar a diferença de foco dos MDs sobre a estrutura interpessoal ou ideacional do discurso.

Ressaltamos que, devido ao fato de o *corpus* sincrônico ser composto por entrevistas sociolinguísticas, a maioria das construções com os MDs investigados e, conseqüentemente, das mesoconstruções encontra-se correlacionada, em alguma medida, ao par adjacente pergunta-resposta. Todavia, no presente trabalho, denominamos *prefaciação* a mesoconstrução que é constituída por marcadores discursivos que Risso (2006, p. 479) chama de “prefaciadores formulativos”: “verdadeiros enchimentos verbais que funcionam fundamentalmente para manter o

canal de interlocução em aberto, enquanto se procura o rumo da formulação a ser dada ao tópico”. De acordo com a autora, os MDs “prefaciadores formulativos” asseguram o contato entre os participantes de uma interação comunicativa ao mesmo tempo em que trazem para dentro do discurso o monitoramento pessoal do processo de planejamento e de formulação da resposta, chamando, portanto, a atenção do ouvinte mais para a interação comunicativa do que para o conteúdo enunciado.

É nesse sentido que, neste trabalho, agrupamos na mesoconstrução *prefaciação* as microconstruções com MDs que atuam na abertura ou no encaminhamento de tópicos em pares adjacentes de pergunta-resposta, cuja motivação para a ocorrência e/ou ênfase de tais construções está na manutenção do contato e do tempo para o planejamento e a formulação, fundamentalmente, de respostas que têm como escopo sequências narrativas ou descritivas ou de respostas breves ou do tipo “sim/não” ou, ainda, em casos menos frequentes, de perguntas realizadas pelo entrevistador.

Conforme demonstraremos adiante, a partir de ocorrências analisadas qualitativamente, as formas que marcam o padrão construcional dessa mesoconstrução com MD, que tem como função a organização do discurso, são, do ponto de vista linguístico, (a) a retomada de partes da pergunta na resposta do entrevistado – que, conforme Castilho (2010), constitui uma estratégia de reformulação tópica –, (b) o paralelismo de tempo verbal entre os enunciados dos participantes da situação comunicativa e (c) os segmentos prefaciados constituídos por sequências narrativas ou descritivas ou por respostas breves ou do tipo “sim/não”. Ainda, em menor frequência, temos a retomada de partes da resposta do entrevistado na próxima pergunta do entrevistador e uma pergunta solicitada pelo entrevistador como escopo do segmento prefaciado. Em nossos dados, a retomada de partes, seja da pergunta seja da resposta do falante, e o paralelismo verbal entre os enunciados dos participantes da interação comunicativa estão diretamente relacionados à dialogicidade entre os interlocutores e, portanto, ao envolvimento mútuo de falante e ouvinte no evento discursivo.

De acordo com Sacks *et al.* (1974), a pergunta direcionada ao interlocutor, na primeira parte do par adjacente, configura uma “estratégia óbvia” para selecionar o falante seguinte e, ainda, estabelece restrições ao que deve ser feito no próximo

turno. Essa “relevância condicional” que rege os pares adjacentes, que consiste na coerência entre a primeira parte do par e a segunda parte do par, está refletida na estrutura formal da mesoconstrução *prefaciação*.

A seguir, apresentamos as microconstruções com MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, em forma simples e em forma composta, que se agrupam na mesoconstrução *prefaciação*:

Tabela 13 – Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver” na mesoconstrução *prefaciação*

Mesoconstrução <i>prefaciação</i>			
Microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver”		Total de ocorrências	
		n.º	%
Formas simples	olha	222	61,7%
	olhe	1	0,3%
	vê	18	5%
	veja	1	0,3%
Formas compostas	olha só	14	3,8%
	veja bem	6	1,7%
	deixa eu ver	98	27,2%
	Total	360	

Na tabela 13, verificamos que a microconstrução integrante da mesoconstrução *prefaciação* mais frequente no *corpus* sincrônico é a forma simples *olha*, no modo IND, com 222 ocorrências (61,7%) em um total de 360 ocorrências. A segunda microconstrução mais frequente é a forma composta *deixa eu ver*, também no modo IND, com 98 ocorrências (27,2%). Em seguida, temos as demais microconstruções, cuja frequência de uso é bem reduzida: *vê*, com 18 ocorrências (5%), *olha só*, com 14 ocorrências (3,8%), *veja bem*, com 6 ocorrências (1,7%), *olhe*, com 1 ocorrência (0,3%), e *veja*, com 1 ocorrência (0,3%).

Embora todas as microconstruções identificadas acima apresentem semelhanças no nível meso, as quais explicitamos anteriormente, como veremos nos exemplos seguintes, cada uma delas mantém suas particularidades em relação ao par forma-sentido. Procederemos, inicialmente, à análise das microconstruções com MDs derivados do verbo “olhar” – *olha*, *olhe* e *olha só* –, as quais verificamos serem mais frequentes em aberturas de respostas ou perguntas. Em seguida, trataremos das microconstruções com MDs derivados do verbo “ver” – *vê*, *veja*, *veja bem* e *deixa eu ver* – que verificamos serem mais frequentes em contextos de encaminhamento de respostas. Ressaltamos, entretanto, que, para as

microconstruções em que a frequência de uso do MD é equilibrada para contextos de aberturas e para contextos de encaminhamentos, apresentaremos exemplos para os dois contextos. Enquanto que, para as microconstruções em que a frequência de uso é mais significativa em contexto de abertura ou em contexto de encaminhamento, apresentaremos exemplos apenas para o contexto preferencial.

4.2.1.1. A microconstrução com o MD *olha*

Como visto, o marcador discursivo *olha* apresenta uma frequência de uso bastante significativa dentro da mesoconstrução *prefaciação*, com 222 ocorrências (61,7%) em um total de 360 ocorrências. Tal MD se realiza mais frequentemente em aberturas de respostas a perguntas solicitadas pelo entrevistador – 180 ocorrências em abertura de respostas (81,1%) e 42 ocorrências em encaminhamentos de respostas (18,9%). Os segmentos prefaciados pelo MD *olha* são, regularmente, sequências narrativas ou descritivas ou respostas diretas ou do tipo “sim/não”, as quais são direcionadas a perguntas encabeçadas (i) por pronomes e advérbios interrogativos, como “o que?”, “qual?”, “como?”, “quando?” e “quanto?”, (ii) por expressões explicitamente solicitadoras de narrativas ou descrições, como “conte” e “descreva”, e (iii) por perguntas que suscitem respostas curtas ou uma simples afirmação ou negação. Observemos os exemplos a seguir:

(49) E: E sobre algum momento na sua vida um momento marcante que você acha que foi um dos momentos mais importantes que aconteceu com você. Qual foi? Como foi?

F: **Olha** os momentos mais marcantes tem um triste + tava...eu minha família assim...{ } mais novos. { } tínhamos ido pra pra::ia Espírito Santo – Jacaraipe e eu::ninguém da minha família sabia nadar ai eu cai na água::minha mãe foi me segurar caiu junto comigo e tal nós nós quase morremos afogados. Se não fosse + a ajuda de um rapaz e de DEUS né? Principalmente. Nós não tínhamos sobrevivido não isso marcou muito { } hoje eu faço natação, to perdendo o medo mas eu tin/tinha horror a água tinha medo demais de água. Que + quase morri mesmo. Fiquei com sal uma semana. Foi:: um episódio muito triste na minha vida. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista BH 04)

(50) D: Dona L., a senhora poderia descrever a sua casa em Itaipava?
L: A minha casa em Itaipava? **Olha**, nós começamos a casa do nada, porque nós compramos um terreno, aliás um terreno muito gostoso. Era um terreno de quatro mil e quinhentos metros quadrados. E fizemos uma casa na parte mais alta do terreno, era uma casa de um andar só, com um, um 'living' bastante grande, uma sala de

jantar menor, três quartos pequenos e dois banheiros. A casa em si não tinha nada de especial. Uma cozinha boa, uma copa, etc. e tal. Mas o, a parte mais gostosa da casa era o jardim. O jardim ficou muito bonito mesmo e, e nós tínhamos orgulho daquilo porque tudo plantado por nós mesmos, né? (sup.) (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista contato 70, inquérito 140)

(51) E: Agora, em casa o que que você mais gosta de fazer, assim, dos SERVIÇOS domésticos?

F: Ó, de serviços domésticos o que eu mais gosto de fazer é cozinhar. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R04)

No exemplo (49), o entrevistador solicita que a entrevistada conte a respeito de uma situação marcante em sua vida. A solicitação é realizada através do pronome e do advérbio interrogativos, respectivamente, “qual?” e “como?”. O entrevistado, a fim de atender à demanda suscitada, utiliza o MD *olha* para ganhar tempo até que seja feito o planejamento do segmento prefaciado, como evidenciamos (a) na expressão “*Olha*, os momentos mais marcantes (...)”, que retoma parte da pergunta do entrevistador, (b) no paralelismo do tempo verbal no pretérito perfeito do indicativo, como observamos em “foi” e “caiu” e (c) na sequência narrativa identificada pelo episódio contado pelo entrevistado, pelo predomínio do tempo passado, pela sequência dos fatos, pela apresentação dos personagens e do espaço em que o episódio ocorre e pelo emprego dos verbos predominantemente em primeira pessoa.

Em (50), o entrevistador solicita que a entrevistada descreva como era sua casa em Itaipava. A solicitação é realizada através da construção modalizada e explícita “poderia descrever”. A entrevistada, por sua vez, a fim de manter o contato com o interlocutor até formular sua descrição, utiliza o MD *olha* logo após a retomada de parte da pergunta do entrevistador, como observamos na pergunta retórica “A minha casa em Itaipava? *Olha* (...)”. Também evidenciamos, nesse exemplo, o paralelismo do tempo verbal no pretérito imperfeito entre os enunciados dos participantes, que pode ser verificado em “era”, “tinha” e “tínhamos”. Embora o pretérito imperfeito não esteja explícito na fala do entrevistador, este pode ser recuperado no contexto, uma vez que os interlocutores conversam sobre como era a casa no passado. Quanto à sequência descritiva prefaciada, esta pode ser identificada através de trechos compostos por predicativos, como vemos em “era uma casa de um andar só, com um, um ‘living’ bastante grande, uma sala de jantar menor, três quartos pequenos e dois banheiros”.

Já no exemplo (51), o entrevistador pergunta à entrevistada do que ela gosta de fazer no ramo “de serviços domésticos”. A interrogação é realizada mediante o pronome interrogativo “o que?”, o qual demanda uma resposta breve. Assim, o MD *ó* – entendemos que este MD configura uma redução fonética de *olha*, como já mencionamos na nota 91, na seção 4.1. –, além de planejar a resposta solicitada, surge para neutralizar tal resposta que poderia parecer muito curta (“cozinhar”). Nesse exemplo, também verificamos a retomada de parte da pergunta do entrevistador na resposta da entrevistada, como observamos em “ó, de serviços domésticos o que eu mais gosto de fazer”, e o paralelismo verbal entre os enunciados dos interlocutores, que pode ser verificado em “gosto” e “é”.

Em síntese, a partir das ocorrências acima, verificamos que a microconstrução com o MD *olha* em configuração imperativa e em P2 atua, preferencialmente, na abertura de resposta à solicitação do entrevistador (em posição inicial no turno), tendo como padrão construcional formal (a) a retomada de parte da pergunta do entrevistador na resposta do entrevistado, (b) o paralelismo do tempo verbal entre os enunciados dos participantes, (c) os segmentos prefaciados regularizados através de sequências narrativas ou descritivas ou respostas diretas ou do tipo “sim/não” e, ainda, (d) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo IND do verbo. Já em relação aos aspectos semântico-pragmáticos dessa microconstrução, que tem como macrofunção a *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, destacamos que esta se constitui a partir da função específica de manutenção do contato com o interlocutor e do tempo para o planejamento e a formulação da resposta solicitada.

4.2.1.2. A microconstrução com o MD *olhe*

A microconstrução com o MD *olhe*, em configuração imperativa, em P2, no modo SUBJ e em forma simples, teve apenas 1 ocorrência (0,3%) em um total de 360 ocorrências na mesoconstrução *prefaciação*, como podemos ver a seguir:

- (52) LOC. - Foi bem ... Compramos só camas, colchão, não é? Aquela, tipo de cama que a gente chamava estrado, né? E, e guarda-roupa, isso tudo nós ... Mamãe sempre fazia de caixote, era muito habilidosa ...
 DOC. - Hum, hum.

LOC. - Conserta (inint.) fazia até enfeite, cobria com panos ou papel. Hoje em dia já seria granfino, né, porque seria 'hippie'. (riso)

DOC. - **Olhe**, dona F., eh, por exemplo, essa, esse, roupa assim, de cama e mesa vocês levaram ou vocês compraram lá?

LOC. - Ah, levamos. Não... Levamos tudo, levamos tudo. Mesmo louça, talher, essas coisas.

DOC. - Tudo isso levaram.

LOC. - Nós levamos. Levamos o que nós tínhamos, nós levamos. Era muito caro pra comprar, né? Engraçado, eu ia ... (*Corpus* do projeto "NURC/RJ", entrevista contato 70, inquérito 42)

Nesse único exemplo da microconstrução com a forma simples *olhe*, o MD surge na formulação da pergunta do entrevistador. O tópico da pergunta, que consiste na descrição da casa da entrevistada em Belo Horizonte quando ela era criança, pode ser retomado no contexto de interação entre os interlocutores. A entrevistada utiliza o MD, desse modo, a fim de formular a pergunta que será direcionada ao ouvinte. O uso do marcador discursivo, em forma simples, derivado do modo subjuntivo do verbo pode ser pensado em relação ao uso do vocativo formal no enunciado ("dona"), que tem, entre outras, a função de promover o distanciamento entre os interlocutores. Dessa maneira, em "*Olhe*, dona F. (...)", o uso do MD no modo SUBJ do verbo deixa subentendido um tratamento mais formal entre os participantes. No entanto, neste trabalho, não temos dados suficientes para postular um padrão construcional para essa microconstrução (ou construto), haja vista que temos apenas uma ocorrência para análise.

Nessa microconstrução, o MD *olhe* em configuração imperativa e em P2 atua na abertura da pergunta realizada pelo entrevistador (em posição inicial no turno), tendo como características formais (a) a retomada no contexto do tópico da pergunta realizada pelo entrevistador, (b) o paralelismo do tempo verbal entre os enunciados dos participantes, neste contexto, no pretérito perfeito ("levaram", "compraram" e "levamos"), (c) o segmento prefaciado através de uma pergunta direcionada ao entrevistado e, ainda, (d) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo SUBJ do verbo. No que tange aos aspectos semântico-pragmáticos, essa microconstrução (ou construto) com o MD *olhe* tem, como macrofunção, a *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e, como funções específicas, a manutenção do contato com o interlocutor e do tempo para o planejamento e a formulação da resposta solicitada, além da expressão do distanciamento entre os participantes da situação comunicativa.

4.2.1.3. A microconstrução com o MD *olha só*

A microconstrução com o MD *olha só*, em configuração imperativa, em P2, em forma composta e no modo IND, também tem baixa frequência de uso na mesoconstrução *prefaciação*, com 14 ocorrências (3,8%) em um universo de 360 ocorrências. O MD realiza-se, mais frequentemente, em contextos de aberturas de perguntas realizadas pelo entrevistador, de modo a focalizar a atenção do ouvinte no tópico solicitado. É nesse sentido que entendemos que, na forma composta *olha só*, o advérbio focalizador “só”, do ponto de vista formal, é recrutado na microconstrução a fim de, como aponta Castilho (2010), explicitar que o segmento ao qual se refere fornece informações mais exatas e mais relevantes do que outros segmentos no texto, de maneira que estes devem ser excluídos. Portanto, no pareamento forma-sentido da microconstrução com *olha só*, percebemos vestígios tanto da forma original quanto do significado original – *chamada de atenção do ouvinte*, no campo de percepção visual ou cognitiva, para um foco determinado. Vejamos os exemplos a seguir:

(53) F: Um monte, um monte, um monte de coisa [porque.] Ele tá com dois e três meses, dois e quatro meses vai fazê depois de amanhã que é dia cinco.

E: [Ele tá com um ano?] Dois e três meses. É... E **olha só**, cê tava falando, que eu até perguntei que que foi a causa, né? Da morte, [e tudo eu pensei até [da]]... da questão da violência, né? Porque aqui tá demais, [em São Paulo], como é que é lá [no]... no Rio Grande do Sul? (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R07)

(54) F: Pô, distante também lá da igreja, eu <gos...> a igreja que eu gostava de i <me...> mesmo era aquela lá de Copacabana aí depois fui esquecendo, esquecendo aí deixei

I: Vai aqui na do Menino Jesus, né, Simone, que ele também vai gostá, né?

E: É, talvez. É: agora **olha só** você falou que...[da]..da sua namorada e tal, falou de casá, cê tem algum receio [de]...de tê por exemplo [uma]...uma gravidez na adolescência, já que ela tem 17 anos, ela ainda é muito nova, que que você acha disso? (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista T06)

Em (53), a entrevistada, que inicialmente foi questionada a respeito da morte de um amigo, desvia o tópico da conversa e começa a falar sobre o seu filho de dois meses. Nesse momento, o entrevistador, através do MD *olha só*, reformula a pergunta que realmente considera relevante na discussão, chamando a atenção do ouvinte para o tópico solicitado. Podemos verificar, nesse exemplo, a retomada do tópico em “e *olha só*, cê tava falando, que eu até perguntei que que foi a causa, né

(...)” antes da pergunta prefaciada acerca de como está a questão da violência no Rio Grande do Sul.

Já no exemplo (54), enquanto o entrevistado fala sobre a situação de estar distante da Igreja, o entrevistador, com o MD *olha só*, ganha tempo para que possa planejar a pergunta que será direcionada ao entrevistado, além de focalizar a atenção do interlocutor no tópico que realmente lhe interessa saber. A retomada do tópico é realizada através do enunciado “(...) agora *olha só* você falou que... [da]... da sua namorada e tal”. Quanto à pergunta prefaciada, esta consiste em um pedido de opinião do entrevistado a respeito de uma gravidez na adolescência.

Em resumo, nas ocorrências apresentadas, a microconstrução com o MD *olha só* em configuração imperativa e em P2 atua, preferencialmente, na abertura de pergunta realizada pelo entrevistador (em posição inicial no turno), tendo como padrão formal (a) a retomada do tópico da pergunta realizada pelo entrevistador, (b) o paralelismo do tempo verbal entre os enunciados dos participantes (“você falou que”, no exemplo 53, e “cê tava falando que”, no exemplo 54), (c) o segmento prefaciado através de pergunta direcionada ao entrevistado e, ainda, (d) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo. Quanto aos aspectos semântico-pragmáticos, esta microconstrução tem como macrofunção a *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, além de sua função específica de manter o contato com o interlocutor até que sua resposta seja processada, adicionada à propriedade de focalização do tópico relevante à entrevista.

4.2.1.4. A microconstrução com o MD *vê*

A microconstrução com o MD *vê* não foi tão significativa na mesoconstrução *prefaciação*, haja vista que temos apenas 18 ocorrências (5%) em um total de 360 ocorrências. O MD *vê* realiza-se mais frequentemente em contextos de encaminhamentos de respostas do entrevistado – 15 ocorrências em encaminhamentos de respostas (83,3%) e 3 ocorrências em aberturas de respostas (16,7%). No que se refere aos segmentos prefaciados pelo MD *vê*, estes são,

regularmente, compostos por sequências narrativas, as quais são solicitadas mediante perguntas realizadas por expressões como “conte sobre” ou “fale sobre”.

Essa microconstrução, diferentemente das demais, tem como padrão construcional formal a apresentação da forma de tratamento “você” junto ao MD, indicando, assim, o traço semântico-pragmático de compartilhamento de informações. De acordo com Rost-Snicelotto (2009), a presença da forma de tratamento “você” junto ao MD *vê*, no modo IND, no imperativo e em P2, demonstra que tal microconstrução ainda retém vestígios do significado fonte de percepção visual ou cognitiva e da forma original do verbo. Embora, em português, o imperativo formado a partir do modo IND e do modo SUBJ não possua sujeito exposto, Duarte (1993 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2009) pondera que estaria ocorrendo, na língua, o desaparecimento do sujeito nulo, decorrente da reorganização do sistema pronominal ocasionado pela forma de tratamento “você” para se referir a P2. Ainda, segundo a autora, em português, a morfologia verbal tem sido cada vez mais simplificada e, conseqüentemente, a “casa” do sujeito tem sido preenchida com maior frequência, principalmente em P2 e em P3.

Observemos os exemplos seguintes:

(55) D: (sup.) Continue a falar mais sobre isso. Por exemplo (sup.)
L: (sup.) Por exemplo, eu sou de família, de família fundadora da cidade do Rio de Janeiro. Então, eh, minha avó, pra você ver, minha avó tinha, abria ... Havia aquela, aquele pessoal que tinha um 'status', que tinha dia certo pra abrir salão, pra receber, não é? Então agora, você vê, houve uma queda financeira. Ela não resistiu. Até morreu muito nova. Estas mulheres antigamente se davam ao luxo de não agüentar o, o rojão como a gente agüenta agora, né? (risos) Então (riso) resolvem morrer, elas resolvem morrer, resolviam morrer. (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista amostra complementar 90, inquérito 373)

(56) E: E mesmo assim ainda tem energia, né?
F: (“E ainda tem”)... Você vê, né? E eu saio de um trabalho, né? de uma escola [às]... às... é... meio-dia e trinta e na outra uma hora. Então eu tenho que entrá num ônibus, saí e entrá numa sala de aula de novo. Qué dizê, eles num têm assim aquela coisa de bairro, né? lazer no bairro, a gente não tem. (est) Porque sábado a gente, geralmente, eles vão prá um futebol. Eu acompanho, tem uma festa, um aniversário ou de um aluno meu, ou da turma do Lucas, ou da turma do Matheus, né? Cê vê então [a]...[a]... a nossa programação geralmente é essa, é um cinema, é um teatro. Aqui, infelizmente, não tem isso, não tem cinema, não tem teatro, (tem da Gama Filho)..., eles abriram um espaço cultural, mas a gente ainda não visitou. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R04)

No exemplo (55), a solicitação do entrevistador, para que a entrevistada conte a respeito da situação financeira das mulheres de sua família e da participação das

mulheres na economia da cidade, pode ser recuperada no contexto da entrevista sociolinguística. Ao contar a história de sua avó, que possuía um salão na cidade, a entrevistada utiliza o MD *vê* a fim de planejar o encaminhamento de sua resposta, como verificamos na retomada do tópico em “(...) você *vê*, houve uma queda financeira”. Percebemos, nessa microconstrução com o MD *vê*, o paralelismo verbal no tempo pretérito perfeito, como observamos em “houve” e “resistiu”. No que se refere aos segmentos prefaciados, observamos a presença da sequência narrativa, que é identificada pelo episódio contado, pelo predomínio do tempo passado, pela sequência dos fatos e pela apresentação dos personagens e do espaço em que o episódio ocorre. Como visto, nessa microconstrução, há a presença da forma de tratamento “você”, que pressupõe um compartilhamento de informações entre os interlocutores, como se o entrevistador tivesse conhecimento do segmento prefaciado (“houve uma queda financeira”). Além disso, observamos, também, um traço avaliativo nessa microconstrução, que, nesse contexto, indica a avaliação inferencial negativa do falante em relação à situação da “queda financeira”. É nesse sentido que entendemos que tal uso, que pressupõe o compartilhamento entre os interlocutores não só da informação subsequente, mas também da avaliação da situação, pode ser dito [+ (inter) subjetivo].

Em (56), a entrevistada fala a respeito de sua programação diária, ou seja, da sua rotina de trabalho e da sua rotina com os filhos e o marido, quando utiliza o MD *vê* para encaminhar a reformulação de sua resposta. Tal reformulação pode ser verificada na retomada do tópico em discussão, logo após o MD, como observamos em “Cê *vê*... então [a]... [a]... a nossa programação”. Também verificamos o paralelismo de tempo verbal no presente em “saio”, “têm”, “tenho”, “acompanho”, “vão” e “é”, uma vez que se trata de uma narrativa fictiva, que, segundo Oliveira *et al.* (2007), é caracterizada por fatos que não podem ser localizados em um tempo determinado, mas, sim, por fatos que se repetem, constituindo exemplos de ações rotineiras no contexto. Assim, o segmento prefaciado, isto é, a narrativa fictiva é evidenciada, principalmente, pela sequência dos fatos, nesse caso, que compõem a rotina da entrevistada. Nesse exemplo, também verificamos o traço semântico-pragmático de compartilhamento de informação presente no MD, além do caráter avaliativo na microconstrução, uma vez que a entrevistada deixa subentendido, no contexto, que sua rotina é intensa. Tal uso também pode ser dito [+ (inter) subjetivo],

já que o falante pressupõe o compartilhamento de seu interlocutor acerca da avaliação da situação narrada (sua rotina é intensa).

A respeito da função avaliativa em sequências narrativas, tal como evidenciamos na microconstrução com o MD *vê*, Labov (1972) aponta que esta consiste em um elemento estrutural da narrativa e tem por objetivo informar sobre a carga emocional do evento ocorrido. De acordo com o autor, a avaliação permite ao narrador tornar a narrativa mais interessante e, ainda, enfatizar determinados eventos, de maneira a aumentar sua influência no desenrolar da história perante o ouvinte. A avaliação, nesse sentido, conforme destaca Labov (1972), pode ser realizada de (i) forma externa, quando o narrador interrompe a narrativa para comunicar ao ouvinte qual o seu ponto de vista acerca do evento narrado, e de (ii) forma encaixada, quando o narrador encaixa a avaliação na própria narrativa, buscando preservar a continuidade dramática da história. Assim, nos dois exemplos expostos, verificamos a microconstrução com o MD *vê* articulando, entre outros, também, o traço semântico-pragmático avaliativo, que pode ser recuperado inferencialmente a partir do contexto de uso em que aparece, e realizando-se de maneira encaixada, haja vista que o entrevistado preserva a continuidade emocional de sua narrativa.

Dessa maneira, nas ocorrências acima, a microconstrução com o MD *vê* em configuração imperativa e em P2 atua, preferencialmente, no encaminhamento da resposta direcionada à solicitação do entrevistador (em posição medial no turno), tendo como padrão formal (a) a retomada de parte da pergunta na resposta do entrevistado, (b) o paralelismo do tempo verbal entre os enunciados dos participantes, (c) o segmento prefaciado através de sequências narrativas e, ainda, (d) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo IND do verbo e (e) a forma de tratamento “você” junto ao MD. Já quanto aos aspectos semântico-pragmáticos, a microconstrução com o MD *vê* tem como macrofunção a *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, bem como a função de manter o contato com o interlocutor até que sua resposta seja processada, além de apresentar, especificamente, a noção de compartilhamento de informação e de avaliação da narrativa no encaminhamento da resposta solicitada.

4.2.1.5. A microconstrução com o MD *veja*

A microconstrução com o MD *veja*, em configuração imperativa, em P2, no modo SUBJ e em forma simples, assim como *olhe*, também não se mostrou significativa na mesoconstrução *prefaciação*, uma vez que temos apenas 1 ocorrência (0,3%) em um total de 360 ocorrências. Vejamos o exemplo:

(57) INF: (...) até os doze anos, eu morei ali do lado da UERJ. Naquele tempo, tinham feito, começado o prédio, parado. Chamava-se favela do esqueleto, que foi invadida, na Rua Conselheiro Olegário; e fazia a escola primária na Rua Silva...Doutor Silva Pinto. Eu me lembro de umas três vezes, pelo menos, de eu ter ficado presa com a professora. Saía do colégio, não podia vir pra casa porque o bonde, está tudo cheio ... Eu me lembro uma vez que o papai chegou em casa, ele conseguiu chegar em casa e eu não tinha chegado, que minha professora é que me trazia. Ela tinha sido aluna de um dos meus avós, os dois eram professores da Escola Normal e ela então tinha esse carinho de me levar e me trazer. E ele foi se segurando nas grades pra poder chegar até a rua ...

DOC. - Sei.

INF. - Quer dizer, isso, você **veja**: há setenta anos e até agora não fizeram nada, ou pelo menos não fizeram nada eficiente. (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato 90, inquérito 347)

No exemplo acima, a entrevistada fala a respeito de um episódio que ocorreu na sua infância na época em que frequentava a escola, quando utiliza o MD *veja* para encaminhar a reformulação de sua resposta. Nessa microconstrução, verificamos vestígios mais explícitos do ato de fala manipulativo, os quais resultam no recrutamento da forma de tratamento “você” junto ao MD. Assim, observamos a função catafórica explícita de apontamento para o segmento subsequente, além do caráter avaliativo da construção. No contexto do presente exemplo, a entrevistada considera negativo o fato de não terem feito nada para melhorar a pavimentação do bairro, como observamos no enunciado “você *veja*: há setenta anos e até agora não fizeram nada, ou pelo menos não fizeram nada eficiente”. Todavia, assim como ressaltamos acerca da microconstrução *olhe*, não temos frequência de uso significativa para propor um padrão construcional para a microconstrução (ou construto) *veja*, haja vista que temos apenas uma ocorrência para análise.

Nesta microconstrução (ou construto), o MD *veja* em configuração imperativa e em P2 atua no encaminhamento da resposta solicitada pelo entrevistador (em posição medial no turno), tendo como características formais (a) a retomada implícita do tópico narrado, (b) o paralelismo do tempo verbal, representado, neste caso, pelo

pretérito perfeito (“levaram”, “compraram” e “levamos”), (c) o segmento prefaciado através de uma sequência narrativa e, ainda, (d) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo SUBJ do verbo e (e) a forma de tratamento “você” junto ao MD. Acerca dos aspectos semântico-pragmáticos, verifica-se a presença da macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e das funções específicas de manutenção do contato com o interlocutor e do tempo para o planejamento e a formulação da resposta solicitada. Além disso, apresenta-se uma função explicitamente catafórica nessa microconstrução (ou construto).

4.2.1.6. A microconstrução com o MD *veja bem*

A microconstrução com o MD *veja bem* teve apenas 6 ocorrências (1,7%) em um total de 360 ocorrências na mesoconstrução *prefaciação*. A microconstrução ocorre tanto em contextos de abertura quanto em contextos de encaminhamento de respostas à demanda do interlocutor – 4 ocorrências em encaminhamentos de respostas (66,7%) e 2 ocorrências em aberturas de respostas (33,3%). Os segmentos prefaciados são, regularmente, sequências narrativas, as quais atendem à solicitação do entrevistador, que é realizada através de perguntas encabeçadas por expressões como “conte” e pelo advérbio interrogativo “como?”. O advérbio qualificador “bem” (CASTILHO, 2010) é recrutado na microconstrução com o MD *veja bem* a fim de explicitar a avaliação do falante acerca da situação narrada. Dessa maneira, no pareamento forma-sentido da microconstrução em forma composta, percebemos vestígios tanto da forma original quanto do significado original de *veja bem* – *chamada de atenção do ouvinte* para a avaliação perceptiva visual ou cognitiva acerca de um espaço físico ou virtual.

Ainda, destacamos que *veja bem* articula a função catafórica, mais explícita, de apontar para o segmento subsequente, direcionando a atenção do ouvinte para algo novo que está a ser informado.

Observemos os exemplos:

(58) DOC. - (sup. / inint.) A atuação do sindicato naquela época (sup.)
 LOC. - (sup.) Olha, **veja bem**, Getúlio, inteligentíssimo que ele era, ele manobrou os sindicatos. Quando ele determinou que o Estado podia intervir nos sindicatos, ele, eh, acabou gerando um líder sindical submisso ao governo que nós chamamos de

pelego. Pelego é aquela pele de, de carneiro que gaúcho bota entre a cela e o lombo do cavalo, ele ... Então, é pelego que fica no atrito do patrão com o empr... com o governo, do empregado com o governo, perdão, e com isso, eh, os lid ... , alguns líderes de sindicatos da época eram na verdade muito mais ligados ao governo do que outra coisa. Vários se tornaram juizes classistas, vários foram agraciados com benefícios, títulos, até hoje alguns, ainda restam ... (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato 90, inquérito 164)

(59) Então era gente que trazia no sangue o germe do protesto, do anarquismo italiano e é o movimento anarquista que lidera o movimento anarquista brasileiro nesta primeira fase. Mas foi um (inint.) muito grande porque aí gerou todo um espírito nacionalista que veio casar em mil novecentos e vinte e dois com o centenário da independência do Brasil. Então, o Brasil deu um grito de nacionalidade com uma série de acontecimentos, **veja bem**, criaram-se em mil novecentos e vinte ou vinte e um, agora me falha a data, a Universidade do Brasil que é o embrião da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, eh, em mil novecentos e vinte e dois, o centenário da independência, nesse mesmo ano se realiza a semana de arte moderna, ainda nesse ano a, a, esse primeiro grupo tenentino que é a revolta do Forte Copacabana, então é todo um momento histórico muito importante no qual se cria o partido comunista brasileiro no mesmo ano que vai assumir a luta trabalhista. (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato 90, inquérito 164)

Em (58), o entrevistador solicita que o entrevistado conte a respeito da atuação do sindicato na época da ditadura no Brasil. O entrevistado utiliza o MD *veja bem* com o intuito de manter o contato com o interlocutor até que processe sua narrativa, a qual pode ser identificada através do predomínio do tempo verbal no pretérito perfeito (“manobrou”, “determinou”, “acabou”, “tornaram” e “foram”) e da sequência dos fatos contados. Nesse exemplo, a retomada da pergunta do entrevistador não se dá explicitamente na resposta do entrevistado, no entanto, esta pode ser inferida pelo contexto e, ainda, pela presença de outro MD prefaciador, *olha*, antes de *veja bem*. O marcador discursivo também tem a função de apontar, cataforicamente, para uma informação nova que será proferida pelo falante, cuja avaliação positiva pode ser evidenciada no enunciado “Olha, *veja bem*, Getúlio inteligentíssimo que ele era (...)”. Novamente, temos um uso [+ (inter)subjetivo], haja vista que o falante solicita o alinhamento de seu interlocutor acerca da avaliação proferida.

No exemplo (59), o entrevistado narra acontecimentos no Brasil em 1922, quando utiliza o MD *veja bem* para ganhar tempo para reformular sua narrativa, que pode ser identificada através, por exemplo, da apresentação do tempo em que as situações ocorrem (1922). A estratégia da reformulação é percebida mediante a retomada do tópico através do enunciado “o Brasil deu um grito de nacionalidade com uma série de acontecimentos, *veja bem* (...)”. Ainda, nesse exemplo, a

microconstrução com o MD *veja bem* tem a função de apontar para uma informação nova que será proferida pelo falante, cuja avaliação inferencial é a de que todo o movimento em prol da independência do Brasil deve ser considerado positivo já que culminou em vários acontecimentos importantes para o país, sendo esse uso, portanto, [+ (inter) subjetivo].

Desse modo, nas ocorrências apresentadas acima, a microconstrução com o MD *veja bem* em configuração imperativa e em P2 atua, preferencialmente, no encaminhamento da resposta à pergunta solicitada pelo entrevistador (em posição medial no turno), tendo como padrão formal (a) a retomada implícita de parte da pergunta realizada pelo entrevistador, (b) o paralelismo do tempo verbal entre os enunciados dos participantes, (c) o segmento prefaciado através de sequência narrativa e, ainda, (d) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo SUBJ do verbo. Quanto aos aspectos semântico-pragmáticos, esta microconstrução tem, como macrofunção, a *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e, como função específica, a manutenção do contato com o interlocutor até que sua resposta seja processada, adicionada à função catafórica explícita de apontar para uma informação nova que contém uma avaliação acerca da situação narrada, solicitando o alinhamento do interlocutor.

4.2.1.7. A microconstrução com o MD *deixa eu ver*

A microconstrução com o MD *deixa eu ver* foi a segunda mais frequente na mesoconstrução *prefaciação*, com 98 ocorrências (27,2%) em um total de 360 ocorrências. O MD *deixa eu ver* realiza-se tanto em aberturas e quanto em encaminhamentos de respostas a perguntas solicitadas pelo entrevistador – 57 ocorrências em encaminhamentos de respostas (58,2%) e 41 ocorrências em abertura de respostas (41,8%). Quanto aos segmentos prefaciados por esse MD, estes são sequências narrativas ou descritivas, as quais são direcionadas a perguntas encabeçadas pelo advérbio interrogativo “como?” ou por expressões explicitamente solicitadoras, como “conte” e “descreva”. Ainda, conforme destaca Matos (2012), o MD *deixa eu ver*, diferentemente do MD *olha* já apresentado, articula, de maneira explícita, o pedido de tempo para que o falante possa processar

o seu discurso, além de sinalizar para o interlocutor que deseja continuar com o turno conversacional. Vejamos os exemplos seguintes:

(60) E: E cê tem alguma história pra contá, que cê via seu vô falando, seu pai falando? Uma história de... sei lá... dos casamentos deles... alguma coisa que aconteceu na cidade assim... quando eles tinham a venda, loja. Né?

F: Ah... uma coisa assim, **dexa eu vê**... a naquela época lá era uma coisa assim, ah... casamento era tudo em casa, num tinha esse negócio de ficá saino muito... é... era uma coisa assim muito... por exemplo, cê ia na casa da moça tomá chá com o pai. Essas coisa aí. Eu num sei muita coisa não, da época assim. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc05)

(61) (...) agora a cozinha... a única coisa que eu me lembro da cozinha é que a pia da cozinha ela não tinha nada embaixo... porque hoje se coloca armário... né... debaixo mas naquela época não era só a pedra mármore... e então eu... eu cabia direitinho debaixo da pedra e ficava conversando com a cozinheira... ela ficava cheia porque diz que eu não parava de falar... mas o que mais que tinha na cozinha... fogão... a geladeira não cabia na cozinha tinha que ficar na copa... o que mais... acho que tinha uma mesinha que e... sabe... de esticar massa de pastel essas coisas... é auxiliar... né... e... **deixa eu ver**... acho que na cozinha só tinha isso...agora a despensa tinha uma porção de prateleiras então guardava aquelas latas de mantimen::to sabe... e... açúcar... feijão... sabe... umas que têm uns rótulos assim né... então tudo isso... eu acho que só tinha isso na... o banheiro... tinha o vaso... eu:: não me lembro se tinha bidê ou não (...) (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista contato 70, inquérito 011)

No exemplo (60), o entrevistador solicita que o entrevistado conte alguma história que teria ouvido de seu avô ou de seu pai. O entrevistado, após retomar parte da pergunta do entrevistador, como observamos em “Ah... uma coisa assim, *dexa eu vê* (...)”, utiliza o MD *dexa eu ver* a fim de pedir, de maneira explícita, um tempo para que possa processar seu enunciado, manifestando seu desejo em continuar com o turno conversacional. Verificamos, ainda, o paralelismo do tempo verbal no pretérito imperfeito através das formas “via”, “tinham”, “era”, “tinha” e “ia”. Quanto ao escopo do segmento prefaciado, este se constitui por uma sequência narrativa que se inicia com a locução adverbial de tempo “naquela época”.

Já no exemplo (61), a solicitação do entrevistador, que consiste no pedido de descrição da casa velha onde a entrevistada morou até os onze anos de idade, pode ser recuperada em um contexto bem maior do que o que está representado acima. No entanto, é fácil perceber que o MD *dexa eu ver* surge no encaminhamento da resposta da entrevistada, com o intuito de demonstrar sua necessidade de um pouco mais de tempo para reformular a continuação da descrição da cozinha da casa velha. Após o MD, evidenciamos a retomada da demanda solicitada através da expressão “(...) *dexa eu ver*... acho que na cozinha (...)”. No que tange ao

paralelismo verbal, este se dá no tempo pretérito imperfeito, como observamos em “tinha”, “era”, “cabia”, “ficava”, “parava” e “guardava”. Quanto ao segmento prefaciado, identificamos a sequência descritiva do espaço físico “cozinha”.

Portanto, em todas as ocorrências apresentadas acima, a microconstrução com o MD *deixa eu ver* em configuração imperativa e em P2 atua, preferencialmente, no encaminhamento de resposta à solicitação do entrevistador (em posição medial no turno), tendo como padrão formal (a) a retomada de parte da pergunta do entrevistador na resposta do entrevistado, (b) o paralelismo do tempo verbal entre os enunciados dos participantes, (c) os segmentos prefaciados regularizados através de sequências narrativas ou descritivas e, ainda, (d) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo. Já os aspectos semântico-pragmáticos nessa microconstrução dizem respeito à macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e, de modo específico, à manutenção, explícita, do contato com o interlocutor e do tempo para o planejamento e a formulação da resposta solicitada, adicionada à função específica de manutenção do turno conversacional.

4.2.2. A mesoconstrução *opinião/sustentação*

Na mesoconstrução *opinião/sustentação*, foram agrupadas as microconstruções com MDs com função catafórica, as quais apontam para um contexto que tem como padrão formal a exposição do ponto de vista/da opinião do falante e da sustentação de seu ponto de vista/de sua opinião. A essa mesoconstrução está vinculada a noção de modalidade epistêmica, que, de acordo com Neves (2011 [2006]) e Santos (2007) – conforme já sinalizado no Capítulo I, mais especificamente na seção 1.2.1. – consiste no julgamento ou na avaliação do falante acerca da verdade do conteúdo proposicional, de modo que o conteúdo comunicado é marcado pelo conhecimento, pela crença ou pela opinião pessoal do falante. É nesse sentido que percebemos, na mesoconstrução *opinião/sustentação*, um maior grau de (inter)subjetividade, já que tanto a opinião quanto a sustentação da opinião se direcionam ao interlocutor com a intenção de convencê-lo.

Como apontado por Vieira (2007), a avaliação, tão frequentemente investigada nos estudos acerca das narrativas, está também presente nos estudos sobre a argumentação e na própria definição de *ponto de vista* – considerado por Schiffrin (1990) como a expressão da opinião –, ainda que indiretamente. A esse respeito, Vieira (2007, p. 10) afirma o seguinte:

Ora, se a opinião tem sido tradicionalmente entendida como um mecanismo interno e subjetivo – chamado algumas vezes *atitude* (EISER & VAN DER PLIGHT, 1988) – então, o ponto de vista que está sendo defendido encontra-se de alguma forma relacionado à subjetividade daquele que está argumentando. (VIEIRA, 2007, p. 10)

Schiffrin (1987) associa a argumentação à avaliação, quando define a *posição*, uma das três partes que compõem a argumentação – além da *posição*, a argumentação também é composta pela *disputa* e pela *sustentação*, como veremos a seguir. A *posição*, segundo a autora, que diz respeito ao ponto de vista defendido pelo falante, é constituída pela “ideia” – conteúdo proposicional – e pelo “compromisso” – alinhamento. Vieira (2007) assegura que o alinhamento pode ser entendido, a partir de Goffman (2002 [1981]), como a postura assumida pelo falante ao apresentar sua opinião em relação ao conteúdo proposicional e, também, às relações interpessoais no momento da interação. De acordo com Vieira (2007, p. 107),

[...] podemos compreender que o *alinhamento* (GOFFMAN, 1981) adotado pelo falante está relacionado ao *compromisso* (SCHIFFRIN, 1987), pois o papel que se assume é uma forma de comprometimento, já que os locutores podem distanciar-se do que é dito, apenas animando a fala de outrem, ou alinhar-se à própria fala, assumindo autoria e/ou responsabilidade sobre suas elocuições. Em outros termos, através da maneira como o locutor escolhe opinar podemos perceber um maior ou menor grau de compromisso com relação à opinião. (VIEIRA, 2007, p. 107)

Na argumentação, além da *posição*, há, ainda, a *disputa* e a *sustentação* (SCHIFFRIN, 1987). Enquanto a *disputa* consiste no desacordo em relação a uma posição ou a sua sustentação, a *sustentação* diz respeito ao apoio às posições em disputa. Dessa maneira, Schiffrin (1987) sugere que, na argumentação, há a divergência de posições.

Todavia, Schiffrin (1990) revê a sua definição anterior (SCHIFFRIN, 1987) em relação à argumentação e propõe que a atividade argumentativa pode ser motivada por outros fatores que não se refiram à resolução de desacordos ou à negociação. Assim, ao definir a opinião como sendo uma “posição avaliativa interna de um indivíduo sobre uma circunstância” (SCHIFFRIN, 1990, p. 244), a autora aponta a dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa. A autora distingue, dessa forma, dois tipos de argumentações, a saber: argumentações passíveis de verificação (*posições*), cujo caráter tende a ser mais objetivo, e argumentações subjetivas (*opiniões* ou *posições avaliativas*), que são relacionadas a crenças e valores, implicando, assim, incerteza acerca das circunstâncias.

A partir das importantes considerações de Schiffrin (1990) acerca do tratamento da avaliação em sequências argumentativas de fala opinativa, ressaltamos que, em nosso trabalho, tratamos das microconstruções com os MDs em configuração imperativa e em P2 que atuam na *chamada de atenção do ouvinte* para a argumentação e para a avaliação no discurso de opinião dos participantes das entrevistas sociolinguísticas – não tratamos aqui, nesse sentido, da argumentação enquanto disputa de posição.

Vieira (2007), investigando como a avaliação se manifesta em sequências argumentativas na fala opinativa, identificou a seguinte regularidade em seus dados: “a avaliação ocorre como uma coda (CODA) que expressa a atitude do falante, tal como nas narrativas” (VIEIRA, 2007, p. 145). A coda realiza-se, no *corpus* da autora, não apenas no fechamento de sequências argumentativas (estrutura maior), mas funciona, também, como uma conclusão da sequência precedente e como uma opinião que abre a sequência posterior (fechando cada parte dessa estrutura). A autora identificou, ainda, que a avaliação, além de ocorrer como coda argumentativa, pode emergir encaixada em outro constituinte, de maneira a modalizar a força das “unidades de construção de turno”⁹⁸ (SACKS *et al.*, 1974) que o antecedem. Segundo a autora, enquanto a avaliação encaixada é sinalizada por pistas linguísticas explícitas de subjetividade, a avaliação como coda pode ser manifestada seja por pistas de subjetividade seja através de um processo inferencial. A análise de Vieira (2007), desse modo, evidencia que a avaliação

⁹⁸ As “unidades de construções de turno”, segundo Sacks *et al.* (1974), podem ser do tipo sentencial, clausal, sintagmática ou lexical.

encaixada pode atuar em movimentos argumentativos tanto de opinião quanto de sustentação.

Nas opiniões simples, de acordo com a autora, a avaliação é, normalmente, sinalizada por marcas linguísticas ou paralinguísticas, pela forma “eu acho X” (em que X pode ser uma oração introduzida pelo conectivo “que” contendo um predicativo de natureza avaliativa), por meio de “pequena cláusula” avaliativa⁹⁹ ou, ainda, por traços inferenciais de subjetividade. Já nas opiniões complexas, a avaliação pode se manifestar de duas formas, a saber: pela alternância de papéis de autor e animador (GOFFMAN, 2002 [1979])¹⁰⁰ ou pela modificação da força de proposição via modalização do que é dito (GUMPERZ, 2002 [1982])¹⁰¹.

No que concerne à avaliação encaixada na sustentação, Vieira (2007) aponta que esta pode ser marcada por pistas linguísticas de subjetividade ou através de um processo inferencial, mediante justificação ou “evidências”. A justificação consiste no movimento argumentativo – geralmente, introduzido pelos conectivos “porque” ou “que”, explícitos ou implícitos no texto – através do qual os fatos são apresentados, a fim de neutralizar a subjetividade da opinião do falante (VIEIRA, 2007). Já as “evidências”¹⁰², de acordo com a autora, constituem sustentações à opinião do falante, as quais podem realizar-se através de *evidência formal*, de *fato* ou de *narrativa*. A *evidência formal* é sinalizada pelo silogismo clássico de premissa e conclusão “se F, então P” (TOULMIN, 1958). O *fato* é um exemplo representativo de uma determinada situação. Já a *narrativa* é um exemplo entremeado de descrições e detalhes acerca do evento. Quanto à narrativa, a partir de Oliveira *et al.* (2007), Vieira (2007) promove uma distinção entre *narrativa factiva*, *narrativa fictiva* e *narrativa hipotética*: (i) a *narrativa factiva* é aquela cujos fatos são localizados em um tempo determinado; (ii) a *narrativa fictiva* é aquela cujos fatos não podem ser localizados em um tempo determinado, mas, sim, cujos fatos se repetem, constituindo exemplos de ações rotineiras no contexto; (iii) a *narrativa hipotética*

⁹⁹ De acordo com Dias (2006), as “pequenas cláusulas” são construções apositivas, cuja função é a apreciação, que, normalmente, se realizam através de verbo de ligação mais adjetivo avaliativo ou, apenas, através de substantivo ou adjetivo avaliativo.

¹⁰⁰ Segundo Vieira (2007, p. 146), “a avaliação encontra-se intrínseca à opinião, não havendo necessidade de expressões avaliativas pelo fato de a própria mudança em *footing* (GOFFMAN, 1981) efetuada no interior da opinião ser avaliativa”.

¹⁰¹ Vieira (2007, p. 146-147) destaca que “a avaliação não é sinalizada pelo jogo dos papéis, mas pela modificação de força manifesta através de *pistas de contextualização* (GUMPERZ, 2002 [1982]) que direcionam a opinião para o negativo”.

¹⁰² Optamos por utilizar a expressão “evidências” entre aspas, assim como faz Vieira (2007), em virtude de muitas dessas evidências não poderem ser comprovadas empiricamente.

consiste em uma realidade cuja existência é uma criação para fundamentar uma opinião.

É nesse contexto que Vieira (2007) defende que “a dimensão avaliativa encontra-se completamente imbricada na argumentação em discurso de opinião”, seja na posição, seja na sustentação, marcada por expressões de subjetividade ou formada através de um processo inferencial que emerge da apresentação de fatos.

A partir da discussão empreendida acima, trataremos das microconstruções com MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, em forma simples e em forma composta, que se agrupam na mesoconstrução *opinião/sustentação*. Na tabela abaixo, apresentamos a frequência de uso das microconstruções identificadas.

Tabela 14 – Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver” na mesoconstrução *opinião/sustentação*

Mesoconstrução <i>opinião/sustentação</i>			
Microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver”		Total de ocorrências	
		n.º	%
Formas simples	olha	225	73,1%
	olhe	1	0,3%
	vê	52	16,9%
	veja	9	3%
Formas compostas	olha só	5	1,6%
	olha aqui	2	0,6%
	veja bem	14	4,5%
Total		308	

A microconstrução com MD mais significativa em nosso *corpus* sincrônico é a forma simples *olha*, no modo IND, com 225 ocorrências (73,1%) em um total de 308 ocorrências. As demais microconstruções com MDs, na mesoconstrução *opinião/sustentação*, apresentam uma frequência de uso mais reduzida: *vê*, com 52 ocorrências (16,9%); *veja bem*, com 14 ocorrências (4,5%); *veja*, com 9 ocorrências (3%); *olha só*, com 5 ocorrências (1,6%); *olha aqui*, com 2 ocorrências (0,6%); e *olhe*, com 1 ocorrência (0,3%). Observaremos, nas subseções que se seguem, as particularidades – em relação ao par forma-sentido – de cada uma dessas microconstruções com MDs que são agrupadas na mesoconstrução *opinião/sustentação*.

Nossa análise das microconstruções se inicia pelos MDs derivados de “olhar” – *olha*, *olhe*, *olha só* e *olha aqui* –, os quais se estabelecem mais frequentemente

em contextos de opinião do falante; em seguida, passaremos à análise das microconstruções com MDs derivados de “ver” – *vê, veja e veja bem* – que se mostram mais frequentes em contextos de sustentação de opinião. Na mesoconstrução *opinião/sustentação* – assim como procedemos na mesoconstrução *prefaciação* –, para as microconstruções em que a frequência de uso do MD é equilibrada para contextos de expressão de ponto de vista/opinião e para contextos de sustentação de ponto de vista/de opinião, apresentaremos exemplos para os dois contextos. Já para as microconstruções em que a frequência de uso é mais significativa em um ou outro contexto, apresentaremos exemplos apenas para o contexto preferencial.

4.2.2.1. A microconstrução com o MD *olha*

A microconstrução com o MD *olha*, em configuração imperativa, em P2, em forma simples e no modo IND, na mesoconstrução *opinião/sustentação*, como visto na subseção 4.2.2., tem uma frequência bastante significativa em nossa amostra sincrônica, com 225 ocorrências (73,1%) em um total de 308 ocorrências. Tal microconstrução realiza-se, mais frequentemente, em contextos de expressão do ponto de vista/da opinião do falante – 151 ocorrências (67,1%) para contexto de opinião e 74 ocorrências (32,9%) para contexto de sustentação –, através da expressão linguística “eu acho que” (VIEIRA, 2007), explícita ou implícita no texto, ou por meio de um predicativo (CASTILHO, 2010). Observemos os exemplos a seguir:

(62) E: O que você acha do Instituto Histórico?

F: **Olha**, eu acho que podia ser melhor.

E: O que você acha que poderia melhorar?

F: Assim, na parte de pesquisa, eu acho que tá faltando assim. Por que eu fiquei sabendo que eles queimaram muito livro, fizeram um reforma no Instituto e queimaram muito livro, jogaram muito livro fora.

E: Que isso!?

F: Pois é! Eu sei porque foi gente que trabalha lá dentro que... Então eu acho assim, deve tá em falta, muito material lá deve tá em falta. E assim eles deviam ter mais incentivo pras pessoas visitarem mais, procurá sabê, procura conhecê a história de Arceburgo.

(*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc 11)

(63) E: E como é que você, assim, você de fora olhando, lida com esses dialetos, com a variação dos dialetos no Brasil, em casa...

F: **Olha**, pro brasileiro (“surge”) esse problema, assim, uma coisa bem natural, né? porque a gente um PAÍS cum... cum... cum... cum dialetos diferentes na realidade, né? você pega o pessoal do sul num tem nada a vê cum o pessoal lá do nordeste, sabe? (est), vocabulário totalmente diferente, né? a “pronúncia dos fonemas”, às vezes, são bem “diferentes” mesmo, né? É verdade o que eu tô falano? [É verdade.!] Num é? Num é? Então é... já é uma coisa gostosa pro brasileiro (est), então o brasileiro num encara isso como novidade, eu creio que as pessoas de países pequenos já conseguem encarar isso como uma coisa diferente, entendeu? (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista, R04)

No exemplo (62) acima, o entrevistador solicita a opinião da entrevistada acerca do Instituto Histórico da cidade de Arceburgo. A entrevistada, por conseguinte, utiliza o MD *olha* a fim de fazer alusão a sua opinião, a ser mencionada, de que o Instituto Histórico “podia ser melhor” – tal opinião apresentase sustentada adiante. Nesta ocorrência, a opinião encontra-se modalizada através da expressão “eu acho que”. Castilho (2010, p. 556) denomina a expressão “eu acho que” de advérbio modalizador epistêmico “quase asseverativo”, uma vez que ela expressaria uma avaliação sobre o conteúdo proposicional, dada pelo falante como quase certa, próxima à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação. Assim, ao utilizar a expressão “eu acho que”, o falante não assume nenhuma responsabilidade sobre o conteúdo proposicional. A constatação do autor é corroborada, nesse exemplo, pela configuração de toda a construção, que se compõe pela articulação da avaliação do falante sobre a realidade, formada (i) por um verbo modal no tempo do pretérito imperfeito (“podia”), que indica hipótese – o tempo verbal do pretérito imperfeito é comumente utilizado na língua em lugar do futuro do pretérito (“poderia”) –, (ii) por um verbo de ligação do infinitivo (“ser”) e (iii) por um advérbio qualificador (“melhor”), como verificamos em “podia ser melhor”. A microconstrução com o MD *olha*, cujo uso é [+ (inter)subjetivo], indexa, nesse sentido, a noção de modalidade epistêmica, que, como já destacamos, consiste no julgamento do falante acerca da verdade do conteúdo proposicional, bem como na codificação de suas expressões intersubjetivas, que sinalizam a preocupação do falante com o *self* de seu interlocutor.

Em (63), o entrevistador pergunta à entrevistada, filha de pais de origem portuguesa, como ela lida com os sotaques e os dialetos no Brasil. A entrevistada opta por responder à demanda de seu interlocutor através da expressão de um ponto de vista, o qual é sustentado adiante. Desse modo, o falante utiliza o MD *olha*

com o intuito de chamar a atenção do ouvinte para sua opinião avaliativa, codificada pelo predicativo “uma coisa bem natural”, formado a partir da composição entre sintagma nominal (“uma coisa”), advérbio quantificador (“bem”) e adjetivo qualificador (“natural”). Segundo Castilho (2010), a predicação, que consiste no movimento de traços lexicais do predicador em direção a seu escopo, tem como função a verbalização de uma avaliação pessoal do falante sobre o conteúdo proposicional, de modo que o significado resultante dessa operação realça a intervenção do falante na proposição. E os predicativos, assim, são postulados a partir da harmonia transcategorial que une adjetivos e advérbios, como observamos em “uma coisa bem natural”, no exemplo (63) acima.

Em ambos os exemplos da microconstrução com *olha*, que atua, preferencialmente, em contexto de expressão de opinião do falante, evidenciamos o uso do MD em configuração imperativa e em P2 apontando para dados do texto a serem mencionados. Essa microconstrução tem como padrão formal mais frequente (a) as expressões linguísticas específicas de opinião, tais como a expressão “eu acho que”, explícita ou implícita no texto, ou um predicativo e (b) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo IND do verbo. Quanto aos aspectos semântico-pragmáticos da microconstrução com o MD *olha*, temos a ocorrência, além da macrofunção de *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, a função específica de alusão à opinião do falante. Tal uso é, portanto, [(inter)subjetivo], haja vista que indexa a noção de modalidade epistêmica, que consiste na codificação das crenças e das atitudes do falante na proposição, bem como da preocupação do falante com o *self* de seu interlocutor.

4.2.2.2. A microconstrução com o MD *olhe*

A microconstrução com o MD *olhe* teve apenas 1 ocorrência (0,3%) em um total de 308 ocorrências na mesoconstrução *opinião/sustentação*. Essa única ocorrência realiza-se no contexto de expressão de opinião do falante, como verificamos a seguir:

(64) Então as, os alfinetes eram feitos de porcelana, com pombinhas e gatinhos e íbis e flamengos. Muito bonitas. Então as saias acompanhavam também, muito bem

feitas, muito bem talhadas, e as costureiras eram pessoas tão importantes no Rio de Janeiro. **Olhe**, mais importantes que os cos... costureiros hoje. Porque elas entravam nas casas das famílias, traziam, traziam as amostras, as, as senhoras escolhiam, porque não era muito moda as senhoras irem nas lojas comprarem não. As costureiras traziam, traziam os figurinos e que figurinos! Todos franceses. (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista contato 70, inquérito, 258)

No exemplo acima, a entrevistada fala a respeito do trabalho das costureiras do Rio de Janeiro antigamente. Em meio a detalhes acerca das produções das costureiras, a entrevistada introduz uma opinião avaliativa, enfatizada pelo uso do MD *olhe*, como observamos em “(...) as costureiras eram pessoas tão importantes no Rio de Janeiro. *Olhe*, mais importantes que os cos... costureiros hoje”. A construção opinativa e avaliativa no enunciado do falante que antecede o MD realiza-se através do predicativo “eram tão importantes”, formado pelo verbo de ligação “eram”, pelo advérbio quantificador “tão” e pelo adjetivo qualificador “importantes”. O MD, no entanto, aponta para a opinião avaliativa realizada mediante uma comparação que se constitui pela ocorrência da construção com o superlativo relativo “mais importante que”, a qual será sustentada adiante. Quanto ao uso do marcador discursivo em forma simples derivada do modo subjuntivo, assim como vimos na mesoconstrução *prefaciação*, este pode ser pensado em relação ao grau de formalidade entre os participantes da interação comunicativa. Assim, é possível que a sua função seja a de promover o distanciamento entre os interlocutores, entretanto, os dados são insuficientes para que possamos assegurar tal traço semântico-pragmático com a devida precisão.

Nesta microconstrução (ou construto), o MD *olhe* em configuração imperativa e em P2 aponta para dados do texto a serem mencionados pelo falante, tendo como características formais (a) a expressão linguística específica de opinião representada por um predicativo e (b) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo SUBJ do verbo. No que concerne aos seus aspectos semântico-pragmáticos, estes dizem respeito à macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e à função específica de alusão à opinião do falante, adicionada ao traço semântico-pragmático de distanciamento entre os participantes do evento comunicativo. Esse uso da microconstrução (ou construto) com o MD *olhe* também é considerado [+ (inter)subjuntivo], já que articula a noção de modalidade epistêmica.

4.2.2.3. A microconstrução com o MD *olha só*

O MD *olha só*, em configuração imperativa, em P2, em forma composta e no modo IND, tem uma baixa frequência de uso em nosso *corpus* sincrônico, visto que foram encontradas apenas 5 ocorrências (1,6%) em um total de 308 ocorrências. A microconstrução com o MD realiza-se mais frequentemente em contextos de expressão do ponto de vista do falante do que em contextos de sustentação de opinião. No entanto, a diferença no número de ocorrências em cada um dos contextos é pequena devido a sua baixa frequência – 4 ocorrências (80%) em contextos de opinião e 1 ocorrência (20%) em contexto de sustentação. Vejamos os exemplos seguintes:

(65) E: Isso, você tem que sabê o básico do inglês, né? A... algumas normas que assim, que não mudam realmente da gramática, mas em termos [de]... de vocabulário, você precisa tá ali (est) [na]... na área, se não (est) num, nem adianta, cê num vai pra frente.

F: Hoje Simone, o que eu preciso também era mais... **Olha só**, eu vou te dizê mais até o coloquial porque eu... O, os termos que eu... O universo que eu vivo ali, eu conheço um monte de termo, grande parte do manual... Eu tenho pouca... Pouco eu recorro ao meu dicionário de inglês. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R07)

(66) E: E, assim, por exemplo, o Brasil é um país muito grande, né? cada região tem tipo assim uma cultura, né? que cada um... por exemplo, no Nordeste as tradições típicas de lá são diferentes do Rio de Janeiro e tal, tem sempre uma diferença cultural, mesmo que pequena apesar de tudo. Você acha, você, assim você se acha uma carioca típica? Assim, bem... você acha que se você fô pro Nordeste todo mundo vai dizê que você é carioca?

F: Ah, com certeza, né? pela maneira de falá, porque **olha só** eu falo, que a gente, a matriz da nossa empresa é aqui no rio, mas tem sucursal em São Paulo, tem sucursal em Salvadô, em Belo Horizonte, então principalmente [os]... os paulistas têm mais implicância com o carioca. Adora... você fala um negócio aí... é... (chiado) aí faz esse negócio de (chiado), né? que a gente fala ah um, dois (pronunciou o “s” chiante) num sei que e eles têm mania muito de remendá o que a gente fala. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R03)

Em (65), os interlocutores conversam a respeito da importância do aprendizado da língua inglesa, tanto no que tange à gramática quanto no que concerne ao vocabulário da língua. Nesse momento, o entrevistado chama a atenção do ouvinte, através do MD *olha só*, para uma avaliação sobre si mesmo, uma vez que o próprio falante constitui o sujeito da análise, como verificamos em “Simone, o que eu preciso também era mais... *Olha só*, eu vou te dizê mais até o coloquial (...)”. Nessa microconstrução, a seleção do advérbio focalizador “só” para

compor a forma composta *olha só* é motivada pelo desejo do falante em direcionar a atenção do ouvinte para uma avaliação menos abrangente e mais focalizadora, haja vista que o falante promove uma avaliação sobre si mesmo – e tal avaliação é devidamente sustentada pelo falante. É nesse sentido que defendemos que, no pareamento forma-sentido da microconstrução com *olha só*, há vestígios tanto da forma original quanto do significado original da construção – *chamada de atenção do ouvinte*, no campo da percepção visual ou cognitiva, para um foco determinado –, mas, há, também, ganho em generalidade, visto que uma nova função é estabelecida nesse contexto específico de uso.

Já no exemplo (66), a microconstrução com o MD *olha só* atua em um contexto de sustentação de uma avaliação do falante sobre si mesmo, a qual é representada pela passagem “é uma carioca típica”. Assim, essa microconstrução indexa a *chamada de atenção do ouvinte* para a sustentação da opinião por justificação (através do conectivo “porque”) e por “evidência” (através de fato) (VIEIRA, 2007), como observamos em “porque *olha só* eu falo, que a gente, a matriz da nossa empresa é aqui no rio, mas tem sucursal em São Paulo, tem sucursal em Salvadô, em Belo Horizonte, então principalmente [os]... os paulistas têm mais implicância com o carioca (...)”. A microconstrução, como vimos, é composta pelo conectivo “porque” – que tem por função ligar partes do texto, dando-lhes uma orientação lógica –, do MD *olha só* – que focaliza uma sustentação através de um exemplo particular – e pela “evidência” mediante a apresentação de fato, que consiste em um exemplo representativo de uma determinada situação. Nesse exemplo, também evidenciamos o recrutamento do advérbio “só” na forma composta do marcador discursivo a fim de articular o traço semântico-pragmático de focalizador de uma determinada sustentação.

Em síntese, nas ocorrências da microconstrução com o MD *olha só* identificadas, as quais atuam tanto em contexto de opinião quanto em contexto de sustentação, temos como padrão formal (a) as expressões linguísticas específicas de opinião, explícitas ou implícitas no texto do falante, e a expressão linguística específica de sustentação, representada, neste contexto, pelo conectivo “porque”, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo e, ainda, (c) o uso do advérbio focalizador “só”. Quanto aos aspectos semântico-pragmáticos dessa microconstrução, além da macrofunção *chamada de atenção do*

ouvinte para o espaço discursivo, verificamos, também, a alusão à opinião ou à sustentação do falante, adicionada à função específica de focalizador. Vale ressaltar aqui que o uso da microconstrução com o MD *olha* só é [+ (inter)subjetivo], visto que o falante pretende convencer o seu interlocutor, seja acerca de sua opinião seja acerca de sua sustentação.

4.2.2.4. A microconstrução com o MD *olha aqui*

A microconstrução com o MD *olha aqui* teve apenas 2 ocorrências (0,6%) em um universo de 308 ocorrências na mesoconstrução *opinião/sustentação*. O MD *olha aqui* apresentou 1 ocorrência (50%) em contexto de opinião do falante e 1 (50%) ocorrência em contexto de sustentação da opinião do falante. A essa microconstrução, que tem como função apontar para dados do texto a serem enunciados, é adicionada a noção de proximidade e responsabilidade do falante em relação ao conteúdo proposicional por ele proferido, resultante da coocorrência do verbo “olha” e do advérbio locativo “aqui” em *olha aqui*, como observamos nos exemplos:

(67) E: Então na opinião da sua mãe, por exemplo ela deve ter dado graças a Deus disso ter acabado.

F: Não boba, por mãe não, porque mãe é, mãe é uma velha nova né, pra mãe ainda é normal, mãe acompanha o tempo, não tem (...) mas o pessoal tradicional mesmo, porque tem os tradicionais de Ouro Preto, aí esse pessoal antigo aí nascido e criado aqui dentro de Ouro Preto que não aceita certas coisa entendeu? Que que acontece dentro da cidade eles não aceitam, não aceitam de jeito nenhum, então eu creio que/que(...) cem por cento de/desse pessoal tradicional é contra isso aí.

E: E na sua opinião?

F: Ah na minha opinião, **olha aqui**, eu acho que se o festival pudesse voltar seria uma boa né? Seria uma boa porque a gente ganharia em termos culturais né? E mas por outro lado poderia até voltar, mas com uma(...) uma vigilância sobre esse povo que vem de lá prá cá entendeu, que vem muita vem muita gente boa, mas também vem muita gente má, muita gente ruim entendeu? E lembro na época também, na época que teve esse negócio de festivais aí, esse festival de inverno, eu lembro quecê não podia deixar roupa no varal, cê não podia deixar, o pessoal que chegava fazia a limpa mesmo entendeu? E é muito, muito hippie né, vinha muito hippie. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista OP 04)

(68) D: (sup.) O Zózimo Barroso diz hoje que vai acabar o turismo de mil dólares, que o brasileiro compra. Vai, bate na galeria (inint.) galeria Lafayette, aí volta, eh, vai incomodando todo o mundo dentro do avião, cheio de sacolinha, não sei o quê. Que que brasileiro geralmente compra fora do Brasil?

L: Olha, compra uma porção de besteira. Heim? Acabou?

D: Não, não (riso/inint./sup.)

L: (inint.) **olha aqui**, você vai em Nova York, tem casas especializadas pra vender pra brasileiro. Eles olham logo a nossa cara assim de, de estrangeiro e tal (sup.)

D: (sup.) Cearense (sup.)

L: (sup.) É. E já, sempre falam uma palavrinha ou outra em português, eh, brasileiro tem emprego em Nova York fácil. Vai trabalhar numa loja dessas, que deve valer muito. Então a gente vê aqueles brasileiros, tudo falando alto, português e tal. Então o que que compram? Camisa Jacaré, que é uma camisa horrível, é caríssima, não é, é horrível, inclusive mal cortadas, etc. não é? Calça dessa, calça Lee, que até que é uma calça razoável e tal, mas se encontra na rua da Alfândega aí aos pontapés e mais barato do que lá (sup.) (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista contato 70, inquérito 233)

No exemplo (67), o entrevistado fala a respeito da opinião avaliativa negativa de sua mãe acerca do fim do Festival de Inverno na cidade de Ouro Preto, sustentada pela justificativa seguinte: “porque mãe é, mãe é uma velha nova né (...)”. Em seguida, o entrevistador direciona a pergunta ao entrevistado, que utiliza o MD *olha aqui* para enfatizar sua opinião ou avaliação pessoal de que gostaria que o festival voltasse à cidade, como observamos em “Ah na minha opinião, *olha aqui*, eu acho que se o festival pudesse voltar seria uma boa né?”. Apesar de o entrevistado iniciar o contexto de opinião através da expressão “eu acho que”, a qual, conforme verificamos em Castilho (2010), consiste em um advérbio “modalizador quase asseverativo” – haja vista que expressa uma avaliação sobre o conteúdo proposicional, dado pelo falante como quase certo, próximo à verdade –, através do MD *olha aqui* e da expressão “na minha opinião”, ele direciona o interlocutor para uma opinião que é pessoal, trazendo para si a responsabilidade do que é dito. Tal comprometimento com o enunciado proferido é o que motiva a seleção do advérbio locativo “aqui” junto ao verbo “olha”, constituindo a forma composta do MD *olha aqui*. O locativo “aqui”, de acordo com Teixeira e Oliveira (2012), indica proximidade e pontualidade, o que permite uma leitura mais intimista e com maior grau de austeridade. É nesse contexto que defendemos que, na microconstrução com *olha aqui*, além de vestígios tanto da forma original quanto do significado original – *chamada de atenção do ouvinte*, no campo da percepção visual ou cognitiva, para algo que está próximo do falante –, verificamos o decréscimo em composicionalidade e o ganho em generalidade, uma vez que o novo par forma-sentido indexa uma nova função, em um contexto específico, diferente daquela obtida tão somente a partir da soma dos constituintes.

Já no exemplo (68), temos a microconstrução com o MD *olha aqui* atuando na *chamada de atenção do ouvinte* para a sustentação da opinião do falante. O falante, após expressar sua opinião avaliativa de que os brasileiros só compram besteiras fora do Brasil, usa o MD *olha aqui* a fim de aludir à sustentação de seu ponto de vista, a qual é apresentada mediante uma “evidência” por fato, que se constitui pela exemplificação de que, em Nova Iorque, já existem, até mesmo, casas especializadas para vender para brasileiros, como observamos em “*olha aqui*, você vai em Nova York, tem casas especializadas pra vender pra brasileiro”. Nesse exemplo, também, evidenciamos o recrutamento do advérbio locativo proximal “aqui” na forma composta do marcador discursivo, cuja função é articular o traço semântico-pragmático de proximidade e responsabilidade do falante perante a sustentação apresentada, haja vista que o entrevistado exemplifica com a propriedade e a certeza de quem, realmente, presenciou tal fato.

Portanto, nas ocorrências acima, tanto em contexto de opinião quanto em contexto de sustentação, as características formais que compreendem a microconstrução com o MD *olha aqui* são (a) as expressões específicas de opinião, representadas, neste contexto, por “na minha opinião” e “eu acho que”, e expressões linguísticas específicas de sustentação, como é o caso da apresentação de exemplos, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo e, ainda, (c) a presença do advérbio locativo “aqui” na configuração da forma composta do MD. Já os aspectos semântico-pragmáticos dessa microconstrução são evidenciados pela macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e pela função de apontamento para opinião ou para a sustentação do falante, adicionada ao traço específico de proximidade e responsabilidade do falante em relação ao enunciado proferido. O uso da microconstrução com o MD *olha aqui* também é [(inter)subjetivo], pois o falante pretende convencer o seu interlocutor, seja acerca de sua opinião seja acerca de sua sustentação.

4.2.2.5. A microconstrução com o MD *vê*

Na mesoconstrução *opinião/sustentação*, a microconstrução com o MD *vê* apresenta um total de 52 ocorrências (16,9%) em um universo de 308 ocorrências. O MD ocorre, preferencialmente, em contexto de expressão de sustentação à opinião do falante – 46 ocorrências (88,5%) em contextos de sustentação e 6 ocorrências (11,5%) em contextos de opinião. Nessa microconstrução, o MD *vê*, derivado do modo IND, realiza-se perante a forma de tratamento “você”, composição motivada pelo traço semântico-pragmático de compartilhamento de informações e de avaliações. Atentemos aos exemplos seguintes:

(69) D: (sup.) A senhora acha que a sociedade brasileira atualmente está vivendo assim mais folgada em termos de dinheiro do que há alguns anos atrás?
L: Ah, muito mais. Muito mais. Apesar do nível de, de ni... de vida ter subido bastante e continue subindo muito, mas é claro, que, você **vê**, há, há muita possibilidade, muita, muita possibilidade. Antigamente, você **vê**, tinha só classe baixa, classe média e, e os ricos, né? Você **vê**, a classe média agora está desdobrando em alta e, e baixa. Mas por que que ela está desdobrando? Porque realmente está havendo uma forma aquisitiva maior do que havia na cla... classe média antigamente. Isso é, isso é só estudar, não precisa muito tempo, há, há vinte, trinta anos atrás o nível da, do, de vida das famílias. Então nós vamos ver que realmente elas não tinham a, o, a, o poder aquisitivo que agora uma família média tem. (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista contato 70, inquérito 373)

(70) E: [est] [est] [est] E o que você acha da juventude assim em geral, como tá a juventude hoje?
F: Oh eu acho que a educação tá muito vaga, muito vaga, tá entendendo. Eu acho que o jovem hoje em dia, eu não sei, tudo bem que o mundo evoluiu, então não existe mais aquela educação de antigamente. Você **vê**, por exemplo, a Maria fala assim: “ah, uma pessoa da sua idade fala com você, você sim senhor, sim senhor.” Ah tá, tá bom, mas é coisa minha, foi a educação que eu tive, ela acha que não, que eu não devo falá assim e eu coloco a pessoa mais velha, e eu digo que não. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista, R09)

Em (69), o entrevistador pergunta à entrevistada se, em sua opinião, a sociedade brasileira atualmente está vivendo “mais folgada” em termos financeiros. A entrevistada avalia que sim ao afirmar que o poder aquisitivo do povo brasileiro hoje em dia é bem maior do que antigamente. Para sustentar sua opinião, o falante, através de ocorrências da microconstrução com o MD *vê*, que tem em sua configuração construcional a forma de tratamento “você”, apresenta, inicialmente, uma justificação introduzida pelo conectivo “que” – “que, você *vê*, há, há muita possibilidade, muita, muita possibilidade” – e, posteriormente, uma “evidência” por

exemplificação – “Antigamente, você vê, tinha só classe baixa, classe média e, e os ricos, né? Você vê, a classe média agora está desdobrando em alta e, e baixa”. Como é possível perceber, a seleção da forma de tratamento “você” e do modo IND na microconstrução é motivada pelo traço semântico-pragmático de compartilhamento de informações e de avaliação, ou seja, o falante, através dessa microconstrução, deixa subentendido que o interlocutor compartilha a sustentação para a sua avaliação positiva acerca da melhoria da situação financeira do povo brasileiro.

No exemplo (70), o falante também utiliza o MD *vê*, em configuração imperativa, em P2, em forma simples e no modo IND, para enfatizar a sustentação de sua avaliação sobre a realidade da educação dos jovens no Brasil hoje em dia. Assim, a partir da opinião de que o jovem de hoje não tem a mesma educação que tinha o jovem de antigamente, o entrevistado apresenta a sustentação para o seu ponto de vista mediante uma “evidência” por exemplificação, como verificamos no enunciado a seguir: “Você vê, por exemplo, a Maria fala assim: ‘ah, uma pessoa da sua idade fala com você, você sim senhor, sim senhor.’ Ah tá, tá bom, mas é coisa minha, foi a educação que eu tive, ela acha que não, que eu não devo falá assim e eu coloco a pessoa mais velha, e eu digo que não”. Assim como no exemplo (69), a composição do MD na forma de tratamento “você” junto ao MD no modo IND traz para essa microconstrução o traço semântico-pragmático de compartilhamento do interlocutor em relação à informação e à avaliação expressas pelo falante.

É nesse contexto que evidenciamos que, na microconstrução com *vê*, o padrão formal compreende (a) as expressões linguísticas específicas de sustentação – neste contexto, a sustentação é realizada através da apresentação de um exemplo, (b) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo IND do verbo e, ainda, (c) a presença da forma de tratamento “você” junto ao MD. No que diz respeito aos aspectos semântico-pragmáticos dessa microconstrução, verificamos, além da macrofunção de *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, a função de apontamento para a sustentação do falante e o traço específico de compartilhamento entre os participantes de informação e avaliação. O uso da microconstrução é, nesse contexto, [+ (inter) subjetivo], pois o falante pressupõe o compartilhamento de seu interlocutor acerca da avaliação contida na sustentação.

4.2.2.6. A microconstrução com o MD *veja*

A frequência de uso da microconstrução com o MD *veja*, em configuração imperativa, em P2, em forma simples e no modo SUBJ do verbo, que se realiza regularmente em contexto de apresentação de sustentação de opinião, não se mostrou significativa na mesoconstrução *opinião/sustentação*, visto que obtivemos apenas 9 ocorrências (3%) em um total de 308 ocorrências. Tal microconstrução manifesta o traço semântico-pragmático da avaliação. Além disso, evidenciamos a função catafórica explícita de apontamento para o segmento de texto que será proferido, evidenciada pela seleção da forma de tratamento “você” para atuar junto ao MD. Observemos os exemplos seguintes:

(71) E: O povo de Arceburgo tinha que ter mais interesse. Né?

F: Mas num tem, é difícil. Você **veja**: Arceburgo tem um jornal cê pega o jornal, não menosprezando quem escreve o jornal, mas cê vê uma quantidade imensa de palavras escritas erradas e a gente vê que num é erro de diagramação, é erro de concordância mesmo. É falta de conhecimento de gramática mesmo. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc14)

(72) INF. - ...Isso em todas as artes, você vê, por exemplo, os grandes pintores ingleses, [] É aquilo é influenciado pelo clima da Inglaterra ... e obviamente o clima lá está ligado ao terreno, né? O clima é muito, então você **veja**, por exemplo, na Antigüidade ... as grandes civilizações antigas estavam ligadíssimas ao terreno em que ela nasceu. Aí, eu penso, ela, eu nunca tinha pensado nisso, mas agora... que você provocou o pensamento...Você **veja** a civilização egípcia antiga, né? Aquilo vivia em função do tempo , quer dizer, do Nilo, da enchente do Nilo, aquilo é, é que regulava a vida, e o que seria feito, o que não seria... (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato, interação 347)

No exemplo (71), o entrevistado avalia negativamente o fato de os moradores de Arceburgo não terem interesse pelo Instituto Histórico da cidade, quando utiliza o MD *veja* com o intuito de apontar cataforicamente para a sustentação de seu ponto de vista através de “evidência” por exemplificação, o que pode ser observado a seguir: “Você *veja*: Arceburgo tem um jornal cê pega o jornal, não menosprezando quem escreve o jornal, mas cê vê uma quantidade imensa de palavras escritas erradas e a gente vê que num é erro de diagramação, é erro de concordância mesmo. É falta de conhecimento de gramática mesmo”. Além da função catafórica explícita, a forma de tratamento “você” junto ao MD no modo SUBJ pressupõe, ainda, nesta microconstrução, o traço semântico-pragmático avaliativo.

Em (72), também, temos a ocorrência da microconstrução com o MD *veja* atuando em um contexto de sustentação de opinião por “evidência” mediante exemplificação. Em um contexto maior de interação comunicativa entre os participantes, verificamos que a entrevistada defende o seu ponto de vista de que o clima e o relevo da cidade influenciam a vida das pessoas. É nesse contexto que a entrevistada utiliza o MD *veja* para fazer alusão explícita à sustentação de sua opinião. A sustentação, dessa maneira, consta da exemplificação acerca das civilizações antigas, como observamos a seguir: “então você *veja*, por exemplo, na Antiguidade ... as grandes civilizações antigas estavam ligadíssimas ao terreno em que ela nasceu. Aí, eu penso, ela, eu nunca tinha pensado nisso, mas agora... que você provocou o pensamento...Você *veja* a civilização egípcia antiga, né? Aquilo vivia em função do tempo , quer dizer, do Nilo, da enchente do Nilo, aquilo é, é que regulava a vida, e o que seria feito, o que não seria...”. Aqui, também, verificamos a função catafórica explícita – o que motiva o recrutamento da forma de tratamento “você” junto ao MD derivado do modo SUBJ do verbo. E, ainda, evidenciamos o traço semântico-pragmático de avaliação do falante.

Em resumo, na microconstrução com *veja*, a qual atua, particularmente, no contexto de sustentação de opinião, o padrão formal compreende (a) as expressões linguísticas específicas de sustentação, tais como a apresentação de exemplos, como visto nas ocorrências acima, (b) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo SUBJ do verbo e, ainda, (c) a presença da forma de tratamento “você” junto ao MD. No que tange aos aspectos semântico-pragmáticos desta microconstrução, verificamos a macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, a função específica de apontamento explícito para a sustentação do falante. O uso da microconstrução com *veja* é [(inter)subjetivo].

4.2.2.7. A microconstrução com o MD *veja bem*

A microconstrução com o MD *veja bem*, em forma composta e no modo SUBJ do verbo, teve apenas 14 ocorrências (4,5%) em um total de 308 ocorrências na mesoconstrução *opinião/sustentação*. O MD realiza-se, particularmente, em contexto de sustentação da opinião do falante. Além da função catafórica explícita

de apontamento para o texto a ser mencionado, a microconstrução indexa, também, a solicitação pela avaliação do interlocutor, uma vez que, de acordo com Matos (2012), o falante busca fazer com que o interlocutor concorde com seus argumentos, compartilhando da mesma avaliação. Tal motivação semântico-pragmática culmina na seleção do advérbio qualificador “bem” junto ao verbo. Atenemos aos exemplos seguintes:

(73) E: E com relação ao que você falo sobre o fato dessas grandes empresas comprarem os times, o quê você acha disso?

F: Oh... isso daí ... é um negócio que eu sou totalmente contra. Porquê? Primeiro, **veja bem**: o futebol hoje ta em crise. Né? Hoje você... vê só pancada... cê num vê mais aqueles dribles sensacionais que eles davam antigamente. Então, eu acho que isso influencia muito a cabeça do jogador. Sabe? eles jogam por dinheiro. Sabe? eles querem revolucioná, querem ser patrocinado por grandes empresas, por marcas e ganhá... serem milionários e ganhá muito dinheiro. Acho que isso mexe com a cabeça do jogador, ele acaba num fazendo nada, ele acaba num jogano bola. Então eu acho que se acabasse com isso seria muito melhor. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc09)

(74) LOC. - É, piscina, ginástica agora isso daí que agora tá em moda né, que tá na moda, né, ficar freqüentando academia, Equipe 1, não sei o quê, e tal, são mais preguiçosos, só gostam disso.

DOC. - [?]

LOC. - É, não, porque **veja bem**, na época em que eu era jovem, lá em casa nós praticávamos esporte mesmo, [?], jogar, minha irmã jogava, voleibol, eu jogava futebol, basquete, vôlei. Agora, as minhas filhas já são mais preguiçosas. Gostam, muito, de uma piscinazinha, dar uma nadada, ou então malhar numa academia. (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato 90, inquérito 52)

No exemplo (73) acima, o entrevistado, questionado acerca de sua opinião sobre o fato de as grandes empresas comprarem os times de futebol, opina que é “totalmente contra”. Em seguida, mediante o uso do MD *veja bem*, o falante apresenta sua sustentação por justificação, a qual é introduzida pelo conectivo causal “porque” e pela exemplificação de uma situação particular, como verificamos em “Porquê? Primeiro, *veja bem*: o futebol hoje ta em crise. Né? Hoje você... vê só pancada... cê num vê mais aqueles dribles sensacionais que eles davam antigamente”. O advérbio qualificador “bem” é selecionado para compor a microconstrução com o MD *veja bem* a fim de explicitar a avaliação do falante acerca da sustentação apresentada, bem como de solicitar o alinhamento do interlocutor acerca de sua avaliação. Além disso, a microconstrução manifesta sua função de apontamento, de maneira catafórica explícita, para uma informação nova que será proferida pelo falante.

No exemplo (74), o entrevistado opina sobre a tendência atual de os jovens de frequentarem academias, o que ele julga ser uma atividade típica de jovens preguiçosos. Na sequência, o falante sustenta sua opinião a partir de uma justificção introduzida pelo conectivo “porque”. A sustentação por justificção realiza-se através de uma narrativa factiva, como observamos em “porque *veja bem*, na época em que eu era jovem, lá em casa nós praticávamos esporte mesmo, [?], jogar, minha irmã jogava, voleibol, eu jogava futebol, basquete, vôlei”. O MD *veja bem* atua, nesse sentido, na *chamada de atenção do ouvinte* para a sustentação da avaliação negativa implícita da entrevistada. Novamente, o advérbio qualificador “bem” é recrutado para compor a microconstrução com o MD *veja bem*, explicitando a avaliação do falante acerca da sustentação apresentada e solicitando o alinhamento do interlocutor acerca de sua avaliação. Também evidenciamos a função de apontamento explícito para o segmento subsequente a ser proferido pelo falante.

Em suma, nas ocorrências apresentadas da microconstrução com o MD *veja bem*, a qual atua, regularmente, no contexto de sustentação de opinião, o padrão formal compreende (a) as expressões linguísticas específicas de sustentação – a partir, por exemplo, de um conectivo como “porque” –, exemplificação e narrativa, como visto acima, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo SUBJ do verbo e, ainda, (c) a presença do advérbio qualificador “bem” junto ao verbo. No que diz respeito aos aspectos semântico-pragmáticos desta microconstrução, destacamos, como macrofunção, a *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e, como funções específicas, o apontamento explícito para a sustentação do falante e o traço de solicitação de alinhamento de avaliação entre os participantes. O uso da microconstrução com *veja* é, nesse sentido, [+ (inter) subjetivo], haja vista que indexa a noção de modalidade epistêmica.

4.2.3. A mesoconstrução *discurso reportado*

A mesoconstrução *discurso reportado* é composta por microconstruções com MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 que

introduzem o discurso direto do próprio falante ou de uma terceira pessoa através de um verbo *dicendi* (“de dizer”).

Cunha e Cintra (2007 [1989]) entendem o discurso reportado como sendo aquele em que o narrador desempenha a função de indicador das falas. Em outras palavras, o discurso reportado tem a função discursiva de demonstração da fala de outro. Os autores destacam três moldes de discurso reportado, a saber, o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre: (i) o discurso direto é aquele através do qual o narrador permite que o personagem se expresse por si mesmo, de maneira a limitar-se a reproduzir as palavras como o personagem as teria selecionado, organizado e emitido; (ii) o discurso indireto é aquele através do qual o narrador incorpora uma informação proferida pelo personagem a sua própria fala, transmitindo ao interlocutor apenas o conteúdo proposicional, sem nenhum respeito à forma linguística que teria sido empregada; (iii) por fim, o discurso indireto livre é aquele através do qual o narrador nem apresenta a personagem em sua própria voz, como no discurso direto, nem informa objetivamente o interlocutor a respeito do que o personagem teria dito, mas, sim, aproxima narrador e personagem, dando-lhes a impressão de que passam a falar em uníssono.

O discurso direto, molde de discurso reportado encontrado em nossas microconstruções com MDs, é marcado linguisticamente pela presença de variados verbos *dicendi* (“de dizer”), tais como “afirmar”, “ponderar”, “sugerir”, “perguntar”, “indagar”, “responder” e sinônimos que podem introduzi-lo, arrematá-lo ou nele se inserir. E, na falta de algum desses verbos *dicendi*, é o contexto o responsável por indicar a fala do personagem (CUNHA & CINTRA, 2007 [1989]).

A respeito da expressividade do discurso reportado direto, Cunha e Cintra (2007 [1989], p. 637) afirmam o seguinte:

[...] a força da narração em DISCURSO DIRETO provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador de falas. Estas, na reprodução direta, ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos linguísticos tais como exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que costumam impregnar de emotividade a expressão oral. (CUNHA & CINTRA, 2007 [1989], p. 637)

Embora os autores considerem que o discurso reportado direto seja capaz de caracterizar, com precisão e colorido, a atitude do falante cuja fala é reproduzida, acreditamos, assim como Rocha (2004), que o discurso reportado não apresenta o mesmo valor semântico-pragmático do discurso original do falante. É nesse sentido que Rocha (2004, p. 61) afirma que “reportar discursos é uma estratégia gramatical de recriação do que foi dito ou escrito”, ou seja, o discurso reportado consiste na modificação criativa do discurso já proferido. Segundo Bakhtin (2000, p.316 *apud* ROCHA, 2004, p. 59),

O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra ‘reposta’ é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (BAKHTIN, 2000, p.316 *apud* ROCHA, 2004, p. 59)

No que diz respeito ao uso dos marcadores discursivos em discursos reportados diretos, Risso (2006) destaca que estes imprimem autenticidade na representação do caráter espontâneo da oralidade. Para a autora, as falas reproduzidas, cujo formato de espontaneidade é constituído pela presença do MD, promovem o desenvolvimento do tópico com a função tipicamente ilustrativa, de maneira a criar efeitos cênicos que evocam potencialmente a situação dialógica que se deseja representar.

Portanto, é nesse contexto de discurso reportado direto, o qual é marcado linguisticamente por um verbo *dicendi*, por algum sinônimo de um verbo *dicendi* ou, até mesmo, pelo contexto, que trataremos das microconstruções com MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, em forma simples e em forma composta. Na tabela seguinte, apresentamos a frequência de uso das microconstruções identificadas.

Tabela 15 – Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” na mesoconstrução *discurso reportado*

Mesoconstrução <i>discurso reportado</i>			
Microconstruções com MDs derivados de “olhar”		Total de ocorrências	
		n.º	%
Formas simples	olha	184	99,5%
Formas compostas	olha aqui	1	0,5%
Total		185	

Como é possível observar, apenas duas microconstruções com MDs se realizam na mesoconstrução *discurso reportado*, a saber, a forma simples *olha* e a forma composta *olha aqui*. A microconstrução com o MD *olha*, em forma simples derivada do modo IND do verbo, teve 184 ocorrências (99,5%) em um total de 185 ocorrências na mesoconstrução *discurso reportado* em nosso *corpus* sincrônico. Já a frequência de uso da microconstrução com o MD *olha aqui*, em forma composta, também derivada do modo IND, não foi significativa em tal mesoconstrução, uma vez que obtivemos apenas 1 ocorrência (0,5%) em um total de 185 ocorrências.

Procederemos a nossa análise, primeiramente, pela microconstrução com o MD *olha*, que é mais frequente em nossa amostra, e, em seguida, trataremos do estudo da microconstrução com o MD *olha aqui*.

4.2.3.1. A microconstrução com o MD *olha*

A frequência de uso da microconstrução com o MD *olha*, em configuração imperativa, em P2, em forma simples e no modo IND do verbo, na mesoconstrução *discurso reportado*, foi bastante significativa em nossa amostra sincrônica, com 184 ocorrências (99,5%) em um total de 185 ocorrências. Tal microconstrução realiza-se, linguisticamente, através de um verbo *dicendi*, de algum sinônimo de um verbo *dicendi* ou, até mesmo, por meio do contexto de interação comunicativa. Observemos os exemplos abaixo:

(75) E: Como é que foi a história?

F: Ele morava na fazenda e ele vinha muito aqui e nós tava namorando. Né? Ele vinha toda noite aí encontrá comigo e tudo. Nosso passeio era ali em frente o grupo, ficava ali passeando: pra lá pra cá, pra lá pra cá... aí veio a Festa de São João e eles fala que a foguera da noite de São João, a gente pondo, pegava a cinza, punha debaixo do travessero e sonhava com o namorado. Né? Com quem ia casá, essas coisa assim.

Aí eu pedi pra ele, porque era tarde. Né? Quando a foguera abaxava, assim ficava mais fácil de tirá a cinza. Aí eu pedi pra ele:

– **Olha** NP. (nós morava lá em baxo, num cada que dava pra rua, assim, tinha as janela, a porta. Né?) a hora que cê for embora, cê leva um punhadim da cinza pra mim, põe lá na janela do meu quarto que eu tiro. Né? (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc02)

(76) F: (...) Agora, o Dr. NP. ficava lá em casa quase que a noite inteira, porque tamém ele era muito amigo do meu pai, então ele num... assim eu num posso esquecer ele nesse ponto. Sabe? Aí ô... mais com muito custo, viu. Mas a minha mãe num quarto e eu no outro, num podia ficá no mesmo quarto não.

E: Por quê?

F: Num sei, diz que num podia... e sabe, tinha... o Dr. NP falava pra dá banho pra febre abachá. Né? Elas levaro a banhera pro meu quarto: a NP, a NP e a NP minha prima. Punha água naquela banhera e me punha. Ele falava assim:

Olha, num pode dexá caí porque o entestino dela tá por um fio, se arreventá, qualquer coisa é fatal. Então, elas pegavam, uma pegava nos pés, outra na cabeça e outra no meio pra me pô na banhera. Sabe? Foi um coisa... que tinha um banhão grande, mas num era nos quarto aquele tempo. Né? Era dentro de casa mas num era nos quarto. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc12)

No exemplo (75) acima, o entrevistador solicita que a entrevistada conte a respeito do episódio em que seu namorado deixou um toco pegando fogo na porta de sua casa. A entrevistada conta que pediu a seu namorado que pegasse um punhado de cinza da fogueira da Festa de São João para que ela o colocasse debaixo do travesseiro, a fim de, de acordo com a superstição, sonhar com o rapaz que com quem iria se casar. Nesse momento, portanto, a entrevistada utiliza o MD *olha* para indicar a recriação de sua própria fala, chamando a atenção do ouvinte para o discurso direto no qual é feito um pedido direcionado ao namorado tal como teria sido proferido no momento do episódio ocorrido, como observamos em “– *Olha* NP. (nós morava lá em baxo, num cada que dava pra rua, assim, tinha as janela, a porta. Né?) a hora que cê for embora, cê leva um punhadim da cinza pra mim, põe lá na janela do meu quarto que eu tiro. Né?”. O discurso direto reportado do falante é marcado, do ponto de vista linguístico, pela presença do verbo “pedi”, que funciona, neste contexto, como sinônimo de um verbo *dicendi*, uma vez que poderia ser substituído por “falei” e “disse”. Nesta ocorrência da microconstrução, o MD *olha* introduz um contexto de discurso reportado no qual é realizado um pedido ao interlocutor. Embora o falante se utilize de formas verbais no imperativo canônico (“cê leva” e “põe”) para realizar sua solicitação, evidenciando o comando explícito ao interlocutor, verificamos a atenuação do ato de fala manipulativo através do MD e, também, do contexto de pedido. O pedido, normalmente, codifica significados

pautados na relação estabelecida entre falante e ouvinte e pode ser associado à posição hierárquica do indivíduo na sociedade. No contexto do exemplo (75), a fala reportada é de uma mulher, que, diante da vontade de fazer com que o namorado, um homem, realize as ações proferidas pelos verbos enunciados, atenua um comando em forma de pedido (“cê leva um punhadim da cinza pra mim, põe lá na janela do meu quarto que eu tiro”).

Em (76), a entrevistada, ao contar sobre quando teve febre tifoide, introduz, através do MD *olha*, o discurso direto do médico na ocasião. Do ponto de vista formal, a função de introdução de um contexto de discurso reportado do MD é verificada através do verbo *dicendi* “falava”, como verificamos em “Ele falava assim: *Olha*, num pode dexá caí porque o entestino dela tá por um fio, se arreventá, qualquer coisa é fatal”. Neste exemplo, a microconstrução com o MD *olha*, que indexa a autenticidade do caráter espontâneo na oralidade, introduz uma advertência acerca das ações realizadas ou pretendidas pela terceira pessoa, ou seja, o médico. Assim, o médico modaliza o comando direcionado à mãe da entrevistada, através do MD *olha* e do modal “poder”, indicando haver uma diferença social entre os participantes da interação (mãe e médico), a fim de fazer com que o interlocutor execute as ações indicadas pelo verbo, como verificamos em “*Olha*, num pode dexá caí”.

Portanto, a partir da análise das ocorrências acima, evidenciamos que a microconstrução com o MD *olha* em configuração imperativa e em P2 tem como padrão formal, na mesoconstrução *discurso reportado*, (a) um verbo *dicendi*, algum sinônimo do verbo *dicendi* ou, até mesmo, alguma sinalização no contexto de interação comunicativa e (b) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo IND do verbo. No que diz respeito aos aspectos semântico-pragmáticos dessa microconstrução, destacamos, como macrofunção, a *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e, como funções específicas, a indicação da recriação da fala de outro ou de si mesmo e a articulação da autenticidade do caráter espontâneo na oralidade.

4.2.3.2. A microconstrução com o MD *olha aqui*

Na mesoconstrução *discurso reportado*, encontramos apenas 1 ocorrência (0,5%) da microconstrução (ou construto) com o MD *olha aqui* em um total de 185 ocorrências. Tal microconstrução (ou construto) se estabelece, do ponto de vista linguístico, através do contexto de interação comunicativa e por meio do advérbio locativo “aqui”. Vejamos o exemplo abaixo:

(77) E: o mesmo sapo?

F: não outro sapo {AHHH aí ele saiu gritano A MÃE PAI A O SAPO a o SAPO aí né o as aí:: né:: aí o pai dele mais a mãe falô “EHH:: FILHO Nossa cê tá sonhando com o sapo num tô vemo sapo nenhum” olha ali na árvore minha árvore tá chorano tá gritano socorro vai lá mata o sapo aí tava sonhando

E: sonhando?

F: é

E: que isso?

F: “num tem sapo nenhum AQUI não filho cê tá sonhando olha aqui tá de noite pro cê nós gritá olha que uma hora dessa vai aparecê sapo dento do nosso hotel cê tá DOldo filho?” (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Pi01)

No exemplo acima, a criança conta a respeito de um sonho que teve com um sapo. Nesse momento, o entrevistado recria a fala da mãe, que, ao ouvi-lo falando durante o sonho, o adverte de que não há sapo nenhum no hotel onde estão e de que já é tarde para que ele fique gritando. O MD *olha aqui* ocorre no meio do discurso direto reportado, com a função de imprimir maior autenticidade ao caráter espontâneo da fala citada, de modo a potencializar a situação dialógica encenada, bem como com a função de apontar para um contexto de advertência. O discurso direto é, expressivamente, constituído a partir do contexto de interação comunicativa em que ocorre, como observamos em “num tem sapo nenhum AQUI não filho cê tá sonhando *olha aqui* tá de noite pro cê nós gritá olha que uma hora dessa vai aparecê sapo dento do nosso hotel cê tá DOldo filho?”. Evidenciamos, ainda, a seleção do advérbio proximal locativo “aqui” junto ao verbo, compondo o MD em forma composta *olha aqui*, o qual é motivado pelo traço semântico-pragmático de indicar a proximidade e a responsabilidade do falante sobre a advertência direcionada ao ouvinte. Tal traço traz, também, para o contexto de advertência, que ocorre dentro do discurso reportado, a noção de *status* e hierarquia daquele que adverte perante aquele que é advertido (mãe e filho).

Portanto, na única ocorrência encontrada da microconstrução (ou construto) com o MD *olha aqui*, verificamos as seguintes características formais: (a) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo e, ainda, (b) a presença do advérbio locativo “aqui”. Acerca dos aspectos semântico-pragmáticos desta microconstrução (ou construto), apontamos, como macrofunção, a *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e, como funções específicas, a indicação da recriação da fala de outro, a articulação da autenticidade do caráter espontâneo na oralidade e o traço da proximidade e da responsabilidade do falante sobre o conteúdo proposicional proferido, bem como sobre o contexto que compõe o discurso reportado, que, neste caso, é o contexto de advertência.

4.2.4. A mesoconstrução *interjeição*

A mesoconstrução *interjeição* condensa microconstruções com MDs que têm como características (i) a função fática exclamativa que denota o sentimento do falante, tal como surpresa, decepção, espanto ou outro e (ii) o caráter avaliativo que pode vir, ou não, expresso por uma sequência avaliativa. Do ponto de vista linguístico, nas microconstruções integrantes desta mesoconstrução, a interjeição é marcada através de uma pausa que indicaria uma curva entonacional para o sentimento/a avaliação expresso(a). E, nesse contexto, a interjeição, implicitamente, pode ser observada a partir de informações inferidas mediante o contexto de uso.

Cunha e Cintra (2007 [1989], p. 591) definem a interjeição como sendo “uma espécie de grito” através da qual o falante traduz suas emoções no momento da interação comunicativa. Os autores acrescentam, ainda, que uma interjeição pode corresponder a sentimentos variados – tais como alegria, animação, aplauso, desejo, dor, espanto, surpresa, impaciência, invocação, silêncio, suspensão, terror, entre outros – e, até mesmo, opostos, de modo que seu valor específico depende, fundamentalmente, do contexto e da entonação.

No que diz respeito à ocorrência de marcadores discursivos derivados dos verbos “olhar” e “ver”, em configuração imperativa e em P2, em contexto interjetivo, Rost-Snichelotto (2009) destaca que estes elementos introduzem um fragmento que revela surpresa ou decepção do participante em função do relato exposto, de

maneira que a entonação e o enunciado proferidos pelo falante podem provocar uma dada inferência no ouvinte.

Segundo Urbano (2006), os MDs que expressam a noção de *interjeição* são entendidos como desempenhando, fundamentalmente, a função de “basicamente orientadores da interação”, em concomitância com a eventual função de sequenciadores tópicos. A constatação do autor, dessa maneira, corrobora a concepção por nós adotada de que tais marcadores atuam tanto na organização textual quanto na organização interacional do discurso, embora o foco possa se dar predominantemente em um ou outro encaminhamento – perspectiva já apontada no Capítulo II, mais especificamente na seção 2.1., a partir da discussão dos trabalhos de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989), Risso *et al.* (2006) e Guerra (2007).

Urbano (2006) esclarece, para tanto, que o conceito de interação em que se baseia tem uma abrangência mais ampla, referindo-se não apenas ao envolvimento interpessoal entre falante e ouvinte, mas, também, ao processo de articulação das avaliações subjetivas (diríamos, até mesmo, intersubjetivas) do falante a propósito de significações proposicionais, o qual se envolve com o conteúdo e com o seu interlocutor. Concluimos, desse modo, que as microconstruções com MDs que integram a mesoconstrução *interjeição* são [+ (inter)subjetivas].

Em nossos dados, tais microconstruções são, do ponto de vista linguístico, demarcadas prosodicamente – conforme também destacado por Urbano (2006) –, ainda que essa demarcação seja realizada “de forma virtual”, ou seja, é possível que se reconheça a prosódia mesmo que ela não seja passível de observação empírica e não esteja materializada no texto.

A seguir, trataremos das microconstruções com MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, em forma simples e em forma composta. Na tabela a seguir, apresentamos a frequência de uso das microconstruções identificadas na mesoconstrução *interjeição*.

Tabela 16 – Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver” na mesoconstrução *interjeição*

Mesoconstrução <i>interjeição</i>			
Microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver”		Total de ocorrências	
		n.º	%
Formas simples	olha	79	68,6%
	vê	12	10,4%
	veja	4	3,5%
Formas compostas	olha só	8	6,9%
	e olhe lá	4	3,5%
	mas olha	3	2,6%
	olha aí	1	0,9%
	pois olha	1	0,9%
	olha bem	1	0,9%
	vê lá	1	0,9%
	vê só	1	0,9%
Total		115	

Observamos, na tabela acima, que a microconstrução com MD mais frequente na mesoconstrução *interjeição* é a forma simples *olha*, com 79 ocorrências (68,6%) em um total de 115 ocorrências. A segunda microconstrução mais frequente em nossa amostra é a forma simples *vê*, com 12 ocorrências (10,4%). As demais microconstruções (ou construtos) apresentam uma baixa frequência de uso: *veja*, com 4 ocorrências (3,5%); *olha só*, com 8 ocorrências (6,9%); *e olhe lá*, com 4 ocorrências (3,5%); *mas olha*, com 3 ocorrências (2,6%); *olha aí*, com 1 ocorrência (0,9%); *pois olha*, com 1 ocorrência (0,9%); *olha bem*, com 1 ocorrência (0,9%); *vê lá*, com 1 ocorrência (0,9%); e *vê só*, com 1 ocorrência (0,9%).

Nossa análise das microconstruções se inicia pelos MDs derivados de “olhar” – *olha*, *olha só*, *e olhe lá*, *mas olha*, *olha aí*, *pois olha* e *olha bem*. Subsequentemente, passaremos à análise das microconstruções com MDs derivados de “ver” – *vê*, *veja*, *vê lá* e *vê só*.

4.2.4.1. A microconstrução com o MD *olha*

Na mesoconstrução *interjeição*, a microconstrução com o MD *olha*, em configuração imperativa, em P2, em forma simples e no modo IND, apresentou, na amostra sincrônica, uma frequência de uso bastante significativa, com 79 ocorrências (68,6%) em um total de 115 ocorrências. Tal microconstrução realiza-se

(i) tanto em contexto em que a interjeição é estabelecida pelo próprio falante corrente – 60 ocorrências (75,9%) (ii) quanto em contexto em que a interjeição é estabelecida pelo interlocutor, de maneira a monitorar a fala do locutor – 19 ocorrências (24,1%). Do ponto de vista formal, a microconstrução é demarcada, de maneira explícita ou implícita no texto, a partir de uma pausa que indica uma curva entonacional para o sentimento/a avaliação expresso(a) ou a partir do contexto de uso. Observemos os exemplos a seguir:

(78) Tem um fato interessante que agora eu to lembrano... quando ele veio do exército. Né? Aí eles dão farda, tudo aquilo que eles dão lá no exército, deru pos moço trazê. Né? E uma noite, eu... num sei o quê que me deu na minha cabeça...como eu era muito levada. Né? Peguei, vesti a farda dele, puis os coiso, arrumei tudo, fiquei um sordado alinhado. Né? Quando eu fui desceno, que eu ia pra casa da minha prima eu encontrei com um sordado. Aí quando eu vi, ele bateu continência assim pra mim. Eu num sabia se eu fazia, se eu corria. Né? Ai foi a coisa mais gozada! Aí eu fiz assim com a mão e descí correno e entrei na casa da minha prima. Falei: – Nossa Senhora! O sordado vem atrais de mim porque eu entrei aqui, eu tô de farda, eu fiz continência. Contano. Né?

– Mas ocê é danada demais, porque que ce faz isso? Porque isso e aquilo. E eu morreno de medo dele í atrais de mim. Né?

Ele tava bateno continência pra mim, porque eu tinha vindo do exército. Né? **Olha**, foi muito engraçado!

A minha mãe falava assim:

– Agora cê aprende, num vai ficá fazeno coisa errada. E eu tava achano uma beleza. Né? Eu vestida. (*Corpus* do “Projeto Minerês”, entrevista Arc02)

(79) ((o NP continua fazendo desenhos e colando figuras com o irmão))

A. cola dinovu:... é eli intaum qui comanda a turma lá:?

B. ca ... cadê u coraçaum?

A. i essi Natal? ... Cê vai passa essi Natal aondi?

B. éh...na()?

A. éh?

B. éh... lá na casa nova::

A. i ondi qui fica?

B. lá im NP:

A. ãnh:... lá im NP::... i u quê qui cê vai fazê lá im NP?

((NP se distraiu muito com os desenhos e mal me responde))

B. éh:: (eu vous) éh:... éh...é? Sa u qui é qui eu gustu di fazê lá brinca: ... qui mia ... minha mãe vai compá uma piscina:

A. ah::... vai comprar uma piscina:?

C. éh

B. vai: E. uma ... uma ... uma ... uma cama pra mim (i ela naum é rosa)

A. **OLHA**::

C. nó:: ... genti... mi amãe vai complá uma cama nova

A. qui beleza HEIN?

B. é grandona

A. inatum cê ta doido pra mudá lá pra ... NP? E. (eu tô) OU... OU

((as gravações foram interrompidas de novo, NP estava cansado e o irmão era quem conversava.))

- A. pur que qui ocê num mi conta intaum
 B. cadê a du lobu mau?
 A. a história du lobu mau?
 C. num sei: (*Corpus* do “Projeto Minerês”, entrevista Mar 43)

No exemplo (78), a entrevistada conta um episódio que ocorreu na infância, em que ela teria vestido a farda de seu irmão que era sargento e um soldado teria batido continência para ela na rua. A entrevistada diz, então, que cumprimentou o soldado e correu para a casa da prima, a quem ela teria relatado o acontecido. Nesse momento, a entrevistada utiliza o MD *olha*, de maneira enfática e exclamativa, juntamente com uma sequência avaliativa formada por um predicativo (“foi muito engraçado!”), a fim de expressar o seu sentimento/a sua avaliação da situação, como observamos em “*Olha*, foi muito engraçado!”. Urbano (2006) denomina essa função do marcador discursivo como sendo “fática de natureza imperativa e entonação exclamativa”, já que o falante é quem produz a interjeição, direcionando-a ao seu interlocutor. Tal natureza fática e exclamativa da microconstrução envolve a avaliação no enunciado por parte do falante.

Já no exemplo (79), o entrevistador está conversando com uma criança, que, em certo momento, diz que sua mãe vai comprar uma piscina e uma cama nova. O entrevistador, com o intuito cooperativo de monitorar a fala da criança e de expressar seu sentimento de alegria diante do fato de ela ganhar uma piscina e uma cama nova, utiliza o MD *olha*, de maneira enfática – neste caso, a prosódia é referenciada através da grafia do MD em letras maiúsculas. De acordo com Urbano (2006), essa função da microconstrução é denominada *feedback*. O *feedback* consiste em uma interjeição produzida pelo interlocutor, normalmente, de maneira isolada, cujo objetivo é retroalimentar o falante, mantendo-o em seu papel discursivo. Tal uso da microconstrução é, portanto, considerado [+ (inter) subjetivo].

Em síntese, em ambos os exemplos, a microconstrução com o MD *olha*, em configuração imperativa e em P2, atua (i) tanto em contexto em que a interjeição é estabelecida pelo falante corrente (ii) quanto em contexto em que a interjeição é estabelecida pelo interlocutor. Essa microconstrução tem como padrão formal (a) a presença, ou não, de uma sequência avaliativa e (b) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo IND do verbo. Quanto aos aspectos semântico-pragmáticos da microconstrução com o MD *olha*, evidenciamos, além da macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, a função

específica de exclamação, que expressa o sentimento/a avaliação do falante ou do ouvinte.

4.2.4.2. A microconstrução com o MD *olha só*

A microconstrução com o MD *olha só*, como vimos na tabela 16, teve 8 ocorrências (6,9%) na mesoconstrução *interjeição*, realizando-se, regularmente, em contexto em que a interjeição é estabelecida pelo próprio falante. No MD *olha só*, o advérbio “só” é recrutado, linguisticamente, para compor a microconstrução, a fim de focalizar, ainda mais, a avaliação pessoal do falante acerca da situação relatada. Vejamos os exemplos que se seguem:

(80) E: Mas, faz quanto tempo que cês tão brigado, sem se falá?

F: Eu acho que faz um mês que a gente num ta falano mais. **Olha só** que estranho: minha irmã, minha irmã, a NP, que brigô cum NP tá falano cum NP e eu tô falano cum NP, entendeu? É... A NP gosta do NP e eu gosto do NP, né? Como amigo. Assim. Muito esquisito essas coisas. (*Corpus* do “Projeto Minerês”, entrevista Mar65)

(81) Aí tá, a Suelen tinha falado no hospital que o pai era ignorado, (est) foi o que deu. Aí eles deram o papel do registro “pai ignorado”, né? Só tinha a mãe. (est) Aí ela foi, falô com o rapaz. (est) Aí ele foi e disse que ia registrá o bebê, aí marcou pra a Suelen direitinho pra Suelen i, i lá que ele ia registra. Suelen acordô cedo, se arrumô toda, cortô cabelo, botô sapato alto e tal, pra i no cartório. Chegou na casa dele, ele tinha ido pro quartel, (est) **olha só**... ela chegou em casa invocada, se enfezô: “eu não quero mais que ele registra nada, não sei o que, não sei o que, eu vô sozinha.” Aí ele mandô recado, isso foi de manhã que ela foi, aí à tarde ele mandou recado que era pra ela descê que ele ia no cartório. Ela falô: “agora quem não quer ir sou eu.” (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R06)

Em (80), a entrevistada relata uma briga que teve com uma amiga, quando o entrevistador lhe pergunta há quanto tempo elas estão sem se falar. Após responder que já faz um mês que não conversam, a entrevistada, através do MD *olha só*, chama a atenção do interlocutor para uma situação que ela avalia como sendo estranha, como observamos em “*Olha só* que estranho: minha irmã, minha irmã, a NP, que brigô cum NP tá falano cum NP e eu tô falano cum NP, entendeu? (...)”. Neste exemplo, a construção exclamativa e avaliativa (“*Olha só* que estranho:”) antecede o seu escopo, ou seja, a microconstrução funciona como um instanciador prospectivo do texto. Assim, o uso do advérbio focalizador “só”, que compõe a construção interjetiva – a qual se antecipa à sequência avaliativa (“que estranho”) –

é motivado pelo desejo do falante em enfatizar não só o seu sentimento e a sua avaliação de que a situação é estranha, mas, também, os argumentos que, na sua opinião, sustentam tal sentimento/avaliação. A microconstrução com o MD *olha só* é, nesse sentido, [+ (inter) subjetiva], visto que o falante não codifica somente suas crenças e atitudes na proposição, mas, também, seu desejo de convencimento do interlocutor acerca dos argumentos que sustentam sua avaliação.

No exemplo (81), a entrevistada narra um episódio que aconteceu com uma terceira pessoa, a qual ela chama de Suelen. Segundo a entrevistada, Suelen havia decidido que seu bebê não seria registrado pelo pai. No entanto, uma vez que o pai da criança manifestou o desejo de registrá-lo, Suelen combinou de irem juntos ao cartório. No dia marcado, o pai do bebê não se fez presente, fato que deixou Suelen muito aborrecida. É em função da situação narrada que a entrevistada produz uma construção interjeitiva que tem como base o MD *olha só*, o qual indexa um sentimento de espanto. Embora a microconstrução não contenha uma sequência avaliativa antecedendo ou sucedendo o MD, é possível perceber a entonação exclamativa que denota a avaliação do falante a partir de informações contextuais, como verificamos em “Chegou na casa dele, ele tinha ido pro quartel, (est) *olha só*”. Acerca da presença do advérbio “só” compondo a microconstrução, evidenciamos que tal motivação seria o interesse do falante em direcionar a atenção do ouvinte tanto para a sua avaliação negativa acerca da atitude do pai do bebê quanto para os argumentos em que tal avaliação estaria pautada – o pai da criança teria combinado que iria registrá-la. É a esse sentimento de espanto frente à situação e a essa avaliação negativa que o falante deseja, através da produção da microconstrução com *olha só*, que o interlocutor se alinhe. Portanto, defendemos que o uso da microconstrução em questão é [+ (inter) subjetivo].

Portanto, a partir das ocorrências apresentadas acima, destacamos que a microconstrução com o MD *olha só*, em configuração imperativa e em P2, que atua, regularmente, em contexto em que a interjeição é estabelecida pelo próprio falante, tem como padrão formal (a) a presença ou não de uma sequência avaliativa, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo e, ainda, (c) a presença do advérbio focalizador “só”. A respeito dos aspectos semântico-pragmáticos, destacamos, como macrofunção da microconstrução com o MD *olha só*, a *chamada de atenção do ouvinte* e, como funções específicas, a

exclamação que denota o sentimento/a avaliação do falante, o caráter avaliativo da construção e a focalização na avaliação e nos argumentos que a sustentam.

4.2.4.3. A microconstrução com o MD e *olhe lá*

Na mesoconstrução *interjeição*, a microconstrução (ou construto) com o MD e *olhe lá* não se mostrou significativa, uma vez que obtivemos apenas 4 ocorrências (3,5%) em um universo de 115 ocorrências. Essa microconstrução (ou construto) ocorre, particularmente, em contexto em que o falante corrente produz uma exclamação orientada diretamente para o ouvinte. Rost-Snichelotto (2009) destaca, ainda, que a forma composta e *olhe lá*, que já se encontraria cristalizada na língua (embora não tenhamos encontrado um número representativo dessa microconstrução ou construto), desempenha as funções de encerrar um fragmento de texto que indica uma espécie de limite de concessão e de devolver o turno ao interlocutor. Vejamos as ocorrências que se seguem:

(82) DOC. - E os mais jovens?

LOC. - O que bebem?

DOC. - Sim.

LOC. - Mais jovem, em que faixa?

DOC. - Adolescentes, digamos, a garotada que já sai sozinha, o que bebem quando eles entram num bar?

LOC. - Acho que copiam muito os pais, né?

DOC. - Sim.

LOC. - Quando eles se vêem soltos, com dinheiro, eles procuram beber o que vêem em casa mais ou menos, né, porque a juventude sempre tem o exemplo, né, queira ou não queira é influenciada. Agora a garotada, eh, sem dinheiro, é refrigerante mesmo **e, olhe lá**, quando pode, né?

DOC. - Sim. E em casa, o que é que normalmente as pessoas bebem (inint.)

LOC. - Procuo dar suco de frutas, limonada, laranjada, refrigerante e água.

DOC. - E refeições só de pessoas adultas, assim quando você recebe pessoas. (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista contato 70, interação 02)

(83) F: Meu grau de instrução não vai muito longe não. Na época que eu estudei, devia tê a quarta... quinta série só.

E: (est). É...

F: (Retoma o turno). Primário, chamava-se primário. Hoje é primeiro grau, segundo grau, (hes) vestibular, faculdade, essas coisa toda. Na época tinha que fazê nada disso. Só fiz o primário **e: olhe lá**.

E: o senhor nasceu aqui no Rio, aqui no Rio mesmo?

F: Nasci aqui em Marambaia (inint).

E: Aqui em Marambaia?

F: É: sou natural daqui mesmo. Na época era Capital Federal.

E: E:ra ?

F: Aqui era Capital Federal. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R13)

Em (82), a entrevistada, questionada acerca do que os jovens costumam beber quando saem para bares, responde que os adolescentes que têm dinheiro bebem aquilo que veem os pais beberem, enquanto os adolescentes que não têm dinheiro, quando muito, bebem refrigerante. A conjunção “e”, selecionada para compor o MD e *olhe lá*, traz para a microconstrução a noção de concessão, uma vez que o falante, depois de afirmar que os adolescentes sem dinheiro “bebem refrigerante”, acrescenta a informação de que refrigerante é tudo o que podem, eventualmente, beber (“Só Agora a garotada, eh, sem dinheiro, é refrigerante mesmo e, *olhe lá*, quando pode, né?”). A avaliação acerca da realidade pode ser inferida a partir de informações contextuais. Já do ponto de vista formal, a construção, que é por natureza fática e exclamativa, ocorre no fechamento do turno conversacional do falante, que passa a vez de falar para o ouvinte.

Quanto ao exemplo (83), neste o entrevistado diz ao entrevistador que estudou apenas até o primário, que, antigamente, consistia na quarta ou na quinta série. Em seguida, o entrevistado pondera que, em sua época de colegial, não havia primeiro e segundo graus, vestibular e faculdade. Segundo ele, as pessoas estudavam, quando muito, até o primário. Nesta ocorrência, assim como no exemplo (82) apresentado, o desejo de expressar a noção de concessão, que é, por natureza, fática e exclamativa, culmina no recrutamento da conjunção “e” para compor o MD e *olhe lá*. Em outras palavras, o falante afirma que estudou até o primário e, logo, acrescenta a informação e a avaliação de que estudar até o primário, naquela época, era tudo o que era possível (“Só fiz o primário e: *olhe lá*”). A avaliação do falante acerca da realidade pode ser recuperada a partir de dados no contexto, assim como a demarcação prosódica de exclamação é reconhecida “virtualmente”, já que não se apresenta materializada no texto. Formalmente, evidenciamos a ocorrência da microconstrução com o MD e *olhe lá* em final de enunciado, que, como já destacamos, fecha o turno do falante, devolvendo-o ao ouvinte.

Em suma, as ocorrências acima demonstram que a microconstrução (ou construto) com o MD e *olhe lá*, em configuração imperativa e em P2, que se realiza, particularmente, em contexto em que o falante produz a construção fática e

exclamativa em função de seu próprio discurso, tem como características formais (a) a avaliação inferida a partir de dados contextuais, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo SUBJ do verbo e, ainda, (c) o estabelecimento da microconstrução (ou construto) mediante a presença da conjunção “e” e do advérbio locativo “lá” e (d) a ocorrência da microconstrução (ou construto) em posição final no turno do falante. No que tange aos aspectos semântico-pragmáticos, evidenciamos a macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e as funções de exclamação da avaliação/do sentimento do falante, de expressão de concessão e de devolução de turno ao ouvinte. O uso da microconstrução (ou construto) é entendido, desse modo, como sendo [+ (inter) subjetivo].

4.2.4.4. A microconstrução com o MD *mas olha*

A microconstrução (ou construto) com o MD *mas olha*, em forma composta, também teve baixa frequência de uso na mesoconstrução *interjeição*. Encontramos apenas 3 ocorrências (2,6%) dessa microconstrução (ou construto) em um total de 115 ocorrências. O contexto específico de realização de *mas olha*, evidenciado na amostra sincrônica analisada, é aquele em que o falante produz uma exclamação em função de seu próprio discurso. Acrescentado à função fática e exclamativa da microconstrução (ou construto) está o traço de contraexpectativa, que resulta na seleção da conjunção adversativa “mas” para compor a forma *mas olha* – de acordo com Castilho (2010), a conjunção adversativa tem por finalidade a união de dois termos ou duas orações, acrescentando uma ideia de contraste. Vejamos os exemplos a seguir:

(84) NP é... parente da NP, era o sem perna. Ele fazia papel principal dessa comédia. Então ele aparecia de avental, com toquinhas assim. Então perguntavam pra ele no que que ele trabalhava e ele falava:
-Serviços leves.

Ele trabalhava na cozinha e ele era por sinal muito engraçado, ele tinha queda pra isso. Então teve também essa daí. E... meu marido trabalhava. Eu me lembro também, ele trabalhou numa, uma peça que eu não sei qual das peças era, uma peça muito bonita que ele fez. O povo chorô mês, pra valê! E veio, vieram de de Guaranésia umas moças, inclusive duas eram professoras aqui, trouxeram as colegas pra assistirem essa peça. E ele trabalhou nessa peça e fez muita gente

chorá, e elas e a e depois, logo em seguida ele ia se trocá pra comédia. E elas invadiram o camarim e foi muita luta pra ele, porque já tava ensaiado estava no programa (soltavam programa), ele tinha que ir. **Mas olha**, foi uma luta pra que ele não fizesse isso. Pra não desfazer a imagem que fizeram dele. É o que eu posso te... se adiantar, é isso. Agora, cê tem mais alguma coisa? (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc01)

(85) E: Qual foi um filme assim que marcou a vida da senhora?

F: Olha, marcá a vida... num foi tanto assim, né? (riso e) **Mas olha**, o Vento Levo:u (est) –... eu vi muito mas agora se ocê me perguntar o nome deles todos (riso f) eu não sei dizê tudo (est) – mas o Vento Levou foi um filme LINDO! (est) – que a distração de uma jovem... de... quatorze, quinze anos até os vinte na época... – na minha época que foi... metade – quarenta e cinco – com quinze anos tinha – tava em quarenta e cinco, tava na no ano de mil novecentos e quarenta e cinco – até me casar... era cinema que nós tínhamos (est).(*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R12)

No exemplo (84), a entrevistada fala a respeito de um episódio que envolveu um conhecido (“NP”), que, em uma apresentação de uma peça, teve seu camarim invadido por várias moças que estavam presentes no teatro. A entrevistada utiliza o MD *mas olha*, de maneira fática e exclamativa, a fim de expressar seu sentimento/sua avaliação (de espanto) acerca do ocorrido. O MD ocorre ao lado de uma sequência avaliativa, realizada mediante um predicativo, conforme observamos em “*Mas olha*, foi uma luta pra que ele não fizesse isso”. Como visto, a conjunção adversativa “mas” é selecionada para compor o MD *mas olha*, uma vez que o falante deseja expressar uma noção de contraexpectativa na construção. Assim, além de expressar o sentimento de espanto diante do episódio relatado, o falante, ainda, indexa o rompimento de sua própria expectativa, já que demonstra, com seu espanto, que não esperava que aquela situação ocorresse. Quanto à demarcação prosódica na construção, esta pode ser verificada a partir do contexto específico de uso.

No que concerne ao exemplo (85), o entrevistador solicita que a entrevistada responda qual filme teria marcado sua vida. Nesse contexto, a entrevistada rompe com a expectativa do ouvinte quando responde que não teria um filme que tivesse marcado sua vida (“Olha, marcá a vida... num foi tanto assim, né?”). É nesse momento que ela, através do MD *mas olha*, expressa um sentimento de surpresa ao avaliar que o “O vento levou” teria sido um filme interessante e lindo. O MD ocorre, neste exemplo, próximo a uma sequência avaliativa mediante a presença de um predicativo, como observamos em “*Mas olha*, o Vento Levo:u (est) (...) o Vento Levou foi um filme LINDO!”. É nesse contexto que o falante expressa a avaliação/o

sentimento diante da proposição e a sua contraexpectativa em relação ao seu próprio discurso.

Portanto, com as ocorrências apresentadas, destacamos que a microconstrução (ou construto) com o MD *mas olha*, que ocorre especificamente em contexto em que o próprio falante produz a construção fática e exclamativa em função de seu próprio discurso, tem como características formais (a) a presença de uma sequência avaliativa mediante um predicativo, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND e, ainda, (c) a presença da conjunção adversativa “mas” compondo o MD. Quanto aos aspectos semântico-pragmáticos, verificamos, além da macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, as funções de exclamação do sentimento/da avaliação do falante e a expressão da contraexpectativa do falante diante de seu próprio discurso. A microconstrução é, nesse sentido, [+ (inter) subjetiva].

4.2.4.5. A microconstrução com o MD *olha aí*

Na mesoconstrução *interjeição*, encontramos apenas 1 ocorrência (0,9%) da microconstrução (ou construto) com o MD *olha aqui* em um total de 115 ocorrências. A microconstrução (ou construto) se estabelece em contexto em que o falante produz uma exclamação em função de seu próprio discurso. Do ponto de vista linguístico, a seleção do advérbio “aí” para compor o MD *olha aí* acrescenta-lhe a ideia de localizar algo próximo ao ouvinte, não no espaço físico, mas, sim, no espaço discursivo. Desse modo, além de verificar, em *olha aí*, vestígios da forma original e do significado original – *chamada de atenção do ouvinte*, no campo da percepção visual ou cognitiva, para algo que está próximo do ouvinte –, evidenciamos também o decréscimo em composicionalidade e o ganho em generalidade, visto que o novo par forma-sentido indexa uma nova função, em um contexto específico, diferente daquela obtida tão somente a partir da soma dos constituintes. Observemos a única ocorrência da microconstrução (ou construto) abaixo:

(86) D: É, e a soma de todos os crediários por mês às vezes ultrapassa até o salário, né?

L: Ah, ultra... ultrapassa, porque eles, eles também se perdem, eles não vêem que no fim do mês eles vão ter que pagar aquelas contas todas. E agora também há um fator: ah, só paga daqui a dois meses, três meses. A pessoa: ih, daqui ... Eu compro em dezembro, vamos comprar porque só em março que nós vamos pagar! Agora quando chega o, o bendito março, **olha aí** a correria, né? Eu acho que é preci... é preciso, eh, uma orientação maior às classes. (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista contato 70, inquérito 373)

No exemplo acima, os participantes da interação conversam a respeito do fato de as pessoas, às vezes, terem o valor de suas dívidas ultrapassando o valor de seu salário. A entrevistada, através do MD *olha aí*, expressa seu sentimento/sua avaliação de que, ao adiarem suas contas a pagar, as pessoas acabam se enrolando, como verificamos em “Agora quando chega o, o bendito março, *olha aí* a correria, né?”. Como observamos, a seleção do advérbio locativo “aí” no MD *olha aí* tem como objetivo chamar a atenção do ouvinte para uma avaliação da realidade, que está próxima, também, do interlocutor. Ou seja, a construção fática e exclamativa, realizada por meio do MD *olha aí* e por meio de uma sequência avaliativa (“a correria”), tem como função expressar o sentimento de decepção da entrevistada diante da situação, a partir da avaliação de uma realidade da qual o interlocutor também está próximo. Tal fato é ratificado, ainda, pela presença da narrativa fictiva – evidenciada, principalmente, pela sequência dos fatos que compõem uma determinada rotina – indicando, no discurso da entrevistada, que a realidade relatada constitui uma situação corriqueira, que, certamente, está próxima do interlocutor.

Na única ocorrência da microconstrução (ou construto) com o MD *olha aí*, na mesoconstrução *interjeição*, destacamos as seguintes características formais: (a) a presença de uma sequência avaliativa (“correria”), (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo e, ainda, (c) a presença do advérbio locativo “aí” compondo o MD. Já como aspectos semântico-pragmáticos identificados, nesta microconstrução – que é [+ (inter) subjetiva] –, temos, além da macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, também as funções de exclamação do sentimento/da avaliação do falante e de codificação da avaliação de uma realidade que também está próxima do interlocutor.

4.2.4.6. A microconstrução com o MD *pois olha*

O MD *pois olha*, em configuração imperativa, em P2, em forma composta e no modo IND, tem uma baixa frequência de uso no *corpus* sincrônico, visto que encontramos apenas 1 ocorrência (0,9%) em um total de 115 ocorrências. O MD em questão realiza-se, particularmente, em contexto em que o falante produz uma exclamação em função de seu próprio discurso. Nesta microconstrução (ou construto), além da exclamação, verificamos a ideia de conclusão em relação ao discurso do falante, derivada, principalmente, a partir do recrutamento da conjunção conclusiva “pois” para a instanciação do MD *pois olha*. Observemos o único exemplo abaixo:

(87) Aconteceu o seguinte, tinha um pino que mete a chave, a chave de fenda, abre, ficou ligando e desligando, ligando, desligando, com certeza o pino foi correndo, foi correndo, fechou e caiu, aí soltou o interloque, foi o que aconteceu, sabia? Mas eles não perdoam [a]...[o]...[o]... não sei quantos anos, mais de dez anos, uma turma antiga sempre me elogiaram que [a]... [a]... tem da um... tem que botar vinte litros mais cento e oitenta gramas, a minha era com cento e cinqüenta de evaporação, tá entendendo? Eu não queria com cento e oitenta, eu deixava com cento e cinqüenta de evaporação, aí eles me elogiaram, pô seu Agostinho com o chefe da turma [do]... da turma que vinha: “Ah, essa bomba aqui não precisa nem conferir doutor, isso aqui, há dez anos que eu venho aqui, duas, três vezes por mês passo aqui e está sempre certo (ruído), **pois olha** eles não perdoaram (inint) passaram arame na bomba, lacraram a bomba toda, passei uma maior vergonha sem roubar ninguém, fui ladrão sem roubar ninguém (falando rindo). (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R15)

Em (87), o entrevistado conta um episódio em que cometeu um erro em seu trabalho no posto de gasolina. O falante utiliza o MD *pois olha* com o intuito de expressar seu sentimento de decepção pelo fato de as pessoas não terem perdoado sua falha, já que ele, durante dez anos, teria somente recebido elogios pelo seu desempenho. A microconstrução (ou construto) com o MD, além de indicar o sentimento pessoal do falante e a sua avaliação inferencial negativa acerca do fato ocorrido, também indexa a ideia de conclusão/consequência da sequência dos fatos, como observamos em “*pois olha* eles não perdoaram (inint) passaram arame na bomba, lacraram a bomba toda, passei uma maior vergonha sem roubar ninguém, fui ladrão sem roubar ninguém (falando rindo)”. Esse traço conclusivo/consecutivo da microconstrução (ou construto) resulta, nesse sentido, na seleção da conjunção conclusiva “pois” para compor o MD *pois olha*.

Em síntese, nesta única ocorrência da microconstrução (ou construto) com *pois olha*, identificamos as seguintes características formais: (a) a avaliação sendo realizada, também, de maneira inferencial no contexto, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo e, ainda, (c) a presença da conjunção conclusiva “pois” compondo o MD. No que diz respeito aos aspectos semântico-pragmáticos deste MD [+ (inter) subjetivo], temos a macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e as funções específicas de exclamação do sentimento/da avaliação do falante e de expressão de conclusão/consequência na apresentação da sequência dos fatos.

4.2.4.7. A microconstrução com o MD *olha bem*

A microconstrução (ou construto) com o MD *olha bem*, em configuração imperativa, em P2, em forma composta e no modo IND, também só teve 1 ocorrência (0,9%) na mesoconstrução *interjeição*. Tal microconstrução (ou construto) realiza-se, regularmente, em contexto em que o falante produz uma exclamação e direciona-a ao ouvinte. Na única ocorrência identificada, o advérbio qualificador “bem” é recrutado no MD *olha bem* a fim de explicitar a avaliação do falante acerca da situação narrada e de solicitar o alinhamento do interlocutor em relação a sua avaliação. Vejamos o exemplo a seguir:

(88) E ela tinha de tudo dentro de casa, trabalhava... minha mulhé, por exemplo, de casado ela tinha o que, na época ela ganhô... era salário (inint) Ela ganhava quarenta e quatro cruzero por mês, eu <trab...>... eu servi o exército, tava no exército, tava no exército, namorava ela, namorava não, já morava com ela, você não pode... não podia casá que na época se... soldado não podia casá. Aí veio a garota, mas ela, por exemplo, trabalho, eu descia com ela, gastava cinco cruzero, **olha bem!** Subia mais cinco, mais dez. (“Ainda tinha que sobrá”) dinheiro pa fazê lanche. Fazê as conta: ela ganhava quarenta e dois <cruzer...>, <cru...> <cr...> po... por mês e eu gastava cinqüenta, mais de cinqüenta reais... mais de cinqüenta cruzero por semana com ela. (riso e) Tinha condições disso? Eu falei pra ela: “O negócio é o seguinte: você fica em casa porque eu te dô os cinquenta por semana e fico... descanso mais.” (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista T16)

Nesta ocorrência, o entrevistado fala a respeito do fato de ter gastado muito dinheiro com sua esposa quando ainda namoravam. Assim, ao dizer que – mesmo com sua namorada trabalhando e recebendo seu salário –, toda vez que saíam, ele

gastava seu dinheiro com ela, ele utiliza o MD *olha bem* a fim de chamar a atenção do ouvinte para a exclamação de seu sentimento de frustração, de maneira a solicitar, mais explicitamente, o alinhamento do interlocutor em relação a sua avaliação sobre a situação narrada. Como vimos na subseção 4.2.2. deste capítulo, o alinhamento é entendido por Goffman (2002 [1981]) como sendo o comprometimento dos interlocutores acerca do que é dito. Dessa maneira, a microconstrução (ou construto) com o MD *olha bem* é [+ (inter) subjetiva], haja vista que indexa o julgamento do falante acerca do conteúdo proposicional, bem como as suas expressões intersubjetivas, que sinalizam a preocupação do falante com o *self* de seu interlocutor. Linguisticamente, o MD em questão apresenta natureza fática e exclamativa, enquanto a avaliação pode ser recuperada a partir de um processo inferencial através de informações no texto.

A microconstrução (ou construto) com o MD *olha bem*, em configuração imperativa e em P2, nesse sentido, tem como características formais (a) a avaliação sendo realizada de maneira inferencial no contexto, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo e, ainda, (c) a presença do advérbio qualificador “bem” compondo o MD. Acerca dos aspectos semântico-pragmáticos desta microconstrução (ou construto), destacamos a macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e as funções específicas de exclamação do sentimento do falante e de busca explícita pelo alinhamento do interlocutor para a avaliação. Tal uso é, portanto, [+ (inter) subjetivo], haja vista que indexa a noção de modalidade epistêmica, que consiste na codificação das crenças e das atitudes do falante na proposição e na preocupação do falante com o *self* de seu interlocutor.

4.2.4.8. A microconstrução com o MD *vê*

Na mesoconstrução *interjeição*, a microconstrução com o MD *vê* apresenta um total de 12 ocorrências (10,4%) em um universo de 115 ocorrências. O MD ocorre, preferencialmente, em contexto em que o falante produz a exclamação em função de seu próprio discurso. Nesta microconstrução, o MD *vê*, derivado do modo IND, realiza-se com a forma de tratamento “você”, chamando a atenção do ouvinte

para o compartilhamento de informações e de avaliações. Atentemos aos exemplos seguintes:

(89) Tudo pronto pro casamento, porque foi ma semana e ele foi chamado. E se eles fossem condenado, ele já ficaria preso lá. E nós tínhamos aqui em Arceburgo, naquela época, como já havia desavença por causa de negócio dos poste, veio um prefeito de Belo Horizonte por nome NP . Esse é NP. era muito meu amigo, então ele foi lá em cada e propois pro meu pai:

Que na terça, (isso foi numa Sexta-feira que eles iriam lá em Monte Santo, na Terça seria meu casamento). Então ele foi e propois pro meu pai:

Vamos fazer o seguinte:

-Pra não atrapalhar o casamento, pra não estragar os doces que estão prontos.

Vamo fazê o seguinte:

-Eu vô em Monte Santo e assumo em caso dele ser processado, ei fico no lugar dele pra ele casá.

E eu aceitei! Cê vê que burrada! E se tivesse acontecido?! Eu tinha ficado casada sem marido e com minha vida embananada . Tudo isso de passô! Foram coisas assim apertadas, ma é gostosa de se lembrar porque depois deu em nada. Eles passaram seus apertos sim, inclusive alguns andaram levando tapa na cara, mas deu por nada. Mas eu penso: gente, como eu fui infantil! E se ele ficasse processado lá? Tomasse tantos anos de cadeia, como seria a minha vida? (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc01)

(90) Por exemplo, me lembro, na minha época a questão de, de usar calça comprida né, o jovem, o jovem, queria passar da fase da calça curta pra calça comprida, então havia uma briga com os pais, quando é que ia começar a usar calça comprida, hoje em dia, isso tá fora, de questão né, não só, não se discute mais isso como a criança vai lá e se ele quer compra uma, uma roupa dessa griffe aí, digamos a [?], [?] sei lá, como é que chama, cê vê, eu devia pelo menos saber o nome de uma delas né, eu sei da Adonis. Eu não sei se você já reparou, eu cheguei com uma sacolinha da Adonis porque, como eu te disse, há um mês atrás, eu, depois de dois anos, eu comprei roupa, e eu vou sempre nessas lojas é, Adonis, Casa José Silva, então eu, faço um crediário e compro assim, umas, duas três camisas, duas calças pra, eu não procuro, sair, ficar olhando na vitrine uma roupa não. (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato 90, inquérito 96)

No exemplo (89), a entrevistada conta um episódio que ocorreu, na cidade de Arceburgo, quando estava para se casar, em que seu noivo e outros rapazes foram presos. Embora a situação tenha se resolvido e ela tenha conseguido se casar, a entrevistada, através do MD vê, produz uma exclamação que expressa sua avaliação acerca do fato ocorrido, como observamos em “Cê vê que burrada!”. A forma de tratamento “você”, empregada na instanciação do MD derivado do modo IND, indexa na microconstrução a noção de compartilhamento de avaliação, como se o interlocutor também avaliasse a situação como sendo uma “burrada”.

Em (90), o entrevistado, falando sobre a diferença de cultura, ao longo dos anos, quanto ao uso de roupas, não sabe dizer o nome da grife à qual faz referência.

O falante, portanto, usa o MD *vê*, de maneira fática e exclamativa, para expressar seu sentimento de “frustração” por não saber o nome da grife. O entrevistado, neste contexto, além articular uma exclamação, aponta para sua avaliação de que deveria saber o nome de, pelo menos, uma das grifes. Novamente, a forma de tratamento “você” junto ao MD derivado do modo IND codifica na proposição a ideia de que o interlocutor também compartilha a mesma avaliação.

Em resumo, nas ocorrências apresentadas acima, a microconstrução com o MD *vê*, em configuração imperativa e em P2, tem como padrão formal (a) a presença de uma sequência avaliativa, explícita ou implícita no texto, (b) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo IND do verbo e, ainda, (c) a presença da forma de tratamento “você” junto ao MD. Já como aspectos semântico-pragmáticos desta microconstrução [(inter)subjativa], destacamos a macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo e as funções de exclamação do sentimento/da avaliação do falante e de compartilhamento de avaliação entre os participantes.

4.2.4.9. A microconstrução com o MD *veja*

A frequência de uso da microconstrução (ou construto) com o MD *veja*, em configuração imperativa, em P2, em forma simples e no modo SUBJ do verbo – que se realiza regularmente em contexto em que o falante produz a exclamação em função de seu próprio discurso –, não se mostrou significativa na mesoconstrução *interjeição*, visto que obtivemos apenas 4 ocorrências (3,5%) em um total de 115 ocorrências. Esta microconstrução (ou construto), que tem a forma de tratamento “você” atuando junto ao MD, de acordo com Rost-Snichelotto (2009), ainda retém vestígios do significado fonte de percepção visual ou cognitiva e da forma original do verbo. É nesse contexto de MD no modo SUBJ, atuando juntamente com a forma de tratamento “você”, que evidenciamos a função explícita de apontamento para o segmento de texto proferido pelo falante. Observemos os exemplos seguintes:

(91) Ele detestava usar bota! Ficou depois com mania de sapato. E então, eu tava calçando o sapatinho dele. Não porque mamãe, tem uma coisa aí dentro, não quero calçar não quero calçar! Eu digo: Não tem coisa nenhuma! Deixa de ser mentiroso! Tem mamãe! Quer ver como não tem! Quando eu bati assim saiu uma aranha-

caranguejeira, de dentro do da bota dele, **veja** você. Bom eu fiquei, apavorada, né. DOC. - E aí nunca mais você calçou um sapato sem bater né? (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato90, inquérito 140)

(92) Mauro era menino, Mauro tinha, três anos quando nós fomos pra Mato Grosso, e ele, precisou ir ao banheiro, quando ele viu, o que que era o banheiro, ele ficou apavorado e disse: Não quero ficar neste castelo, minha mãe, quero voltar pra casa! Porque no começo ele estava animado, ia pra Mato Grosso né. Uma viagem assim ele achava que ia ser uma maravilha. Ficou apavorado. Não queria absolutamente ficar ali. Então, diante daquilo, não havia outra coisa, era o único hotel que havia na cidade, e não se podia chamar aquilo de hotel uma coisa horrorosa, Arnaldo resolveu, ir a Ladário ver se havia alguma casa vaga, e foi assim que ele, nós ficamos eu Mauro e a babá, esperando, os três sentados, apavorados com tudo aquilo, sujo, tudo horroroso, e, chamavam Corumbá, cidade branca por que era muito pó. Eu nem me lembro se as ruas eram. Não, asfalto, eu tenho certeza que não tinha, mas havia muito pó, mesmo, então, aquele calor, aquilo tudo, aquele abafamento aquele pó, era a cidade branca de pó. Sei que Arnaldo foi, e voltou, no mesmo dia, nós fomos, disse que só arranhou com um colega, porque a vida de ofi... de gente de marinha, de oficial de exército, [?] ele arranhou dois colchões, pra nós, pra nós dormirmos, num dormiu a babá, e no outro colchão dormimos nós três, eu, ele, e Mauro. **Veja** você que, vida difícil. Mas assim mesmo, bom, já ficamos satisfeitos porque dormimos numa casa que era a nossa e, não era naquele hotel horroroso que aquilo até metia medo, sem conforto nenhum. (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato90, inquérito 140)

Em (91), a entrevistada fala sobre o episódio em que encontrou uma aranha-caranguejeira dentro do sapato de seu filho. É acerca dessa situação e do fato de não ter acreditado, em um primeiro momento, na criança – que disse que havia alguma coisa dentro do sapato – que a entrevistada produz a exclamação “veja você”. A forma de tratamento “você” traz, neste contexto, a ideia de que o falante chama a atenção do ouvinte para o seu sentimento de espanto perante o ocorrido e de decepção em relação a sua atitude de não acreditar em seu filho. O MD *veja*, derivado do modo SUBJ do verbo, indexa, ainda, a função mais explícita de apontamento para a avaliação do falante, a qual pode ser recuperada, inferencialmente, mediante dados textuais.

Em (92), a entrevistada conta a respeito de uma viagem que fez com o marido, o filho e a babá da criança para o Estado de Mato Grosso. Ela relata, entre outras situações, que dormiu com o filho e o marido em um colchão enquanto a babá dormiu em outro colchão. É nesse contexto que o falante produz a seguinte construção fática e exclamativa: “Veja você que vida difícil!”. O modo SUBJ do verbo indexa, na microconstrução (ou construto), a função de apontamento explícito para a avaliação (“vida difícil”).

Nesse sentido, as ocorrências apresentadas demonstram que a microconstrução (ou construto) com o MD *veja* tem como características formais (a) a sequência avaliativa explícita ou implícita no texto, (b) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo SUBJ do verbo e, ainda, (c) a presença da forma de tratamento “você” junto ao MD. Acerca dos aspectos semântico-pragmáticos da microconstrução (ou construto), identificamos, além da macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o discurso discursivo, a exclamação do sentimento/da avaliação do falante e o apontamento explícito para a avaliação.

4.2.4.10. A microconstrução com o MD *vê lá*

A microconstrução (ou construto) com o MD *vê lá* teve apenas 1 ocorrência (0,9%) na mesoconstrução *interjeição*. Tal microconstrução (ou construto) ocorre, especificamente, em contexto em que o falante produz a exclamação em função de seu próprio discurso. Teixeira e Oliveira (2012) destacam a função do MD *vê lá* na expressão de censura e repreensão. As autoras apontam, também, que o advérbio locativo “lá” traz para a construção a noção de posição distante do falante, de modo que o falante delega a responsabilidade de interpretação ao interlocutor. É nesse contexto que verificamos a indexação de uma avaliação negativa do falante diante de uma situação. Vejamos a ocorrência abaixo:

(93) E: E como é que era a escola naquela época? Você acha que tem diferença da escola de hoje?

F: Ah tem! Naquela época era mais rígida. Né? A gente se num estudasse num passava de ano. Eu bombei o segundo ano, bombei o primeiro técnico, eu bombei. Porque hoje... **vê lá**... hoje passa. Né? Hoje num tem repetência. Né? (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc10)

Em (93), o entrevistador solicita a opinião da entrevistada acerca da diferença entre as escolas de antigamente e as escolas de hoje em dia. A entrevistada diz que, antigamente, as escolas eram mais rígidas, diferentemente do que se vê hoje. O falante, através do MD *vê lá*, expressa, neste contexto, seu sentimento de “reprovação” diante da situação atual das escolas, como observamos em “Porque hoje... *vê lá*... hoje passa. Né? Hoje num tem repetência. Né?”. Como visto, a microconstrução (ou construto) com o MD em questão expressa o sentimento de

“repreensão” e “reprovação” do falante e a sua avaliação negativa diante da situação.

Assim, esta única ocorrência encontrada demonstra que a microconstrução (ou construto) com o MD *vê lá* tem como características formais (a) a sequência avaliativa implícita no texto, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo e, ainda, (c) a presença do advérbio locativo “lá” compondo o MD. Acerca dos aspectos semântico-pragmáticos, identificamos, além da macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o discurso discursivo, a expressão do sentimento de “repreensão” do falante.

4.2.4.11. A microconstrução com o MD *vê só*

A microconstrução (ou construto) com o MD *vê só* também teve apenas 1 ocorrência (0,9%) na mesoconstrução *interjeição*. Esta microconstrução (ou construto) atua, particularmente, em contexto em que o falante produz a exclamação em função de seu próprio discurso. Neste MD, o advérbio focalizador “só” indexa a *chamada de atenção do ouvinte* para uma avaliação pessoal do falante acerca de si mesmo. Observemos a ocorrência abaixo:

(94) E: E teve algum passeio que... o carro quebrou... (pausa) pifou...

F: Ah, pelo o que eu lembre, não.

E: ...furou o pneu!...

F: Ah, não, já teve sim. (est) Voltando acho que foi até do curso de inglês... (est) tava chovendo muito... (est) aí o carro parou; (pausa) é: mas é:.. parou o carro, vários carros pararam, bem na Avenida das Américas até. (est) O carro parou.

E: Hu. Hu. Hu. Hu. (falando baixo) Eu sei!... (riso e)

F: Aí... mas **vê só**: eu fiquei desesperada! (“né? era”) pequenininha, todo mundo desesperada no carro, era um bando de... de (hes) ado... é:... não era nem adolescente ainda, eu devia ter uns dez anos... e... minha irmã uns doze, nossa amiga também uns doze... Aí tinha outro menino, devia ter também uns dez, onze... com a gente. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista T14)

Neste exemplo, a entrevistada conta um episódio em que, voltando do curso de inglês, o carro parou em plena Avenida das Américas, na cidade do Rio de Janeiro. A entrevistada usa o MD *vê só*, composto pelo advérbio focalizador “só”, de maneira a chamar a atenção do ouvinte para o seu sentimento de espanto diante da situação de ter ficado desesperada só porque o carro parou. O focalizador, assim,

tem como objetivo enfatizar uma avaliação pessoal do falante acerca de si mesmo, como observamos em “vê só: eu fiquei desesperada!”.

Portanto, a única ocorrência encontrada da microconstrução (ou construto) com o MD *vê só* demonstra o estabelecimento das seguintes características formais: (a) a sequência avaliativa explícita no texto, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo *e*, ainda, (c) a presença do advérbio focalizador “só” compondo o MD. No que diz respeito aos aspectos semântico-pragmáticos, identificamos, além da macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o discurso discursivo, a função específica de focalização de uma avaliação pessoal do falante acerca de si mesmo.

4.2.5. A mesoconstrução *contraexpectativa*

Na mesoconstrução *contraexpectativa*, foram agrupadas microconstruções com MDs que têm como par forma-sentido a noção de quebra de expectativa expressa, do ponto de vista linguístico, pela presença de uma construção contrastiva.

Segundo Heine *et al.* (1991), as expectativas do falante indicam suas crenças (ou as crenças que ele atribui a alguém) diante daquilo que ele acredita ser possível, ainda que tais crenças não se confirmem no futuro. Já as *contraexpectativas*, de acordo com os autores, consistem no rompimento/na quebra das expectativas do falante, uma vez que se referem à expressão do “contraste entre aquilo que corresponde e aquilo que desvia das normas e padrões característicos do mundo com o qual o falante está familiarizado, tem em mente ou acredita que o interlocutor tem em mente, em contexto específico” (HEINE *et al.*, 1991, p. 192). Para Heine *et al.* (1991), desse modo, as expectativas consistem em normas compartilhadas e, do ponto de vista linguístico, não apresentam nenhuma marcação; por outro lado, as *contraexpectativas* referem-se às situações que se desviam das normas compartilhadas, apresentando, nesse caso, marcas linguísticas que promovem a comparação entre aquilo que era esperado e aquilo que foi proferido pelo falante – tais marcas linguísticas são denominadas pelos autores “marcadores de *contraexpectativa*”.

Como visto, a noção de contraexpectativa de Heine *et al.* (1991) está baseada na perspectiva do falante ou no conhecimento de mundo que o falante acredita ser compartilhado tanto por ele quanto por seu interlocutor. Todavia, para Martelotta (1998), nem sempre é clara a relação contrastiva entre a expectativa do falante e aquilo que realmente acontece e é dito. É nesse contexto que o autor defende que nem sempre as expectativas são iguais para falante e ouvinte no momento da interação e nem sempre há uma norma estabelecida de maneira que se possam depreender as crenças do falante (ou as crenças que ele atribui a outro). A esse respeito, Martelotta (1998, p. 41) afirma o seguinte:

Na maioria dos casos, a expectativa deriva do próprio texto, onde são apresentados fatos em relação aos quais a cláusula em que ocorre a marca de contraexpectativa constitui um contraste: o que se fala pode suscitar no ouvinte uma interpretação que se quer evitar. (MARTELOTTA, 1998, p. 41)

Nesse sentido, Martelotta (1998) e Félix Oliveira (2012) destacam que, na expressão da contraexpectativa, o falante pode, baseando-se em expectativas que ele mesmo assume e que acredita já terem sido criadas pelo ouvinte, antecipar uma possível interpretação proveniente do que foi dito antes e “marcar” para o seu interlocutor que esta expectativa deve ser desconstruída e/ou não tomada como verdade absoluta. Nesse caso, o contraste é naturalmente estabelecido no texto, não exatamente em relação à cláusula anterior, mas em relação à imagem equivocada que o interlocutor supostamente poderia conceber.

De acordo com Félix Oliveira (2012), a contraexpectativa pode ser indexada linguisticamente através de um elemento que negue a expectativa do falante, de maneira a atribuir um valor adversativo ao enunciado, por meio de uma construção comparativa ou, ainda, mediante ambas as estratégias – negação e comparação. Especificamente, em nossa amostra, as microconstruções com MDs que compõem a mesoconstrução *contraexpectativa* se configuram a partir de uma construção contrastiva, que pode ser uma expressão de negação ou uma cláusula adversativa. Tal construção contrastiva, conforme apontado por Martelotta (1998, p. 42), envolve uma “asserção de base”, que consiste em uma afirmação, e uma “negação” ou uma “restrição”, que diz respeito ao argumento que tende a prevalecer no enunciado.

A seguir, apresentamos as microconstruções com MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, em forma simples e em forma composta, que se agrupam na mesoconstrução *contraexpectativa*:

Tabela 17 – Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver” na mesoconstrução *contraexpectativa*

Mesoconstrução <i>contraexpectativa</i>			
Microconstruções com MDs derivados de “olhar”		Total de ocorrências	
		n.º	%
Formas simples	olha	86	93,5%
	vê	3	3,3%
Formas compostas	olha só	2	2,2%
	veja bem	1	1%
Total		92	

Verificamos, na tabela acima, que a microconstrução com MD *olha*, em forma simples e no modo IND do verbo, é a mais significativa na mesoconstrução *contraexpectativa*, com 86 ocorrências (93,5%) em um total de 92 ocorrências. Quanto às microconstruções com MDs (ou construtos) menos frequentes em nosso *corpus* sincrônico, temos: *vê*, com 3 ocorrências (3,3%), *olha só*, com 2 ocorrências (2,2%), e *veja bem*, com apenas 1 ocorrência (1%).

Daremos prosseguimento a nossa análise, primeiramente, pelas microconstruções com MDs derivados de “olhar” – *olha* e *olha só* – e, em seguida, trataremos do estudo das microconstruções com MDs derivados de “ver” – *vê* e *veja bem*.

4.2.5.1. A microconstrução com o MD *olha*

Como apresentamos na tabela 17, a microconstrução com o MD *olha*, em configuração imperativa, em P2, em forma simples e no modo IND do verbo, apresentou uma frequência de uso bastante significativa na mesoconstrução *contraexpectativa*, uma vez que encontramos 86 ocorrências (93,5%) em um total de 92 ocorrências.

Essa microconstrução realiza-se tanto em contexto de expressão de *contraexpectativa* do falante em relação ao discurso do interlocutor (31 ocorrências –

36%), ou seja, em um contexto em que o falante não confirma a crença do seu interlocutor (ou aquilo que o interlocutor tem em mente), quanto em contexto de expressão de contraexpectativa em relação ao discurso do próprio falante (55 ocorrências – 64%), isto é, em um contexto em que o próprio falante desconstrói uma possível interpretação equivocada por parte do ouvinte. Do ponto de vista linguístico, em ambos os contextos de expressão de contraexpectativa, temos a marcação linguística a partir de uma construção contrastiva, que pode ser realizada seja por intermédio de um elemento que negue a expectativa do falante seja por meio de uma cláusula adversativa. A diferença entre os dois contextos, entretanto, é a de que, se, no primeiro, o contraste é estabelecido necessariamente em relação à cláusula anterior proferida pelo interlocutor, no segundo, o contraste não se dá exatamente em relação à cláusula anterior, mas, sim, em função de informações que poderiam suscitar no ouvinte uma interpretação indesejada pelo falante. Atenemos aos exemplos que se seguem:

(95) E: E você falô assim que o o programa da Cidinha decaiu muito, porque ela continua com o programa, né?
 F: É porque ela, depois que ela foi pra política, ela caiu muito, eu não achei que... Agora perdeu a graça porque metia o malho naquele pessoal todo, depois se juntou a eles.
 E: Ah entendi, então antes ela fazia [ela fazia um outro tipo de programa.]
 F: [O maior sucesso, um outro tipo, depois que se juntou, aí eu achei que caiu (?) um muito.]
 E: E agora o programa dela hoje em dia fala de quê?
 F: **Olha**, sinceramente não tenho nem escutado.
 E: É?
 F: Meu tempo anda tão corrido agora que eu depois de aposentado, é calçadão (riso f), vai no mercado, volta, aí não dá muito tempo pra escutá rádio não? (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R09)

(96) E: Hum:hum. E o boné?
 F: Boné eu só uso em casa porque eu... odeio boné mas quando eu acordo a melhor solução é boné. A melhor solução é boné, porque a preguiça de pentear o cabelo é maior.
 E: Hum:hum. Mas você se considera preguiçoso não?
 F: **Olha**... eu sou... preguiçoso, porém sou um preguiçoso... eh... que tem preguiçoso que não faz nada (“bota estudo”) pra lá, eu sou um preguiçoso (inint), que tenho preguiça de acordar... tenho preguiça de... levantAR da cama... preguiça: preguiça de tá com sono e ter que pentear o cabelo... Esses tipos de preguiça (“eu tenho”). (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista T09)

No exemplo (95), os participantes da interação conversam a respeito de programas de rádio, quando o entrevistado avalia que o programa da apresentadora

“Cidinha”, na rádio Tupy, decaiu muito depois que ela ingressou no campo da política. Nesse momento, o entrevistador, que pressupõe que o entrevistado tenha conhecimento acerca do programa apresentado por “Cidinha”, lhe pergunta sobre quais assuntos ela fala hoje em dia. Cria-se, portanto, a partir de informações contidas no texto, a expectativa de que o entrevistado saberá informar a respeito da resposta que lhe foi solicitada, uma vez que ele avalia negativamente o programa como alguém que o assiste (“ela caiu muito”). No entanto, o entrevistado rompe com a expectativa do entrevistador ao dizer “*Olha*, sinceramente não tenho nem escutado” – o contraste é estabelecido em relação à cláusula anterior proferida pelo interlocutor. A quebra da expectativa, introduzida pelo MD *olha* e realizada mediante uma construção contrastiva via expressão de negação (“não tenho nem escutado”), além de não confirmar a crença do interlocutor de que o falante saberia responder à pergunta que lhe foi direcionada, promove o descomprometimento do entrevistado com uma afirmação que ele não tem condições de fornecer, fato que é corroborado, inclusive, pela presença do advérbio modalizador “sinceramente”. Segundo Castilho (2010), o advérbio modalizador “sinceramente” explicita a apreciação do falante com respeito à natureza epistêmica da proposição, já que coloca em relevo os sentimentos do locutor diante do interlocutor. O descomprometimento e o sentimento do falante perante uma afirmação que ele julga não ter condições de proferir, verificado neste exemplo a partir, principalmente, do uso do MD *olha* e do advérbio modalizador “sinceramente”, constituem estratégias de proteção de face positiva (BROWN & LEVINSON, 1987), que – como visto no Capítulo II deste trabalho, mais especificamente na seção 2.1. – diz respeito ao desejo do participante da interação de ter sua imagem aprovada e apreciada pelo entrevistador. É nesse sentido, portanto, que defendemos que o uso da microconstrução com o MD *olha* é [+ (inter) subjetivo], haja vista que, além de fazer alusão a um contexto de contraexpectativa, ainda, codifica crenças e atitudes do falante mediante uma proposição, bem como indexa a sua preocupação com o *self* do interlocutor.

Já, no exemplo (96), temos a ocorrência da microconstrução com o MD *olha* em um contexto de expressão de contraexpectativa em relação ao discurso do próprio falante, ou seja, em um contexto em que o próprio falante desconstrói uma possível interpretação equivocada do ouvinte. Nessa situação, o entrevistado, a partir de informações fornecidas pelo contexto – por exemplo, o fato de que o

entrevistado usa boné de manhã para não ter que pentear o cabelo –, cria no entrevistador a expectativa (ou a crença) de que ele seja uma pessoa preguiçosa, como é possível observar na seguinte afirmação em forma de pergunta: “Mas você se considera preguiçoso não?”. Por conseguinte, o entrevistado, por meio do uso do MD *olha*, introduz uma construção contrastiva formada a partir de uma cláusula adversativa, que tem (i) como “asserção de base” a afirmação “*Olha... eu sou... preguiçoso*” e (ii) como “restrição” o seguinte argumento, iniciado pela conjunção “porém”, que tende a prevalecer no enunciado: “porém sou um preguiçoso... eh... que tem preguiçoso que não faz nada (“bota estudo”) pra lá, eu sou um preguiçoso (inint), que tenho preguiça de acordar... tenho preguiça de... levantar da cama... preguiça: preguiça de tá com sono e ter que pentear o cabelo...”. Nesse exemplo, o contraste é realizado não exatamente em relação à cláusula anteriormente proferida, mas, sim, em função de uma possível interpretação negativa do ouvinte de que o entrevistado é uma pessoa preguiçosa. O MD *olha* e a construção contrastiva que compõem essa microconstrução, além de amenizarem e controlarem possíveis interpretações negativas do ouvinte, também, indexam o desejo de proteção de face positiva do entrevistado, uma vez que seu desejo na interação é de que sua imagem seja aprovada e apreciada pelo entrevistador. Portanto, a microconstrução com o MD *olha* é [+ (inter) subjetiva], já que tanto codifica o julgamento do falante diante do conteúdo proposicional quanto expressa a preocupação do falante com o *self* do interlocutor.

Em síntese, com a apresentação das ocorrências acima, evidenciamos que a microconstrução com o MD *olha* em configuração imperativa e em P2 – que atua tanto em contexto de expressão de contraexpectativa em que o falante não confirma a crença do seu interlocutor quanto em contexto de expressão em que o próprio falante desconstrói uma possível interpretação equivocada do ouvinte – tem como padrão formal (a) a presença de uma construção contrastiva, que pode ser uma expressão de negação ou uma cláusula adversativa e (b) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo IND do verbo. Quanto aos aspectos semântico-pragmáticos dessa microconstrução, destacamos, além da macrofunção de *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, a função específica de fazer alusão a um contexto de contraexpectativa, que articula o julgamento e a preocupação do falante acerca das expectativas criadas pelo interlocutor.

4.2.5.2. A microconstrução com o MD *olha só*

A microconstrução (ou construto) com o MD *olha só*, em configuração imperativa, em P2, em forma composta e no modo IND, teve uma baixa frequência de uso na mesoconstrução *contraexpectativa*, haja vista que encontramos apenas 2 ocorrências (2,2%) em um total de 92 ocorrências. O MD *olha só* realiza-se, particularmente, em contexto de expressão de *contraexpectativa* em que o falante não confirma a crença do seu interlocutor. Nessa microconstrução, o advérbio focalizador “só” é recrutado na forma composta *olha só* a fim de direcionar a atenção do ouvinte para uma interpretação (ou julgamento) mais exata e relevante da situação. Dessa maneira, o contraste é estabelecido em relação à cláusula anterior proferida pelo interlocutor, através de uma construção contrastiva realizada por uma expressão de negação. Vejamos os exemplos abaixo:

(97) E: Você falô que você queria tê um filho (inint) Que de vez em quando você pensa em ter um filho. E quando você tivé filho, como é que você vai educá ele? [Você vai educá ele] da mesma maneira que a sua mãe te educô?

F: [Não!] **Olha só**, não que eu queria tê... no momento eu não penso em ter filhos. Eu tô dizendo assim, não tiro a (est) [a possibilidade]... a possibilidade de. Nem de casá, nem de ter filho, nem de segui uma carreira, nem de ganhá na loteria (risos E) nem de viajá (est) mas... tipo assim, entendeu? Mas... (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R03)

(98) E: Você trabalha na cidade e pega ônibus todo dia pra i e pra voltá...

I: Não. **Olha só**, eu pego ônibus só pra voltá. Eu vô de lotada.

E: É? Mas você não tem medo de sê assaltada? Você já foi assaltada alguma vez?

I: Graças a Deus não.

E: Não? Nunca? Você não tem medo de...

I: Tenho, muito medo. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R03)

Em (97), o entrevistador, a partir de informações contextuais que o levam a subentender que a entrevistada gostaria de ter filhos, lhe pergunta como ela os educaria. O entrevistador, desse modo, espera que a entrevistada confirme sua expectativa de que ela quer ter filhos e responda de que maneira os educaria. No entanto, isso não acontece. A entrevistada rompe com as expectativas criadas pelo interlocutor, tanto em relação ao fato de ela querer ter filhos quanto em relação à resposta à pergunta apresentada, através da construção contrastiva realizada por meio de uma expressão de negação enfática, como observamos em “[Não!] *Olha só*, não que eu queria tê... no momento eu não penso em ter filhos”. É nesse contexto que o falante utiliza o MD *olha só* para (i) aludir ao contexto de *contraexpectativa*,

em que o falante não confirma as expectativas do interlocutor – a entrevistada, no momento, não pensa em ter filhos, conforme afirmou o entrevistador –, bem como para (ii) enfatizar que a interpretação do interlocutor não está correta – a informação de que a entrevistada gostaria de ter filhos teria sido mal entendida no contexto de interação comunicativa. Nessa ocorrência da microconstrução (ou construto) com o MD *olha só*, também verificamos a ênfase na estratégia de proteção de face positiva por parte do falante, que produz a contraexpectativa mediante o uso da locução adverbial dêitica de tempo “no momento”. O desejo da entrevistada, que pretende ter sua imagem aprovada e apreciada pelo entrevistador, é o de que o interlocutor entenda que ter filhos é algo em que ela não pensa no tempo presente. É nesse contexto, portanto, que defendemos que a microconstrução (ou construto) com o MD *olha só* é [(inter)subjetivo].

No exemplo (98), o entrevistador, ao proferir a afirmação de que a entrevistada vai e volta do trabalho de ônibus, se depara com a seguinte construção contrastiva – realizada através de expressão de negação – produzida pela entrevistada que imprime a noção de contraexpectativa: “Não. *Olha só*, eu pego ônibus só pra voltá. Eu vô de lotada”. Como visto, o contraste é estabelecido em função da cláusula anterior proferida pelo interlocutor. Assim, o MD *olha só*, que introduz a contraexpectativa, tem, também, por traço semântico-pragmático a propriedade de focalizar que o julgamento do entrevistador não procede, direcionando a atenção do ouvinte para uma informação mais exata e mais relevante sobre si. Assim, a microconstrução (ou construto), nesse contexto, é entendida como sendo [(inter)subjativa].

Portanto, nas duas ocorrências da microconstrução (ou construto) com o MD *olha só* apresentadas, as quais atuam em contexto de expressão de contraexpectativa em que o falante não confirma a crença do seu interlocutor, verificamos as seguintes características formais: (a) uma construção contrastiva, que pode ser uma expressão de negação, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo IND do verbo e, ainda, (c) o uso do advérbio focalizador “só” junto ao verbo para compor o MD. No que diz respeito aos aspectos semântico-pragmáticos, além da macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, verificamos, também, a alusão a um contexto de contraexpectativa, que articula o julgamento e a preocupação do falante acerca das expectativas criadas

pelo interlocutor, adicionada à função específica de focalizador de uma interpretação (ou informação) mais exata e mais relevante da situação.

4.2.5.3. A microconstrução com o MD *vê*

A microconstrução (ou construto) com o MD *vê*, em forma simples e no modo IND do verbo, não se mostrou significativa na mesoconstrução *contraexpectativa*, haja vista que obtivemos apenas 3 ocorrências (3,3%) em um total de 92 ocorrências. O MD *vê* introduz, regularmente, um contexto de expressão de *contraexpectativa* em que o próprio falante rompe com uma possível interpretação equivocada do ouvinte. Tal contraste não se dá exatamente em relação à cláusula anterior, mas, sim, em função de informações que poderiam suscitar no ouvinte uma interpretação indesejada pelo falante. Nessa microconstrução (ou construto), ainda, evidenciamos que a forma de tratamento “você”, que ocorre junto ao MD, é motivada pelo traço semântico-pragmático de compartilhamento de informações e de avaliações entre os interlocutores. Observemos os exemplos que se seguem:

(99)INF. - Em oitenta começou, e antes disso houve período de votação, quer dizer, o, claro antes da revolução de trinta o povo não tinha muita condição, porque as eleições eram muito fraudadas... mas de lá pra cá, tem, agora a informação, embora ela seja às vezes falseada, mas ela está, pelo menos nos grandes centros, a ... ao alcance de todo mundo, e, no entanto têm pessoas que você **vê**, chega, nas vésperas da eleição, o número de indecisos é enorme... (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato 90, inquerito 347)

(100) E: E as festas, como que eram as festas?

F: As festas eram tão boas quanto agora. Só que naquele tempo era uma festa sadia sem impropriedade, sem briga sem rivalidade. Era aquela beleza. Tinha ... vinha parques de fora. As festas eram tão animadas que que aquele tempo elas fi... esta festa ficou tradicional desde aquela época. Entendeu? E você é moça, você *vê*. A festa de Arceburgo é uma festa que tem em poucos lugares. Né?

E: É mesmo!

F: Então é assim. Mas só que naquele tempo... Cê **vê**, a festa de São João este ano, uma festa que por política ela foi quase desfeita. Cê num tomô conhecimento? Um lado queria no asilo, outro lado queria no jardim, outro lado queria... Os bares é... optaram pelo lucro que iam ter se a festa saísse daí eles tomariam prejuízo. Então foi aquela bagunça! Agora, naquele tempo não tinha não. Né? Nomeava os festero e acabô. Política naquele tempo era uma beleza! Quando dava a apuração lá em Monte Santo, os adversários, aliás o adversário com o prefeito agradeciam de cumprimentavam e de abraçavam. É! Um dava os parabéns pro outro. Num tinha essa agressividade de esperar no trevo com foguete, insulto, palavrão. Não tinha. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, entrevista Arc01)

No exemplo (99), os participantes da interação comunicativa conversam a respeito da política no Brasil, principalmente, sobre o fato de as pessoas não saberem eleger seus representantes. A entrevistada, dessa maneira, argumenta que, antes da revolução de 1930, as pessoas não tinham condições de escolher seus representantes políticos, porque as eleições eram fraudulentas, diferentemente dos dias atuais, em que há muita informação ao alcance de todos. Nesse momento, a entrevistada, através do MD *vê*, introduz um contexto de expressão de contraexpectativa, que se realiza por meio de uma “asserção de base” e uma “restrição”, contrapondo duas situações diferentes, a saber: (i) “agora a informação, embora ela seja às vezes falseada, mas ela está, pelo menos nos grandes centros, a ... ao alcance de todo mundo”; (ii) “no entanto têm pessoas que você *vê*, chega, nas vésperas da eleição, o número de indecisos é enorme...”. Como visto, o fato de o falante julgar que sua afirmação – de que atualmente a informação está ao alcance das pessoas – poderia criar no ouvinte a expectativa ou a interpretação equivocada de que as pessoas teriam melhores condições de decidir acerca de seus representantes faz com que ele produza uma contraexpectativa. Nessa microconstrução (ou construto), a forma de tratamento “você” e o modo IND do verbo são recrutados para compor todo o contexto, a fim de articular o compartilhamento de informações e de avaliação entre os interlocutores. Ou seja, o falante, através dessa microconstrução (ou construto), deixa subentendido que o interlocutor compartilha a informação veiculada na construção contrastiva, bem como a avaliação inferencial negativa de que as pessoas continuam não sabendo eleger seus representantes. Tal microconstrução (ou construto) é, desse modo, [+ (inter) subjetiva], haja vista que o falante pressupõe o compartilhamento de seu interlocutor acerca da avaliação contida na contraexpectativa.

Em (100), o entrevistador solicita que a entrevistada conte como eram as festas, antigamente, em Arceburgo. A entrevistada, atendendo à demanda de seu interlocutor, avalia positivamente as festas que ocorriam na cidade, nas quais, segundo ela, as pessoas eram muito animadas e também não havia brigas nem rivalidades. Na sequência, a entrevistada profere um enunciado no tempo presente, dizendo que “A festa de Arceburgo é uma festa que tem em pocos lugares”. Antes que tal afirmação ou “asserção de base” pudesse criar no entrevistador a expectativa de que a festa em Arceburgo é sempre boa, o falante, mediante o uso

do MD *vê*, aponta para uma construção contrastiva realizada via cláusula adversativa, rompendo com a possível interpretação equivocada do ouvinte acerca da situação (“Mas só que naquele tempo... Cê *vê*, a festa de são João este ano, uma festa que por política ela foi quase desfeita”). Devido à produção truncada do enunciado pelo falante, a quebra de expectativa pode ser mais bem observada através da noção de figura e fundo, uma vez que a entrevistada contrapõe dois cenários bem diferentes – de um lado, a festa de antigamente, boa, sem rivalidades, e, de outro lado, a festa deste ano, com confusões geradas por interesses políticos. Assim como no exemplo (99), a presença da forma de tratamento “você” junto ao MD no modo IND traz, ainda, a esta microconstrução (ou construto) o traço semântico-pragmático de compartilhamento de informação entre falante e ouvinte bem como de avaliação inferencial negativa de que a festa não é tão boa quanto antes. A microconstrução (ou construto) é, portanto, [+ (inter) subjetiva], pois o falante pressupõe o compartilhamento de seu interlocutor acerca da avaliação contida na contraexpectativa.

Em resumo, nas duas ocorrências da microconstrução (ou construto) com o MD *vê* apresentadas acima – as quais atuam em contexto de expressão de contraexpectativa em que o próprio falante rompe com uma possível interpretação equivocada do ouvinte –, evidenciamos as seguintes características formais: (a) uma construção contrastiva, que pode ser uma cláusula adversativa, (b) a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo IND do verbo *e*, ainda, (c) a presença da forma de tratamento “você” junto ao MD. Quanto aos aspectos semântico-pragmáticos, verificamos, além da macrofunção *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, a alusão a um contexto de contraexpectativa que indexa o julgamento e a preocupação do falante acerca das expectativas criadas pelo interlocutor, adicionada à função específica de compartilhamento de informação e avaliação entre os participantes.

4.2.5.4. A microconstrução com o MD *veja bem*

A microconstrução (ou construto) com o MD *veja bem*, teve somente 1 ocorrência (1%) na mesoconstrução *contraexpectativa*. O MD em questão realiza-

se, particularmente, em contexto de expressão de contraexpectativa do falante em relação ao discurso do interlocutor. Além da função catafórica explícita de apontamento para o texto a ser mencionado, a microconstrução (ou construto) indexa, também, a solicitação pela avaliação do interlocutor, uma vez que o falante busca fazer com que o interlocutor concorde com seus argumentos, que ele se alinhe à sua avaliação. Tal traço semântico-pragmático resulta na seleção do advérbio qualificador “bem” junto ao MD. Vejamos a ocorrência encontrada nos *corpora* analisados:

(101) DOC. - É, influi de uma certa maneira...

INF. - Ah, com certeza, né? Os, os planos são muito, por causa das águas muito cheias de vida...Eles gostam das coisas da vida ... Eu já me hospedei em casa de amigos pernambucanos, o café das manhã lá é uma coisa pra quem pode... não estou dizendo gente rica não, estou dizendo classe média, é um negócio ... você não pensa que é como o nosso aqui, quer dizer, café, um chá, um pão, um leite, meus Deus, tem cuscuz, tem isso, tem aquilo, quer dizer, é um negócio ... "brunch" é capaz de ser o termo, eu não posso garantir que seja mas ...

DOC. - O fator, um dos fatores ...

DOC. - Aqui, no Rio, também ... do jeito do carioca poderia ser ... marcado ...

INF. - Não, o que é, **veja bem** o [] é marcado, o que é marcado é ... o que a gente não pode saber, o que eu, pelo menos não tenho competência pra isso, e até que ponto, mas que é marcado, isso, isso é lógico, você vê em tudo, até na arte ... você vê, por exemplo, uma [] você sente que é de um país frio, não é que a música seja fria, é uma, entendeu? (Corpus do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato 90, inquérito 347)

A microconstrução (ou construto) com o MD *veja bem* ocorre em um contexto de interação comunicativa, em que a entrevistada defende o seu ponto de vista de que o clima e o relevo da cidade influenciam a vida das pessoas. A partir de informações contextuais – como é o caso da exemplificação, por parte da entrevistada, de várias partes do mundo em que a natureza influenciaria a vida das pessoas –, o entrevistador cria a expectativa de que a entrevistada concordará com o fato de que, no Rio de Janeiro, o jeito de ser dos cariocas também é influenciado por questões geográficas que lhe são particulares, como verificamos na afirmação “Aqui, no Rio, também ... do jeito do carioca poderia ser ... marcado ...”. Todavia, a entrevistada rompe com as expectativas do interlocutor de que ela concordaria com sua asserção e de que ela, inclusive, estabeleceria comparações, como vinha realizando acerca de outras regiões do país – por exemplo, a entrevistada compara a personalidade fria dos paulistanos com o clima da cidade –, dizendo que, no Rio, não se pode perceber tal influência, embora, mais adiante, ela diga que isso pode

ocorrer, como verificamos em “Não, o que é, *veja bem* o [] é marcado, o que é marcado é ... o que a gente não pode saber, o que eu, pelo menos não tenho competência pra isso, e até que ponto, mas que é marcado, isso, isso é lógico, (...)”. Percebemos, dessa maneira, que o contraste é estabelecido em relação à cláusula anterior proferida pelo interlocutor. O advérbio qualificador “bem” é recrutado para compor a microconstrução (ou construto) com o MD *veja bem* a fim de articular a avaliação do falante acerca da noção de contraexpectativa produzida, bem como de solicitar o compartilhamento do interlocutor acerca de sua avaliação. Além disso, a microconstrução (ou construto) manifesta sua função de apontamento, de maneira catafórica explícita, para uma informação nova a ser proferida pelo falante.

Portanto, com a apresentação das ocorrências acima, destacamos que a microconstrução (ou construto) com o MD *veja bem* em configuração imperativa e em P2 – que atua em contexto de expressão de contraexpectativa em que o falante não confirma a crença do seu interlocutor – tem como características formais (a) uma construção contrastiva, que pode ser uma expressão de negação, (b) a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo SUBJ do verbo e, ainda, (c) a presença do advérbio qualificador “bem” junto ao verbo. Quanto aos aspectos semântico-pragmáticos, destacamos, além da macrofunção de *chamada de atenção do ouvinte* para o espaço discursivo, a função específica de fazer alusão a um contexto de contraexpectativa, que articula o julgamento e a preocupação do falante acerca das expectativas criadas pelo interlocutor, adicionada aos traços de apontamento explícito para a contraexpectativa realizada pelo falante e de solicitação de compartilhamento de avaliação entre os participantes da interação.

4.3. O esquema construcional dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2: uma proposta

A partir da análise empreendida neste capítulo, buscamos, nesta seção final, sistematizar os MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 a partir dos quatro níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b) – macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto. Desse modo, a seguir, apresentamos o esquema construcional que envolveria o desenvolvimento e a organização dos seguintes MDs encontrados em nossa

amostra sincrônica: *olha, olhe, mas olha, pois olha, olha aí, olha bem, olha só, olha aqui, e olhe lá, vê, veja, vê lá, vê só, veja bem e deixa eu ver.*

Quadro 9 – Distribuição dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 a partir dos níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b)

Nível de esquematicidade	Tipo de construção				
MACRO	MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 na chamada de atenção do ouvinte				
MESO	<i>Prefaciação</i>	<i>Opinião/sustentação</i>	<i>Discurso reportado</i>	<i>Interjeição</i>	<i>Contraexpectativa</i>
MICRO	1. <i>olha</i> 2. <i>olhe</i> 3. <i>olha só</i> 4. <i>vê</i> 5. <i>veja</i> 6. <i>veja bem</i> 7. <i>deixa eu ver</i>	1. <i>olha</i> 2. <i>olhe</i> 3. <i>olha só</i> 4. <i>olha aqui</i> 5. <i>vê</i> 6. <i>veja</i> 7. <i>veja bem</i>	1. <i>olha</i> 2. <i>olha aqui</i>	1. <i>olha</i> 2. <i>olha só</i> 3. <i>e olhe lá</i> 4. <i>mas olha</i> 5. <i>olha aí</i> 6. <i>pois olha</i> 7. <i>olha bem</i> 8. <i>vê</i> 9. <i>veja</i> 10. <i>vê lá</i> 11. <i>vê só</i>	1. <i>olha</i> 2. <i>olha só</i> 3. <i>vê</i> 4. <i>veja bem</i>
CONSTRUTO	1. <i>olha</i> 2. <i>olhe</i> 3. <i>olha só</i> 4. <i>vê</i> 5. <i>veja</i> 6. <i>veja bem</i> 7. <i>deixa eu ver</i>	1. <i>olha</i> 2. <i>olhe</i> 3. <i>olha só</i> 4. <i>olha aqui</i> 5. <i>vê</i> 6. <i>veja</i> 7. <i>veja bem</i>	1. <i>olha</i> 2. <i>olha aqui</i>	1. <i>olha</i> 2. <i>olha só</i> 3. <i>e olhe lá</i> 4. <i>mas olha</i> 5. <i>olha aí</i> 6. <i>pois olha</i> 7. <i>olha bem</i> 8. <i>vê</i> 9. <i>veja</i> 10. <i>vê lá</i> 11. <i>vê só</i>	1. <i>olha</i> 2. <i>olha só</i> 3. <i>vê</i> 4. <i>veja bem</i>

No quadro acima, está representado o esquema construcional que envolveria o desenvolvimento dos MDs investigados, os quais, em grande parte, são altamente produtivos na língua. A macroconstrução que configura o esquema construcional altamente abstrato é representada pelos MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 na chamada de atenção do ouvinte. Já as mesoconstruções identificadas, as quais constituem um esquema que seria seguido pelos falantes na instanciação de novos construtos, durante o processo de interação, são aqui denominadas *prefaciação*, *opinião/sustentação*, *discurso reportado*, *interjeição* e *contraexpectativa*. Nessas mesoconstruções, encontram-se agrupadas microconstruções que apresentam semelhanças entre si, seja no nível

sintático, seja no nível semântico, seja no nível pragmático. As microconstruções analisadas, por sua vez, embora apresentem similaridades, possuem particularidades em relação ao par forma-sentido, as quais sugerem o alinhamento de padrões gramaticais a padrões de uso, visando ao cumprimento de funções específicas de acordo com o contexto de uso. É nesse sentido que destacamos que as novas construções com MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 emergiriam a partir do uso frequente de determinado esquema construcional existente e, posteriormente, se expandiriam seguindo uma direção própria.

Em nossos dados, o MD *olha*, em forma simples e no modo IND do verbo, ocorre em todas as mesoconstruções, como é possível observar no quadro. Tal fato justifica, como acreditamos, a ocorrência de uma mudança linguística em curso, haja vista que foram identificados usos polissêmicos do MD *olha*, que tendem a atuar em contextos específicos. Essa constatação, somada ao decréscimo em composicionalidade do MD – o qual se caracteriza pela não distinção número-pessoal e modo-temporal – e à significativa frequência de uso de *olha* observada mesmo em uma perspectiva sincrônica (796 ocorrências, isto é, 74,8%) – como vimos na seção 4.1. deste capítulo –, nos leva a considerar que tal marcador discursivo encontra-se mais avançado no processo de gramaticalização. Dessa maneira, defendemos que os demais MDs derivados do verbo “olhar” e do verbo “ver” teriam surgido posteriormente na língua, pautados em um esquema construcional já existente, articulando sentidos cada vez mais (inter)subjetivos e seguindo uma direção própria.

Nesse sentido, os marcadores discursivos que teriam sido instanciados depois do MD *olha*, em cada mesoconstrução em que atuam, indexariam características que lhe são particulares, demonstrando que, embora o novo par forma-sentido articule um sentido convencionalizado em um contexto específico de uso, os vestígios do significado e da forma originais constituiriam a principal motivação para a seleção dos itens na composição da microconstrução. Com base nessa consideração de caráter mais geral, sintetizamos abaixo as particularidades que cada marcador discursivo imprimiria à microconstrução e à mesoconstrução em que ocorrem:

- i) *olhe*: em forma simples e no modo SUBJ, articula a noção de distanciamento entre os participantes da interação comunicativa;
- ii) *olha só*: em forma composta e no modo IND, articula a noção de focalização;
- iii) *olha aqui*: em forma composta e no modo IND, articula a noção de proximidade e responsabilidade do falante com relação ao conteúdo proposicional;
- iv) e *olhe lá*: em forma composta e no modo SUBJ, articula a noção de concessão;
- v) *mas olha*: em forma composta e no modo IND, articula a noção de contraexpectativa;
- vi) *olha aí*: em forma composta e no modo IND, articula a noção de proximidade em relação ao interlocutor;
- vii) *pois olha*: em forma composta e no modo IND, articula a noção de conclusão;
- viii) *olha bem*: em forma composta e no modo IND, articula a noção de solicitação do alinhamento do interlocutor para uma avaliação;
- ix) *vê*: em forma simples e no modo IND, articula a noção de compartilhamento entre falante e ouvinte;
- x) *veja*: em forma simples e no modo SUBJ, articula a noção de apontamento explícito (função catafórica);
- xi) *vê lá*: em forma composta e no modo IND, articula a noção de reprovação;
- xii) *vê só*: em forma composta e no modo IND, articula a noção de focalização;
- xiii) *veja bem*: em forma composta e no modo SUBJ, articula a noção de apontamento explícito e de solicitação de alinhamento do interlocutor para uma avaliação;
- xiv) *deixa eu ver*: em forma composta e no modo IND, articula noções de pedido de tempo e manutenção do turno conversacional.

Portanto, evidenciamos que, na formação do par forma-sentido, a forma do MD e o modo como ele se realiza foram selecionados tanto por seu significado como por sua estrutura e são, portanto, de extrema importância para a análise de cada microconstrução em particular. E, sob essa perspectiva, os diferentes usos de um determinado MD – por exemplo, o MD *olha só* ocorre em quatro das cinco mesoconstruções – demonstram, como já sinalizamos no Capítulo I, mais

especificamente na seção 1.2.1., a polissemia que é característica no processo de mudança linguística. A esse respeito, Teixeira e Oliveira (2012, p. 21) afirmam que as “expressões polissêmicas, além de cumprirem funções distintas, em razão da sua configuração, mantêm suas particularidades”, de forma que “em cada grupo de mesoconstruções, há expressões mais prototípicas ou mais marginais, dependendo da atuação contextual”.

Assim, com o esquema construcional apresentado acima, ratificamos as características elementares à gramaticalização de construções: (i) aumento em esquematicidade, já que o desenvolvimento dos MDs investigados envolve acréscimo de abstratização formal e semântica, (ii) aumento em produtividade, uma vez que há a expansão de padrões existentes para novas construções, e (iii) decréscimo em composicionalidade, visto que as novas construções com MDs refletem a diminuição do grau em que a forma e o significado das partes são acessíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral a investigação do processo de gramaticalização de marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 – os quais, em geral, são altamente produtivos na língua – a partir de uma abordagem construcional. Buscamos, nesse sentido, mais especificamente, a sistematização dos MDs investigados a partir dos quatro níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b) para o processo de gramaticalização de construções – macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto. Partimos das hipóteses (i) de que os usos dos MDs constituem um pareamento de forma e sentido que articulam sentidos cada vez mais (inter)subjetivos e codificam um tipo de referência diferente daquela obtida tão somente pela soma dos constituintes e (ii) de que a convencionalização das novas construções envolvem aumento em esquematicidade e em produtividade e descréscimo em composicionalidade, características basilares à gramaticalização de construções. Tais hipóteses, como demonstramos no presente trabalho, foram confirmadas.

A partir do levantamento das ocorrências com MDs em *corpora* sincrônicos orais e diacrônicos escritos – de maneira restrita ao contexto imperativo, mas independente da pessoa do discurso –, as quais foram submetidas ao cálculo da frequência de uso e à análise qualitativa, acreditamos que as novas construções com MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 emergiriam a partir do uso frequente de determinado esquema construcional existente e, posteriormente, se expandiriam seguindo uma direção própria.

É nesse sentido que procuramos demonstrar (i) que a macroconstrução que configura o esquema construcional mais abstrato é representada pelos MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 na *chamada de atenção do ouvinte*, (ii) que as mesoconstruções que constituem um esquema que seria seguido pelos falantes na instanciação de novos construtos, durante o processo de interação, as quais se estabelecem mediante um padrão construcional específico, são, neste trabalho, denominadas *prefaciação*, *opinião/sustentação*, *discurso reportado*, *interjeição* e *contraexpectativa* e, ainda, (iii) que as

microconstruções (ou, em alguns casos, construtos) – com os MDs *olha, olhe, mas olha, pois olha, olha aí, olha bem, olha só, olha aqui, e olhe lá, vê, veja, vê lá, vê só, veja bem e deixa eu ver* – são agrupadas, a partir de similaridades, em suas respectivas mesoconstruções.

Acerca da macroconstrução, uma vez tendo verificado que o domínio funcional mais geral em que as construções atuam é o da *chamada de atenção do ouvinte* – haja vista que o falante, através do MD, aponta para o espaço discursivo –, passamos à análise da frequência de uso dos dados coletados na amostra a fim de atestar que o padrão construcional formal que a configura é representado pelo o verbo de percepção visual em configuração imperativa e em P2.

As conclusões a que chegamos são as de que, tanto sob a ótica da sincronia quanto sob a ótica da diacronia, no processo de mudança linguística dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa, (i) os MDs derivados de “olhar” possuem uma maior frequência de uso, estando mais avançados no processo de gramaticalização do que os MDs derivados de “ver”; (ii) as formas simples são anteriores às formas compostas, haja vista que, também, são significativamente mais frequentes até mesmo em uma perspectiva sincrônica; (iii) há uma tendência à fixação dos MDs em P2 no modo indicativo dos verbos; e (iv) o MD *olha*, em especial, altamente representativo nos *corpora* sincrônicos analisados, encontra-se em um nível mais avançado de gramaticalização, se comparado aos demais marcadores discursivos.

Nossos resultados, obtidos mediante uma perspectiva pancrônica, apontaram, desse modo, assim como já haviam sinalizado Rost (2002a), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) e Rost-Snichelotto e Görski (2011), que os marcadores discursivos derivados de verbos de percepção visual se fixam, de maneira geral, em P2 e em configuração imperativa, demonstrando que, embora tenham passado por um processo de expansão semântico-pragmática, ainda mantêm vestígios da forma original dos verbos (os MDs apontam para o espaço discursivo).

As considerações obtidas a partir da análise da frequência de uso das ocorrências foram ratificadas por meio, também, de uma análise qualitativa. Por exemplo, a análise qualitativa nos trouxe a comprovação de que os MDs derivados de “ver”, menos frequentes, estão menos avançados no processo de gramaticalização em relação aos MDs derivados de “olhar”, uma vez que verificamos

que eles retêm mais fortemente os vestígios do imperativo canônico e do ato de fala manipulativo. Tal fato pode ser evidenciado, até mesmo, pela presença da forma de tratamento “você” junto aos MDs *vê* e *veja* e pela função explícita de direcionamento da atenção do ouvinte dos MDs *veja* e *veja bem* – embora estes MDs articulem sentidos mais (inter)subjetivos, expressando as crenças e as atitudes dos falantes e indexando a preocupação do falante com o *self* do seu interlocutor. Ainda, as formas compostas, também, menos frequentes nos *corpora* – como são os casos de, por exemplo, *olha só*, *olha aqui*, *veja bem*, entre outras –, articulam sentidos [(inter)subjetivos], já que colocam em relevo os sentimentos/as avaliações do falante diante do interlocutor.

No que tange às mesoconstruções identificadas, que se organizam em torno do esquema construcional mais abstrato, não pudemos postular uma possível trajetória de mudança em direção a um processo de crescente (inter)subjetivização ao longo do tempo para *prefaciação*, *opinião/sustentação*, *discurso reportado*, *interjeição* e *contraexpectativa*, já que obtivemos um número muito reduzido de ocorrências na diacronia – conforme já sinalizado ao longo do trabalho, estamos cientes de que estamos trabalhando com um recorte parcial da língua. Todavia, a partir de uma análise qualitativa dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 sob a perspectiva sincrônica, evidenciamos que nas mesoconstruções se agrupam microconstruções, que, apesar de apresentarem particularidades em relação ao par forma-sentido, possuem semelhanças entre si, como sintetizamos a seguir: (i) na mesoconstrução *prefaciação*, atuam as microconstruções com os MDs *olha*, *olhe*, *olha só*, *vê*, *veja*, *veja bem* e *deixa eu ver*; (ii) na mesoconstrução *opinião/sustentação*, encontram-se os MDs *olha*, *olhe*, *olha só*, *olha aqui*, *vê*, *veja* e *veja bem*; (iii) na mesoconstrução *discurso reportado*, apresentam-se os MDs *olha* e *olha aqui*; (iv) na mesoconstrução *interjeição*, atuam os MDs *olha*, *olha só*, e *olhe lá*, *mas olha*, *olha aí*, *pois olha*, *olha bem*, *vê*, *veja*, *vê lá* e *vê só*; e (v) na mesoconstrução *contraexpectativa*, operam os MDs *olha*, *olha só*, *vê* e *veja bem*.

Em nossos dados, o MD *olha*, em forma simples e no modo IND do verbo, mais frequente na amostra e mais avançado no processo de gramaticalização, ocorre em todas as mesoconstruções. Dessa maneira, defendemos que os demais MDs derivados do verbo “olhar” e do verbo “ver” teriam surgido posteriormente na

língua, pautados em um esquema construcional já existente, articulando sentidos cada vez mais (inter)subjetivos e seguindo uma direção própria, como observamos a seguir: (i) *olhe*, forma simples e no modo SUBJ, articula a noção de distanciamento entre os participantes da interação comunicativa; (ii) *olha só*, em forma composta e no modo IND, articula a noção de focalização; (iii) *olha aqui*, em forma composta e no modo IND, articula a noção de proximidade e responsabilidade do falante com relação ao conteúdo proposicional; (iv) e *olhe lá*, em forma composta e no modo SUBJ, articula a noção de concessão; (v) *mas olha*, em forma composta e no modo IND, articula a noção de contraexpectativa; (vi) *olha aí*, em forma composta e no modo IND, articula a noção de proximidade em relação ao interlocutor; (vii) *pois olha*, em forma composta e no modo IND, articula a noção de conclusão; (viii) *olha bem*, em forma composta e no modo IND, articula a noção de solicitação do alinhamento do interlocutor para uma avaliação; (ix) *vê*, em forma simples e no modo IND, articula a noção de compartilhamento entre falante e ouvinte; (x) *veja*, em forma simples e no modo SUBJ, articula a noção de apontamento explícito (função catafórica); (xi) *vê lá*, em forma composta e no modo IND, articula a noção de reprovação; (xii) *vê só*, em forma composta e no modo IND, articula a noção de focalização; (xiii) *veja bem*, em forma composta e no modo SUBJ, articula a noção de apontamento explícito e de solicitação de alinhamento do interlocutor para uma avaliação; (xiv) *deixa eu ver*, em forma composta e no modo IND, articula noções de pedido de tempo e manutenção do turno conversacional.

A partir das especificidades apresentadas acima, destacamos que, na formação do par forma-sentido, a forma do MD e o modo como ele se realiza foram selecionados tanto por seu significado quanto por sua estrutura e são, portanto, de extrema importância para a análise de cada microconstrução em particular. E, sob essa perspectiva, os diferentes usos de um determinado MD evidencia a polissemia que é característica do processo de mudança linguística.

Ainda, com a realização deste trabalho, defendemos que a mudança linguística que envolve as novas construções com MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 emergiria a partir da negociação de sentido que se estabelece entre os interlocutores na interação. Ou seja, mediante as necessidades comunicativas dos participantes no momento da interação, caberia ao falante reanalisar o material linguístico com base em inferências sugeridas e ao

ouvinte interpretar o novo uso, criando uma relação entre o construto e o esquema construcional disponível. Por conseguinte, a reiteração de uso do par culminaria na convencionalização e na gramaticalização da nova construção.

Portanto, neste trabalho, defendemos a inclusão do desenvolvimento dos marcadores discursivos, que estabelecem conexões tanto no nível local (texto) quanto no nível global (interação), no âmbito da abordagem da gramaticalização, mais especificamente da gramaticalização de construções, haja vista que tais elementos articulam aumento em esquematicidade (já que o desenvolvimento dos MDs investigados envolve acréscimo de abstratização formal e semântica) e em produtividade (uma vez que há a expansão de padrões existentes para novas construções) e diminuição em composicionalidade (visto que as novas construções com MDs refletem a diminuição do grau em que a forma e o significado das partes são acessíveis), características elementares a esse processo de mudança linguística.

Acreditamos, dessa maneira, que o trabalho realizado será relevante aos estudos que têm como princípio a língua em uso, bem como à inclusão dos MDs no escopo da abordagem da gramaticalização de construções, uma vez que considera a possibilidade de se pensar o desenvolvimento dos MDs em língua portuguesa de uma maneira mais integrada. Nesse sentido, em vez de nos pautarmos somente em construções individuais, partimos, portanto, da possibilidade de se projetar um esquema abstrato que permite a emergência de novos padrões construcionais, os quais, mesmo possuindo especificidades de uso, seguem uma determinada regularidade.

Contudo, reconhecemos as limitações de nossa pesquisa, assim como a necessidade de continuidade do trabalho em busca de novas evidências acerca, por exemplo, da postulação de uma possível trajetória de mudança dos MDs investigados, ao longo do tempo, em função das meso e microconstruções e da formulação de uma possível rede construcional para tais MDs.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, J. A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização. *Scripta*. vol. 9, n. 18. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 130-148.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. New York: Oxford University Press, 1965.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3 ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTH-WEINGARTEN, D.; COUPER-KUHLEN, E. On the development of final “though”: a case of grammaticalization? In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 2002.
- BENVENISTE, E. Subjectivity in language. In: *Problems in general linguistics*. Trans. by Mary Elizabeth Meek. Coral Gables: FL: University of Miami Press, 1971, p. 223-230.
- BRINTON, L. J.; TRAUGOTT E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language use*. New York: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.
- _____. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- _____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.
- CARVALHO, C. dos. S. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcional*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CASTILHO, A. de. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.

_____. *A língua falada no ensino de português*. 7. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. de. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p.17-42.

CEZARIO, M. M. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

_____.; CRUSE, A. D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007 [1989].

CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da.; OLIVEIRA, N. F. de. *Abordagem construcionista da gramaticalização: perspectivas e contribuições*. 2013. (forthcoming).

CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. Introduction. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 1-26.

DIAS, N. B. As “pequenas cláusulas”. Comunicação Pessoal. In: XXI ANPOLL, São Paulo: PUC-SP, 2006.

DIEWALD, G. Grammaticalization and pragmaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 450-461.

DIK, S. *Gramática funtional*. Trad. de Leocadio Martin Mingorance e Fernando Serrano Valverde. Madrid: Soc. Gen. Española de Librería, 1978.

_____. *The theory of functional grammar: the structure of the clause*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

DILLINGER, M. Forma e função na linguística. *D.E.L.T.A.*, v. 7, n. 1, 1991, p. 395-407.

DOMÍNGUEZ, C. L.; ÁLVAREZ, A. Marcadores en interacción: um estudio de marcadores en el español hablado en Mérida (Venezuela). *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 3, n. 4, março de 2005. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/4/artigos/revel_4_marcadores_en_interaccion.pdf>. Acesso em: 15 set. 2008.

DOSTIE, G. *Pragmaticalisation et marqueurs discursifs: analyse séman-tique et traitement lexicographique*. Bruxelles: De Boeck-Duculot, 2004.

DUARTE, M. E. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1993.

FÉLIX OLIVEIRA, N. F. de. *Gramaticalização do verbo "esperar": uma abordagem funcionalista*. Dissertação de mestrado em Linguística. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

FERREIRA, L. M. A.; CEZARIO, M. M.; OLIVEIRA, M. R. de.; MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J. Uma abordagem pancrônica da sintaxe portuguesa. In: Gragoatá, n. 9, 2º sem. de 2000, p 135-154.

FERREIRA, L. M. A. Estabilidade e continuidade semântica e sintática. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 73-87.

FINEGAN, E. Subjectivity and Subjectification. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (eds.). *Subjectivity and Subjectivization: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 1-15.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 31- 42.

GISBORNE, N.; PATTEN, A. Construction grammar and grammaticalization. NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 92-104.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York, San Francisco, London: Academic Press, 1979.

GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: _____. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Nova York: Pantheon Books, 1967, p. 5-46.

_____. Footing. (Trad. Beatriz Fontana). In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002 [1979], p. 107-148.

_____. *Forms of Talk*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2002 [1981].

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEBGALVÃO, V.C. (orgs.). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUERRA, A. G. *Função textual-interativa dos marcadores discursivos*. Dissertação de Mestrado de Estudos Linguísticos. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2007.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002 [1982], p. 149-182.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B. *Cognitive foundations of grammar*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

_____.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HIMMELMANN, N. *Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal?* In: Bisang, W., Himmelmann, N.P. and Wiemer, B. (eds.), *What makes grammaticalization – a look from fringes and its componentes*, 2004, p.19-40.

HOPPER, P. J. *Emergent Grammar*. v. 13. California: Berkeley Linguistics Society, 1987, p. 139-157.

_____. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. v. I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-35.

_____.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2.^a ed. rev. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics*. Filadélfia: University of Filadélfia Press, 1974.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J.; TURNER, L. A. Toward a definition of mixed methods research. *Journal of mixed methods research*, v. 1, n. 2, p. 112-133, 2007.

JUBRAN, C. C. A. S. O tópico discursivo. In: JUBRAN, Clélia C. A. S; KOCH, Ingedore G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 89-132.

KIPARSKY, P. Grammaticalization as optimization. In: JONAS, D.; WHITMAN, J.; GARRET, A. (eds.). *Grammatical change: origins, nature, outcomes*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 15-51.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. Subjectification. *Cognitive Linguistics*, 1, 1990, p. 5-38.

LEECH, G. *Principles of pragmatics*. Londres/Nova York: Longman, 1983.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995 [1982].

_____. Das Sprachmuseum. *Linguistische Berichte*. 142, 1992, p. 477-494.

LEVINSON, S. C. A dêixis. In: _____. *Pragmática*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 65-119.

LICHEM, K. Bemerkungen zu den gliederungssignalen im gesprochenen italienisch. In: SCHWARZE, C.; Hsg. *Italienische Sprachwissenschaft*. Tübingen, Gunter Narr.

LIMA-HERNANDES, M. C. Estudos sobre gramaticalização: objetos, métodos e problemas. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Chritiano Editorial, 2009.

LYONS, J. Deixis and subjectivity: Loquor, ergo sum? In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (eds.). *Speech, place, and action: studies in dêixis and related topics*, New York: Wiley, 1982, p. 101-124.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p. 281-322.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

MARTELOTTA, M. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Revista Veredas*, v. 2, n. ° 2, 1998, p. 37-56.

_____. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. C. do. (orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009, p. 1-20.

_____. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010, p 51-64.

_____. AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística funtional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.

_____.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. de. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p.87-106.

_____.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MASON, J. Mixing methods in a qualitatively driven way. *Qualitative Research*. v. 6 (1) 2006, p. 9-25.

MATOS, P. T. *Evidências sobre a polissemia e a gramaticalização do verbo “ver”*. Dissertação de mestrado em Linguística. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

MATUSOV, E. Intersubjectivity without agreement. *Mind, Culture and Activity*, v. 3, n. 1, 1996, p. 25-45.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948 [1912].

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Texto e gramática*. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011 [2006].

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual review of anthropology*, v. 43, 1984, p. 97-117.

NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. In: *Functions of Language*. John Benjamins, 14:2, 2007, p. 177-202.

NORDE, M. Degrammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 475-487.

OLIVEIRA, L. de A. *A trajetória da gramaticalização do onde: uma abordagem funcionalista*. Dissertação de Mestrado. UFRN. Natal, 1997.

OLIVEIRA, M. do C. L.; BASTOS, L. C.; PEREIRA, M. das G. Narrativas fictivas: experiência, comunidade e argumentação na fala de profissionais de uma empresa em processo de mudança. Comunicação Pessoal. In: *V Congresso Internacional da ABRALIN*, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

OLIVEIRA, M. R. de. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, E. R. de. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p.133-151.

ONODERA, N. O. The grammaticalization of discourse markers. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 614-624.

PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chigaco-USA, 1994.

PONS BORDERÍA, S. Oye y mira o los límites de la conexión. In: Maria Antonia Martin Zorraquino et al. (eds.). *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis*, Madrid: Arco Libros, 1998. p. 213–228.

PUSCH, C. D. *Marqueurs discursifs et subordination syntaxique: La construction inférentielle en français et dans d'autres langues romanes*. Fribourg-en- Brisgau. Disponível em: < http://www.romanistik.unifreiburg.de/pusch/Download/construction_inferentielle.pdf>. Acesso em: 15 set. 2008.

RADFORD, A. *Syntax: a minimalist introduction*. New York: Cambridge University Press, 1997.

REICHARDT, C.; COOK, T. Beyond qualitative versus quantitative methods. In: _____. *Quantitative and qualitative methods in Evaluation Research*. London: Sage, 1979. p. 7-32.

REHBEIN, J. Sprechhandlungsaugmente: zur Organisation der Hörersteuerung. In: WEYDT, H.; Hsg.. *Die partikeln der deutschen sprache*. Berlin, de Gruyter, 1979, p. 58-74.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. vol. IV, p. 25-61.

_____. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S; KOCH, I. G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 403-425.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S; KOCH, I. G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 427-496.

ROCHA, L. F. M. *A construção da mimesis no reality show: uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

ROST, C. A. Expansão semântico-pragmática e mudança categorial de verbos de percepção: amostra sincrônica. *Revista Working Papers*, Florianópolis, v. 6, 2002a, p. 116-134.

_____. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002b.

ROST-SNICHELOTTO, C. A. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro)funções textuais e interacionais. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura*, v. 7, 2008a, p. 109/7-130.

_____. A emergência dos marcadores discursivos “olha” e “vê”: investigação entre línguas. *Anais do CELSUL*, 2008b, p. 1-10.

_____. Variação dos marcadores discursivos de base verbal nas línguas românicas. *Working Papers em Linguística*, v. 9, 2008c, p. 57/2-70.

_____. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

_____.; GÖRSKI, M. E. (Inter)subjetivização de marcadores discursivos de base verbal: instancias de gramaticalização. *Alfa*, São Paulo, v. 55 (2), 2011, p. 423-455.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. In: *Language*, 50, 1974, p. 696-735.

SANTOS, M. F. Modalizadores epistêmicos: uma investigação funcionalista. *Língua e Letras*, Vol. 8, n. 14. 2007.

SEARLE, J. R. Assertions and aberrations. In: Routledge & Kegan Paul. *Symposium on JI Austin*. New York: Humanities Press, 1969, p. 205-218.

SCHNEIDER, E. W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. The management of cooperative self during argument: the role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, A. D. (ed.). *Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 241-259.

SILVA, G.; MACEDO, A, T. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A.. RONCARATI, C, MOLLICA, M. (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 11-49.

SILVA, A. S. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Edições Almedina, 2006.

SWEETSER, E. *From etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TASHAKKORI, A.; CREWELL, J. W. Exploring the nature of research questions in mixed methods research. *Journal of mixed methods research*, v. 1, n. 3, p. 207-211, 2007.

TEIXEIRA, A. C. M.; OLIVEIRA, M. R. de. Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional Verbo Locativo. *Revista Veredas*. v. 16, n. 2. Juiz de Fora, 2012, p. 19-35.

TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W. P.; MALKIEL, Y. (orgs.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1982, p. 245-271.

_____. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995a, p. 31-54.

_____. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Manchester: Stanford University, p. 1-29, 1995b.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 624-647.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 219-250.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (eds.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b, p.1-31.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. de. (org.). *História do Português Paulista*. vol.1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.

_____. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R. *et al.* (eds.). *Variation and change in English grammar and lexicon* Berlin: De Gruyter Mouton, 2010a, p. 11-27.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010b, p. 13-26.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a, p. 19-30.

_____. Pragmatics and language change. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. (eds.). *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011b, p. 549-565.

_____. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011c.

_____.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____.; TROUSDALE, G.; Gradience, gradualness and grammaticalization: how do they intersect? In: _____. *Gradience, gradualness and grammaticalization*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam / Philadelphia, 2010.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013 (forthcoming).

TROUSDALE, G. A constructional approach to lexicalization processes in the history of English: evidence from possessive constructions. *Word Structure*, 2008. p. 156-177.

TOULMIN, S. E. *The uses of argument*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. de M. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. Vol. VII. 1999.

_____. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 497-528.

VALLE, C. R. M. Marcadores discursivos: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização. *Revista Working Papers*, Florianópolis, n.4, 2000, p. 104-113.

VIEIRA, A. T. *A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança*. Tese de doutora em Letras. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. *Grammaticalisation et post grammaticalisation Langues et Linguistique*. Quebec: Universite Laval, 1993.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, vol. 9, n. 18. Belo Horizonte, 2006, p. 149-177.

VOTRE, S. J. *Cognitive verbs in portuguese and latin: unidirectionality revisited*. Santa Barbara: Universidade da Califórnia, 1999. (mimeo).

_____. A integração das objetivas diretas. In: Cadernos do CNFL, n. 2. Rio de Janeiro, UERJ, 2000, p. 71-87.

WALTEREIT, R. Imperatives, interruption in conversation, and the rise of discourse markers: a study of Italian guarda. *Linguistics* 40, 2002. p. 987–1010.

_____. Grammaticalization and discourse. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 413-423.

ANEXO 1

Entrevistas utilizadas do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”	
Belo Horizonte	Entrevista BH 01
	Entrevista BH 02
	Entrevista BH 03
	Entrevista BH 04
	Entrevista BH 05
	Entrevista BH 06
	Entrevista BH 07
	Entrevista BH 08
	Entrevista BH 09
	Entrevista BH 10
	Entrevista BH 11
	Entrevista BH 12
	Entrevista BH 13
	Entrevista BH 14
	Entrevista BH 15
	Entrevista BH 16
	Entrevista BH 17
Ouro Preto	Entrevista OP 02
	Entrevista OP 03
	Entrevista OP 04
	Entrevista OP 05
	Entrevista OP 07
Arceburgo	Entrevista ARC 01
	Entrevista ARC 02
	Entrevista ARC 03
	Entrevista ARC 04
	Entrevista ARC 05
	Entrevista ARC 06
	Entrevista ARC 07
	Entrevista ARC 08
	Entrevista ARC 09
	Entrevista ARC 10
	Entrevista ARC 11
	Entrevista ARC 12
	Entrevista ARC 13
	Entrevista ARC 14
São João da Ponte	Entrevista SJP 01
	Entrevista SJP 03
	Entrevista SJP 04
	Entrevista SJP 06
	Entrevista SJP 07
	Entrevista SJP 08
	Entrevista SJP 09
	Entrevista SJP 10
	Entrevista SJP 11
	Entrevista SJP 12
	Entrevista SJP 13
	Entrevista SJP 14

	Entrevista SJP 15
	Entrevista SJP 16
	Entrevista SJP 17
	Entrevista SJP 18
	Entrevista SJP 19
	Entrevista SJP 20
	Entrevista SJP 21
	Entrevista SJP 23
	Entrevista SJP 24
Mariana	Entrevista MAR 43
	Entrevista MAR 44
	Entrevista MAR 45
	Entrevista MAR 46
	Entrevista MAR 47
	Entrevista MAR 48
	Entrevista MAR 49
	Entrevista MAR 50
	Entrevista MAR 52
	Entrevista MAR 53
	Entrevista MAR 54
	Entrevista MAR 55
	Entrevista MAR 56
	Entrevista MAR 57
	Entrevista MAR 58
	Entrevista MAR 59
Entrevista MAR 60	
Entrevista MAR 61	
Entrevista MAR 62	
Entrevista MAR 63	
Entrevista MAR 64	
Entrevista MAR 65	
Entrevista MAR 66	
Piranga	Entrevista PIR 01
	Entrevista PIR 02
	Entrevista PIR 03
	Entrevista PIR 04
	Entrevista PIR 05
	Entrevista PIR 06
	Entrevista PIR 12
	Entrevista PIR 16
	Entrevista PIR 25
Entrevista PIR 26	

ANEXO 2

Entrevistas utilizadas do “Projeto PEUL”	
“Amostra de Indivíduos Recontactados” (2000)	Entrevista R01
	Entrevista R03
	Entrevista R04
	Entrevista R05
	Entrevista R06
	Entrevista R07
	Entrevista R08
	Entrevista R09
	Entrevista R10
	Entrevista R11
	Entrevista R12
	Entrevista R13
	Entrevista R14
	Entrevista R15
	Entrevista R16
	“Censo” (2000)
Entrevista T02	
Entrevista T03	
Entrevista T04	
Entrevista T05	
Entrevista T06	
Entrevista T07	
Entrevista T08	
Entrevista T09	
Entrevista T10	
Entrevista T11	
Entrevista T12	
Entrevista T13	
Entrevista T14	
Entrevista T15	
Entrevista T16	

ANEXO 3

Entrevistas utilizadas do “Projeto NURC/RJ”		
Entrevistas da década de 1970	Inquérito 02	
	Inquérito 09	
	Inquérito 11	
	Inquérito 39	
	Inquérito 42	
	Inquérito 45	
	Inquérito 48	
	Inquérito 52	
	Inquérito 71	
	Inquérito 78	
	Inquérito 84	
	Inquérito 96	
	Inquérito 99	
	Inquérito 101	
	Inquérito 104	
	Inquérito 114	
	Inquérito 133	
	Inquérito 140	
	Inquérito 144	
	Inquérito 153	
	Inquérito 164	
	Inquérito 233	
	Inquérito 253	
	Inquérito 255	
Inquérito 258		
Inquérito 272		
Inquérito 328		
Inquérito 347		
Inquérito 373		
Entrevistas da década 1990	Recontatos	Inquérito 2
		Inquérito 11
		Inquérito 24
		Inquérito 26
		Inquérito 52
		Inquérito 71
		Inquérito 96
		Inquérito 13
		Inquérito 140
		Inquérito 164
		Inquérito 233
		Inquérito 347
		Inquérito 373
	Amostra complementar	Inquérito 1
Inquérito 2		
Inquérito 3		
Inquérito 12		

		Inquérito 13
		Inquérito 14
		Inquérito 15
		Inquérito 17
		Inquérito 18
		Inquérito 19
		Inquérito 20
		Inquérito 23
		Inquérito 25
		Inquérito 27
		Inquérito 28

ANEXO 4

Textos utilizados dos <i>corpora</i> diacrônicos	
Século XIII	Notícia do Torto – 1214 (CINTRA, 1990)
	Foro Real - 1280 (FERREIRA, 1987)
	Foros de Garvão – 1267a1280 (GARVÃO, 1992)
	Dos Costumes de Santarém – 1294 (RODRIGUES, 1992)
	Textos Notariais - sem data ou datados entre 1243 e 1274 (MARTINS, 2000)
Século XIV	Crónica de Afonso X in <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i> (CINTRA, 1951)
	Dos Costumes de Santarém - 1340-1360 (RODRIGUES, 1992)
	Foros de Garvão - sem data (GARVÃO, 1992)
	Textos Notariais - sem data ou datados entre 1304 e 1397 (MARTINS, 1994)
Século XV	Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela – sd (PIEL, 1944)
	Castelo Perigoso – sd (NETO, 1997)
	Orto do Esposo – sd (MALER, 1956)
Século XVI	Monarchia Lusitana (BRANDÃO, 1548)
	Da Monarquia Lusitana (BRITO, 1569)
	Manuel de Galhegos (GAZETA, 1597)
	A vida de Frei Bertolameu dos Mártires (SOUSA, 1556)
Século XVII	Cartas de Alexandre de Gusmão (GUSMÃO, 1695)
	Cartas Familiares (MELO, 1608)
	Nova Floresta (BERNADES, 1644)
Século XVIII	Cartas de Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier) (OLIVEIRA, 1702)
	Cartas de Antonio da Costa (COSTA, 1714)
	Obras Completas (GARÇÃO, 1724)
Século XIX	Atas dos brasileiros (1860-1869)
	Cartas (QUEIROZ e MARTINS, 1894)
	Cartas à Maria Moisés (BRANCO, 1875)
	Cartas à Emília (ORTIGÃO, 1836)